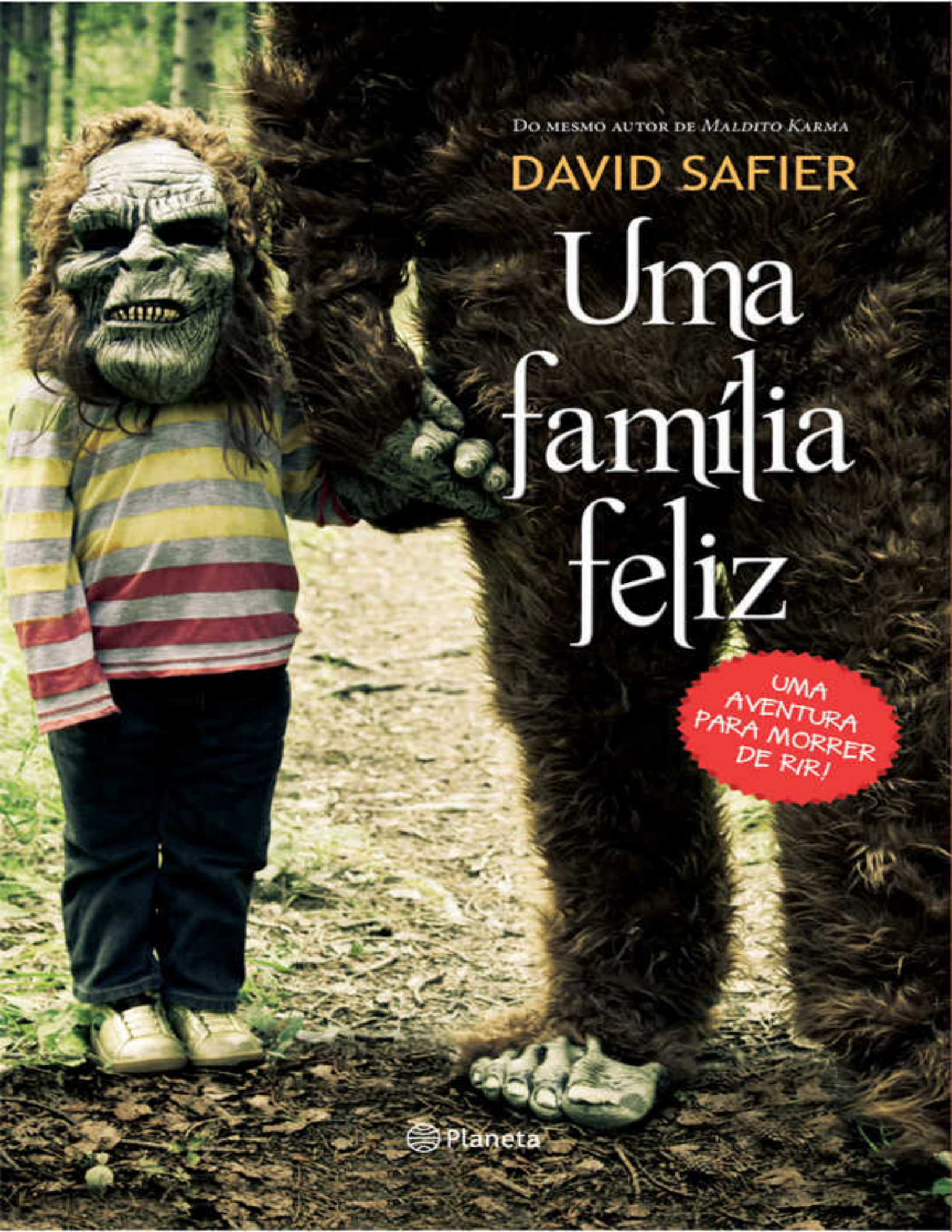




DO MESMO AUTOR DE *MALDITO KARMA*

DAVID SAFIER

Uma família feliz

UMA
AVENTURA
PARA MORRER
DE RIR!

 Planeta



DAVID SAFIER

Uma
família
feliz

DAVID SAFIER

Uma família feliz

Tradução:

Mariana Ribeiro de Souza

 Planeta

Copyright © 2011 Rowohlt Verlag GmbH, Reinbek bei Hamburg
Título original: *Happy Family*

Preparação: Vivian Miwa Matsushita

Revisão: Tulio Kawata

Diagramação: SGuerra Design

Ilustrações: Ulf K.

Capa: Ana Dobón

Imagem de capa: @ EllenMoran/Getty Images

Produção digital: [Hondana](#)

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE
LIVROS, RJ

S134u

Safier, David, 1966-

Uma família feliz / David Safier ; [tradução Mariana Ribeiro de Souza]. - [1.
ed.] - São Paulo : Planeta, 2013.

il.

Tradução de: Happy Family

ISBN 978-85-422-0311-0

1. Ficção alemã. I. Souza, Mariana Ribeiro de. II. Título.

13-05119

CDD: 833

CDU: 821.112.2-3

2013

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.

Avenida Francisco Matarazzo, 1500 — 3º andar — conj. 32B

Edifício New York

05001-100 — São Paulo — SP

www.editoraplaneta.com.br

atendimento@editoraplaneta.com.br

*Para Marion, Ben e Daniel – vocês me fazem feliz! (Você também,
Max, é claro)*



EMMA

– Um ditado indiano diz que: quanto mais se ama alguém, mais a gente quer matá-lo – declarou minha funcionária.

Pensei comigo: “Nossa! Tenho que amar minha família”.

Pela enésima vez, meu celular tocou durante o expediente na minha lojinha de livros infantis. Primeiro foi minha filha adolescente Fee me preparando psicologicamente para a notícia de sua reprovação (infelizmente, em matemática, ela tinha o talento de um cão labrador).

Depois foi seu irmão caçula Max que me ligou para dizer que não podia entrar em casa, porque tinha esquecido a chave outra vez (será que existe Alzheimer em crianças?).

Dessa vez vi pelo visor que era o meu marido Frank. Provavelmente para me comunicar que, como sempre, chegaria tarde do escritório (o que significava, primeiro, que eu teria que brigar de novo sozinha com a Fee por causa de sua preguiça olímpica em relação à escola, e depois enfrentar, sem nenhum tipo de ajuda, o caos que reinava em casa. Parecia que um bando de hunos saqueadores tinha passado por ali. Com elefantes. E ogros. E a Britney Spears).

Decidi não atender o celular, para me poupar de uma conversa que me deixaria muito irritada e, no final, acabaria me levando à loucura.

Em vez disso, apática, fiquei olhando para a rua através da janela. A livraria se chama Lemmi e os Alfárrabios, mesmo nome de um antigo programa infantil de televisão, exibido na Alemanha nos anos 1970, que se passava numa livraria e tinha a traça Lemmi

como personagem principal. Então, lembrei, com tristeza, que houve um tempo em que eu amava minha família incondicionalmente. Isso foi antes que estes monstros chamados estresse profissional, crise da meia-idade e puberdade invadissem nossa casa.

Sim, nós, os Wünschmann já fôramos uma família feliz, mas alguma coisa se perdera nos últimos anos. Lamentavelmente eu não tinha a mínima ideia do que era e muito menos como recuperá-la, mas como eu queria isso!...

Enquanto sentia saudades dos velhos tempos, passou diante da vitrine da livraria um jovem com um belo traseiro. Coloquei os óculos para observá-lo melhor.

– Que bumbum atraente, hein? – comentou minha funcionária Cheyenne, que na realidade se chamava Renate, mas não atendia por esse nome, pois, com suas flores no cabelo e suas roupas largas, era a riponga mais antiga de todo o universo conhecido.

– Hum... não vi nenhum bumbum – menti sem muita convicção. Cheyenne apenas riu maliciosamente. E acrescentei rapidamente: – Aliás, era até um pouco ossudo.

– Mas então você o viu, Emma – sorriu largamente a velha dama. Ela reparou no meu olhar de surpresa e constatou: – O jovem poderia ser seu filho.

Meu Deus, Cheyenne tinha razão! Eu estava no fim dos trinta, e o cara mal tinha vinte. E eu olhando embasbacada para ele. Que vergonha!

– Quando você fez sexo pela última vez, Emma? – perguntou Cheyenne, bebericando seu chá iogue, que cheirava como se um iogue tivesse lavado os pés dentro dele.

– Hum... – hesitei em responder, porque não conseguia me lembrar.

– Já imaginava – Cheyenne deu um largo sorriso.

De fato, por causa do nosso estresse profissional e das crianças, fazer sexo regularmente era ficção científica para mim e Frank.

– Minha última vez foi ontem – Cheyenne contou toda contente.

Antes mesmo de eu lhe pedir que não entrasse em detalhes, ela continuou falando:

– Eu lhe digo que o Werner está meio acabado, mas ele tem um pingolim bem grandinho...

– Espera aí – perguntei um pouco irritada –, você chama a coisa dele... de pingolim?

– Pingolim ou pirulito.

– Prefiro pingolim – considerei.

– O Werner também acha isso.

Ela bebericou de novo o chá e prosseguiu animada:

– Werner é um amante tão bom quanto o Carlos, daquele outono quente.

Cheyenne sempre contava com prazer sobre os amantes que tivera nas últimas décadas, o Yussuf, o Mumbato ou o Mao... E eu me deleitava ouvindo atentamente suas histórias de países distantes. Países que eu nunca veria, embora, quando jovem, sempre sonhasse em viajar pelo mundo todo.

– Tenho que ir, senão meu filhinho não entra em casa... – expliquei suspirando e peguei meu surrado casaco no armário.

– Pode ir, Emma, quase não temos clientes – sorriu a riponga.

– Que isso, temos muitos clientes! – protestei. Mas não era verdade. Nessa manhã mesmo poucos apareceram: a médica que vem se aconselhar comigo durante horas para depois encomendar os livros na Amazon. Uma família cujos filhos compraram um volume de *A casa mágica da árvore*, mas arruinaram doze livros caros de capa dura com suas mãos meladas de sorvete. E o amante da Cheyenne, Werner, que comprou o conto *Conny dorme no jardim de infância* só para ver seu amor.

– Devíamos vender literatura erótica – sugeriu Cheyenne.
– Somos uma livraria especializada em livros infantis!
– Mas tem muitos títulos interessantes na literatura erótica – insistiu –, por exemplo, *A escrava dos cossacos...*

Torci o nariz.

– Ou *Troca de camas na Dinamarca...*

Torci ainda mais o nariz.

– Ou *Três nozes para Cinderela...*

– Mas isso é uma história infantil – contestei.

– Não nesta versão – Cheyenne deu um sorriso malicioso.

– Não quero vender esse tipo de livro! – protestei, e acrescentei rapidamente: – Nem vou tentar descobrir por que são três nozes.

– Mas a livraria vai de mal a pior! – insistiu Cheyenne. – Nosso sofá de leitura está gasto, o cantinho dos jogos para as crianças é tão velho quanto eu, e recentemente, quando tirei a poeira das estantes no depósito, uma barata de repente olhou para mim.

Cheyenne falava a mais pura verdade sobre a minha livraria. Verdades dolorosas que eu não queria ouvir, porque a culpa era minha. Se tivesse mais tempo e energia, a loja teria uma aparência melhor e venderia mais. Mas como posso ter tempo e energia com uma família tão cansativa como a minha?

Cheyenne ainda disse mais uma verdade, uma bem mais amarga:

– Sua única chance de aumentar o lucro é me demitir.

– Nem pensar – retruquei.

– Mas você não precisa de mim – suspirou Cheyenne triste, e pela primeira vez, pareceu velha –, você dá conta de vender sozinha meia dúzia de livros.

Era verdade, pensei.

– Estou sempre errando as contas – ela reclamou baixinho.

– Isso lá é verdade – respondi alto.

– E na semana passada, entupi a privada.

– Foi você então?! – gritei indignada, pois o encanador havia me cobrado uma fortuna para desentupi-la. – Como você conseguiu fazer aquilo?

– Meu curativo de hemorroidas caiu dentro da privada – confessou sem graça.

Cheyenne tinha toda a razão: despedi-la faria bem à minha conta bancária e à minha livraria também. Mas, sem salário, ela teria que dormir na sua Kombi. Além do mais, não recebia nenhuma pensão, pois, em vez de trabalhar, viajou pelo mundo durante a vida toda. Em compensação, sempre percebi, com uma ponta de tristeza, que a vida dela tinha sido muito mais emocionante do que minha vidinha chata.

– Nunca vou demitir você – declarei determinada.

Cheyenne sorriu para mim profundamente agradecida e falou:

– Você é muito boa.

Tive que rir com ela. Mas para mim estava claro que eu tinha que pensar numa solução, se quisesse que minha livraria sobrevivesse. Pois sem ela eu seria apenas dona de casa e mãe. E isso era muito pouco. Principalmente no estado em que se encontrava minha família naquele momento.

Pedi às forças do universo que me mostrassem como salvar minha livraria. E logo em seguida constatei que elas têm um senso de humor muito estranho.



Eu já estava indo embora, quando Lena entrou na livraria. Logo a Lena! Fazia quinze anos que eu não a via, e ela estava exatamente como antes: esguia e deslumbrante. A diferença é que

agora ela tinha roupas chiques e caras, que eu só tinha visto em revistas de moda.

Nos tempos das vacas magras, Lena e eu trabalhávamos como revisoras principiantes na filial alemã da editora Penguin. Lena era ambiciosa e não se constrangia em passar a perna nos outros. Contudo, eu estava sempre um passo à frente. Por fim, acabei recebendo uma proposta de trabalho em Londres, que era o emprego dos meus sonhos. Ali eu ia conquistar o mundo – eu já sonhava com isso. Quando Lena soube da proposta, ficou roxa de inveja.

Acontece que, a essa altura, eu já tinha conhecido Frank algumas semanas antes em um resort à beira do rio Spree. Eu estava jogando vôlei com amigos, quando ele apareceu, dizendo que estudava Direito, era novo na cidade, e pediu para jogar com a gente. Quando notei seus olhos azuis, perdi o juízo, entreguei meu corpo aos hormônios e me vi bebendo caipirinhas e dançando lambada em uma praia do Caribe.

Frank, por sua vez, também perdeu o juízo. E quando os dois perdem o juízo, acabam se entregando loucamente um ao outro, tão cegos de paixão que nem se preocupam se a camisinha está bem colocada ou não. Algumas semanas mais tarde, vem a surpresa com as náuseas matinais.

Ficamos felicíssimos quando recebemos o teste positivo de gravidez. Para mim ficou claro que, com a criança, eu não poderia aceitar o emprego dos meus sonhos em Londres. Mas eu amava Frank como nunca amara ninguém antes. E tirar a criança... Só o pensamento já me deixava enjoada.

Quando vi pela primeira vez na ultrassonografia aquela coisinha nadando, que crescia dentro de mim, senti uma grande alegria no coração. Profundamente tocada, olhei para a imagem e sussurrei baixinho: “Você é maravilhoso”. Nem reparei quando o médico observou: “Esta é a sua vesícula”.

Descartei Londres para ficar com a criança e com Frank. Lena não podia me entender e me contou que teria optado pelo aborto. Mas ficou contente, pois assumiria o meu lugar em Londres. “Sorte minha a sua camisinha ter furado”, foi o seu comentário.

Mais tarde soube por acaso que Lena tinha feito carreira em Londres, mas nunca fui atrás de mais detalhes de uma experiência que eu não tinha vivido. Primeiro porque eu estava muito feliz com minha vida familiar, e, anos depois, quando era surpreendida por pensamentos do tipo “e se eu tivesse...”, não quis dar espaço para eles. Agora, porém, eu enxergava a vida que poderia ter tido. Na minha pequena livraria.

– Lena...? – perguntei sem acreditar no que estava vendo.

– Em carne e osso – ela respondeu, radiante.

O que será que ela quer aqui? Depois de todos esses anos?

– Você... – gaguejei – ... é incrível como você está bem, como nos velhos tempos.

– Mas você também, Emma Wünschmann! – retrucou, e ambas sabíamos que era mentira. Eu já tinha tanto cabelo branco que muitas vezes, no banheiro, pensava em usar as tintas de cabelo da minha filha. Mas muito pior do que isso é que fiquei com uma barriguinha horrível por causa das gestações (cheguei até a ganhar da Cheyenne uma camiseta com os seguintes dizeres: *Venci a anorexia*).

– E você está grávida de novo – alegrou-se Lena, apontando para minha barriga.

Fiquei vermelha.

Cheyenne não se conteve e deu uma gargalhada.

Lena viu meu rosto e compreendeu meu profundo constrangimento:

– Oh, sinto muito...

– O que... o que a trouxe aqui? – perguntei para desviar a atenção da minha barriga.

– Estou a trabalho em Berlim. E quando soube, por antigos colegas da nossa seção, que você tinha uma livraria, pensei: “Vou dar uma passada por lá” – disse animada.

– E... como vão as coisas em Londres? – perguntei e me arrependi da pergunta logo em seguida.

– Muito boas. Dirijo agora o departamento de *best-sellers* internacionais. Cuido do Dan Brown, John Grisham, Cornelia Funke – descreveu tentando ser discreta, mas sem conseguir disfarçar sua vontade de se vangloriar. Agora estava claro por que ela estava aqui: queria esfregar na minha cara a vida maravilhosa que levava. Mesquinha. Realmente mesquinha. Mas conseguiu o que queria: fez um esforço enorme para não ficar roxa de inveja.

– A gente viaja muito pelo mundo inteiro – disse Lena, sorrindo descontraída. – Na semana passada fui a um festival literário nas ilhas Maurício.

Aí eu fiquei realmente roxa de inveja e decidi: se continuar se gabando, eu grito!

– Acompanhei o Hugh Grant.

– AHHH!!! – gritei alto.

– Tudo bem com você? – perguntou Lena, preocupada.

– Hum, sim, sim... – menti apressadamente – foi... foi uma barata que me mordeu, só isso.

– Tem baratas na sua livraria? – perguntou enojada.

– Só uma... – respondi e queria me enfiar num buraco de tanta vergonha. Mas logo me recompus e tentei me convencer de que não tinha por que sentir inveja de Lena. Mulheres que fazem carreira geralmente não têm relacionamentos estáveis, nem filhos. Por trás de sua fachada alegre, são infelizes e vazias (é o que se vê em filmes e revistas femininas).

– E você tem uma família? – perguntei em seguida.

– Não – respondeu, e me alegrei em pensamento: eu sabia que ela era infeliz!

– Eu vivi uma vida de verdade – explicou Lena. – E tive muitos amantes, você sabe como é.

– Não, isso ela não sabe – disse Cheyenne sorrindo abertamente. E tive vontade de atirar um livro na cabeça dela. Um só não: vinte!

– Ah, já sei – corrigiu-se Lena –, você tem a grande sorte de dormir com o mesmo homem há quinze anos.

“Grande sorte!”, pensei comigo mesma, lembrando a flatulência que, há algum tempo, ataca Frank de noite por causa do estresse.

– De qualquer forma, estou agora com o Liam – Lena disse exultante e não parecia nem um pouquinho infeliz ou vazia. – Ele é investidor da Bolsa, e moramos numa casinha de campo muito aconchegante nos arredores de Londres.

Ela foi fazendo esse quadro de uma vida idílica no campo se formar durante algum tempo na minha mente, até que finalmente fez a pergunta fatídica:

– E você, Emma, como vai?

Não queria revelar meu ponto fraco e mostrei para Lena que tudo ia muito bem na minha vida também. Disse:

– Tenho dois filhos ma-ra-vi-lho-sos.

Cheyenne deu uma risadinha.

– Escuta – perguntei para minha funcionária –, você não tem que classificar alguns livros?

– Não, não tenho não – respondeu com um sorrisinho sonso. A riponga não queria perder aquele espetáculo por nada neste mundo.

Voltei-me de novo para Lena e disse com um sorriso fingido:

– Há quinze anos, Frank e eu temos vivido um ótimo casamento.

Cheyenne deu outra risadinha, e eu quase lhe disse: “Escuta, você não tem nada melhor para fazer?”.

– E, então – Lena quis saber –, como anda a sua livraria?

– Muito bem – retribuí.

Cheyenne não se conteve e dessa vez deu uma gargalhada. Lancei-lhe um olhar fulminante. Ela entendeu e disse: – Com licença, vou fazer pipi – e desapareceu.

Lena olhou irritada para a senhora e sussurrou: – Se fosse eu, demitiria uma funcionária esquisita na hora.

– Isso eu nunca faria – eu disse determinada.

Lena ficou visivelmente espantada e mudou logo de assunto:

– Um dia, espero ter uma família tão feliz quanto a sua.

Altas gargalhadas vieram do banheiro.

– Qual é o problema daquela mulher? – Lena quis saber.

– Ah, são os efeitos colaterais dos seus comprimidos para incontinência – expliquei.

– Eu ouvi isso, viu! – protestou Cheyenne do banheiro.

– Tenho uma ideia para a sua loja – Lena disse de repente. Percebeu claramente que o negócio não ia bem e aproveitou a ocasião para dar uma de superior. – Stephenie Meyer lançará hoje à noite, aqui no hotel Ritz-Carlton, seu último livro da saga *Crepúsculo*. E você tem três chances de adivinhar quem a representa.

Não precisei nem da primeira.

– Posso apresentá-la a você no lançamento do livro, e talvez possamos providenciar para que ela faça uma leitura na sua livraria...

Eu não sabia o que dizer. Um evento desses tornaria minha livraria conhecida em toda a cidade. Tive vontade de cobrir Lena de beijos de agradecimento, embora fosse evidente que ela só deu

aquela sugestão para que eu pudesse ver de perto a carreira dos sonhos que ela construía.

– O lançamento de um livro é um grande evento – ela explicou entusiasmada. – Comida boa. E fantasias de monstros incríveis. Sabe de uma coisa? Traga toda a sua família. Assim poderei conhecê-la.

– Farei isso – respondi sorrindo. Primeiro porque fiquei contente com a ótima oportunidade; segundo porque pensei: quando Lena vir minha família, talvez fique com inveja de mim. Afinal, a única coisa que eu tinha e ela não, era uma família. E se Lena ficasse com inveja... bem eu não teria que ter tanta inveja dela.

Lena se despediu me dando dois beijinhos na bochecha e saiu correndo da minha loja. Mal tinha saído, ouvi a descarga. Cheyenne saiu do banheiro dizendo:

– Esquece, essa moça é mais feliz do que você.

Ao que revidei decidida:

– Veremos!

FEE

Eu teria sido um celenterado com prazer.

Há algumas semanas, nosso professor chato de Biologia nos aborrecia com águas-vivas e outros celenterados, tentando desesperadamente manter a ilusão de que era importante que aprendêssemos sobre esses seres. Que desperdício de tempo! Pois mesmo que, numa hipótese muito remota, um de nós, já adulto, sentado numa poltrona, de repente quisesse saber como esses invertebrados estúpidos se reproduzem, ele poderia simplesmente

pesquisar na Wikipédia ou nas milhares de páginas da internet que então existiriam.

Mas hoje refleti pela primeira vez sobre os celenterados. Na verdade, são criaturas felizes: não têm uma mãe lerda, um pai estressado, um irmão irritante, nem aulas chatas sobre celenterados.

Mas o melhor de tudo é que um celenterado não pode ser suspenso só porque não sabe nada sobre celenterados.

Papai, provavelmente, não daria importância à minha reprovação: já estava tão assoberbado de trabalho no banco que é bem provável que nem soubesse em que classe eu estava. Mas mamãe certamente iria fazer um drama daqueles e alugar meu ouvido com a ladainha de que eu precisava pensar no meu futuro. Claro que ela só queria o meu bem, eu podia ver isso, pois não sou totalmente estúpida. Mas, quanto mais ela fazia discursos chatos, menos saco eu tinha de ouvi-la. Se alguém buscasse na Wikipédia o que significa “contraproducente”, com certeza teria como resultado uma foto da minha mãe. E mais, como é que eu poderia pensar no meu futuro, se mal conseguia organizar o presente?

O presente sentava-se duas fileiras à minha frente, chamava-se Jannis, era um guitarrista muito bom e parecia o Pete Doherty, só que um pouco mais saudável. Ontem puxamos um fumo e trocamos uns amassos no sofá do seu estúdio. Mas não fomos muito longe. Primeiro porque eu nunca transei com um cara; segundo porque não sei se a coisa entre nós é séria.

Na verdade, eu bem que queria que ele tivesse desejado alguma coisa comigo, pois era muito carinhoso, principalmente quando beijava suavemente minhas duas tatuagens de borboleta no ombro. (Os caras com quem já fiquei não eram nem de longe tão atenciosos quanto o Jannis. Alguns não se atreveram a me pegar, outros confundiram meus seios com massa de modelar.)

Infelizmente, Jannis tinha a fama de ser sério como um Drácula com as mulheres. E mesmo se amasse sinceramente uma delas, com certeza não seria eu. Os caras em quem me amarrei gostavam de me deixar vendo navios.

Minha história com o Jannis estava fadada a ter um final infeliz, mas, mesmo sabendo disso, eu não podia ir contra meus sentimentos. Os celenterados tinham mais uma vantagem: não tinham hormônios.

Hormônios são imbecis.

Deveriam ser exterminados.

Ou trancados na prisão.

São eles que provocam tudo isso, esses hormônios idiotas. Se estivessem atrás das grades, eu não precisaria ficar enrolada com o presente, mas poderia cuidar do meu futuro, como a mamãe deseja.

Jenny, minha boa e gorda amiga, percebeu que eu estava olhando fixamente Jannis e cochichou:

– Você está a fim dele, Fee?

– Não fala besteira – murmurei me contendo.

– Isso quer dizer “sim”.

– Não, quer dizer: “Não fala besteira!”.

– E quer dizer: “Xi, me pegaram em flagrante” – disse Jenny soltando uma gargalhada. Ela estava sempre muito segura de si. Era tão gorda que, em qualquer peça de teatro da escola, podia fazer o papel da garota que treina com a equipe masculina de luta. Mas Jenny tinha o seu modo de pensar: “Nunca terei um corpo perfeito, então é melhor me resignar com isso agora do que passar os próximos setenta anos vagando infeliz pela Terra”.

Eu mesma era magra e vivia brigando com meus seios pequenos, com os quais passaria os próximos setenta anos vagando infeliz pela Terra. Se era o corpo da minha mãe que definia meus genes, isso queria dizer que meus seios não cresceriam mais.

Finalmente tocou o sinal do intervalo, e o professor de Biologia terminou seu monólogo sobre os celenterados depois de quase ter cochilado enquanto falava. Nós nos levantamos, e Jenny disse:

– Me desculpa, Fee.

– Como assim? – perguntei.

– Porque o Jannis está se aproximando.

De fato, Jannis estava vindo em nossa direção!

Meus joelhos começaram a tremer.

– Oi, Fee – disse ele, tentando mostrar descontração.

Além dos meus joelhos, meus lábios também começaram a tremer, e respondi:

– Oooo...

Meu Deus, eu nunca tinha agido assim com nenhum outro cara. Eu me senti como se tivesse saído de *Hannah Montana*.

– Oooo o quê? – perguntou simpático.

Tentei outra vez, mas com pouco sucesso:

– Oiii Jjanns.

Ele me olhou como se eu ainda estivesse chapada de ontem.

Ficamos calados e constrangidos durante algum tempo. Ele só voltou a falar quando a sala de aula ficou vazia:

– Sabe, a respeito de ontem...

Eu já sabia o que viria a seguir: ele diria que tinha ficado chapado demais ontem, que não tinha nada sério entre nós e que a fila ia andar. Tudo bem, por último ele não admitiria que estava errado; ao contrário, diria qualquer bobagem sobre falta de tempo. Mas, no fundo, o que ele queria mesmo dizer era: “A próxima, por favor”.

E antecipando o fora que eu ia levar, desatei a falar sem parar:

– Sabe, tudo foi um erro ontem. Eu não teria ficado com você, se não tivéssemos fumado maconha. Sério, você não é meu tipo, e

sinceramente ontem você podia ter usado mais desodorante...

Ficou calado, olhou para o chão, parecia um cachorro com o rabo entre as pernas.

– O que foi? – perguntei insegura.

– Nada, por quê? – respondeu, tentando parecer indiferente.

– Bem, você parece um cachorro com o rabo entre as pernas.

– O QUÊ?

– Quer dizer, se você fosse um cachorro... – disse rapidamente. Eu parecia uma doida.

– Bom... – ele disse – ... é que sobre ontem com você... achei legal. E você... você estava bem cheirosa.

Ele estava sendo sincero, isso eu senti.

– É... é... é... – gaguejei. O lábio de cima tremia com o de baixo, formando um dueto.

– O quê? – perguntou.

– É... é... é... – gaguejei outra vez e xinguei meu corpo: “Dá para se acalmar?”.

E ele se acalmou. Um pouco. Pelo menos para eu poder dizer alguma coisa mais ou menos compreensível:

– Eu... eu também achei legal ontem.

– Mas por que você acabou de dizer que tudo não passou de um erro? – Jannis perguntou.

– Porque às vezes sou um celenterado.

– Somos todos, pelo menos uma vez – disse, e depois deu uma supergargalhada. E se eu já não estivesse louca por ele, teria ficado naquele momento.

Ele então perguntou:

– Vamos fazer alguma coisa hoje à noite? Com ou sem maconha, tudo bem?

– Sim, vamos – respondi radiante e pensei comigo mesma: “Nada, mas nada neste mundo vai me impedir de me encontrar com Jannis esta noite!”.

EMMA

Minha família não recebeu bem a ideia de conhecer Stephenie Meyer.

– Já tenho compromisso – reclamou Fee, mais brusca do que nunca.

– Tenho que trabalhar – disse Frank, mais deprimido do que nunca.

– Quero ler – murmurou Max tão baixinho como sempre. Ele era pequeno para seus doze anos de idade e um pouco gordinho. Era superdotado, mas sua popularidade na turma não estava em alta. Nos últimos anos, Max se tornara um rato de biblioteca, extremamente tímido, pois adorava mergulhar no mundo da fantasia. A realidade era realista demais para ele. Eu até conseguia entender isso, mas não podia permiti-lo. Primeiro eu tinha tentado que ele estudasse música, mas sua professora de coral me chamou num canto e disse: “Sinto muito lhe dizer, mas seu filho não encontraria o tom nem que estivesse na frente dele”. Depois disso, eu o matriculei no futebol, mas seu técnico usava métodos de Saddam Hussein. No último jogo antes de Max parar, Saddam berrou comigo: “Da maneira como seu filho joga, a senhora deveria checar se ele não é gay”. Agora eu buscava um novo lugar onde Max pudesse curtir a realidade mesmo sem nunca tê-la encontrado.

Contemplei minha família, sentada ao redor da mesa no nosso velho apartamento, e declarei decidida:

- Hoje à noite sairemos como uma família unida!
- Eu vou fazer o que quiser – retrucou Fee.

Era uma das suas frases preferidas. Assim como: mais tarde eu arrumo, vou conseguir chegar pontualmente na escola, ou mamãe, nunca vou fumar maconha. (Para mim sempre foi um mistério por que um adolescente começa a fumar maconha na puberdade. Na verdade, os pais deveriam fazer isso também, para aguentar essa fase da vida de seus filhos.)

Mas a frase-padrão favorita da Fee era: mamãe, você é desagradável. Quando eu cantava, era desagradável. Quando me maquiava, era desagradável. Quando não me maquiava, era ainda mais desagradável. Mas quando fui com ela à piscina de biquíni, não fui desagradável: fui ultradesagradável.

Normalmente eu até tentava educar meus filhos sem muitas ameaças, mas para mim era extremamente importante que a família reunida fosse ao lançamento da Stephenie Meyer. Assim, eu poderia me gabar diante da Lena. Por isso, fui bem taxativa:

– Fee, se você não vier com a gente, vai ficar trancada no quarto!

Ela ficou vermelha de raiva, mais brava do que nunca, pois o compromisso dela parecia realmente importante. Claro que era com um rapaz. Mas se eu tocasse no assunto, ou simplesmente falasse da reprovação, aí ela explodiria na certa. E se ela explodisse, eu também explodiria. E enquanto nós nos divertiríamos nos detonando uma à outra, Frank sumiria com seu laptop e Max, com seu livro. Por isso, não revidei e esperei sua raiva passar, até que Fee resmungou entredentes:

– É tão bom sair com a família! Principalmente quando é por livre e espontânea vontade.

Frank me puxou para o lado e perguntou baixinho:

– Mas você não vai me trancar no quarto se eu não for, vai, Emma? Tenho que pensar em como vou vender a ideia de corte de pessoal aos funcionários do banco.

Frank tinha resolvido ser advogado para ajudar os pobres. Mas, depois de terminar a faculdade de Direito, chegou à conclusão de que as pessoas que ajudam os pobres ficam pobres também. E como ele tinha uma família para alimentar, aceitou um emprego no departamento jurídico de um banco e agora era responsável pela reestruturação e organogramas. Sofria bastante com seus encargos. Era muito difícil dizer a uma pessoa que ela precisava ser demitida. Como começar uma conversa assim? Nunca dizendo coisas do tipo: “Adivinha qual chefe errou especulando?”; ou “A partir de agora você não precisa mais se estressar com seu chefe”; ou “No seu lugar, eu passaria a cultivar minha própria comida no jardim”.

Tentei relaxar sua tensão com uma brincadeira:

– Ficar trancado no quarto não, mas greve de sexo sim.

– O quê? – ficou sem entender nada.

– Você tem que se decidir: ou seu trabalho ou fazer sexo comigo hoje à noite. O que vai ser?

– Bom...

– refletiu.

E ele realmente refletiu!

Nossa! Sempre pensei que meus pais não fossem muito apaixonados. Mas, mesmo não sendo muito carinhosos um com o outro, ainda faziam sexo depois dos cinquenta. Constatei isso, a duras penas, no dia em que, ainda adolescente, entrei no quarto deles sem querer. Pareciam duas baleias em um campeonato de luta livre.

– Esta noite é muito importante para mim – deixei bem claro para Frank.

– Tudo bem, trabalharei no projeto quando voltarmos para casa. Dormir é para amadores – sorriu cansado.

Sempre ficava surpresa como seu sorriso ainda conseguia me encantar, mesmo cansado daquele jeito. Toda vez que ele sorria, eu pensava como seria bom viajar de novo para o Caribe e dançar lambada. Mas não, ele tinha mudado muito de aparência. Seu cabelo já estava bem grisalho, seu rosto, pálido e enrugado. Era uma daquelas pessoas que emagrecem por causa do estresse, o que para mim, que fico gulosa quando me estresso, era uma vantagem invejável.

Dei um beijo na bochecha de Frank e fui tentar convencer o relutante Max:

– Se não vier, matriculo você de novo no futebol.

Portanto, agora eu tinha todos os três na palma da mão e mostrei-lhes as fantasias caras que alugara à tarde. O lançamento do livro era uma festa à fantasia de monstros, e eu queria impressionar todo mundo. Tinha escolhido fantasias clássicas de famosos filmes de monstros da época de ouro do cinema.

– Frankenstein – suspirou Frank, cansado, quando lhe dei a sua fantasia. Ele devia desfilas com ela como se fosse o próprio Boris Karloff: com calças cinza rasgadas, casaco de pele marrom e uma enorme máscara verde com parafusos.

– E que ataduras são essas? – perguntou Fee, extremamente enervada tirando das minhas mãos sua fantasia embolada. – Eu sou o monstro de trapos?

– Não, você é uma múmia – esclareci animada –, que ficou três mil anos no sarcófago de uma pirâmide até ser libertada por ladrões de túmulos.

– Ah, ótimo! Eu vou fantasiada de carne de camelo podre de mais de três mil anos – reclamou. – Ela cai melhor em você, mamãe.

Outra observação irritante que confirmava a minha tese de que as dores do parto são apenas um aperitivo das dores da puberdade dos filhos.

– Se você quiser, vai ser um prazer conversarmos sobre seu podre rendimento escolar – provoquei.

– Isso com certeza seria um superassunto – respondeu com os olhos faiscando.

– Por favor, parem de brigar – disse Frank tentando apaziguar a situação.

Fee e eu gritamos em coro para ele:

– Não se meta!

Assustado, ele balançou a cabeça e disse a frase que nós duas mais odiávamos:

– Vocês são realmente parecidas.

Aí nós duas pulamos no pescoço dele, mas Max nos interrompeu, dizendo baixinho:

– Gostaria de ser um zumbi.

– Você já é um zumbi na vida real – disse Fee.

Dessa vez decidi ignorar o comentário dela, me virei para o Max e lhe expliquei:

– Vamos todos de monstros do cinema clássico. Por isso você vai de lobisomem.

Quando dei para ele sua fantasia peluda de lobisomem, ele a olhou realmente desapontado. Também ignorei isso e anunciei:

– Vou de vampiro. No velho estilo refinado do Drácula.

Entusiasmada, mostrei meus dentes postiços afiados e minha fantasia preta com uma capa vermelha de veludo.

– Assim você parece mais com o Conde Drácula da *Vila Sésamo* – comentou Fee.

– Antigamente você adorava o Conde Drácula da *Vila Sésamo* – respondi e lembrei com saudade dos bons tempos em que ela vinha, depois do banho, de pijaminha e cheirando a xampu de neném, se sentar no meu colo para assistirmos a *Vila Sésamo* juntas. Eles crescem tão rápido! Quanto mais velha a gente fica, maior é a impressão de que alguém apertou a tecla “avançar rápido” da vida.

– O Conde Drácula da *Vila Sésamo* só consegue contar até dez – retrucou Fee. – Além do mais, ele tem TDAH.¹

– Então ele é muito melhor do que você em aritmética – disse Max baixinho. Ele não falava muito, mas, quando o fazia, era para perturbar a irmã.

– Cala a boca ou vendo você como foca para o circo.

– Um dia ainda vou me vingar das suas grosserias! – ameaçou Max, tremendo de raiva, pois detestava quando sua irmã falava do seu sobrepeso.

– Nossa, estou tremendo de medo, foquinha! – disse Fee, zombando dele.

Fee também curtia muito com a cara do irmão com frases assim. Estava convencida de que Max era nosso filho favorito e ela, uma Cinderela incompreendida, e só um príncipe poderia libertá-la de seu cruel destino. Ou a maioria.

Mas eu amava meus dois filhos, embora, às vezes, quisesse trocá-los com prazer por duas boas massagens revigorantes. Por vezes, nos nossos poucos e cada vez mais raros momentos de harmonia, eu os amava tanto que até doía. Eram as dores mais bonitas da minha vida.

Eu achava, ou melhor, esperava que, lá no fundo, os dois se amassem como irmãos. Também esperava que eu e Frank nos amássemos como antes, apesar da rotina estressante. Mas, se tudo fosse realmente assim, se nos amássemos mutuamente, por que

não era como antes? Por que tínhamos que brigar quase todo dia? Por que eu tinha que ficar obrigando-os a fazer coisas juntos? Afinal, quando foi a última vez que nos divertimos juntos?

Enquanto me perguntava isso, percebi que, naquela noite, não se tratava apenas de impressionar Lena ou salvar minha livraria: nós, os Wünschmann, faríamos alguma coisa juntos como família pela primeira vez em muito tempo. Quem sabe as pessoas veriam como nos divertimos quando estamos juntos. Por fim, faríamos algo bem extraordinário indo ao lançamento de um livro. E talvez, mas talvez mesmo, pudéssemos até reencontrar naquela noite o que havíamos perdido como família.



Enquanto lá íamos nós com nossas fantasias no nosso velho Ford, cheguei a me sentir orgulhosa da nossa imponência: papai, o monstro Frankenstein; minha filha, a múmia; meu filho, o lobisomem; e eu, uma incrível vampira de óculos. Quatro monstros a caminho deste grande e vasto mundo.

O humor das outras pessoas não chegava nem perto do meu: Max lia um de seus livros, Frank reclamava toda vez que passávamos por um buraco, porque sua máscara de Frankenstein batia no teto do carro. Fee não parava de escrever SMS. Simplesmente não entendia por que ela não parava de fazer isso ou de participar de chats. Tanta coisa eu não entendia nela: por que estava sempre com fone de ouvido? Por que desfigurou seu corpo jovem e lindo com tatuagens? Será que tirar a louça da máquina de lavar é realmente um trabalho de Hércules?

Por outro lado, minha mãe também não entendia muitas coisas em mim antes: por que eu andava como a Madonna da fase *Material Girl*, por que escutava Duran Duran no último volume, e, pior, por que eu gostava do Don Johnson (admito que hoje, quando

vejo, por acaso, uma reprise de *Miami Vice*, me pergunto o mesmo: Don usava paletós pastel, tinha um penteado cafona e media mais ou menos 1,23 metro de altura).

Talvez a professora da Fee tivesse razão: as sinapses do cérebro dos adolescentes recebem um arame novo na puberdade. Traduzindo, podemos pregar um cartaz no cérebro adolescente com a seguinte inscrição: “Fechado para reforma”.

Assim, decidi não deixar que as sinapses da Fee estragassem minha noite. Quanto mais calma eu ficasse, maiores as chances de nos divertirmos todos juntos esta noite. No rádio tocava justamente “Rastaman Vibration”, de Bob Marley, uma música que eu gostava de ouvir. Por isso aumentei o volume e comecei a cantar: “*It’s a new day, a new time and a new feeling...*”.

Meu coração se encheu de esperança de que a noite traria um dia especial para nossa família, novos tempos, novos sentimentos.

Cantei tanto que a Fee reclamou:

- Dá para parar, mãe?
- Puxa, está tão ruim assim? – perguntei, mordida.
- Não, não está – retrucou Fee.
- Sério? – perguntei, alegre e surpresa.
- Sério – sorriu –, é simplesmente uma merda.

Com certeza não ia ser fácil não deixar que as sinapses de Fee estragassem a noite.

Pouco tempo depois, passamos na frente do luxuoso hotel Ritz-Carlton. Anunciei:

– Já, já vamos ver a Stephenie Meyer. – Sabendo que ninguém da família era fã da escritora. Além de SMS, Fee não lia mais nada, Frank não tinha tempo nenhum para ler e Max achava os vampiros de Meyer muito “infantis”, preferia zumbis, orcs e bárbaros.

Entramos no hotel caminhando sobre um tapete vermelho e fomos conduzidos a um magnífico salão, apinhado com mais de duzentos convidados, com taças de champanhe na mão. Teríamos, seguramente, aproveitado melhor esta fantástica atmosfera festiva, não fosse um pequeno detalhe que nos chateou muito. Após um instante de um pavoroso silêncio geral, Max disse o óbvio:

– Mãe... ninguém está fantasiado aqui.

E Fee completou:

– A não ser os quatro idiotas aqui.



Foi um daqueles momentos em que você gostaria de dizer algo mais do que simplesmente: “Bem...”.

Fee foi a primeira a reagir e sorriu satisfeita:

– Então, já podemos tirar o time de campo.

Era compreensível querer fugir nessa hora, especialmente porque alguns convidados começavam a olhar para nós.

– Boa ideia – disse Frank, querendo aproveitar a deixa para voltar ao trabalho.

– Não, vamos ficar e nos divertir com a situação – encorajei minha família.

– Não sei, não – ponderou Frank –, os únicos que estão se divertindo aqui são os outros convidados.

Olhei na direção deles e vi que davam risadinhas quando nos olhavam, alguns até apontavam o dedo para nós. Antes que eu conseguisse dizer alguma coisa, Frank falou novamente:

– Aquela não é a sua amiga Lena?

De fato, era a Lena que vinha em nossa direção, e Frank, de dentro da sua máscara de Frankenstein, olhava embasbacado para ela. Ele nunca aprendeu a olhar discretamente mulheres atraentes,

e eu sentia uma pontada sempre que percebia isso. Contudo, nunca comentei com ele a respeito, para não humilhar nem a ele, nem a mim.

Lena me cumprimentou surpresa:

– Mas vocês vieram fantasiados!

– Claro que não, não está vendo? – comentou Fee.

– Você disse que haveria fantasias de monstros muito legais... – tentei explicar.

– Sim – sorriu Lena –, mas não disse que os convidados viriam fantasiados de monstros. Só a banda que vai tocar mais tarde.

Minha família me lançou um olhar bastante intenso.

– Você não entendeu assim? – Lena perguntou.

– Não, não entendeu! – responderam meus filhos em uníssono.

Então, Lena se voltou para Fee e perguntou:

– E o que você acha da Stephenie Meyer?

Rezei para minha filha não provocar Lena em retaliação por eu tê-la obrigado a ir ao evento.

Fee respondeu:

– Acho a Stephenie Meyer muito, mas muito legal.

Respirei aliviada.

– Simplesmente é a minha escritora preferida! – Fee acrescentou.

Não dava para acreditar que a Fee estivesse querendo causar boa impressão.

– Amo Stephenie Meyer!

Ela agora estava exagerando um pouco, mas, ao vê-la se esforçando para se comportar bem na presença dos outros, pensei agradecida: até que não errei tanto na educação dela.

– Amo tanto a Stephenie Meyer – continuou tagarelando – que gostaria que ela me desvirginasse.

Fiquei com a cara no chão.

Lena também.

E Fee me olhou com um sorriso irônico. Eu podia vê-lo em sua boca mesmo coberta de ataduras de múmia.

Eu queria disfarçar a situação e procurei desesperadamente as palavras para explicar a Lena que minha filha era uma adorável e divertida brincalhona. Mas antes que pudesse dizer algo, ouvimos uma voz macia:

– *What did this nice girl say about me?*²

Era a Stephenie Meyer.

Trajava um elegante terninho, estava justamente atrás da gente e sorria amavelmente, sem desconfiar de nada. Ficamos todos sem fala. Qualquer escritora-estrela acharia o comentário da Fee extremamente embaraçoso. E para piorar meu embaraço, lembrei que Stephenie Meyer era mórmon.

Ela se dirigiu a Fee e lhe perguntou sorrindo:

– *Come on, you can tell me.*³

Vi a Fee com uma cara assustada e tive certeza: ela não vai me constranger mais. Claro que às vezes ela ia longe demais. Mas iria agora? Não seria capaz.

Infelizmente, porém, tinha um irmão. E um dia ele disse que se vingaria das grosserias dela. Foi, então, que Max traduziu amavelmente para a escritora o que Fee dissera:

– *She wants to be deflowered by you.*⁴

Stephenie Meyer também ficou com a cara no chão.

Foi outro daqueles momentos que a gente gostaria de dizer algo do tipo: “Nunca vi essas crianças na minha vida”.

Em vez disso, tentei consertar a situação dizendo:

– *She said, she wants to give flowers to you.*⁵

Stephenie Meyer logo percebeu que Fee não tinha nenhuma flor na mão e me olhou querendo dizer: chega de gozação.

E, profundamente ofendida, foi conversar com os outros convidados. Olhei para o Frank, que não sabia como me consolar. Em matéria de consolo, os homens são tão talentosos quanto os orangotangos. Ele disse baixinho:

– Eu... eu acho que vou até o bufê.

– Eu vou junto – acrescentou Fee rapidamente.

– Estou com uma fome de lobisomem – concordou Max imediatamente. Minha família deu no pé.

Depois de alguns minutos de um silêncio mortal, Lena comentou hesitante:

– Seus filhos não são tão perfeitos assim, não é mesmo?

Confirmei com a cabeça.

– As coisas também não estão assim tão boas com o seu marido, não é verdade? – perguntou cautelosa.

– Como assim? – perguntei incerta. Como ela podia saber? Frank tinha se comportado muito bem até o momento.

– Ele não parou de olhar o traseiro da Stephenie Meyer até agora.

Realmente. De pé diante do bufê, Frank, de dentro da máscara verde da fantasia de Frankenstein, olhava embasbacado para a bunda da escritora, que conversava a alguns passos atrás da gente. Isso doeu, mais ainda do que a cena com as crianças, que já tinha doído bastante.

– Pode deixar que a gente vai conseguir que ela faça a leitura – Lena me consolou.

Justamente ela estava me consolando! E olha que ela só tinha me convidado para se gabar. Uma coisa agora estava clara: não poderia mostrar a Lena que eu era mais feliz do que ela, principalmente porque eu não era mais feliz. Mais ou menos como o

jovem Werther,⁶ eu não era mais feliz do que o Gastão, o primo sortudo do Pato Donald.

Desviei o olhar da Lena para o Frank, que acabara de sujar a fantasia peluda com a raiz-forte de uma fatia de salmão sem notar, pois estava muito ocupado admirando o traseiro da autora.

– E isso porque a Stephenie tem a bunda mole... – praguejei, triste.

– *What did she say?*⁷ – Stephenie Meyer perguntou atrás de mim.

Nessa hora, quis ser um vampiro para sair voando do salão como morcego.

Stephenie veio em nossa direção e me perguntou:

– *What exactly is a “bunda mole”?*⁸ Sem saber o que responder, gaguejei:

– *Sólo hablo español.*⁹

– *Qué es “bunda mole”?* – ela perguntou.

A safada, ainda por cima, falava espanhol.

Embora tivesse estudado espanhol por um ano, eu não sabia dizer mais do que: “*Hey Macarena*”. Mas não me pareceu ser a resposta adequada para a situação.

Em total desespero, perguntei com um sorrisinho atravessado:

– *Czi mowi Polski?*¹⁰

Stephenie Meyer fez um gesto de desdém com a mão e foi embora. Não valia a pena perder seu tempo com uma “maria ninguém” disfarçada de monstro, que, além de tudo, a ofendera. Lena passou o braço carinhosamente pelos meus ombros e suspirou:

– Acho que não conseguiremos mais a leitura.

Vi, diante dos meus olhos sagrados, o liquidante passeando pela minha livraria, divertindo-se à beça com a minha contabilidade e se

espantando com a barata e a privada entupida.

Mas o pior não era ficar sem a ajuda da Stephenie Meyer para recuperar a livraria. Não, o pior foi a noite catastrófica que passei com minha família. Nenhum de nós curtiu nada. Talvez fosse hora de finalmente reconhecer que não éramos mais uma verdadeira família.

FEE

Mamãe estava tão brava com a gente que dirigiu por Berlim no estilo do videogame *Grand Theft Auto*. Mas nenhum de nós reclamou. Ninguém ousou dizer sequer uma palavra. Até o papai manteve a boca fechada, embora sua máscara de Frankenstein batesse toda hora no teto do carro. Respirávamos o mínimo necessário para não sufocar. Era um silêncio parecido com o dos banguê-banguês antes do tiroteio. Uma coisa era certa: se algum de nós dissesse uma palavra, voariam balas para todos os lados dentro do carro.

Enquanto eu economizava respiração, olhei meu celular. Havia um torpedo do Jannis: “Gosto de você”. Li umas 287 vezes. E fiquei pensando desesperadamente em como responder. “Eu também” estaria ótimo, mas meu coração saltava tanto de alegria que por mim eu teria digitado logo: “Eu te amo”. Mas, se eu me precipitasse assim, seria maluca que nem essa mulher, que expôs a família ao ridículo, obrigando-a a se fantasiar de monstros.

Mesmo assim, sonhei um pouquinho como seria bom enviar um torpedo para o Jannis com “te quero”, e ele responder imediatamente. Assim, este dia – apesar da reprovação e da noite de terror como múmia – se transformaria no mais bonito da minha vida. Meus dedos digitaram meio de brincadeira as palavras que com certeza eu nunca enviaria. Nesse momento, mamãe avançou

outra vez o sinal vermelho e fez uma curva tão brusca que quase voamos pela janela. Vi em câmera lenta meu polegar apertando a tecla “enviar”. Meu “te quero” foi enviado.

Não acredito em Deus, mas nesse momento rezei em silêncio: “Por favor, por favor, querido Deus, faça com que haja um apagão geral nas operadoras de celular”.

Deus não me fez esse favorzinho ridículo: o sinal do meu celular continuava forte como antes.

Uns décimos de segundo depois, chegou a resposta de Jannis: “O quê?”.

Foi uma resposta pouco engenhosa, típica de garotos, e nem de longe parecida com aquela com a qual sonhara havia pouco que nem uma boba. Por isso me apressei em responder: “Digitei errado”.

Esperei que ele engolisse a minha resposta, e aí as mensagens acabariam. Mas não.

“O que você queria digitar?”, perguntou por torpedo.

Em pânico redigitei: “Te espero”.

“Me espera???” , veio a resposta, e dava para ver que ele teria colocado mais cem interrogações, se pudesse.

Mais apavorada ainda, escrevi de volta: “Quis dizer desespero”.

“Desespero?”

“Sim.”

“???”

“Desespero”, escrevi.

“?????”

A essa altura do campeonato, com certeza ele me considerava uma total louca varrida.

Pensei em mandar um torpedo com um emoticon indo embora, mas Jannis me salvou do embarço. Não perguntou nada mais e

me mandou um torpedo com a frase mais linda que alguém já tinha escrito ou me dito: “Também te espero, Fee”.

Uma onda de felicidade me inundou. Estava tão feliz que queria abraçar todo mundo. Talvez até mesmo a mamãe.

Ela olhou pelo retrovisor e me viu rindo em minha fantasia de múmia. Ao me ver tão feliz, ficou enfurecida e freou bruscamente... em cima da faixa de pedestre.

E aí as balas começaram a voar.

EMMA

Saí do carro com a capa esvoaçando e vi que tinha freado a poucos metros de uma mendiga velha. Ela pedia esmola no canto da rua, tinha um lenço na cabeça, o rosto enrugado e, a julgar por suas olheiras, era muito, mas muito velha mesmo. Não se espantara nem um pouquinho por eu ter parado tão bruscamente sobre a faixa. Pelo contrário. Olhou-me sorrindo, como se já tivesse passado por coisa muito pior na vida. Logo ergueu sua lata de metal e me perguntou:

– Você ter dinheiro?

Estava furiosa demais para me preocupar com ela. Em vez disso, mandei minha família de monstros sair do carro. Plantei-me diante do Frankenstein, da múmia e do lobisomem e perdi as estribeiras. Nunca uma pessoa fantasiada de Drácula se enfureceu daquele jeito, nem mesmo o próprio Drácula:

– Fee, do que você está rindo? Você me ridiculariza, é reprovada, fuma maconha...!

– Não fumo... – protestou Fee, sem muita convicção.

– Você acha que sou boba? – interrompi-a. – E, da próxima vez, vê se me dá uma resposta honesta.

Ela olhou para o chão, consciente da sua culpa. Max deu um sorrisinho irônico e por isso foi o próximo a receber a bronca:

– E você só abre a boca para irritar sua irmã.

Também olhou para o chão, consciente da sua culpa. Frank, então, se colocou diante deles e tentou acalmar os ânimos:

– Não vamos gritar com as crianças aqui e agora...

– Vai ser aqui e agora, sim!

– Mas isso não tem sentido... – retrucou hesitante.

– Ah, agora você resolveu se preocupar com a educação de nossos filhos? – berrei com ele, e as crianças se alegraram por terem saído da linha de tiro. – Em casa, você não fica mais do que vinte minutos acordado, e mesmo assim só fisicamente.

– Agora vai sobrar para mim? – perguntou meio atordoado.

– Você acha que não percebi como olhava a bunda mole da Stephenie Meyer o todo tempo?

– Bunda mole... – disse Max, com uma risadinha.

– Cala a boca! – repreendi-o e notei que as lágrimas começaram a brotar. Se gritei tanto com a minha família foi porque estava muito triste, e, se não o fizesse, iria cair no choro. E, se eu começasse, não ia mais parar.

– Você acha – perguntei ao Frank – que não dói saber que eu não sou mais tão atraente para você como antes?

Ele não soube o que dizer, apenas me olhou indefeso. Seria o momento ideal para ele dizer: “Mas, amor, você é tão atraente para mim quanto no primeiro dia”.

Mas não: simplesmente ficou ali parado, sem dizer nada.

Então comecei a brigar com ele:

– E você nem é assim um Adonis!

- O quê? – perguntou surpreso.
- Sua cara está caída. E seus pelos crescem no lugar errado!
- Pensei que gostasse daqueles nas costas – gaguejou totalmente desconcertado. – Você ainda me chama de “peludinho”...
- Nenhuma mulher no mundo gosta de homem peludo!
- Querem saber de uma coisa? – observou Fee. – Os filhos não estão a fim de descobrir quanto seus pais não são tarados um pelo outro.

Depois desse comentário, perdi totalmente a calma:

– É uma merda ter uma filha que só me critica. E um filho que vive recluso. E pior ainda: estar casada sem viver um casamento de verdade. Mas vocês sabem qual é a pior de todas as merdas? A pior de todas as merdas é que não somos mais uma família de verdade... Sim, eu sei também que não deveria falar “merda” na frente de meus filhos, mas a palavra descreve perfeitamente a merda da nossa família!

Todos me olharam constrangidos, e lágrimas começaram a escorrer pelo meu rosto. Com a voz entrecortada, implorei aos três:

– Eu... eu não posso continuar assim.

Bem no fundo do meu coração pensei que este seria o momento ideal para Frank dizer: “Tudo ficará bem”.

Mas em seus olhos não havia sinal de “Tudo ficará bem”. Eles me fitavam apenas com um aspecto vazio e cansado. Olhei para Max e percebi que tudo o que ele queria era mergulhar em um dos seus livros de zumbi, e Fee continuava fervendo de raiva por dentro. Então tudo ficou claro para mim: nada mais ficaria bem aqui. Nada mesmo.

Já no limite das minhas forças, balbuciei:

– E pensar que poderia ter ficado com o Hugh Grant nas ilhas Maurício...

Aí desabei no choro definitivamente.

FRANK

Cansado.

Estava tão cansado.

Tão incredivelmente cansado.

As crianças não estavam cansadas. Não aguentavam ver a mãe chorar e olharam para o chão. Mas eu estava esgotado. Então perguntei por perguntar:

– Hugh Grant... Como assim Hugh Grant?

O que Emma queria dizer em ficar com ele nas ilhas Maurício? Tudo bem, dá para imaginar o que ela queria fazer com ele lá. Mas por que ela mencionava isso agora? Não entendi nada.

Já havia algum tempo eu tinha a sensação de que meu cérebro estava se exaurindo. “Havia algum tempo” queria dizer “havia anos”. No banco eu me sentia como um maratonista. Alguém a quem, ao final da corrida, vinham dizer: “Isto é um triátlon”. E ao final do triátlon, anunciavam: “Ei, você, foi tão legal que vamos fazer outro”. E no final de tudo esclarecem: “No início da primeira corrida você deixou alguma coisa para trás. Pode ir lá buscar, por favor?”.

No nosso setor estávamos todos muito exaustos. Um colega meu, que tinha certo talento musical, compôs uma canção intitulada “Não posso mais”. Quando percebeu que sua canção encontrou eco em seus colegas, compôs a sequência, com o título “Não quero mais”. Composições que eram o testemunho das canções populares no nosso mundo moderno. E vieram outras:

“Preciso de cinco cafés”

“Zumbido”

“I am looking for freedom”

“Acho que vou ficar louco”

“Já escuto vozes”

“Vou comprar uma Uzi para mim” (uma canção muito animada, em que todos marcavam o ritmo do refrão cantando: “Uzi! Uzi! Uzi!”)

A última que ele compôs foi um reggae: “I shot the diretoria, but I did not shoot the chefe da cantina”.¹¹

Estávamos todos de acordo que o chefe da cantina bem que merecia um tiro.

Se não estivesse tão esgotado, tão acabado, com certeza não teria me comportado como um idiota durante toda a noite e não teria cometido tantos erros. Teria apoiado mais a Emma em sua proposta de ir ao lançamento do livro, teria aceitado imediatamente seu convite para fazer sexo hoje à noite, e, sobretudo, não teria olhado o traseiro da Stephenie Meyer (ou pelo menos teria sido mais discreto). Além disso, se estivesse mais desperto, teria conseguido encontrar palavras de consolo. Mas a única coisa que me ocorria era: “Tudo ficará bem”. No entanto, guardei para mim, pois estava certo de que Emma não queria ouvir algo tão ridículo. Por fim, eu não tinha a menor ideia de como responderia se em seguida ela perguntasse: “E como tudo ficará bem?”.

Ela era infeliz, e todos nós tínhamos nossa parcela de culpa. Isso Emma deixou bem claro para todos nós com seu monólogo sobre a “merda”. No entanto, pensei meio enfurecido, ela mesma também era culpada por sua infelicidade: Emma sempre quis mais do que a nossa vidinha. Sempre quis mais do que eu. Queria conhecer o mundo, conquistá-lo, e assim por diante. Mas, toda vez que eu mencionava ou sugeria a Emma que a culpa de sua infelicidade também estava nela mesma, ela ficava uma fera, e era um Deus nos acuda. Por isso, não abria mais minha boca sobre esse tema fazia alguns anos. Da mesma forma que eu não me intrometia quando sentia que Emma exagerava no controle da vida das crianças. E se, justamente agora, no meio de sua crise de choro, eu desse minha opinião sincera de que ela se deixava irritar

demais com as crianças, com certeza ela me arrancaria a cabeça de monstro.

Emma não parava de chorar. Nem sequer tentava. Ela se contorcia, estava difícil de aguentar. Sua dor me machucava mais do que a minha própria. Ainda amava essa mulher, pelo menos nos momentos em que não estava tão cansado, o que – como disse – não acontecia havia anos.

Meu Deus, gostaria tanto de não me sentir mais tão cansado!

No entanto, quando eu refletia melhor, não tinha mais tanta certeza de que ainda a amava, pois eu sempre estava tão exausto. Será que, se eu me reanimasse, ainda gostaria de tê-la como minha esposa?

Se ainda a amasse, teria acontecido aquilo comigo durante as férias no Egito?

Só de pensar nisso, eu me senti mais cansado.

Afastei o pensamento e decidi tentar um simples “Tudo ficará bem”, e se Emma perguntasse “Como?”, eu diria simplesmente “Ficando”, e cortaria com um “Psiu!... Não fala” todas as tentativas dela de entrar em detalhes. Mas justamente quando eu ia colocar meu plano em prática e me aproximar da minha mulher para abraçá-la, vi a mendiga se aproximando de Emma.

BABA YAGA

Essa mulher fantasiada de vampiro! Essa mulher ridícula, chorona e arrogante! Ela ser minha última oportunidade. Talvez essa mulher poder me levar para casa!

Eu não voltar para casa há mais de 250 anos! Porque fui banida. E eu não ter muito tempo. Pois eu morrer em três dias. Não ter

remédio para minha doença. Nem reza. Nem magia negra. Nem mesmo a minha.

Ir com minha lata até a mulher que chorar igual a cachorro vira-lata que descobrir que a veterinária vai castrá-lo.

Não ter nada a perder em meu plano com essa mulher. A não ser a vida ridícula da sua família.

EMMA

De repente, a velha parou na minha frente. Era excepcionalmente ágil para sua idade. Na verdade era excepcionalmente ágil para qualquer idade. Abriu a boca e notei que um passarinho poderia construir um ninho nos buracos da sua dentadura. De novo perguntou:

– Você ter dinheiro?

– Não vê que estou no meio de um ataque de nervos? – grunhi.

– Você ter dinheiro? – insistiu. Parecia de muito mau humor. E não era só porque eu não lhe dava o dinheiro. Era como se eu a repugnasse profundamente. Será que era por causa do meu choro?

A mendiga estendeu a mão para mim. Ainda que tivesse desejado dar-lhe algum dinheiro, não teria conseguido: minha fantasia de Drácula realmente tinha uma linda capa, mas sem bolso. E eu não trouxera minha bolsa, porque um vampiro com um acessório desses não era nem um pouco autêntico.

– Você estar infeliz com família – afirmou.

– Você ser muito perspicaz – respondi.

O bom foi que a conversa da velha me fez parar de chorar. Assoei o nariz, enquanto ela se dirigia aos outros, com nojo:

– Vocês ser tão infelizes quanto ela.

A julgar pelos olhares da minha família, ela os pegou em flagrante. Meu Deus, será que aquela desdentada tinha razão? Meus filhos e meu marido eram tão infelizes quanto eu? Estive a ponto de começar a chorar outra vez. Ainda mais forte.

Antes, porém, que meu canal lacrimal voltasse à ativa, a mendiga disse enfaticamente:

– Todas as famílias felizes são parecidas. Mas as infelizes são infelizes cada uma à sua maneira.

– Você engoliu uma edição de *Anna Karenina*? – perguntei muito irritada, pois sabia que era uma citação do Tolstói. Minha família não tinha a menor ideia sobre o que eu estava falando. Não conheciam Tolstói e com certeza teriam caído em sono profundo antes da terceira página de *Anna Karenina*.

– Eu ajudar Tolstói a escrever naquela época – declarou a velha.

– Isso não é possível – retruquei, pois sabia que o livro tinha sido escrito no século XIX. A mulher era muito velha, mas não tão velha a ponto de ter vivido naquela época.

A resposta foi um sorriso desdentado. Sabichona. Arrogante. Meio louca. Não, risquemos “meio” e substituamos por “completamente”. Senti medo e ordenei:

– Desapareça!

Não respondeu nada e continuou sorrindo. Encarou-me profundamente nos olhos, e tive a horrível sensação de que ela conseguia ver fundo na minha alma. Queria me afastar, mas seu olhar me prendia. Não conseguia me desvencilhar.

– Desapareça... – repeti num tom fraco.

– Você não valorizar sua vida – proclamou depreciativamente.

– E você ser rude – contra-ataquei com valentia, mas em seguida veio o medo: será que ela tinha visto realmente algo na minha alma, como eu me sentia?

Finalmente, ela desistiu de mim. Mas ainda não pude respirar tranquila, pois, em vez de fugir e ir aterrorizar outras pessoas, ela se dirigiu ao Max. Ela o encarou profundamente nos olhos, ele também não conseguiu afastar-se dela e sentiu medo. Depois de alguns terríveis segundos de silêncio, ela disse:

– Você fugir da vida!

Nisso eu tinha que lhe dar razão, pois Max realmente vivia recluso.

Ela continuou seu caminho, e Max cambaleou para o lado. A próxima vítima foi Fee. Embora Fee também quisesse desviar o olhar, não conseguiu. Tal como eu e Max.

– Você não ter ideia do que fazer com a sua vida – declarou à Fee.

– Mas pelo menos não falo como se fosse um Jedi da escola do mestre Yoda – contra-atacou Fee.

Embora estivesse morrendo de medo da velha, Fee tentou não demonstrar, mas sem sucesso: começou a estalar os dedos, como sempre fazia quando ficava nervosa. Max, ao contrário, entrelaçava as pernas como se estivesse quase fazendo xixi nas calças. Sempre foi um menino extremamente medroso. Desde pequeno tinha medo de todas as coisas possíveis: de palhaços, medusas na praia, canções de marinheiros...

– Deixe nossos filhos em paz – afirmou Frank e se colocou diante da louca.

Um erro. Porque também ele caiu no feitiço de seu olhar hipnotizador. Na alma dele – a essa altura eu estava convencidíssima de que a mendiga podia ver a alma das pessoas – a velha encontrou:

– Você não ter emoção na vida.

Depois de ouvir isso, Frank começou a tremer. Nós todos tremíamos. Não foi isso que imaginei com a minha expectativa de

“fazermos alguma coisa juntos”.

A velha mendiga tirou um amuleto do bolso do seu casaco rasgado. Era de prata, o castão parecia uma cabeça de gato e trazia a seguinte inscrição: “Baba Yaga”.

– Eu morrer logo – gritou.

– Sinto muito – tentei desconstrair a situação mostrando-me mais compassiva.

– Não acreditar em você – retrucou, colocando o amuleto agressivamente diante do meu nariz. Tive a sensação de que ela queria me matar. Ou me bater com o amuleto, ou soltar seu bafo fedido na minha cara.

Nesse instante não tive mais pena dela. Ao contrário, me peguei com o mau pensamento de que seria bom se esse “morrer logo” chegasse rápido.

– Eu em três dias morrer, e vocês lamentar!

Foi por isso que ela me olhou feio desde o início. Ela me considerava uma chorona egoísta.

– Vocês não viver suas vidas. Suas vidas não ter valor! – berrou, e seu hálito quase acabou comigo.

– Ei... você não acha que está exagerando...? – disse eu, tentando acalmá-la.

Ela gritou com os olhos faiscando:

– Eu amaldiçoar vocês!

– Ei... como assim... o quê? – perguntei amedrontada.

– Eu amaldiçoar vocês! – repetiu, e suas pupilas pareciam agora soltar faíscas para todos os lados.

Fee retrucou com valentia:

– Não, você nos irritar.

Em vez de responder, a velha ergueu o amuleto em direção ao céu e disse, quase uma oitava mais grave e três vezes mais

horripilante:

– *Este tranaris, este pranduce...*

– O que é isso agora? – perguntei com medo.

– *Nici mort...* – continuou murmurando. – *Niki al franci...*

– Ela não está falando sério...

– Acho... acho que está – disse Frank. Sua voz soou assustada, enquanto apontava para cima. Olhei para o alto e vi: o céu estava sem nuvens, e mesmo assim começou a relampejar.

Max olhou para cima boquiaberto. Tal como eu e Frank. Fee, no entanto, se aproximou da velha tentando encontrar algum tipo de explicação para o espetáculo, tão improvável quanto podia parecer, e disse corajosamente:

– Nossa, supershow... de primeira... não sabia que agora as mendigas faziam shows pirotécnicos... Mas eu não sou fã dos efeitos especiais...

Como resposta, os olhos da velha começaram a ficar verdes de repente... como esmeraldas. Completamente verdes. Não dava para ver suas pupilas.

– Também não sou fã de olhos verdes... – sussurrou Fee, visivelmente intimidada.

Finalmente, Max recobrou a voz e balbuciou com medo:

– Sua idiota, isso não é pirotecnia: é magia negra.

A velha mendiga reforçou a tese de Max com mais encantamentos:

– *Re spirit, re brut...* – gritou. Mais alto. Mais grave. Mais horripilante.

Os raios se juntaram no céu, formando uma enorme bola de fogo cintilante. Embora eu, europeia ocidental esclarecida, não devesse acreditar em bruxaria, as circunstâncias mostravam que o que estava acontecendo ali era justamente isso. Será que essa mulher estava praticando magia negra, como disse Max? Ou talvez fosse uma bruxa? O que significavam aquelas sutilezas, como os raios

pendurados sobre nós? Era evidente que a qualquer momento eles cairiam sobre nós.

– *Rece brut tre animal!*

Agora a bola de fogo pendia no céu bem acima de nós. Um medo terrível se apoderou de mim. Um pânico mortal. Mas sentia menos medo por mim do que pelas crianças. A mulher dissera que nossa vida não valia a pena. Isso incluía Fee e Max.

– Poupe as crianças... – supliquei. – Por favor!

Frank repetiu baixinho:

– Por favor...

A velha nos olhou e sorriu. Era um sorriso medonho. Mas pelo menos sorria diante de minhas súplicas pelos meus filhos. A esperança brotou em mim. Será que a bruxa – o que mais ela podia ser? – realmente pouparia meus filhos?

A bruxa parou de sorrir.

Meu coração ficou pequenininho de tanto medo pelos meus filhos. Foi como se alguém o esmagasse. Esse deve ser o sentimento mais pavoroso que um ser humano pode experimentar. De qualquer forma, foi o mais horrível que eu já sentira na minha vida.

Os olhos verde-esmeralda brilhavam cada vez mais intensamente, como se houvesse uma explosão nuclear dentro deles. A bruxa abriu a boca desdentada e gritou:

– *SEMPER MONSTER!*

Aí os olhos explodiram de verdade, lançando raios verde-esmeralda para o céu. Como raios laser.

Fee balbuciou baixinho, assustada:

– E também não sou fã disso.

E Frank disse com voz trêmula:

– Tenho que concordar com você.

Os raios verdes vindos dos olhos da mendiga se juntaram à bola de fogo cintilante que pendia sobre nós. Com uma lentidão interminável, quase em câmera lenta, a bola se dissolveu em raios sob um bombardeio de luz esmeralda. Em raios verde-esmeralda. Arremessados sobre a Terra. Quatro no total. Caíram direto em nós. Em cada um de nós.

Antes que nos alcançassem, Fee – rebelde até no momento de pânico mortal – murmurou:

– Se vou morrer justamente hoje, então vou virar uma fera.



Se tivesse tido tempo e calma para refletir sobre como é ser atingido por um raio – não importa se verde-esmeralda ou de outra cor qualquer – certamente teria suposto que era como receber uma enorme descarga elétrica. Uma descarga que acaba nos reduzindo a um monte de cinzas que se espalham com o vento, contribuindo, assim, para o aquecimento da Terra por meio da emissão de CO₂.

Na realidade, não senti como uma descarga elétrica, mas como se alguém me cortasse em mil pedacinhos. Não, não foi “como se”. Foi exatamente assim.

Não sei se gritei quando me despedacei. Por um instante, minha boca se tornou também um pedacinho. Talvez ela tenha dito: “Eu deveria ter dado dinheiro para a velha”.

E logo fui recomposta. Com pedaços novos. Entre eles, como constatei mais tarde, dois dentes afiados.

Quando voltei a abrir os olhos, estava deitada no chão e via tudo confuso. Como através de um vidro opaco. A única coisa que percebi foi que a lente esquerda de meus óculos tinha trincado. Tirei os óculos e, de repente, vi tudo com clareza. Como poderia ser? Não que eu fosse cega sem meus óculos, mas eu era míope. Só que agora eu estava vendo perfeitamente – quase em alta definição

– que a louca estava rindo de mim com sua dentadura podre. Quase botei os óculos de novo.

Queria ter ido falar com a velha, brigar com ela, saber o que ela tinha feito com a gente, quando ouvi Fee gritar em pânico:

– Não consigo tirar as ataduras!

Meu coração de mãe não podia suportar o pânico na voz de minha filha. Deixei a bruxa louca dando gargalhadas e corri para Fee. Estava sentada no meio-fio, arrancando as ataduras, que agora estavam diferentes. Antes pareciam gaze de farmácia, agora estavam velhas, sujas e cinzentas. Como se tivessem ficado debaixo da terra.

Sentei-me ao lado de minha filha no meio-fio e disse:

– Não tem problema, minha coelhinha, mamãe te ajuda.

Antigamente, quando ela era pequena, eu sempre a chamava de coelhinha. Mas, quando chegou à puberdade, Fee passou a se irritar ao ouvir a palavra “coelhinha” e me lançava olhares que mais pareciam mísseis. Agora, contudo, estava tão aterrorizada que recebeu a palavra com uma confiança quase infantil.

Tentei soltar as ataduras da fantasia. Em vão. Era como se eu estivesse puxando a sua pele.

– Você também não está conseguindo, não está conseguindo...

– constatou Fee, totalmente pirada.

Eu também teria pirado com ela, mas não podia me dar esse luxo. Tentei, então, acalmá-la com uma mentira. Abracei-a e declarei:

– Tudo isso não passa de um sonho muito, muito ruim, coelhinha.

Quando Fee era pequena, eu costumava dizer-lhe coisas assim quando ela acordava de noite depois de um pesadelo. Então deixávamos que ela subisse na nossa cama, onde, às vezes, se

queixava da flatulência de Frank dizendo: “Ô, papai, bem que eu queria estar com o nariz entupido agora”.

– Isto é um sonho...? – perguntou Fee, incrédula, em meus braços.

– Sim, não é mais do que uma quimera da sua imaginação.

– Parece bom... Seja lá o que isso significa.

– Quer dizer... – comecei a explicar.

– ... pouco me importa – complementou minha frase e se aconchegou a mim.

Havia anos ela não se aconchegava a mim dessa forma. Vi seus olhos no meio daquelas faixas sinistras e apertadas. Pareciam assustadoramente envelhecidos. E as pupilas estavam negras. Tentei disfarçar o terrível pânico que tomou conta de mim.

– Que a velha esteja rindo, é também uma quimera? – inquiriu Fee.

– Sim... – respondi baixinho.

– E os vizinhos fechando as cortinas de medo?

Ergui a vista e olhei as casas. As pessoas na janela estavam realmente com medo. Por causa dos raios. Por causa da velha. Por causa da gente?

– Isso também é uma quimera – confirmei.

– Gostei da tal quimera – afirmou Fee. – Embora a palavra soe um pouco estranha.

Ignorei o comentário.

– Não deveria ter fumado maconha ontem – murmurou nos meus braços.

– Você fumou maconha? – perguntei brava, mas logo depois me dei conta de que tinha outros problemas.

– Com certeza estava adulterada – suspeitou Fee. – Talvez com plástico líquido...

Adulteravam a maconha com essas coisas? Pelo visto, o mundo dos adolescentes de hoje era muito mais perigoso do que eu temia. Mas possivelmente não tão perigoso como aquilo que estávamos vivendo naquele momento.

– Então, estou imaginando tudo isso? – perguntou Fee, que precisava de uma confirmação a cada cinco segundos.

– Sim.

– Também estou imaginando que o Max levantou uma perna e mijou no poste?

– ELE FEZ O QUÊ?

Olhei para Max. Parecia um lobo de verdade. E levantou sua perna no poste.

Levantou a perna?!?!?!?

– Se você também consegue vê-lo – disse Fee trêmula –, então isto não é um sonho.

– Não estou vendo nada – continuei mentindo.

– Então o papai não está com dois metros e trinta de altura nem acaba de arrancar a porta do carro?

Olhei para Frank. Era um gigante. Um gigante com um crânio quadrado. Ele se parecia mais com o maldito monstro Frankenstein do que o Boris Karloff. Ele segurava a porta arrancada do carro na mão e me encarava com olhos grandes e meio apalermados.

– Você também não está vendo isso? – perguntou Fee.

– Não... e pare de fazer perguntas de uma vez por todas!

– Eu mal podia me concentrar em impedir que ela perdesse a cabeça, porque estava muito ocupada em manter a minha sanidade.

– Tudo ficará bem – sussurrei, relaxei o abraço e me dirigi à bruxa, que nesse meio-tempo tinha ficado mais contida.

– O que você fez com a gente? – inquiri.

– O que vocês mereciam.

– O que significa isso? – perguntei.
– Só vive feliz quem dá valor à felicidade na vida.
– Se eu quisesse falar com um biscoitinho da sorte, compraria um – declarei furiosa.
– Eu transformar todos vocês.
– Transformar?
– Eu mostrar para você – respondeu.
– É bom mesmo, senão quem vai lhe dar uns tapas sou eu – retruquei erguendo a mão.

Ela abriu o casaco, enfiou o amuleto no bolso direito interno e tirou do esquerdo um espelhinho hexagonal de madeira.

– Ser o único espelho do mundo – anunciou – onde você poder se ver.

Olhei no espelho e vi que meu rosto estava totalmente pálido. Quase como um pergaminho fino. E bem liso. Eu não tinha mais rugas. Nem espinhas. Até minha pequena verruga no queixo tinha desaparecido. Meus olhos ficaram vermelhos. Vermelhos cor de sangue. Mas eu irradiava uma vitalidade incrível. Tinha um aspecto muito bom. Incrível. Muito, mas muito legal.

Se minha aparência incrível se devia ao espelho, então gostaria de ter um no nosso banheiro.

Mas claro que não era por causa do espelho.

Percebi isso ao ver um último e pequeno detalhe aterrorizante na minha imagem refletida: eu tinha dois caninos brancos reluzentes.

– Sou... sou um vampiro? – perguntei perplexa à bruxa.

– Demorou para entender, hein?! – respondeu.

E foi embora.

MAX

As pessoas inteligentes como eu acham que os outros têm um QI de ameba. Meus pais e minha irmã demoraram para processar, mas eu compreendi logo o que estava acontecendo: a mendiga nos transformara em monstros com sua maldição. Para sempre. O que em latim significa *semper* (eu tirava dez nessa matéria também). Todo mundo sabe, por antigos relatos, que as mendigas são supercompetentes em matéria de maldição. Mas nem tanto quando o assunto é tratar dos dentes. De qualquer forma, foi bom eu não ter escolhido uma fantasia de zumbi.

Eu era, portanto, um lobisomem, mas não tinha ideia se isso era bom ou ruim. O lado positivo era que, como ser animalesco, eu estava destinado a ser veloz e forte, apesar de ainda não ter testado. Eu me sentia capaz de correr cem quilômetros, embora, normalmente, cem metros rasos da escola já fossem para mim um longo percurso. Mil metros, então, uma via-crúcis.

O lado negativo era ter pelo no corpo todo. Se era para *semper*, isso significava que eu nunca conquistaria uma garota (mamãe já reclamava das costas peludas do papai). Por outro lado, pelas histórias em quadrinhos dos X-Men, as mulheres achavam o Fera, o herói peludo, muito sexy. Mas sejamos francos: quem quer uma garota vidrada em homem peludo?

Eu não tinha muita certeza se deveria achar bom ou ruim ter um olfato animal tão apurado. Por um lado, ele me abria um mundo de sensações totalmente novas e fascinantes. Por outro, eu sabia exatamente que um mendigo tinha acabado de urinar no canto de um edifício.

– Pega! – mamãe gritou para mim.

Ela realmente gritou “pega”.

Estava totalmente histérica. Com certeza, queria que eu pegasse a bruxa para que ela desfizesse a maldição. Pelo visto, mamãe tinha começado a processar o que estava acontecendo e não estava a fim de passar o resto de sua existência imortal como uma vampira.

Eu, ao contrário, estava bem indeciso se queria ou não continuar sendo um lobisomem. Como lobisomem eu possuía superpoderes. Poderia combater bandidos e me tornar um super-herói, o que enlouquecia as garotas, mesmo aquelas que não gostam tanto assim de muito pelo.

Por outro lado, eu sabia que, em todas as histórias, os mutantes sobrenaturais acabam sendo flambados na fogueira pelo povo da cidade. Ou vão parar na mesa de dissecação de algum laboratório do governo norte-americano, na esperança de que deles se possa extrair algum tipo de soro fortificante. Esse soro, então, seria injetado imediatamente nos soldados, que se transformariam em lobisomens vestidos com uniformes do Exército e seriam mandados de helicóptero para o Afeganistão, para mostrar aos talibãs o que é um assunto “cabeludo”.

Se eu soubesse que seríamos amaldiçoados hoje, teria me fantasiado de outra coisa: de Super-Homem, por exemplo. Embora tivesse que andar por aí o tempo todo com um pijama azul. James Bond teria sido mais fascinante. Ou, melhor ainda: Godzilla. Como Godzilla eu poderia arrasar minha escola só com a cauda. Ou pulverizar a privada onde meu torturador sempre enfiava minha cabeça e depois dava descarga.

A propósito, meu torturador se chamava Jacqueline.

Sim, meu *personal* terrorista era uma garota. Tinha quinze anos e ainda frequentava a sétima série. Era bem atraente, ao menos para aqueles que gostam de mulheres saradonas com piercings e tatuagens de pitbull.

Os professores tinham tanto medo dela quanto os alunos, por isso a deixavam livre para fazer o que lhe desse na telha e só diziam coisas como: “quem ama, provoca”. Quando eu então perguntava: “Pode até ser, mas também podem acabar na lixeira, não?”, me respondiam: “Ah, mas isso faz parte da provocação”.

Jacqueline aterrorizava principalmente a mim, porque entre nós existia a maior distância de QI da escola. Sempre tentava conservar a dignidade durante seus ataques. Uma vez eu lhe disse: “Um dia vou passar por você com minha Mercedes de luxo e você vai estar vivendo de programas sociais do governo”.

– Sim – admitiu rindo. – Mas dentro da sua Mercedes, você vai se lembrar de que essa mulher que vive de programas sociais do governo costumava te surrar sempre na escola.

– PEGA! – gritou mamãe de novo.

Agora era para valer. Tinha que começar a me decidir. Queria permanecer um lobisomem forte, mesmo correndo o risco de ser morto com balas de prata? Ou um rato de biblioteca cuja cabeça a Jacqueline continuaria enfiando na privada?

Não foi difícil decidir.

– PEGA!!! – gritou mamãe outra vez.

Sentei-me sobre as patas traseiras. E embora fosse da espécie de lobisomens que podiam falar como humanos, apenas respondi: – Au! Au!

EMMA

Éramos todos monstros. Aberrações... criaturas desfiguradas... monstros!

Tinha que obrigar a bruxa a desfazer o feitiço. Para isso não bastava apenas pegá-la, precisaria certamente de ajuda. Corri na direção do Frank, que ainda olhava confuso para a porta do carro.

– Ei! – gritei.

Ele continuava olhando a porta.

– Ei! – gritei ainda mais alto. Ele olhou para mim e inclinou a cabeça para o lado. Parecia que estava tentando se lembrar de mim, mas não conseguia.

– Temos que obrigar a bruxa a desfazer o feitiço! – anunciei.

– Ufta – respondeu ele com uma voz profunda e metálica.

Vai saber o que significa “ufta”.

– O quê? – perguntei.

– Ufta – disse novamente com voz metálica.

Isso também não ajudava a entender as coisas. Era um problema de fala ou de inteligência? Pela forma como me olhava, temi o pior.

– Sabe quem sou? – perguntei cautelosa.

– Ufta? – respondeu.

– Não, eu me chamo Emma – contestei.

– Ufta? – EMMA!

– Efta?

Eu já estava conseguindo algum progresso, embora mínimo.

– Emma – tentei de novo, pronunciando com clareza.

– Ufta? – repetiu.

Que progresso que nada!

– Argh – gritei desesperada.

– Argh? – ele perguntou apontando para mim.

– Não, não sou Arrghh, sou Emma!

– Efta – disse ele satisfeito com sua voz metálica.

– Alguma coisa me diz que você não será de grande ajuda – constatei desolada. E mais desolada ainda constatei que essa tinha sido a conversa mais longa que tivéramos nas últimas semanas.

A essa altura do campeonato estava claro que teria que encarar a bruxa sozinha. Quando comecei a correr, a velha ligeirinha já tinha quase alcançado o fim da rua. Frank me chamou:

– Efma!

E em sua voz havia um pouco de alegria ao perceber que tinha feito progressos na aprendizagem. Enquanto acenava com a porta do carro, me perguntava como explicaríamos os danos à companhia de seguros.

Contudo, esse pensamento deu lugar a outro. Notei que, correndo, eu alcançava uma velocidade incrível. Como vampiro eu poderia tranquilamente participar do Tour de France. Sem bicicleta.

A bruxa dobrou em uma rua sem saída. Como essas que aparecem em séries norte-americanas. Uma dessas em que o traficante de drogas latino tenta desesperadamente escalar o muro alto que existe no final da rua, mas o policial o pega, joga-o no chão e bate nele da maneira como eu gostaria de bater na bruxa. A velha corria em direção ao muro, mas não me deu o gostinho de pegá-la. Ao contrário, ficou em pé no meio da rua e ria da minha cara com ar superior. Logo em seguida subiu pela parede de um velho edifício que estava do seu lado direito.

Sério, ela subiu pela maldita parede!

Devagar. Sem parar. Na vertical. Em ângulo de 90 graus em relação ao chão. Como se tivesse superventosas na sola dos sapatos. E uma musculatura impressionante, que não se adquire em academia de ginástica. Olhou para mim embaixo e gargalhou de novo com arrogância. Ela era muito exibida.

– Merda – murmurei frustrada, pois ela já estava quase me escapando. Apertei o punho e dei um salto, xingando. Três metros! Pelo jeito, vampiros também eram capazes de dar saltos impressionantes. Contudo, em vez de me alegrar, fiquei muito assustada em voar tão alto. Em pânico, agarrei-me com uma mão à calha do edifício e, com a outra, cravei as unhas no peitoril. Fiquei grudada à parede como se King Kong tivesse me cuspidado nela. Puxei-me para cima do peitoril e fiquei de pé justamente abaixo da bruxa e pude ver por debaixo da saia larga que usava. Em uma noite cheia de visões horripilantes, esta última foi o ápice.

Em cima de mim havia outro peitoril. Pulei do meu e fui parar um andar acima. A bruxa perdeu o sorriso desdentado no rosto e acelerou o ritmo:

– Você não me pegar! – gritou para mim.

– Você estar cantando vitória antes da hora – revidei, segura, e saltei imediatamente para o peitoril seguinte. Vi, então, por meio de uma janela entreaberta, um casal por volta dos trinta fazendo sexo. A mulher me viu e disse o que provavelmente eu teria dito em seu lugar:

– AHHHHHHHHH!

O homem, que ainda não tinha me visto, reclamou frustrado:

– Agora você está exagerando na crítica às minhas habilidades de amante!

A mulher apontou para a janela, ele se virou e me viu, então repetiu o mesmo:

– AHHHHHHHHH!

Desconcertada, balbuciei o pior que se pode dizer numa situação assim:

– Não se incomodem por minha causa. Podem continuar.

Os dois olharam assustados os meus caninos afiados e não continuaram.

Por minha vez, olhei para cima. A velha já estava no quarto andar, mais um andar e alcançaria o telhado. Deixei para trás o casal, que iria precisar urgente de um terapeuta sexual, e continuei pulando de peitoril em peitoril.

Quando a bruxa alcançou o telhado, cheguei ao quarto andar e parei diante de um velho bêbado, que estava em pé na frente da janela aberta com uma garrafa de vinho tinto na mão. Vestia uma cueca branca e uma dessas camisetas coladas ao corpo, que eu pensava já terem saído de moda na década de 1980. Quando me viu, surpreendentemente não levou nenhum susto, ao contrário, comentou em tom de aprovação:

– Finalmente algo diferente.

– Como assim diferente? – perguntei e escondi minha boca atrás da capa para que não visse meus dentes afiados. Não queria assustá-lo à toa.

– Quando estou bêbado, sempre vejo minha filha morta.

Senti compaixão pelo homem. Com certeza era a dor pela perda da filha que o empurrava para a bebida. Eu também teria ficado assim se a bruxa tivesse matado meus filhos. Com certeza, teria me tornado uma bêbada. Ou teria me suicidado logo.

– Trago saudações da sua filha. Ela está muito bem no céu – disse-lhe docemente.

O homem sorriu emocionado. E eu também, atrás da minha capa. No meio de todo esse caos tive um momento de humanidade. De triste humanidade, mas não importa.

Lembrei, então, que tinha outra coisa para fazer. Dei dois pulos e aterrissei elegantemente sobre o cascalho do telhado. Em circunstâncias normais, eu poderia ter curtido a maravilhosa vista das luzes de Berlim (de fato só faltavam uma cadeira de praia e uma margarita), mas eu estava perseguindo a bruxa. Ela corria para a borda do telhado. Eu a pegaria logo. Mesmo que ela descesse pelo edifício, eu saltaria mais rápido do que ela pudesse correr. Mas ela não desceu ao chegar à borda. Nem ficou parada. Pulou para o prédio ao lado e continuou correndo. Alcancei a borda freneticamente e me perguntei se devia pular também. Aparentemente, meu novo corpo era capaz de tal façanha. Mas a distância me dava um medo danado. Possivelmente não sobreviveria a uma queda dessa altura. Nesse momento, era para o meu coração estar acelerado. Pus a mão no peito, mas não senti nenhum batimento.

Meu Deus, eu não tinha mais coração!

Um medo atroz me dominou. Não tinha escolha: precisava pegar a bruxa e, para isso, tinha que pular também. Dei alguns passos para trás, tomei impulso e pulei. Com força. Longe. Era uma sensação extraordinária. Como voar!

Após alguns segundos inebriantes aterrissei no outro telhado. A bruxa não ficou entusiasmada com isso e pulou para o telhado seguinte. Eu a segui. Aquilo virou uma perseguição pelos telhados de Berlim, e temi que a coisa continuasse assim por horas a fio, pois a cidade tinha muitos telhados. Mas não podia desistir, queria que minha família voltasse a ser o que era até alguns minutos atrás, embora não me parecesse tão especialmente atraente assim. Na verdade, continuava a não parecer. Mas era muito melhor do que ser eternamente a família Addams das histórias de monstros. Por outro lado, ao contrário de nós Wünschmann, os Addams eram mais felizes! Agora dei para ter inveja até de uma família de monstros.

Justamente quando começava a me chatear, percebi que não me concentrara direito em meus saltos. Queria apenas saltitar de um edifício para o outro, quando notei que deveria ter tomado mais distância para pular. Muito mais. Caí como uma pedra. Não tive nem tempo de balançar as pernas como um personagem de desenho animado. Bati com estrondo no teto de uma van que passava. Com o impacto, amassei ruidosamente o teto do carro. Eu rolei descontroladamente sobre o carro e caí na rua de forma desajeitada. Justamente sobre meu ombro, que doeu horrores. Ainda que o corpo de vampiro fosse atlético, pelo visto estava muito distante de ser invulnerável. Levantei-me, ajeitei o ombro, o qual por sorte eu ainda podia mexer, e vi a van se distanciando. O motorista olhou pelo retrovisor. Mas não conseguiu me ver. A imagem dos vampiros não se reflete no espelho. E isso me levou a perguntar-me: se os vampiros não podem se ver no espelho, como as vampiras se maquiam, sem ficar parecidas com o palhaço Ronald McDonald?

Escutei a gargalhada da bruxa. Olhava para mim, zombeteira, de cima do telhado. Mas, em vez de desaparecer definitivamente, ela desceu o prédio na vertical, assustando os pedestres. Quando a bruxa alcançou o chão, andando de novo na horizontal, postou-se diante dos passantes assustados e ordenou:

– Vocês ir para casa e esquecer tudo o que viram.

Nunca vi pessoas concordando de modo tão unânime. E desaparecendo tão rapidamente.

– Você ter força de um vampiro – constatou satisfeita ao dirigir-se a mim. – E você poder usá-la. Não muito bem. Mas paciência.

– Do que está falando?

– Eu testar você.

– Como assim?... O quê?... A perseguição era apenas um teste?...

– Eu já dizer – disse a velha gargalhando. – Você ser tapada.

Não compreendi mais nada. Para que ela estava me testando?

– Ele gostar de você – disse, anuindo contente.

– Quem? – perguntei. – Quem vai gostar de mim?

– Ele.

– Ele não é um nome. De quem se trata?

– Do príncipe dos condenados.

– Isso é linguagem criptografada? – perguntei irritada.

– Não – riu –, não é. – Finalmente conseguiu pronunciar uma frase completa sem erro. Só que não me serviu de nada.

– Agora, por fim, viajar de volta para casa. Graças a você, eu agora poder morrer.

Deu meia-volta e partiu. Devagar. Com muita calma. Em direção a uma lanchonete especializada em kebab chamada Superkebab do Don Osman. O que queria a bruxa ali dentro? Comer a especialidade da casa? Na verdade, não importava. Lá dentro estava presa como em uma ratoeira. Agora eu a apanharia. Com violência. Com meus dentes afiados. Não importava como!

Decidida, entrei na lanchonete. Assim que cruzei a porta, passei mal. Não era um mal-estar de quem vai a uma lanchonete onde uma carne gordurosa fica girando vinte e quatro horas por dia, desde a chegada dos primeiros imigrantes turcos na Alemanha, e cheira como tal. Ao dar o primeiro passo na lanchonete, desmaiei, arrastando comigo um banquinho de alumínio, e caí com a cara no chão. Senti uma dor aguda. Quis perguntar o que estava acontecendo, mas da minha boca só saiu um estertor. Contudo, a bruxa me entendeu. Inclinou-se na minha direção e sussurrou apenas uma palavra no meu ouvido:

– Alho.



Ao acordar, eu estava deitada ao ar livre, e Don Osman, o proprietário da lanchonete, estava me aplicando respiração boca a boca. Por sorte, Don não se alimentava de seus próprios kebabs, nem cheirava a alho. Provavelmente conhecia a procedência da carne barata do seu fornecedor e, por isso, só comia verduras da Anatólia.

Osman colocou seus lábios sobre os meus, e este foi – devo confessar –, infelizmente, o momento mais íntimo que tivera com um homem em semanas. Do nosso lado havia um cara com terno risca de giz, tipo banqueiro mauricinho, comendo impassível seu kebab. Pelo visto, ao contrário de Frank, ele tinha um estômago de ferro, como todo funcionário de banco precisa ter se quiser fazer carreira.

Finalmente, Don Osman se afastou de mim e, em um alemão sem sotaque, contradizendo todas as opiniões negativas sobre a integração, disse:

– Esta mulher não está mais respirando.

Essa evidência teria me inquietado por alguns minutos, se já não soubesse que não tinha coração. Nesse meio-tempo, consegui reconhecer um conceito orgânico global.

– Ela... ela está fria como um peixe – gaguejou Don Osman abalado. Isso sim me incomodou:

– E o senhor não é nada amável.

O banqueiro parou de comer de tanto susto, demonstrando assim algo parecido a uma emoção humana. Don Osman exclamou:

– Por Alá!

– Acho que Alá não tem nada a ver com isso – declarei.

– O que... o que é você? – perguntou Don Osman.

Olhei para cima, vi que a mendiga tinha sumido, e respondi:

– Chapada.

Atordoada, agradei ao dono da lojinha por ter me tirado do seu negócio, me levantei e decidi voltar para minha família. Em vez de ir pulando pelos telhados, decidi seguir pelo caminho de sempre, pegando o bonde. Não tinha dinheiro nem bilhete, mas queria ir de bonde para normalizar um pouco minha vida. Pelo menos por alguns instantes. E de fato foi um curto instante, pois assim que subi, os passageiros começaram a me observar desconfiados, temerosos, quase em pânico. A mente deles queria se convencer de que eu apenas trajava uma fantasia. Mas o instinto deles dizia outra coisa. Sentiram que eu não era uma pessoa de verdade, e todos se mudaram para a outra metade do vagão. Pelo visto, os vampiros possuíam outra característica: podiam encontrar lugar livre a qualquer momento, mesmo nos horários de pico.

Enquanto o bonde chacoalhava pelas ruas, ouvi frases dos demais passageiros, tais como:

– Oh, meu Deus! A mulher... a mulher não tem reflexo na vidraça...

– Merda, é verdade!

– Isso... isso é só um truque.

– Mas que tipo de truque? – Coisas de Hollywood.

– Hollywood? Por acaso você está vendo o Tom Cruise por aqui?

– Não, estou com medo.

– Acho que não é nenhum truque.

– Começo a achar que não também.

– Acho que acabei de mijar nas calças.

Enquanto os outros passageiros pensavam se deveriam ou não puxar a alavanca de emergência, me perguntei quem seria o “príncipe dos condenados” que a bruxa mencionara. Por que o chamara de príncipe? Se eu fosse o chefe dos condenados, preferiria ser chamada de imperador ou rei ou presidente do conselho administrativo dos condenados. E por que o príncipe ia

gostar de mim? Nesse estado? Ou talvez com a aparência original? Esse nobre fajuto realmente possuía um gosto bastante excêntrico.

Finalmente o bonde parou. Desci, esqueci o príncipe e caminhei depressa até a rua onde deixara minha família, nosso carro e a porta do nosso carro. Fee continuava sentada na beira da calçada, olhando suas mãos enfaixadas como se fossem dois corpos estranhos. Max, ao contrário, rosnava para as pessoas que espiavam por trás das cortinas, e parecia estar gostando de vê-las se esconderem assustadas no interior de suas casas. E Frank? Frank observava dois policiais. Tinham descido da viatura policial e se aproximavam com o cuidado de quem se aproxima de um homem com dois metros e trinta de altura e parafusos na cabeça.

Um dos policiais era alto. O outro, baixo. Ambos eram atarracados. E os dois estavam inseguros. O fato de Frank ter acabado de dobrar um poste contribuía para a insegurança dos policiais. Frank não fazia por maldade. Era mais a curiosidade de um menino. Um menino curioso com uma força sobrenatural. Um pouco como o pequeno Obelix, de quem ninguém queria ser o pai ou a mãe.

– Larga isso! – ordenou o policial alto.

– Ufta? – respondeu exatamente o que eu esperava.

– O senhor é estrangeiro?

– Ufta?

– Você ser estrangeiro. Você ter permissão de residência? – perguntou o policial alto. Era um fenômeno interessante que os alemães sempre achassem que os estrangeiros os compreenderiam melhor se falassem mal o alemão.

– Uftata? – variou Frank.

– Mostra os documentos – exigiu o policial alto, que se aproximou de Frank acompanhado do baixinho. Gotas de suor frio

brotaram na testa do policial, e ele visivelmente se perguntava se fora uma boa ideia pedir os papéis.

Quando o policial alto estava próximo de Frank, este se sentiu ameaçado e grunhiu alto:

– Urgh!

Os policiais recuaram, e eu estava realmente convencida de que aquele “Urgh” era um sinal do que logo aconteceria aqui, o que os apresentadores de telejornal definiam como banho de sangue. Precisava interferir e me coloquei entre eles.

– Efma! – ressoou feliz a voz de Frank quando me viu, e fiquei feliz porque ele me reconhecera. Fiquei mais feliz ainda porque consegui desviar sua atenção dos policiais.

– Boa noite – cumprimentei os dois, que me olharam assustados. Com certeza, também teriam mudado de lugar no bonde, se me vissem embarcar.

– A senhora conhece o elemento? – perguntou o policial alto e tentou não deixar sua voz enfraquecer.

– Sim, é meu primo da Albânia – menti.

– Não parece albanês.

– Bem... é só meio albanês – esclareci depressa.

– E a outra metade é o quê? – perguntou o policial em dúvida.

Vasculhei meu cérebro desesperadamente e disse a primeira nacionalidade que me ocorreu. Infelizmente foi “norueguês”.

Os policiais com certeza não acreditaram nisso. Mas, antes que pudessem expressar sua desconfiança, Fee se aproximou, observou-os de perto e disse:

– Se vocês também são quimera da minha imaginação, então a coisa é oficial: minha imaginação deixa muito a desejar.

– O que é quimera? – perguntou o policial alto.

– O que é imaginação? – perguntou o baixinho.

– Quem são vocês afinal, aberrações? – perguntou outra vez o alto.

– Estávamos em uma festa à fantasia – tranquilizei-os.

Os dois gostariam de ter acreditado na minha mentira, mas éramos tão horripilantes que eles simplesmente não conseguiram. Enquanto isso, Max rosnava contente para uma mulher toda emperquitada com sapatos de salto alto, que acabara de dobrar a esquina e, ao vê-lo, concluiu que todos os caminhos levavam a Roma, inclusive em Berlim. A mulher saiu correndo, e Max teve visível prazer em assustá-la. Suspeitava cada vez mais que meu filho sabia exatamente o que estava fazendo.

– O cachorro... ou seja lá o que for... é seu? – perguntou o policial alto.

– Sim – respondi, mas não quis fazer carinho no Max para demonstrar. Sei lá o que ele poderia fazer com minha mão de vampiro.

– Mas onde está a coleira dele?

– Bem... quer dizer... é uma boa pergunta – gaguejei.

– Também acho.

– Uma que não se responde simplesmente com um “sim” – acrescentei para ganhar tempo.

– A pergunta começava com um “onde” – confirmou irritado o policial alto.

– Essa poderia ser a razão gramatical – concordei.

– Se não tem coleira, precisamos levá-lo para a delegacia! – o policial alto começava a perder a paciência.

– Precisamos mesmo? – indaguei.

– Precisamos mesmo? – perguntou assustado o baixinho. Ele realmente não sabia o que a palavra “imaginação” significava; no entanto, aparentemente, possuía inteligência o suficiente para imaginar o que ocorreria se alguém enfiasse um lobo como Max

dentro do camburão. Isso poderia significar, seu policial, que o senhor viraria comida para cachorro.

Olhando o baixinho assustado sugeri:

– Vamos todos para a casa e vamos esquecer a coleira.

– Acho uma ótima ideia – comentou o baixinho. – Podemos fazer vista grossa com a história da coleira. E também com o poste...

– Pretendem ir com esse carro? – interrompeu o policial alto, que parecia não considerar a possibilidade de “fazer vista grossa” e observava nosso Ford sem uma porta.

– Sim – respondi com a voz fraca.

– Vocês, aberrações, estão todos presos! – foi a resposta, e sacou a arma. Tinha perdido definitivamente a paciência.

– URGH! – opinou Frank, que reconheceu a ameaça.

Isso assustou o policial alto.

Já estava farta de tanta discussão. Por isso, como não tinha nada contra assustar ainda mais nossos amigos a serviço do Estado, disse:

– Ouviram o que o albano-norueguês disse, não é mesmo?

O policial alto, então, apontou a arma direto para mim.

– Não é séria essa história da arma, é? – perguntei rindo, mas em tom ameaçador.

– Grghh – grunhiu Frank, apoiando-me.

Então Max também se aproximou, levantou a pata e mijou na perna do baixinho. Depois latiu. O baixinho balbuciou aterrorizado:

– Não, não é sério. Era só brincadeira. Somos comediantes de verdade. Na delegacia nos chamam de Siegfried e Roy, como aquela dupla alemã que fez sucesso nos anos 1970 nos Estados Unidos, com shows de magia e tigres, lembram? A única diferença é que não fazemos magia nem somos tão gays. Na realidade, não somos nada gays nem temos tigre...

– Já entendi, Siegfried – eu disse. Em seguida me virei para seu colega alto e perguntei, rindo: – Você também, Roy? – E abri tanto a boca que meus dentes afiados brilharam lindamente à luz da lua.

– Também entendi – disse o policial alto e abaixou a arma. Fiquei muito aliviada. O perigo maior tinha passado. Podíamos ir para casa e conversar lá. Pensar no que tínhamos que fazer para sair daquele imbróglio. Se fosse possível.



A viagem de carro para casa foi muito apertada, graças a Frank, e muito arejada, graças à porta arrancada; o que não foi ruim, pois Max tinha um cheiro muito forte de animal peludo e Fee, de mortalha. Estacionei o carro quebrado diante do prédio, subimos as escadas, e justamente quando íamos entrar no nosso apartamento alugado, avisei a Frank:

– Cuidado, você tem que se aga...

Antes que eu pudesse pronunciar “char”, ele bateu contra o caixilho da porta. Com a testa.

– Ufta – grunhiu aturdido, e vi que um pedacinho de madeira se soltara com o choque. Depois de mostrar a Frank como inclinar-se, entramos em casa – graças a Deus um apartamento antigo, com pé-direito alto. Frank conseguia caminhar ereto pelos cômodos, o que não o impediu de bater a cabeça contra nosso lustre da Ikea¹², o qual balançou e voltou a bater na testa de meu marido. Furioso, Frank arrancou o lustre do teto e gritou:

– Irggh! O que supostamente equivalia a um “merda de Ikea!”. A lâmpada se espatifou ruidosamente contra o chão. O triste foi que, em meio ao caos que quase sempre reinava na nossa casa, isso não teve tanta importância.

Enquanto Max, assustado com a situação, metia o rabo entre as pernas, Fee corria de um lado para o outro como uma sonâmbula.

Eu começava a me preocupar seriamente com ela. Se um dia voltássemos a ser quem éramos, com certeza nós, os Wünschmann, precisaríamos de umas boas horas de terapia.

Entramos na sala de estar e me joguei no sofá. Normalmente, quando deitava no sofá à noite, corria o risco de pegar no sono lá mesmo. Mas já era uma hora da manhã e me sentia em plena forma, como se fosse uma da tarde. E tivesse tomado dois expressos duplos. Usando palavras de um hit idiota dos anos 1980 da cantora alemã Sandra, eu era provavelmente uma *creature of the night*¹³. Com ênfase na palavra “criatura”.

Fee se jogou ao meu lado e perguntou em voz baixa:

– Mamãe, não estou imaginando tudo isso... não é?

Observei-a. Ela não me dava a impressão de que surtaria caso escutasse a verdade, talvez mergulhasse ainda mais dentro de si. Pareceu-me um momento relativamente favorável para revelar a verdade, pois tudo indicava que permaneceríamos assim por um longo tempo. Não tinha a menor ideia de onde estava a bruxa, por isso expliquei:

– Fomos realmente amaldiçoados, coelhinha.

De fato, Fee mergulhou ainda mais dentro de si:

– Então isso tudo não é uma quimera, estamos fodidos mesmo.

Antes que pudesse dizer alguma coisa consoladora, Frank destruiu com os dedos a luminária. Menos pior, porque fora um presente da sua mãe, que acreditava que o mundo seria um lugar melhor se existisse a pena de morte.

Mas antes que Frank transformasse nossa casa definitivamente em um lixão, preferi conduzi-lo até o sofá. Suavemente fiz com que ele se sentasse sobre as almofadas. O sofá se curvou por causa do seu peso (250 quilos, talvez?), mas resistiu. Precisava encontrar alguma coisa que o mantivesse ocupado. Devia ligar a televisão?

Talvez não fosse uma boa ideia, ele poderia ver coisas horríveis que o deixariam louco: tiroteios, predadores ou música popular.

Peguei, então, um desses enfeites tipo globo de neve, que também fora um presente de sua mãe, após uma excursão a Colônia. Mostrei-lhe o que podíamos fazer para que nevasse sobre a catedral de Colônia, e ele ficou fascinado. Pegou o globo com o máximo cuidado, para não destruí-lo com a força de seus dedos. Balançou-o com carinho e riu quando a neve se mexeu:

– Hohoho.

Pareceu a risada do Papai Noel. Como se a sua voz tivesse sido distorcida por um aparelho metálico.

A risada profunda de Frank fez meu corpo vibrar. Com isso percebi que não tinha coração, não respirava, não tinha pulmão, mas tinha estômago. Quem inventara a anatomia dos vampiros? Talvez o mesmo babaca que concebera o órgão sexual masculino?

Ou o fato de que amor e fúria estivessem tão próximos assim?

A risada do Frank foi infantil. Ingênua. Inocente. De certo modo doce. Isso se alguém pudesse achar doces dentes que pareciam pedras gigantes e disformes. A última vez que vira Frank tão feliz foi no início do ano, quando viajou por uma semana com seus colegas de escola para o Egito.

Meu olhar recaiu então sobre Max, que saía da sala sobre suas quatro patas; eu o segui até seu quarto. Este era composto essencialmente por pilhas de livros que se amontoavam uns sobre os outros, e eu sempre achei que se alguém tirasse um livro dali, uma incontrolável reação em cadeia se produziria.

Max observava um livro intitulado *Os mortos-vivos*. Se não houvesse zumbis na capa, os quais de longe lembravam o Keith Richards, dos Rolling Stones, já teria me sentido atraída pelo título.

Max examinava o livro como se quisesse lê-lo em breve... Mas alguma coisa não se encaixava ali. Não era um lobo normal, ou

melhor, um garoto transformado em um lobo normal. Esse lobo parecia ter intelecto!

Embora fosse muito silenciosa e não respirasse (sem pulmão, eu não precisava fazê-lo caso não quisesse), ele me escutava com sua audição de lobo. Assustado, largou o livro, virou rapidamente, se afastou para o lado e fez de conta que nada acontecera. Só faltava cantar discretamente “lararará”.

– Pode me entender? – perguntei.

Nenhuma reação, a não ser meu olhar que também revelava “lararará”.

– Se você me entende, mexa o rabo. (Essa era uma frase que nenhuma mãe gostaria de dizer a seu filho.)

Max não se mexeu.

– Sei muito bem que você me entende.

Nenhuma reação de novo.

– Humm, se não conseguirmos reverter a maldição – disse como quem não quer nada –, teremos que castrá-lo. (E isso era uma ameaça que nenhuma mãe gostaria de fazer a seu filho.)

– Você não teria coragem! – respondeu Max sem pensar.

Isso me surpreendeu. Ele não só podia me entender, como podia falar. Não apenas latir!

Quando percebeu que se traía, segurou imediatamente o focinho com as duas patas dianteiras. Tarde demais!

– Por que você quis que eu pensasse que só podia latir? – perguntei irritada. Éramos uma família numa situação grave, e ele brincava tolamente de esconde-esconde.

– Eu... Eu... – ele disse hesitante.

– Você...? – insisti.

– Não quero que a maldição seja revertida.

– O... o quê?

– Não quero que...

– Sei o que ouvi – interrompi –, mas não compreendo o porquê, como assim?

– Gosto assim.

– Como assim? – eu simplesmente não conseguia entender.

– Agora... agora sou especial, excepcional – explicou baixinho.

– Mas você sempre foi especial.

Ele balançou tristemente a cabeça de lobo.

Aquilo foi um choque para mim. Meu caçula não se sentia especial antes? Só agora como lobisomem? Como não percebera que ele pensava tão mal de si mesmo?

– Graças à transformação, você também é excepcional – explicou Max. – Você é forte, veloz e, o melhor de tudo, imortal.

Imortal? Tentava conceber a ideia, mas fui incapaz de imaginar: teria que vagar eternamente pela Terra? Isso não surpreenderia apenas a previdência social. Além disso, como suportaria a vida eterna se, na minha vida normal, não conseguia ser feliz sequer por alguns dias?

Antes que pudesse aprofundar esse pensamento, ouvi como Frank uivava alto. Corri alarmada para a sala, Max me seguiu em suas quatro patas. Frank contemplava o globo de neve que estourara entre seus dedos. Segurava ainda a catedral de Colônia na mão. Mas sua tristeza não era o maior problema no momento. Fee desaparecera! No lugar onde estivera sentada, havia apenas seu celular.

FEE

Jannis, Jannis, Jannis... Precisava de alguém normal do meu lado. Tudo bem, Jannis não era assim tão normal. Alguém que “gosta de mim” não deve ser bom da cabeça. Os únicos caras que haviam confessado estarem loucamente apaixonados por mim em toda a minha vida já tinham sumido. Um gostava de se alimentar de sua própria meleca. O outro só queria ficar comigo para disfarçar, na realidade gostava dos bailarinos do *Quebra-Nozes*.

Contudo, em comparação com minha família, qualquer um era normal. E não apenas desde que tínhamos nos tornado monstros. Estava na cara que algo assim tinha que acontecer com os Wünschmann. E ainda por cima fiquei como múmia, enquanto a pirada da minha mãe, a quem devíamos agradecer por toda essa merda, pode ser uma vampira.

Por que nunca podia acontecer comigo o que aconteceu a Harry Potter? Por que não podia aparecer um gigante com barba e me dizer: “As pessoas com quem você teve que conviver dolorosamente todo esse tempo não são sua família. São apenas idiotas que, nos próximos sete volumes, se arrependerão de tudo que lhe fizeram”?

Toquei a campainha da casa do Jannis. Sabia que estava sozinho. Sua mãe o criava sozinha e era tão festeira quanto Lady Gaga, embora suas tranças de adolescente não caíssem muito bem em uma quarentona. De qualquer modo, deixava Jannis muito livre, bem ao contrário da minha.

Jannis abriu a porta. Imediatamente me joguei em seus braços. Isso o assustou. Garotos sempre se assustam quando as garotas demonstram muito sentimento (para ser sincera, nós garotas também nos assustamos quando os garotos fazem o mesmo). Mas o que podia fazer? Eu era uma múmia em decomposição. Mas se a gente não demonstra sentimento, então é melhor meter-se logo em um sarcófago.

– Você... está me sufocando – balbuciou Jannis, surpreso. – Só tenho uma caixa torácica.

Soltei-o, e ele me olhou espantado. Só então percebeu meu estado.

– Que fantasia legal é essa? – perguntou inseguro, pois não achou a fantasia tão “legal” assim, na realidade, achou repugnante.

– Isto não é uma fantasia... – comecei a dizer.

– É figurino de um filme? – perguntou.

– Não!

– Então só pode ser uma fantasia – afirmou, teimoso, e acrescentou: – De qualquer modo, está um pouco suja e fede que é um horror... Devia reclamar com quem alugou a fantasia para você...

– Não é uma fantasia, droga! – gritei.

– E o que é, então? – perguntou, intimidado com a minha explosão.

– Minha família foi amaldiçoada...

– Ok, tudo bem... – disse com um sorriso muito acanhado.

– Toca aqui! – Estendi-lhe o braço. – Toca na droga do braço!

– Ei, você está um pouco desequilibrada – constatou.

Esperei que não fosse idiota a ponto de perguntar: “Você está menstruada?”.

– Você está menstruada? – perguntou.

– TOCA DE UMA VEZ AQUI!

– Nunca uma garota me deu uma ordem de maneira tão romântica – esclareceu tenso. Então tocou meu braço, confirmou que as ataduras eram minha pele e começou a tremer.

– Eu... – esclareci baixinho – ... preciso de alguém que me abrace.

Jannis não parecia querer ser essa pessoa. Na verdade, parecia querer que alguém o abraçasse. Mas com certeza não queria que essa pessoa fosse a múmia histérica diante dele.

– Jannis... – supliquei – ... por favor...

– Isso... é um truque?

– Não, eu sou uma aberração! – gritei.

– Ou isso, ou você é muito perturbada para me pregar uma peça dessas. As duas coisas me parecem sinistras...

Enquanto falava, olhou para a porta e considerou a possibilidade de entrar em casa e bater a porta na minha cara. Depois me observou de novo com um misto de medo e nojo. Como se eu fosse um monstro. O que, por fora, de fato eu era. Mas e por dentro?

– Pensei... que você tava a fim de mim – disse com cuidado.

Refletiu por alguns instantes, mexendo-se com nervosismo, até que finalmente disse:

– Digitei errado.

Isso partiu meu coração. Maldições, ataduras, bruxas – tudo isso talvez fosse mais fácil de suportar, se ao menos ele estivesse a fim de mim.

– O que você queria digitar? – perguntei com uma última e desesperada centelha de esperança.

– Às vezes digito errado, porque sou vesgo – ele disse com voz fraca.

– O que isso quer dizer? – perguntei excitada. – Você ainda quer me ver?

– Bom, isso não importa agora... – comentou. E era verdade. A única coisa que importava era que não gostava de mim.

Naquele momento, desejei que os raios da bruxa tivessem nos matado.

– Além do mais, estou saindo com a Noemi – acrescentou Jannis.

Tinha um rolo comigo e se encontrava com outra? Justamente com a Noemi? Essa sim era um verdadeiro celenterado e tinha apenas duas qualidades extraordinárias. E as duas estavam relacionadas à parte superior do seu corpo. Que Jannis preferisse uma mulher com um par de melões piorava ainda mais a situação. Então desejei que os raios da bruxa não tivessem apenas me matado, mas a ele também. E, de quebra, os melões da Noemi.

Jannis queria realmente bater a porta na minha cara. Segurei-o desesperada pelo braço, olhei bem no fundo de seus olhos e disse muito triste:

– Gostaria tanto que me amasse.

Assim que eu disse isso, a expressão de seu rosto mudou, e ele falou languidamente:

– Eu te amo.

– O... o... quê? – perguntei confusa.

– Eu te amo – repetiu apaixonado.

Havia pouco eu lhe dava medo, e agora ele me puxava para si, da maneira como eu tinha desejado alguns segundos atrás. Contudo, não tinha muita certeza se devia ficar contente. Seu comportamento era muito estranho.

– Você está tão cheirosa! – afirmou e cheirou minha ataduras, como se exalassem o perfume Chanel, do número 1 ao 17.

– Tá gozando com a minha cara? – perguntei, empurrando-o.

– Não, eu te amo – retrucou absolutamente surpreso e me olhou apaixonadíssimo. Alguém consegue fingir tanto? E se não, de onde vinha aquela mudança? O que, afinal, estava acontecendo aqui?

– E a Noemi? – perguntei insegura.

– Só me interesse pelos peitos dela.

Inacreditável!

Seus lindos olhos me encaravam apaixonados, e fiquei tentada em perder-me neles. Não tinha mais vontade de pensar no que estava acontecendo aqui e murmurei:

– Gostaria que me beijasse...

Antes que pudesse completar a frase com “mas infelizmente tenho a cabeça coberta de ataduras”, Jannis me beijou e tentou aproximar sua língua da minha através da atadura. Por isso, não pude dizer mais nada a não ser:

– Hmm...

Quando acabou de babar nas minhas ataduras, ele disse bem sério:

– Foi o melhor beijo da minha vida.

Empurrei-o com força. Tinha alguma coisa ali que não se encaixava. Primeiro desejei que Jannis gostasse de mim, e, de repente, ele gostava. Depois eu quis um beijo dele, e então Jannis me beijou. Olhei ao meu redor, mas não havia nenhum gênio da lâmpada por perto para realizar os meus desejos. Não que eu realmente esperasse encontrar um, mas nessa noite completamente pirada tudo parecia ser possível. Até mesmo um gênio.

Continuei pensando. Nas duas vezes eu tinha olhado profundamente nos olhos de Jannis. Será que lhe havia imposto minha vontade? Será que, como múmia, eu tinha o poder da hipnose?

Decidi testar. Olhei de novo profundamente nos olhos de Jannis e ordenei:

– Jannis, desejo que você pule numa perna só.

– Amo pular para você – respondeu e obedeceu minha ordem.

Que cagada!

Isso queria dizer que eu podia hipnotizar as pessoas.

Mas também significava que os sentimentos de Jannis por mim não eram sinceros.

– Desejo que você me diga a verdade – ordenei, olhando bem fundo nos seus olhos de novo. – Você gostava de mim antes que eu desejasse isso de você?

– Não.

Isso me machucou e me entristeceu. Mas, como era masoquista, perguntei de novo:

– Então por que marcou comigo hoje?

– Noemi teve que ir à ópera com os pais. Além do mais, nunca fiquei com alguém com tão pouco seio como você.

Que canalha!

Continuava a pular numa perna só diante de mim. Voltei a olhar bem fundo nos olhos dele e ordenei:

– Quero que pule contra a parede.

– Com prazer!

E fez isso. Ouvi um baque abafado. Deve ter doído horrores.

Melhor assim!

– Faça isso durante as próximas duas horas – completei.

– Como quiser – sorriu e pulou de novo contra a parede.

– E fala para a Noemi que mulheres com seios grandes têm problemas de postura.

– Ela gostará de saber – respondeu e voltou a machucar-se.

Aquilo tudo deveria me consolar, mas toda a situação doía mais em mim do que nele. O que se ganha fazendo o mesmo à pessoa que te machucou?

– Para de pular – disse, libertando Jannis do seu castigo. Depois me afastei dele lentamente. Como uma múmia sem amor.

MAX

Tinha apresentado à mamãe a proposta de sair à procura da Fee. Alguém tinha que ficar de olho no nosso pai abobalhado. Além do mais, uma característica mitológica dos vampiros me preocupava,

algo que eu não contara para a mamãe até agora. Não sabia o que aconteceria com ela se continuasse procurando pela Fee quando amanhecesse. Possivelmente, pertencia àquele grupo de vampiros que queimam à luz do sol e se desintegram em seus componentes atômicos.

E havia também outro motivo para eu querer sair em expedição. Nunca ficara na rua até tarde. E sozinho!

Graças ao meu olfato animal, não foi difícil seguir o rastro de Fee, suas ataduras tinham um toque muito especial, que me lembrava minha velha professora de matemática.

Enquanto caçava Fee pelas ruas de Berlim com meu focinho grudado ao chão, de repente percebi outro cheiro. Uma mistura de pizza, cerveja, cigarro e uma superdose de desodorante Axe. Só podia ser Jacqueline, a minha torturadora! Como não podia comprar um perfume, sempre passava tanto desodorante que todos os micróbios morriam de asfixia ao seu redor.

Imediatamente um pensamento cruzou a rede de neurônios do meu cérebro: se corresse agora em direção a Jacqueline, ela ia ver só uma coisa! Por mergulhar minha cabeça dentro da privada. Por me jogar dentro da lata de lixo. Por me obrigar a dançar o charleston (uma vez viu essa dança na televisão e achou muito engraçada).

O que poderia acontecer com a minha irmã se eu não a encontrasse e fosse tirar satisfação com a Jacqueline? Fee voltaria logo para casa. Onde podia encontrar asilo como múmia, além de em um museu egípcio? E se fosse parar ali, o que de mal poderia acontecer com ela? Ao menos eu teria um descanso da Fee por um tempo.

Girei sobre as patas traseiras e corri na direção de onde vinha o cheiro de desodorante. Encontrei Jacqueline sentada na entrada de um prédio, comendo um pedaço de pizza barata, bebendo umas latas de cerveja e com pontas de cigarro ao redor. Pelo visto, seus

pais não se importavam que andasse pela rua a essas horas da noite.

De algum modo, isso era legal.

Jacqueline parecia congelada de frio. Não era de se estranhar, pois seu tênis era tão leve quanto sua jaqueta. Por baixo usava uma camiseta fininha com a seguinte inscrição: “Se conseguir ler isto, te mato, idiota!”.

Primeiro queria dar-lhe um susto enorme. Coloquei-me diante dela e ladrei como uma fera:

– AUAUAU!

– Cala a boca, Fifi – foi sua resposta.

Não era exatamente a reação que eu esperava.

– AUAUAU! – repeti, mostrando-lhe os dentes ameaçadoramente.

– Cala a boca, Fifi, senão amarro seu rabo no pescoço. E não estou me referindo ao mesmo rabo que você está pensando.

Opa, era para ela ter medo de mim, e não eu dela!

Jacqueline tomou mais um gole de cerveja. A julgar pelas latas vazias atrás dela, já tinha entornado mais de um litro e meio, talvez por isso estivesse tão relaxada diante de mim. Mas era realmente ridículo que eu, um lobisomem, não conseguisse meter medo nela! Para isso bastava falar. Um lobo que sabe falar como um *homo sapiens* a faria tremer nas bases.

– Eu sou a sua desgraça! – anunciei, um pouco melodramático, admito.

Pelo menos agora prestou atenção em mim. Franziu as sobrancelhas cheias de piercings, como Sr. Spock teria feito caso uma alienígena lhe dissesse, a bordo da *USS Enterprise*: “Eu gostaria de acasalar com você”.

Mesmo assim, Jacqueline ainda não sentia medo de mim. Disse zombando:

- Nossa, Fifi pode falar.
 - Também posso machucar você.
 - Duvido – replicou e abriu outra lata de cerveja.
 - Sou um lobisomem – tentei ressaltar minha periculosidade, coisa que não seria necessária com nenhuma pessoa normal. Mas com a Jacqueline sim. Essa garota podia amedrontar qualquer um.
 - Estou vendo, Fifi – retrucou, fria. Era fria de verdade. Isso também era um pouco fascinante.
 - Você... não tem medo de monstro? – perguntei. Não conseguia conceber aquilo. Se eu me visse diante de alguém que poderia me destruir com os dentes, eu não continuaria bebendo cerveja serenamente. Gritaria pela minha mãe. Ou melhor, chamaria os *marines* americanos.
 - Tem monstros amadores. E monstros profissionais – explicou Jacqueline entre um trago e outro. – Você é amador.
 - Ah, então você conhece profissionais? – perguntei, um pouco ofendido pela minha recém-adquirida dignidade de monstro.
 - Absolutamente profissionais – afirmou.
 - Não acredito em você – repliquei. Comparado com que monstro, um lobisomem pareceria um amador?
 - Então não acredite, Fifi – disse. Esvaziou outra lata, amassou-a e a jogou do outro lado da rua.
- Resisti ao meu instinto tolo de ir buscar a lata do outro lado da rua.
- Depois de alguns segundos de silêncio, Jacqueline disse:
- Se quiser me matar, pode ir em frente.
 - Como assim... matar? – Eu não tinha pensado em algo tão radical. Só queria meter-lhe medo e, lamentavelmente, tinha fracassado.

– Por acaso tenho cara de quem conta seu sofrimento ao primeiro vira-lata falante que passa por aí? – perguntou.

– Para quem mais pode contá-las? – contra-ataquei.

– Verdade – retrucou com amargura –, para quem? – Parecia realmente triste. Digna de compaixão. Inacreditável, eu sentia pena da Jacqueline? Sempre pensara que talvez sentiria isso por Kim Jong-il.

– Por que você não quer mais viver? – perguntei cauteloso.

– Por causa do monstro profissional.

– Que... que monstro?

– O que me maltrata – murmurou. A dura Jacqueline também tinha um lado frágil.

– Como te maltrata? – perguntei, esforçando-me para falar com a suavidade que as minhas cordas vocais de animal permitiam.

Jacqueline ficou quieta.

– Diz aí, para mim você pode contar, sou um lobisomem. Para quem vou contar isso?

– Você quer realmente saber? – murmurou.

– Sim... quero.

– O monstro me maltrata assim – disse com a voz muito baixa, quase inaudível, e levantou a camiseta. Vi suas costas nuas. Estava cheia de vergões. Parecia um marinheiro do *HMS Bounty* que tinha sido surpreendido pelo capitão William Bligh com uma ração de água roubada.

Fiquei extremamente chocado.

– Quem...? – perguntei com a voz trêmula.

– Minha mãe – respondeu Jacqueline, mordendo os lábios para não começar a chorar.

Alguns minutos atrás eu queria dar um susto mortal nessa menina.

Agora queria fazer isso com a mãe dela.
E consolar Jacqueline entre as minhas patas.

EMMA

– Não é a Fee – afirmei, quando Max chegou em casa com uma garota um pouco antes de o sol nascer. Tudo era muito estranho por diversos motivos: por um lado porque a garota não parecia uma garota. Mais parecia um cão sem dono que volta para casa e se joga largado no chão, o que no nosso caso não era tão estranho assim. Por outro porque parecia que ela não tinha medo de nós monstros. Tinha um bafo de onça como a rainha do vinho da Oktoberfest, mas não dava a impressão de estar nem bêbada, nem drogada. Portanto, esse não podia ser o motivo para sua atitude destemida. O que teria visto em sua vida tão curta para que monstros não a assustassem? Mas o mais estranho de tudo era: meu filho de doze anos trouxe uma garota para casa no meio da noite?!?

– Nossa, o cara feio dorme feito uma pedra – comentou a garota em relação a Frank, estendido no sofá e roncando alto com a catedral de Colônia sobre a barriga. Mas, pelo menos, não soltava gases. Isso era bom. Não queria nem pensar no que aconteceria se o monstro Frankenstein tivesse problemas digestivos.

Perguntei ao Max quem era aquela menina toda esfarrapada. Mas quando ele estava prestes a apresentá-la, foi interrompido pela Fee, que entrou em casa justo nessa hora. Totalmente perturbada, gritou comigo:

– Você é a culpada por toda essa merda.

Pelo visto, os momentos em que podia chamá-la impunemente de coelhinha tinham passado, e isso me entristeceu por um instante.

– A velha não teria prestado atenção na gente – continuou vociferando –, se você não tivesse dado um chilique.

Meu Deus, ela tinha razão.

– Você é a pior de todas as mães!

Engoli em seco. Se era realmente a responsável pela nossa situação, talvez minha filha tivesse razão também sobre isso.

– Quero que bata contra a parede – disse Fee, olhando bem dentro dos meus olhos.

– Hein... o quê? – perguntei.

– Quero que bata contra a parede – repetiu e me olhou com mais intensidade ainda dentro dos olhos.

Claro que não bati contra a parede.

– Cacareje como uma galinha – ordenou-me.

– Fee, de onde vem tanta besteira?

Sua resposta foi aproximar-se do meu rosto até quase suas ataduras tocarem meus lábios e me ordenar:

– Faça a marcha nórdica!

Será que tinha pirado de vez? Se tivesse, seria compreensível.

– Merda! – praguejou. – Com você não funciona.

– O que não funciona? – quis saber. Mas Fee ficou quieta, profundamente frustrada. Eu cada vez mais me preocupava com ela.

Durante o silêncio de Fee, Jacqueline deu uma risada e disse:

– Cara, vocês são mais loucos que a minha família.

Fee finalmente percebeu a presença dela e afirmou:

– E você fede a cerveja.

– Ei, tome cuidado, atadura ambulante – Jacqueline a ameaçou –, senão transformo você num pacote de absorventes!

– É sempre um prazer conhecer gente educada – contra-atacou Fee.

Aquilo não parecia ser precisamente o início de uma linda amizade entre elas.

– A alcoólatra anônima pertence a você? – perguntou Fee ao irmão.

– É... bem... talvez... – gaguejou Max.

– Na escola sempre meto a cabeça dele na privada – respondeu Jacqueline por Max.

– Isso é verdade? – perguntei horrorizada.

Max olhou para o chão, envergonhado.

Oh, não, meu filho era vítima de *bullying* na escola, e eu não tinha a menor ideia. Do mesmo jeito que não sabia que ele não se sentia especial. Que tipo de mãe era eu que não sabia de nada?

Foi a primeira vez na vida que desejei do fundo do coração ter uma enxaqueca, que me deixasse fora de combate por um dia e desconectasse meu cérebro. Mas não tive enxaqueca e fui obrigada a continuar pensando: devia conversar com Max sobre seu problema? Ou primeiro dar uma bronca na torturadora? Ou meter um pouco a cabeça dela na privada? De fato, ela metia medo, mas eu era uma vampira. E enquanto pensava... Frank começou a soltar pum.

Cheirava como uma estação de tratamento de esgoto.

Como se a al-Qaeda explodisse uma bomba de gás.

E realmente soou assim.

Max tapou o rosto com as patas.

– Nunca tive tanta vontade de ir embora daqui – disse Fee –, e olha que já tive vontade muitas vezes.

– Se acender um isqueiro agora, vai acontecer uma desgraça – afirmou Jacqueline.

Nesse instante, ficou claro para mim que só havia uma prioridade:

- Temos que voltar o mais rápido possível a ser o que éramos.
- Que novidade – comentou Fee.
- Olha, eu acho que ele parece melhor agora do que antes – disse Jacqueline apontando para Max.

Então descobri que os lobisomens também ficam vermelhos de vergonha. Será que Max estava apaixonado por essa garota?

Não podia pensar nisso agora, tinha que me concentrar: como poderíamos voltar a ser o que éramos? Quem poderia nos ajudar? Nosso médico de família teria dificuldades, por mais que tivesse se especializado em homeopatia nos últimos anos. Cientistas, provavelmente, levariam décadas para nos curar. Se conseguissem. A droga da ciência nem conseguira inventar um café descafeinado gostoso. Nem mesmo um trem de alta velocidade que não falhasse ou um cobrador que falasse inglês sem sotaque.

Fiquei na mesma. A única que podia nos salvar era a própria bruxa. Mas onde podíamos encontrá-la? O que foi mesmo que dissera? Estava a caminho de casa para morrer? Mas onde era a droga da casa? A casinha de chocolate? Mordor? Pyongyang? Erlangen?

Continuei me concentrando. O que eu sabia daquela mulher? Que pistas existiam? Usava roupas rasgadas e podia realizar coisas que fariam Alvo Dumbledore se revirar no túmulo. Além do mais, a bruxa não precisava de uma varinha mágica, apenas o amuleto prateado dela era suficiente. O que estava escrito nele?

– Baba Yaga... – murmurei e pensei como o nome soava nojento.

– Esse é o nome da bruxa? – perguntou Max excitado.

– Você já ouviu falar dele?

– Baba Yaga é o nome de um personagem mitológico das lendas do Leste Europeu. Mas se a bruxa for...

– ... então, por azar, as sagas têm uma origem realmente verdadeira – completei. E nervosa, mas com um sopro de esperança, perguntei imediatamente: – Segundo a lenda, de onde vem a Baba Yaga? Onde é a casa dela?

– É originária da Transilvânia.

– Então temos que ir para lá imediatamente – anunciei.

Nos filmes, em tais situações, sempre toca uma música dramática. No nosso caso, apenas ouvimos o arroteo de Jacqueline.

E Fee, que queria saber onde ficava a Transilvânia.

Deveria ter-lhe passado um sermão outra vez por sua falta de conhecimentos geográficos, mas nem eu sabia onde ficava a Transilvânia.

– A Transilvânia fica na Romênia – Max explicou. – Mas como chegaremos lá? Nosso carro está “arejado” demais.

– Correndo – comentou Fee, nada construtiva.

– Deve ter voos para a Romênia – esclareci.

– Mas é óbvio, estamos parecidíssimos com nossas fotos do passaporte – contra-atacou Fee.

– E eu não vou numa gaiola para cachorros – completou Max.

Eles tinham razão. Ninguém nos deixaria entrar no avião com a nossa aparência. Mesmo de trem ou de ônibus também chamaríamos atenção. Precisávamos de um meio de transporte no qual ninguém nos visse. Precisávamos da Kombi da Cheyenne!

E precisávamos dela rapidamente, pois a bruxa dissera, antes de nos enfeitiçar, que ela só tinha três dias de vida. Será que chegaríamos à Romênia em tão pouco tempo com essa Kombi caindo aos pedaços? E será que encontraríamos a bruxa lá?

Tão logo me dei conta do pouco tempo que tínhamos, aconteceu outra coisa que me complicaria muito a vida: o sol nasceu.



- Ei, mãe – observou Max –, podemos ir para a Romênia à noite.
- Bobagem, não temos tempo a perder – expliquei.
- Mas lá fora o sol está brilhando.
- E...?
- Você não é uma vampira esperta, hein? – afirmou Jacqueline.
- Não, entender as coisas de primeira não é o seu forte – confirmou Fee.

Normalmente teria me irritado com a insolência de minha filha, mas pouco a pouco fui compreendendo o que Max queria dizer sobre o sol e, dadas as circunstâncias, exclamei:

– Merda!!!

Diante dos meus olhos temerosos me vi queimando sob a luz do sol como uma tocha viva que não duraria muito tempo. Contudo, se viajássemos apenas durante a noite, nunca chegaríamos à Romênia em três dias, não encontraríamos a bruxa, antes de ela morrer, e seríamos monstros para sempre. O que eu devia fazer? Deixar os outros irem sem mim? Confiar nossas vidas nas mãos de Max, Fee e Ufta-Frank? Poderíamos então ficar em casa jogando varetas.

Talvez eu conseguisse me proteger do sol com protetor solar fator 40 ou mais. E com óculos de sol. E todo o corpo coberto. Pela primeira vez, a ideia de uma burca me pareceu atraente. Mas e se os raios solares atravessassem a roupa?

– Talvez – ponderou Max – você seja da espécie de vampiros que podem se expor ao sol, como esses das histórias da Stephenie Meyer.

Legal, e de repente vi novamente a bunda mole da escritora na minha frente.

Olhei para Frank, que roncava. Será que pensou em fazer sexo com ela enquanto a admirava embasbacado? Será que me colocava

chifres em pensamentos? Será que o estágio seguinte seria me colocar chifres de verdade? Será que já o fizera alguma vez? Às vezes, nos últimos anos, tive essa sensação irracional. Quando ele não estava, acordava à noite e não conseguia dormir, embora estivesse cansada. O pior foi quando viajou para o Egito com seus colegas de escola. De noite eu sentia uma dor de barriga horrível. Será que aconteceu alguma coisa lá? Ou eu era apenas paranoica? Não seria melhor eu me concentrar apenas no problema dos raios solares, em vez de enlouquecer, se é que já não estava louca? Sim, seria!

– Você quer dizer – perguntei para Max – que tenho uma chance de sobreviver ao sol?

– Bom, eu não tentaria – comentou Fee.

Olhei para ela e percebi em seu rosto cheio de ataduras que realmente estava preocupada comigo. Era bom saber que, no meio daquela loucura toda, eu era importante para ela.

– Se eu for até a varanda devagar e com cuidado, o que pode acontecer? – perguntei para Max.

– Existem três desfechos em potencial – explicou. – No primeiro, você queima um pouquinho e pula rapidamente de volta para terreno seguro.

– Isso não nos ajudaria muito – suspirei.

– No segundo, você é resistente à irradiação solar.

– Isso sim nos ajudaria.

– No terceiro, você se desintegra em uma fração de segundo ao menor contato com os raios solares.

– Bom, pelo menos é uma morte rápida – respondi valente, pois não queria que meus filhos notassem meu medo.

– Rápida, mas dolorosa – retrucou meu filho. – Vampiros gritam como loucos.

– Max?

– Sim?

– Um conselho para a vida: nunca dizer tudo o que se sabe.

Fui devagar para a varanda. O sol me cegou através da vidraça da porta. E ele nem estava tão alto assim, apenas um pouco acima dos edifícios. No entanto, para mim pareceu desagradavelmente intenso. Não era um bom sinal. Segurei na maçaneta da porta.

– Por favor, não – implorou Max –, é muito perigoso.

– O tontinho tem razão – disse Fee com medo.

– Para mim parece legal – disse Jacqueline, metendo o bedelho.

Se Max gostava de verdade dessa garota, isso já dizia tudo de seu gosto pelas mulheres. Será que um dia ele vai me apresentar uma nora desse tipo? Então não seria tão ruim morrer queimada agora. E se era esse o seu gosto pelas mulheres, o que dizer então da sua relação com sua mãe?

Girei a maçaneta, abri a porta e, imediatamente, senti o calor do sol. Lá fora fazia doze graus. Tentei ir com cuidado, dando passos curtos, para a parte da varanda onde havia sombra.

– Isso é mais legal do que a TV – opinou Jacqueline, e me perguntei se ela diria o mesmo quando visitasse um campo de refugiados da ONU.

Fee se calara e estalava os dedos atados. Max também se calara e balançava o rabo. Frank roncava e soltava pum.

Por um segundo me senti aliviada de estar na varanda.

Deveriam chamá-lo de monstro Frankspeido.

Ouvi Max murmurar:

– Odeio meu bom olfato.

De novo silêncio. Caminhei até a beira da sombra. As crianças prenderam a respiração. Não apenas por causa de Frankspeido.

Eu também respirei fundo. Embora não fosse necessário fazer isso. Mas eu precisava do gesto para reunir toda a minha coragem e

dar um passo adiante. O passo decisivo. Em direção ao sol. E me queimei!

Não como a tocha olímpica, apenas nas mãos e no rosto. Como uma turista em Palma de Mallorca que, ao anoitecer, se dá conta: “Ah, não deveria ter tirado um cochilo tão longo na praia”.

Dei um pulo para trás, corri para dentro de casa e fechei a porta da varanda.

– Você... você conseguiu – disse Fee, a primeira a recuperar a fala.

– Você não virou pó – disse Max respirando aliviado.

E nesse momento, também me senti feliz. Primeiro porque sobrevivera, coisa extraordinária por si só. Segundo porque significava que poderia viajar com protetor solar, luvas e óculos de sol. Sendo assim, anunciei com um sorriso largo:

– Rumo à Transilvânia.

FEE

Que legal, agora tínhamos que viajar para a Transilvânia. Aquela bruxa despirocada não poderia morar em Nice? Assim, pelo menos, poderíamos viajar para um lugar bonito. Nos últimos anos tínhamos passado as férias em uma ilha do mar do Norte chamada Borkum, onde o ponto alto era uma triste excursão pelos bancos de areia com o guia Wilhelm, que não parava de cantar canções sem graça. Fora isso, era uma ilha em que os adolescentes em férias se entediavam tanto que chegavam a pensar em rituais de suicídio.

A ideia de viajar com a minha família era, de fato, um horror, mas não havia alternativa. Não queria escutar para sempre comentários idiotas sobre ataduras. Além do mais, estava muito cansada para

criticar o plano meia-boca da mamãe de irmos para a Transilvânia. Em parte por causa do meu estado, mas ainda mais por causa do Jannis. A bruxa me transformara, mas Jannis me destruía. E embora repetisse trezentas vezes para mim mesma “esqueça o idiota, ele não te merece”, eu não me ouvia e sofria terrivelmente.

Quando saímos de casa, mamãe vestia calça jeans e pulôver, além de luvas e óculos de sol gigantes. Nada servia no papai e no Max, por isso papai saiu na sua fantasia de Frankenstein e Max como um cão comum. Eu coloquei minha jaqueta de couro por cima, o que melhorou um pouquinho o meu aspecto.

Quando entrei pela porta lateral da Kombi riponga amarelo-cheguei da Cheyenne, quase fiquei daltônica. As paredes eram laranja, o teto era marrom e o grosso tapete, verde-escuro, mas, trinta anos atrás, com certeza as cores eram diferentes.

– Dormi com o Paul McCartney nesta Kombi nos anos 1960 – Cheyenne me revelou em tom de conspiração.

– Uau! – disse impressionada.

– E com o John Lennon.

– Sensacional! – cada vez mais impressionada.

– E com a Yoko Ono.

– Ok...

– Foi uma loucura ficar com eles – disse sorrindo.

Apesar de tudo, não pude evitar: sorri também.

A velha riponga era muito legal. Nem se importou quando nos viu como monstros. Já vira coisas na vida que pareciam mais improváveis, mesmo sem usar LSD. Por exemplo, nos Andes, uma galinha que punha ovos quadrados; na África, um pigmeu de três pernas; no mar Vermelho, um golfinho com duas caudas; em Los Angeles, uma dançarina que sapateava em uma perna só... Que vida emocionante Cheyenne tivera!

Enquanto Cheyenne escalava o assento do motorista, mamãe se jogava em um sofá surrado, e papai meio que se sentou em uma poltrona de pelúcia laranja. Em casa, fora difícil acordá-lo, e só conseguimos graças aos fogos de artifício que sobraram do Ano-Novo. Depois, mamãe tentara explicar-lhe como funcionava um banheiro. Com resultados razoáveis. Quando acabou, nosso banheiro era uma zona contaminada.

Agora, papai observava os desenhos de nu artístico que Cheyenne fizera e pendurara na parede. Olhava irritado para uma mulher gorda. Perto dela, as mulheres que o velho Rubens pintou pareciam modelos anoréxicas. Mais curiosos eram os nus masculinos que Cheyenne desenhara. Eu não estava muito certa se menores de idade deviam ver algo assim.

– Uau! – comentou Jacqueline sobre os desenhos. – Esses caras mandam bem, hein?!

– É mesmo? Poderia muito bem ficar sem essa – disse eu encarando Jacqueline.

E ainda por cima tinha que aguentar essa garota durante a viagem! Mamãe lhe perguntara, ainda lá em casa, se não haveria problemas com seus pais em viajar com a gente assim, sem mais nem menos, mas, em vez de responder, ela teve um ataque de riso.

Comecei a gostar da ideia de hipnotizá-la um pouco. Por exemplo, pensei nela como um cervo que quisesse atravessar a autoestrada. Mas, antes que pudesse olhar dentro dos olhos de Jacqueline, Cheyenne gritou:

– Rumo à Transilvânia!

Saiu buzinando, e todos nós, que ainda não tínhamos nos sentado, caímos no chão da Kombi.

– Ei, velha, você tem carteira de motorista? – perguntou Jacqueline, enquanto se levantava.

– Não, e daí? – perguntou Cheyenne.

– Legal – respondeu Jacqueline, dando uma risada.

Eu me arrastei até a mamãe no sofá, mas ela nem me olhou. Parecia um pouco enjoada. Pensei se deveria conversar com ela, mas me decidi pelo contrário. Metade das nossas conversas terminava em briga, e nesse momento não tinha vontade de fazer nada, menos ainda de discutir. Dessa forma, tirei meu celular da mochila e, masoquista como era, voltei a olhar o SMS do Jannis “Gosto de você”. Como pude me deixar enganar tanto assim. Ele me hipnotizara, sem ter me hipnotizado. Empregava sua energia egoisticamente e vivia bem assim. Enquanto eu sofria. E Noemi sofreria em breve, assim que ele se separasse dos peitos dela.

Mas, espera aí! Agora eu tinha poderes hipnóticos iguais aos dele. Agora eu podia ser a destruidora de corações. Só precisava ser tão sem escrúpulos quanto Jannis. Ou seja, agir como um verdadeiro monstro. Isso não seria problema, pois já parecia um monstro mesmo. Perfeito, nunca mais sentiria dores de amor. Só as provocaria. Sorrindo, decidi que o primeiro garoto bonito que encontrasse, eu o hipnotizaria e depois partiria seu coração com prazer. Admitamos, não era um plano simpático, mas me fazia esquecer minha estúpida autocompaixão. Além do mais: existe monstro simpático?

MAX

A Kombi amarela de Cheyenne voava pela autoestrada em direção à Saxônia, traçando diagonais em ângulo agudo da esquerda para a direita. Às vezes andando pela faixa da esquerda, coisa que obrigava os Porsches e as Mercedes a frear abruptamente, às vezes pela faixa da direita. As faixas do meio não significavam nada para Cheyenne.

Depois da Saxônia, as estradas que iam para a Romênia passavam por Viena, Praga e Budapeste. Dando tudo certo, conseguiríamos chegar à Transilvânia em três dias. Mas nós éramos os Wünschmann, ou seja, “dar certo” não fazia parte do nosso código genético. Fiquei agachado ao lado de Jacqueline. Ela brincava com seu chique iPhone, presente que um colega de escola lhe dera para ela parar de lhe aplicar gravatas, que não o deixavam esquecer a importância do oxigênio para o corpo humano. Primeiro pensei que era algum jogo de atirar em valquírias nazistas ou algo parecido. Mas ela estava ajudando a Margarida a arrumar-se para um encontro amoroso com Pato Donald. Será que a Jacqueline, lá no fundo, queria ser uma garota normal e bonita com roupas elegantes e maquiagem? Se eu lhe perguntasse isso, não me sobraria nenhuma costela intacta.

Jogando, ela parecia mais feminina até... do que o Rambo.

Percebeu que eu a observava. Apanhado em flagrante, desviei o olhar. Colocou o iPhone de lado e confessou:

– Sempre desejei ter um cãozinho como você quando era criança.

Você gostaria de ter tido um lobisomem quando era pequena?
Brrr!

Pela primeira vez, ela acariciou meu pelo.

Meu Deus, ela estava me acariciando! Eu nunca tinha sido acariciado por uma garota antes.

Era bom. Maravilhoso. Muito melhor do que ler. Mas Fee, claro, estragou o clima:

– Se continuar fazendo isso, ele vai mijar de tanta alegria.

Era possível uma coisa dessas?

– Seria divertido ver – disse Jacqueline sorrindo e me acariciando ainda mais. Estava tãooooo bom. Mas pensei no tal xixi de alegria e fiquei nervoso. Ela continuou me fazendo carinho,

demonstrando realmente estar a fim disso. Vai entender as garotas. Especialmente essa.

Continuou me acariciando mais intensamente. Fiquei com medo de tanta carícia e, inseguro, chamei o único nome que se pode evocar nessa situação:

– Mamãe!

Mas mamãe não reagiu. Só olhava o vazio, apática e muito pálida. Mais pálida do que de costume, quase como se estivesse sem sangue. E, infelizmente, nesse caso, “sem sangue” não era uma simples metáfora. Ela era uma vampira. Apenas murmurou uma coisa que fez estremecer até mesmo a mim, um lobisomem:

– Estou com fome.

EMMA

A última vez que me senti tão enjoada foi quando comi uma sopa de peixe antes de viajar pelas estradas sinuosas dos Pirineus. Só que agora era outro tipo de enjoo: além de fraca, eu estava morrendo de sede e sentindo uma fome terrível. Naturalmente, eu não era tão idiota para não suspeitar o que me consumia daquela maneira. Que substância poderia aplacar minha sede e minha fome. Mas eu ainda não tinha chegado ao ponto de admitir para mim mesma esse terrível desejo.

– Pare no próximo posto de gasolina, por favor – pedi para Cheyenne.

– De jeito nenhum.

– Por que não? – perguntei irritada.

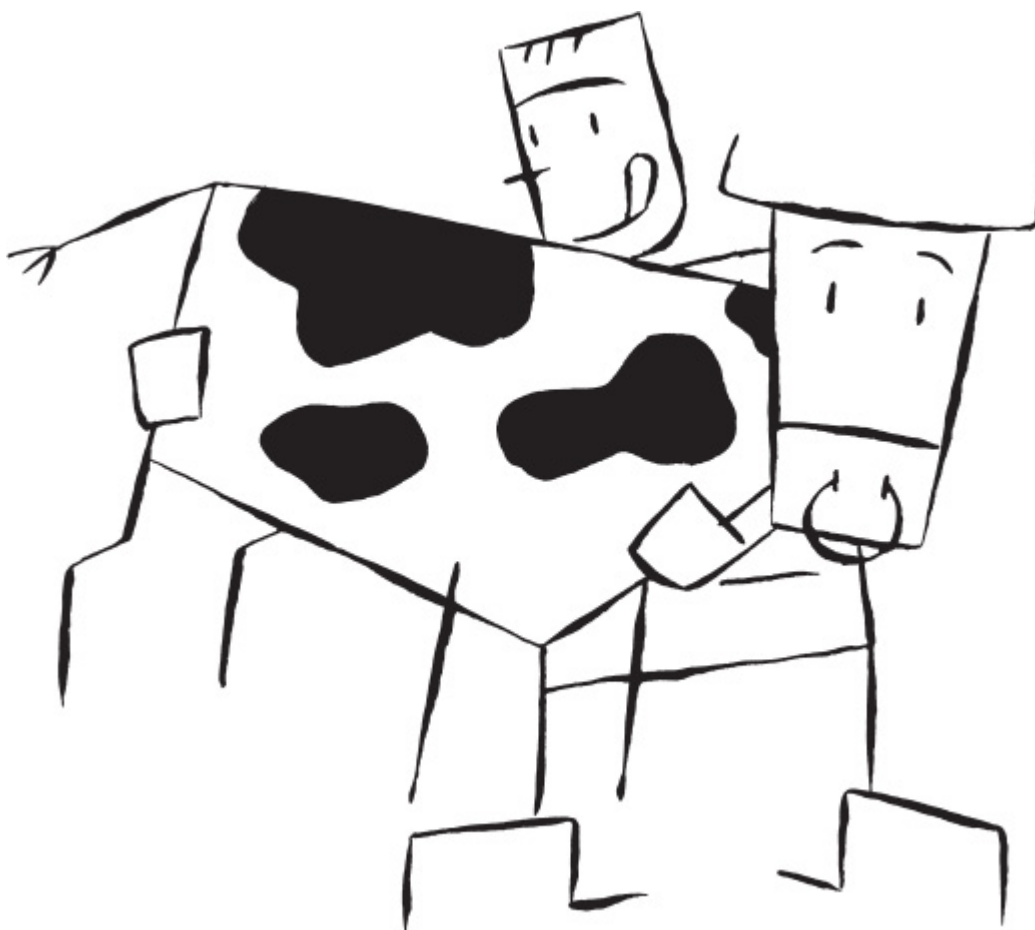
– Tem um McDonald's lá.

– E? – Não matam o gado com delicadeza...

– Para mim é tudo a mesma merda – berrei –, pouco importa se colocam as vacas vivas em cima da grelha ou se elas recebem uma massagem ayurvédica antes de morrer.

– Ok, ok – Cheyenne deu-se por vencida e perguntou aos demais: – Quem está com fome?

Fee e Jacqueline levantaram o braço. Max, ao contrário, apenas me observou preocupado. Frank estava sentado perto dos cadernos de desenho de Cheyenne e desenhava. Sim, ele desenhava. Tostamente. O homem das cavernas teria rolado de rir junto ao fogo ao ver a obra dele, mas Frank enfim encontrara um modo de expressar o que sentia e desejava:



Cheyenne entrou no posto de gasolina. Quando estacionou, Max, que, ao contrário de mim, não conseguia reprimir essa história

dos vampiros sanguessugas, perguntou em voz baixa:

– Tem certeza, mamãe?

– Só preciso do combo mais simples – respondi.

Essas eram as “famosas últimas palavras”. Palavras que precedem catástrofes como: “são apenas turbulências normais do voo...”; “cortarei o fio vermelho...”; “que cachorrinho mais simpático...”; ou “olha, sei fazer malabarismo com cinco maçãs em chamas...”.

Os outros insistiram em entrar no McDonald’s. Mesmo enfraquecida, tentei argumentar que chamaríamos a atenção e que seria melhor se Cheyenne fosse buscar a comida para nós, mas todos queriam esticar um pouco as pernas depois de algumas horas de viagem. Fee argumentou:

– Em um posto de gasolina como este, as pessoas já viram coisas mais estranhas.

Max deu um exemplo:

– Tal como esses banheiros que se limpam sozinhos sem água.

Estava muito exausta para detê-los. Coloquei meus óculos de sol e as luvas. Cheyenne ficou sozinha na Kombi. Ela preferia comer sua refeição macrobiótica, que se parecia com aquelas oferecidas nos presídios tailandeses. E que servia de argamassa para os muros.

Nós, os Wünschmann, e a Jacqueline atravessamos o estacionamento em direção ao McDonald’s. Apesar de todos os problemas que tinha, sentia-me até feliz, pois era a primeira vez em muito tempo que toda a família saía para comer junta. Se não estivesse tão feliz, talvez tivesse notado as cerca de cinquenta motos paradas diante do local.

Cambaleando e acompanhada pelos outros, entrei no McDonald’s, onde, perto da porta, alguns clientes começaram a nos encarar: pais de família com barriga cheia de cerveja saindo do

banheiro masculino com seus filhos gordos. Ao nos ver, ficaram de queixo caído, e Jacqueline os saudou assim:

– Boca fechada ou cabeças vão rolar.

Foi um argumento convincente para que fechassem a boca rapidamente. Pegaram seus rebentos gorduchos e correram para o estacionamento, onde suas mulheres, ainda mais gordas, os esperavam.

Quase todas as mesas da lanchonete estavam ocupadas por cerca de cinquenta roqueiros, cujo lema era “a não violência é superestimada”. Estavam rodeados de toneladas de embalagens de papel para hambúrguer. Para fabricar tanto papel, certamente alguma tribo indígena fora obrigada a abandonar sua mata.

Quando os roqueiros nos viram, pararam abruptamente de encher a pança. Ficaram de queixo caído, e podia-se ver o que havia na boca deles. Fiquei mais enjoada ainda. Finalmente, um gigante barbudo, que mais parecia um urso marrom norte-americano, tomou a palavra:

– Olha só as aberrações!

Todos os roqueiros riram, o que não agradou ao Frank. Furioso e ressentido, gritou para os caras:

– Ufta pam?

Puxei-o pelo casaco e disse:

– Não vamos bater em ninguém. Pedimos alguma coisa logo e vamos embora.

Mas, antes que conseguisse puxá-lo para o caixa, o urso líder disse:

– Caras, o bebê gigante é um pouco agressivo. Vamos tirá-lo daqui.

Ele se levantou com mais dois caras, um careca rechonchudo que mais parecia uma bola de boliche e uma criatura que tinha mais tatuagens do que um presidiário.

– Por favor, só queremos comer algo tranquilamente – ponderei.

– Ufta pam pam! – disse Frank, me contradizendo. Nesse momento, não fiquei feliz com seu progresso na linguagem.

– Sou um homem sem preconceitos – disse o urso, me ameaçando –, bato também em mulheres. Alice Schwarzer, a feminista, concordaria comigo.

Pensei rapidamente que deveria oferecer dinheiro para o cara parar de nos incomodar. Contudo, não tínhamos levado muita grana. Nem mesmo o cartão de crédito nos ajudaria muito, pois sempre ultrapassávamos o limite. Mas parei de pensar subitamente, pois o urso meteu o dedo na minha cara. O dedo tinha um pequeno corte, com certeza feito pela ponta da embalagem do hambúrguer. Porém, pouco importava como o cara conseguira aquele corte. Só uma coisa era importante: o dedo sangrava. Ligeiramente. Mas sangrava!

Foi a coisa mais excitante e mais desejável que eu já tinha visto. Ou cheirado. Por menor que fosse o corte, podia sentir o aroma do sangue com intensidade. E ele tinha um cheiro delicioso, melhor do que qualquer comida em um restaurante badalado. Não consegui evitar, perdi toda a racionalidade. O desejo me venceu. Entreguei-me totalmente a ele. Mordi o dedo do homem. E o suguei.

Não foi exatamente uma contribuição para o fim das animosidades.



Foi como um êxtase. Não, foi um êxtase! Era como se alguém tomasse um café expresso fantástico e, ao mesmo tempo, tivesse um orgasmo (não é que já não tivesse experimentado essa combinação antes. Mas com certeza me engasgara). Suguei. E suguei. E suguei. No meu êxtase, embora parecesse incrivelmente longe, ouvi o urso gritar:

– Vou te matar, safada!

Da Jacqueline ouvi:

– A safada já está morta.

E Fee explicou:

– Escutem... Não queremos confusão.

Mas o urso revidou:

– Nem pensar, a pirada não para de chupar meu dedo.

Tentava livrar-se de mim, mas não conseguia. Tinha cravado meus caninos afiados no seu dedo e o teria arrancado fora se o cara não tivesse conseguido me empurrar com toda a força.

– Logo, logo, minha mãe vai parar com isso... – Max tentou acalmar os ânimos.

Mas o urso gritou:

– Merda, o bicho fala!

– Não... não fui eu... – Max apressou-se em responder. – Ei, estão vendo essa garota com piercings... Ela é uma ventríloqua... Fala pelo estômago... Sou apenas seu boneco... e...

– MATEM TODOS! – gritou o urso.

E enquanto os roqueiros se levantavam e meus filhos ficavam aterrorizados, eu continuava sugando extasiada o dedo do cara.

Todos os cinquenta roqueiros vieram para cima de nós, os Wünschmann. Frank ergueu no ar o cara tatuado e o careca rechonchudo que parecia uma bola de boliche, como se fossem bonecos, e os jogou por cima do balcão em direção à fritadeira. Os funcionários que estavam atrás do balcão decidiram que o que recebiam por horas de trabalho era muito pouco para ficarem, então fugiram pela porta dos fundos.

Parei de sugar. Êxtase para cá, êxtase para lá, algo em mim quis proteger minha família. Vi que um jovem roqueiro furioso, uma espécie de aprendiz de motoqueiro do inferno, se colocava diante da Fee. Surpreendentemente, Fee não tinha medo, apenas se limitou a olhá-lo fixamente dentro dos olhos e ordenou:

– Desejo que você coma duzentos McFishes e beba mais duzentos milk-shakes de morango.

O rosto do agressivo motoqueiro do inferno mudou de repente, e, obediente, disse:

– Estou louco para comer peixe! – Pulou sobre o balcão e pegou um montão de McFishes e um gigantesco milk-shake de morango.

Duas coisas me passaram pela cabeça: 1) essa comida não pode ser saudável; 2) meu Deus, Fee pode hipnotizar gente! Como as múmias dos filmes antigos. Ela já tinha tentado fazer isso comigo em casa, mas, como monstro, eu era totalmente imune.

Antes que pudesse continuar pensando em como Fee poderia usar essa habilidade para prestar o vestibular sem problemas, o urso pardo me imobilizou por trás, prendendo meu pescoço com seu braço. Por um segundo entrei em pânico, enquanto ele me estrangulava. Depois lembrei que não tinha mais pulmão, e poderíamos ficar horas a fio naquela situação sem que ele conseguisse me asfixiar. Lembrei também que tinha um corpo novo e mais forte. Peguei o braço do urso e o torci. Ele soltou um grito, e eu o atirei ao chão. Eu tinha a força de quatro homens!

Pena que, naquele momento, cinco me cercaram.

Dois me pegaram pela esquerda, dois pela direita e um agarrou o meu pescoço por trás. E assim me dominaram. O urso pardo furioso se aproximou de mim e disse:

– Vou estraçalhar sua mandíbula agora.

Quando levantou o braço para me bater, tive muito medo de que meus dentes não resistissem ao golpe. Justo naquele instante, um roqueiro que corria da Jacqueline gritou:

– AHH...! A garota me mordeu e arrancou minha orelha... É como Mike Tyson!!!

– Ela me deu um pontapé no saco! – outro gritou com uma voz tão estridente que parecia um coroinha da catedral de Regensburg.

Jacqueline estava ocupada batendo em um cara que acabara de dar uma pisoteada no rabo do Max. Mesmo como lobisomem, meu filho não era o tipo de garoto capaz de se defender.

Frank também não podia vir em meu auxílio. Ele até possuía a força de dez homens, mas isso não ajudava muito, quando se deparava com quinze. Ele foi derrubado, dominado no chão como Gulliver em Liliput e tão surrado que perdeu a consciência. A última coisa que ouvi ele dizer foi “Uff...”. Não tinha mais força para o “ta”.

Enquanto isso, Fee hipnotizara dois outros roqueiros. Não havia outra explicação para o fato de os dois darem cabeçadas alegremente um no outro. Mas antes que ela pudesse salvar a mim e ao Frank, foi golpeada por trás com uma bandeja pelo roqueiro tatuado e pelo cara com a nova voz estridente, ficando desacordada. Diante dessa imagem, esqueci completamente meu próprio medo. Ver minha filha estatelada no chão me fez enlouquecer de raiva. Quis ir ao seu socorro imediatamente, por isso lutei feito louca contra os caras que me agarravam. Mas estava muito fraca por causa da minha fome, da minha sede e das minhas câibras para me soltar. Vi minha filha inerte, estendida no chão. Não podia correr para ela, pegá-la nos meus braços... salvá-la. Nunca tinha me sentido tão impotente.

– Solte meus filhos – gritei desesperada.

– Com prazer – disse o urso, dando uma gargalhada. – De qualquer modo, só depois que tiver terminado com você.

Quase no mesmo instante, um roqueiro jogou uma cadeira na cabeça da Jacqueline, e ela também caiu nocauteada no chão. Max correu preocupado em sua direção, mas o roqueiro-coroinha disse com sua voz estridente:

– Sai daqui, pulguento.

Max tentou juntar toda a sua coragem, mas a tentativa fracassou, como de costume. Desolado com sua covardia, escondeu-se debaixo da mesa com o rabo entre as pernas.

– Onde foi que nós paramos mesmo? – perguntou o urso, que em seguida respondeu para si mesmo. – Ah, sim, queria lhe mostrar como se faz uma limpeza bucal profissional.

Seus companheiros berraram, pelo menos os que não estavam inconscientes, comendo McFishes ou dando cabeçadas uns nos outros.

Senti um medo terrível. Não apenas por causa dos meus dentes. O que os roqueiros fariam com minha família depois que tivessem acabado comigo? Não tiveram o menor pudor em bater nas garotas. Perguntava-me se alguém poderia nos salvar no último momento. Será que os funcionários do McDonald's chamaram a polícia? Será que a Cheyenne podia fazer alguma coisa? Mas o quê? Matar de tédio aqueles caras com um discurso sobre a criação de animais nos tempos da produção em massa?

O urso ergueu a mão, preparando o soco. Logo comprovaria se meus novos dentes eram resistentes. Fechei os olhos e esperei o impacto do soco, mas não senti... nada. Nada mesmo. Apenas ouvi o urso dizer:

– O que é isso...?

Com cuidado, entreabri os olhos. Pela fresta consegui ver que o punho do urso se deteve no meio do golpe, porque fora agarrado com força por uma mão masculina, elegante e delicada, enfeitada com um precioso anel de selo de ouro. Quem ainda usava anel de selo nos dias de hoje? Além dos *gangsta-rappers* ou do papa?

Estava tão curiosa para saber de quem era aquela mão tão graciosa e aristocrática que me atrevi a abrir os olhos. Diante de mim havia um homem incrivelmente bonito, por volta dos trinta anos, vestido com um elegante terno feito sob medida. Em comparação com ele, todos os atores de Hollywood eram pequenos Quasímodos. Ele parecia um anjo. Embora soubesse perfeitamente que não era um anjo. Pois tinha excitantes olhos de vermelho-escarlate e um rosto pálido como o meu.

– Emma, suponho? – perguntou educadamente com uma voz suave, extremamente harmoniosa, quase erótica.

– Não – retrucou o urso, mais do que desconcertado com a situação. – Meu nome é Clemens.

– Não nos interrompa, mortal – ordenou o estranho. E a forma como usou a palavra “mortal” foi outro sinal de que não se tratava de uma pessoa normal. Bem como o fato de que arremessou o urso pela janela com um simples movimento da mão. A janela se estilhaçou, e o urso foi parar em cima de uma moto, a qual caiu de lado, derrubando as demais, num efeito dominó. Os roqueiros remanescentes se entreolharam aterrorizados. Para eles também ficou claro que aquele homem elegante tinha mais força que eles. Acharam, então, que agora era uma excelente oportunidade para sair de lá, subir em suas motos e ir embora, aspirando mudar de vida.

– Desculpe, valorosa Emma – me disse o homem, quando os roqueiros fugiram, menos o urso, que estava inconsciente, e os que Fee tinha hipnotizado. Depois fez uma pequena reverência. Sem exageros, apenas naquele ângulo exato que denota boa educação.

– Ainda não me apresentei adequadamente – esclareceu com sua voz erótica, que fez meu estômago vibrar. Fiquei feliz em ter, como vampira, um estômago que podia vibrar de um modo tão agradável.

– Chamo-me Vlad Tepes.

Nunca ouvira falar nesse nome.

– Vlad Tepes Drácula.

Desse sim.



Drácula. Em outras circunstâncias, eu não teria acreditado em uma só palavra do que aquele homem esquisito estava dizendo. Mas, nas últimas horas, tantas coisas improváveis tinham acontecido! Por exemplo, a bruxa nos transformara em monstros, eu saltara sobre os telhados de Berlim, e minha filha não enviara nenhum torpedo durante a viagem. E agora, Drácula em pessoa nos salvara dos roqueiros. Será que tenho que agradecer a uma criatura tão sinistra?

Algumas horas atrás eu não poderia imaginar que estaria diante de um dilema desse tipo. E ainda me ocorreu outra pergunta: por que Drácula tinha me salvado?

– Ilustríssima senhora Emma, conceder-me-ia o grande prazer de comer comigo?

Como assim? Por que ele queria minha companhia?

– Seria realmente um prazer imensurável – disse o atraente homem pálido. E vendo o sorriso em sua boca sensual e seus brilhantes e fascinantes olhos vermelho-escarlate, quase acreditei que realmente seria um prazer para ele.

Não dá para acreditar! O último homem que teve o prazer de sair comigo para comer foi Frank. Há séculos. Nos últimos anos, quando jantávamos juntos, ele tinha que fazer um esforço enorme para não deixar a cabeça cair de cansaço no prato.

– Mamãe... – choramingou Max debaixo da mesa –, você... não quer... sair para comer... com o Drá... Drá... Drá... – não se atrevia a pronunciar o nome – ... com ele, não é?

A maneira como ele pronunciou a palavra “comer” soou como um abracadabra. Quando Drácula convidava um vampiro para comer, com certeza não pensava em espagete à bolonhesa.

Drácula olhou para Max. Não estranhou nem um pouco ver um lobisomem que fala. Eu também não estranhei que ele não tivesse estranhado, afinal tais criaturas pertencem à fauna do seu mundo. Sorriu para Max. Amigavelmente. Mas por trás desse sorriso

simpático, havia claramente algo ameaçador. Max se escondeu ainda mais debaixo da mesa.

– Quer me acompanhar, Emma? – perguntou de novo Drácula, com seu olhar sedutor. Era tão bom ver um homem... um vampiro... seja lá o que fosse... me olhando assim. Nesse momento, me lembrei do que a bruxa dissera: o príncipe dos condenados vai gostar de você.

– Você está me ouvindo, Emma? – sorriu intensamente. Meu Deus, como sorria! De um modo perigosamente sedutor. Ao enjoo, à avidez por sangue e às câibras juntou-se – graças a esse sorriso – uma cosquinha no estômago. Que mistura explosiva!

Bem que eu queria me lançar em seus braços, mas nem podia pensar nisso. Afinal, era casada. Tinha uma família. E ele era o Drácula. O Drácula! Já podia imaginar como seria sair para comer com ele: perseguiríamos meia dúzia de pessoas e, quando as tivéssemos encurralado em um beco sem saída, cravaríamos nossos dentes afiados no pescoço delas...

Meu Deus! Que ideia mais tentadora!

Isso me parecia uma ideia tentadora?

Meu Deus! Meu Deus! Meu Deus!

Mas Deus tinha alguma coisa a ver com os vampiros? Ou com as bruxas? Isso trouxe de volta a dúvida que tive na adolescência sobre o poder divino. Se tinha algo a ver, o que o Todo-Poderoso estava pensando sobre tudo isso? No oitavo dia, brincarás?

Tanto fazia, agora Deus não me ajudaria mesmo. Tinha que ter o controle da situação por mim. “Controle-se!” – pensei.

– “Calma! Calma! Calma!”

– O que disse? – perguntou Drácula irritado.

Merda, pensei alto.

– Fique tranquila – anunciou.

Mas eu já começava a ficar com medo.

– Não sugaremos sangue.

– Não? – perguntei surpresa.

– Fui me modernizando com o tempo – disse Drácula gentilmente. Sugerir sangue é muito estressante e pouco apetitoso. Temos que perseguir a vítima e, quando finalmente conseguimos agarrá-la, temos que morder seu pescoço...

Infelizmente, aquilo não me parecia pouco apetitoso.

– Depois, jorra sangue por todo lado, e a roupa fica pegajosa e manchada...

Tudo bem, isso não parecia legal mesmo. Pelo visto, um vampiro gastava mais em lavanderia do que as outras pessoas.

– E para não ser caçado pelo povo da cidade, você tem que se desfazer do cadáver em algum pântano, rio ou chiqueiro...

– Por favor, não diga mais nada – pedi –, já estou passando mal.

– Então, por favor, me acompanhe agora, e você se sentirá muito melhor – Drácula sugeriu amavelmente.

Eu não devia ir com o príncipe dos condenados. Mas o que usaria como desculpa? Que tinha que depilar as sobrancelhas? Não ia colar.

Enquanto pensava desesperadamente, ouvi Max choramingar. Então soube o que dizer:

– Minha família... não posso deixá-la sozinha agora...

– Emma, confie em mim – pediu Drácula. Sua voz soou sincera e, ao mesmo tempo, sedutora.

Olhei para Max. Meneava a cabeça com força embaixo da mesa, indicando-me da melhor maneira possível “não faça isso”. Drácula sorriu para ele de novo. Dessa vez, de modo ainda mais ameaçador. Tão ameaçador que Max só encontrou uma saída: fingir-se de morto. Virou de costas e esticou as quatro patas para cima.

Certamente, nenhum lobisomem da história do mundo tinha se fingido de morto assim. Provavelmente, só os escaravelhos faziam

isso (eu também não tinha nenhuma ideia do que pretendiam com isso, a não ser fazer o inimigo ter um ataque de riso e ficar fora de combate).

O artifício biológico de fingir-se de morto foi recebido com indiferença por Drácula, que aceitou esse gesto de submissão e voltou a dirigir-se a mim, dessa vez com mais insistência:

– Você tem que vir comigo. Será melhor para você.

Será que ele estava me ameaçando? Se estava, funcionou muito bem. Quase sem abrir a boca, murmurei:

– Como assim... melhor?

– Porque, do contrário, você precisará perseguir uma pessoa e matá-la para alimentar-se, e creio que isso você não quer.

– Você acertou – respondi baixinho.

– Prometo que poderá voltar para a sua família – sugeri Drácula. Com sua bela voz, essas palavras soaram verdadeiras. Talvez não fosse muito inteligente confiar em Drácula. Mas tinha outra escolha? Estava a ponto de desmaiar. Se não quisesse morrer, tinha que matar gente. Ou seja: matar ou morrer. Ou ir com Drácula. Tive a sensação de ter que escolher entre a peste, a cólera e o Drácula.

Voltei a olhar para minha família: Frank e Fee continuavam inconscientes. Max permanecia debaixo da mesa com as patas para cima, embora elas comessem a tremer um pouquinho devido à tensão muscular. Jacqueline era a única que tentava levantar-se, a duras penas. E mesmo não sendo um monstro, era a que tinha a cara mais parecida com um deles.

Prometi para mim mesma que voltaria para meu marido e meus filhos. Depois viajaríamos para a Transilvânia, acharíamos a bruxa e acabaríamos com aquele pesadelo.

Com o coração partido, saí do McDonald's seguindo Drácula. De repente, ouvi uma voz espantada chamar:

– Vlad?

Era a voz da Cheyenne, que tinha ficado no estacionamento. Aparentemente, observara de longe a luta com os roqueiros sem saber o que fazer, pois não tinha como intervir. Não poderia ter enfrentado os roqueiros e, se tivesse chamado a polícia, teriam metido a nós, os monstros, em um camburão.

– Vlad Tepes! – ela disse mais alto e muito confusa.

– Você... você não envelheceu nada!... – Você também não, Cheyenne – retrucou, charmoso. O elogio até lhe arrancou um sorriso rápido, mas Cheyenne continuava desconcertada.

– Vocês se conhecem? – perguntei e tive a impressão de que Cheyenne não sabia que se tratava do Drácula, porque só o chamava de Vlad e estranhava que ele não tivesse envelhecido.

– Passamos uma noite juntos – explicou Cheyenne perplexa –, mas... nos anos 1960.

– Vocês passaram uma noite juntos? – Eu não podia acreditar, muito menos ainda que ele não a tivesse mordido.

Os olhos da Cheyenne brilharam, e, como gostava de falar da sua vida amorosa, continuou contando:

– Vlad é muito, mas muito persistente. Ele tem um pingolim tão durinho...

– Retiro minha pergunta! – interrompi-a imediatamente. Sabia como Cheyenne gostava de contar os detalhes quando se referia às qualidades anatômicas dos seus amantes, o que nem sempre era engraçado, sobretudo quando falava dos mais antigos. Além do mais, eu não queria imaginar como era o Drácula na cama, nem a sua persistência. A propósito, sobre esse assunto, Frank era uma potência. Normalmente, disparava uma vez só. Mas isso não deixava de ter seu encanto, depois de um dia estressante de trabalho na livraria.

– Você... o chama de pingolim? – perguntou Drácula, dirigiu-se a Cheyenne.

– Ou pirulito.

Era a primeira vez que Drácula ficava espantado desde que aparecera. Mesmo assim, só por uma fração de segundo. Logo voltou a sorrir e disse:

– Estimada Cheyenne, gostaria de ficar a sós com Emma.

Cheyenne estava visivelmente passada. Para ela, estava claro que não tinha nada a ver com um homem que usava um creme antirrugas maravilhoso. Contudo, não era capaz de descrever que tipo de criatura era aquela com quem tinha passado uma longa noite de amor nos anos 1960. Ou talvez não quisesse. Coisa compreensível. De qualquer modo, não insistiu mais e nos deixou partir, embora nos observasse irritada e um pouco receosa.

Drácula me conduziu até uma velha limusine Bentley. Na frente dela nos esperava um motorista humano, vestido com um uniforme elegante. Dava vontade de mordê-lo. Não porque fosse bonito, o que não era. Para ser precisa, parecia uma mistura de príncipe Charles com o ex-jogador de futebol Joachim Löw. De um, ele tinha as orelhas, do outro, os cabelos. Não, tinha vontade de morder o motorista porque ele tinha sangue correndo na sua jugular. Sangue sedutor, fascinante. Podia senti-lo e quis bebê-lo imediatamente.

Pelo visto, o homem tinha bastante experiência com vampiros sedentos como eu. Quando viu meu olhar voraz, tirou discretamente um pequeno crucifixo do bolso. Só de ver, senti enjoo. Minhas entranhas arderam. Retrocedi assustada e não me atrevi mais a aproximar-me dele. Percebi instintivamente que, se me aproximasse da cruz, nem que fosse apenas um metro, os órgãos que ainda me restavam se despedaçariam. E se eu desse mole, viraria churrasquinho. Pelo visto, vampiros eram totalmente alérgicos a crucifixos. Deus não estava do lado dessas criaturas. E, com certeza, também não estava do meu lado. (Eu já sabia disso, da

mesma forma que muitas outras grávidas, quando tinham contrações na sala de partos. Com isso quero dizer que, sendo Todo-Poderoso, não poderia ter feito o parto algo mais agradável?)

O motorista guardou a cruz, abriu a porta de trás da limusine para mim, e eu me sentei no banco de couro.

Como me sentia muito fraca para me sentar corretamente, desabei no assento. Com os olhos quase fechados, perguntei:

– Aonde vamos?

E antes de perder os sentidos, escutei a resposta do príncipe dos condenados:

– Para o nosso futuro.

FEE

Minha cabeça doía horrores. Pior do que naquele dia da festa da Jenny, quando bebemos muito e jogamos um jogo chamado sueca. Se não usasse ataduras, certamente precisaria de uma para a cabeça. E como se isso não bastasse, estava com torcicolo. Mas, mesmo assim, eu estava melhor do que o McDonald's. Dava para ver que um monte de roqueiros tinha lutado ali contra um bando de monstros. Contemplei aquela paisagem de escombros: papai e Jacqueline se levantavam a duras penas e Max, que estava debaixo da mesa com as patas para cima, parecia um nadador encalhado de nado sincronizado. O que o pequeno idiota estava fazendo? Pouco importa. Se, ainda por cima, tivesse que pensar nisso, minha dor de cabeça nunca passaria.

Dei uma olhada ao redor: não vi a mamãe em lugar nenhum. Será que os roqueiros tinham levado?

Enquanto procurava por ela, nervosa, Cheyenne entrou e disse:

- Temos que sair daqui logo, antes que os tiras cheguem!
- Ufta Efma? – papai perguntou.
- Era justamente o que eu ia perguntar – disse.
- Já falaremos de Emma, mas agora temos que pegar a estrada.

Cheyenne nos olhou tão nervosa que saímos de lá correndo. Passamos voando pelos dois roqueiros que eu tinha hipnotizado. Ver aqueles caras dando cabeçadas um no outro ainda me deu mais dor de cabeça. Como boa múmia que eu era, ordenei-lhes:

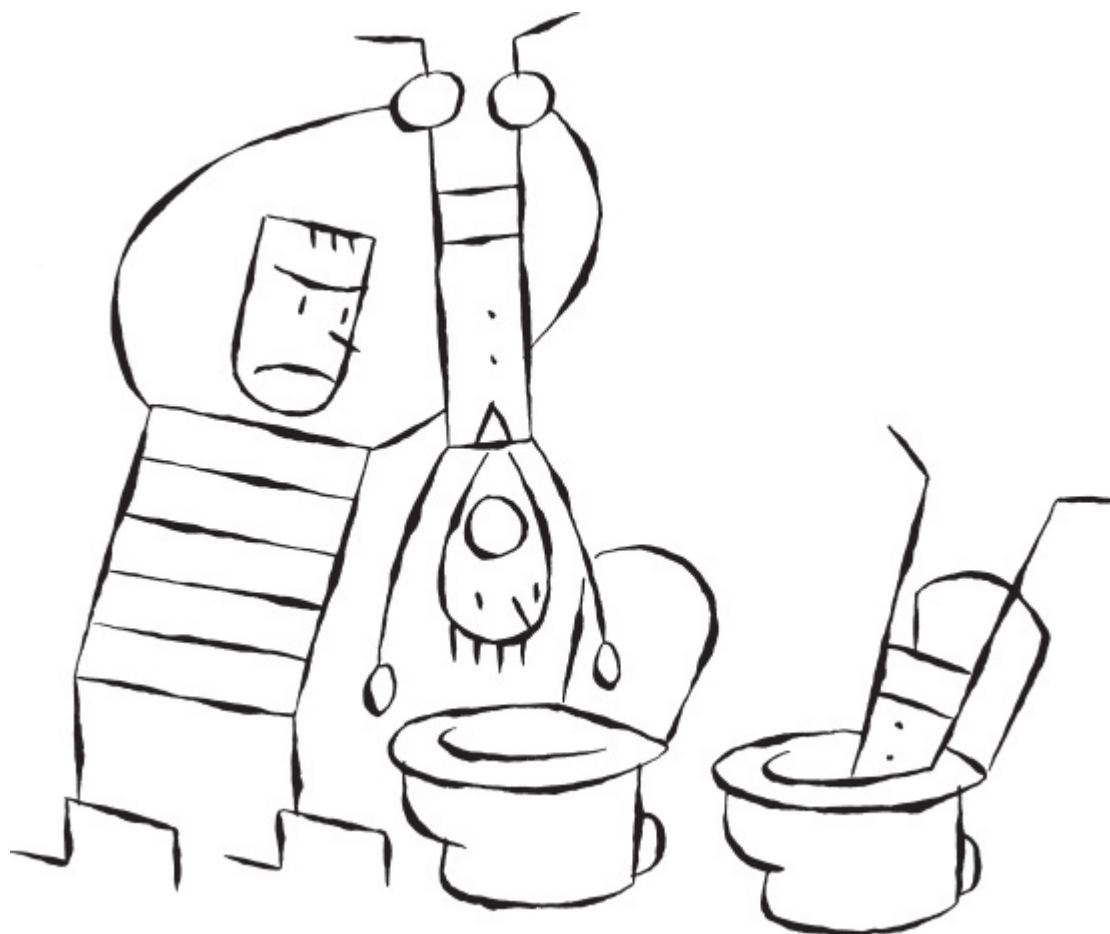
- Quero que parem de bater a cabeça um no outro.

Os roqueiros obedeceram, mas, para nosso azar, continuavam conectados no modo luta e nos atacaram. Papai segurou os caras e os arrastou até o banheiro masculino. Trinta segundos depois, papai saiu de lá. Sem eles.

Assim que nos sentamos na Kombi amarela e Cheyenne saía a toda velocidade do posto, perguntei ao papai:

- O que você fez com os caras?

Como ele não podia expressar-se assim tão bem, pegou o bloco de papel e o lápis, esboçou alguma coisa e me mostrou um desenho como resposta:



Enquanto papai desenhava, Max permanecia calado em um cantinho da Kombi. Jacqueline estava sentada diante dele e não parava de gozar com a cara de meu irmão:

– Da próxima vez, vamos procurar para você um adversário à sua altura. Talvez uma garotinha de cinco anos. Melhor: cega. E prenderemos o braço direito dela nas costas...

Max estava morrendo de vergonha. Se pretendia ter alguma coisa com a tal Jacqueline, já era, pois estava claro que ela tinha perdido todo o respeito por ele e meu irmão não tinha mais nenhuma chance com ela. Assim como eu e o Jannis.

– Ou melhor – continuou a garota, que se divertia horrores –, vou jogar um pouquinho de inseticida na menina antes...

Ela também podia jogar um pouquinho de inseticida no Jannis, pensei, e me chateeí comigo mesma por ainda estar desperdiçando meu tempo com esse cara, apesar de toda a loucura que estávamos vivendo e da ausência da mamãe. Isso tinha que acabar! Precisava esquecê-lo. Eu não podia ter tão pouca dignidade assim. Não podia deixar que um cara qualquer dominasse meus pensamentos!

Algumas horas depois, Cheyenne parou o carro no acostamento de uma pequena estrada no meio do mato, abriu as portas e disse:

– Quem estiver com vontade de fazer suas necessidades, a hora é agora.

Max saiu correndo em direção ao matinho mais próximo, e a garota anunciou:

– Eu também preciso mijar.

Revirei os olhos e disse:

– É mesmo muito legal saber disso...

– Sei como divertir as pessoas – respondeu, dando uma gargalhada, e desapareceu no mato. Nesse momento, me virei para Cheyenne e, muito preocupada, perguntei a ela:

– Onde está a mamãe?

– Você não vai acreditar – respondeu hesitante.

– Onde está a mamãe? – perguntei ainda mais enfaticamente.

– Você não vai acreditar.

– Onde está a mamãe???

– Ela está com um homem que talvez seja o Drácula...

– Não... não acredito – gaguejei.

– Eu disse que você não ia acreditar.

Estava confusa: será que a Cheyenne estava falando a verdade ou será que estava doidona?

– É verdade – disse abatida. – Só nos resta esperar que sua mãe volte para nós.

Muito preocupada, me afastei da Kombi e segui em direção ao campo. Se a mamãe realmente estiver com o Drácula (o que em nosso belo e novo mundo de monstros não parecia impossível), então está em perigo. Ou, ainda pior, poderia estar caçando com Drácula, mordendo as pessoas e criando um montão de novos vampiros. Então mamãe seria a líder dessas criaturas e, à noite, faria orgias selvagens com elas...

Oh, oh! Se existiam duas palavras que nunca, mas nunca mesmo, podiam estar na mesma frase eram “mamãe” e “orgia”.

Caminhei entre algumas árvores bem frondosas sem saber de que espécie eram (biologia nunca foi meu forte) e respirei fundo, do jeito que era possível, por debaixo das malditas ataduras. Quando me afastei ainda mais, topei com um trabalhador rural de uns vinte anos, vestido com uma camisa de lenhador, que, ao me ver, gritou:

– AH!

– Que droga, cara! – gritei também. – Você me assustou!

Observei melhor o rapaz, que tinha ficado completamente paralisado ao me ver. Tinha esse ar perfeito de rapaz doce e simples, que podia encantar uma garota como eu. Lembrei o que me havia proposto a fazer se encontrasse um rapaz bonito.

Hesitei por uns instantes, não tinha certeza se devia hipnotizá-lo. Mas tive a sensação de que ficaria louca, se não me distraísse um pouco. Por ser múmia, pela minha mãe desaparecida e porque continuava pensando no idiota do Jannis. Devagar, mas segura, começava a odiar-me por isso. Tinha que esquecê-lo definitivamente, se quisesse voltar a sentir algo como respeito por mim mesma. E talvez o lenhador pudesse me ajudar.

– Quem... ou o que é você? – perguntou, inseguro.

Olhei bem fundo nos olhos dele e respondi:

– Quem poderia ser? Seu grande amor.

Pouco depois ele beijava apaixonadamente a minha nuca dolorida.

EMMA

Acordei com o maravilhoso e doce cheiro de sangue. Recuperei as forças de tal modo que parecia que tinha recebido uma injeção de café na veia. Abri os olhos e vi que Drácula segurava diante do meu nariz um tubo de ensaio cheio de sangue vermelho e brilhante. Entendi que essa quantidade não seria suficiente para aplacar minha sede, mas queria bebê-la até o fim. Infelizmente, Drácula afastou o sangue e anunciou:

– Agora que você acordou, mandarei que sirvam a comida.

– Comer? – gritei. – Não quero comer! Pode parar com isso!

– O que disse? – perguntou Drácula com olhar ofendido. Pelo visto, o príncipe dos condenados não estava acostumado a ser chamado de louco.

– Quis dizer que você tem a cabeça cheia de morceguinhos... – respondi amarga.

– Sei muito bem o que isso significa – me interrompeu sibilando. Mas, antes que continuasse a sibilar, um mordomo entrou por uma porta de madeira maciça. Dei-me conta, então, de que me encontrava no salão de um castelo. Nas paredes havia antigas pinturas a óleo. Eram retratos de antigos senhores do castelo, que, como simples mortal, eu não gostaria de encontrar no escuro, mas, já como vampira faminta, tudo bem. Eu mesma estava sentada em uma cadeira de madeira em forma de trono na extremidade de uma mesa de carvalho. Se quisesse falar com uma pessoa na outra extremidade, precisaria de um megafone. Com certeza, se não

desejasse com tanto ardor o sangue do tubo de ensaio ou daquele mordomo, teria perguntado quanta madeira era gasta para aquecer um salão tão grande e com um pé-direito tão alto. Infelizmente no pescoço do mordomo balançava também um crucifixo. Dei um salto e me afastei instintivamente daquele homem, embora ele ainda se encontrasse a alguns metros de distância.

– Todos os meus empregados humanos carregam um crucifixo – esclareceu Drácula, sorrindo. – Com certeza, você deve estar se perguntando por que permito isso.

Não, pelo contrário, estava me perguntando como podia fincar os dentes no pescoço do mordomo.

– Tenho também alguns vampiros trabalhando para mim como guarda-costas, os quais, digamos, não sabem se controlar muito. Por isso, os empregados humanos têm que se proteger deles. Esses vampiros são alérgicos ao crucifixo, mas eu não.

Por um instante, isso despertou minha curiosidade.

– O crucifixo só afeta vampiros que eram cristãos quando humanos. Mas eu nunca tive nenhuma religião.

E eu, burra, sempre pensei em sair da Igreja, mas nunca levei isso a sério. Se tivesse saído, não teria apenas economizado o dinheiro do dízimo, mas poderia também transformar o mordomo em refeição.

Com muita calma, ele colocou sobre a mesa uma bandeja com uma tampa de prata por cima, e Drácula anunciou:

– Sua comida.

Aproximei-me da bandeja e ergui a tampa. Debaixo dela, não havia carne vermelha sangrenta, nem linguiça, nem salsicha com batatas fritas e ketchup. Havia apenas uma pequena pílula vermelha. Hesitei. Que tipo de pílula era aquela? Ecstasy? LSD? Vitaminas? Fiquei olhando para ela, perplexa. Não recuperei a fala até que o mordomo saiu do salão sem fazer barulho.

– Que merda é essa? Estou em algum tipo de *reality show*? – gritei enfurecida.

– Tome a pílula, e todo o seu desejo por sangue acabará – respondeu Drácula.

– Se você não me der esse sangue agora... – gritei enlouquecida, joguei a tampa de prata contra a parede, fazendo muito barulho, e me lancei em direção ao tubo de ensaio, que estava sobre a mesa. Mas Drácula foi mais rápido, pegou-o e escondeu-o no bolso do seu paletó.

– Por acaso estou falando suaíli? – gritei. – Me dá esse sangue, seu estúpido!

Tentei meter a mão no bolso de seu paletó, mas ele a afastou com elegância, e eu caí. Drácula era ágil como Nureyev, e, comparado com ele, meus movimentos pareciam tão elegantes quanto os de um hipopótamo com cólicas.

– Você não vai conseguir pegar o sangue de mim ou me agredir com palavras – disse.

– Veremos! – gritei, definitivamente fora de mim, e proferi todos os palavrões que conhecia. Literalmente todos: – Cretino!... Ameba!... Pingolim!...

– Você não é muito objetiva – comentou Drácula.

– Pingolim pequeno!

– Nada objetiva e nem um pouco de acordo com a realidade – disse ofendido. Pelo visto, as palavras eram capazes de feri-lo. Pois muito bem!

– Pingolim minicalifragilisticoespialidoso...

– EMMA!

Ele segurou minha mão, me olhou bem dentro dos olhos e disse:

– Tome esta pílula. Confie em mim.

Sua voz maravilhosa e, sobretudo, seu olhar doce me acalmaram um pouco. Deixei de ser grosseira, mas, dentro de mim,

eu resistia:

– Você é o Drácula.

– E daí?

– Quem pode confiar no Drácula?

– Espero que a mulher que me está predestinada – respondeu sorrindo.

Ai, meus saís. Será que ele estaria se referindo a mim?

Viu a pergunta nos meus olhos, mas não a respondeu. Pegou a pílula com sua delicada e forte mão e a estendeu para mim. Confusa e sem alternativa, peguei a pílula. Nossos dedos se tocaram levemente, e um arrepio agradável percorreu meu corpo. Preferiria continuar tocando seus dedos, mas pus a pílula na boca, como ele me tinha ordenado. Ela não tinha sabor de nada, mas a engoli mesmo assim. Mal tinha alcançado meu estômago, e tudo desapareceu: as câibras, o mal-estar, as náuseas e, principalmente, o desejo pelo pequeno tubo de ensaio. Não queria morder mais ninguém no pescoço. Voltei a ser eu mesma.



Ao recuperar a consciência, senti um medo atroz: estava num castelo? Com o Drácula em pessoa?!?

– Sente-se melhor? – perguntou com sua bela voz, demonstrando um sincero interesse.

Assenti cautelosamente.

– Com certeza, deseja saber por que eu a trouxe aqui, não é mesmo?

Na realidade, apenas gostaria de saber como fugir dali. Mas preferi ficar quieta.

– Em primeiro lugar, estamos em um de meus castelos a vinte quilômetros do lugar pouco hospitaleiro onde a encontrei.

Bom, isso significava que meus filhos e meu marido não estavam sozinhos havia muito tempo. No entanto, isso não significava que não tivessem provocado nenhuma tragédia; afinal, tratava-se dos Wünschmann. De qualquer forma, eu podia reencontrá-los relativamente rápido, caso Drácula deixasse, o que parecia pouco provável.

– Gostaria de conversar com você sobre a profecia – anunciou Drácula muito sério.

– Que profecia? – perguntei.

– A profecia dos Kree.

– Há 10 mil anos – começou –, os Kree, uma linhagem colateral dos neandertais, percorreram as vastas terras selvagens que, atualmente, conhecemos como Leste Europeu.

Não parecia muito interessante. Certamente teria sido mais divertido percorrer as vastas terras selvagens que atualmente conhecemos por Mallorca.

– Entre os Kree havia um adivinho, Harboor. Tinha o dom das línguas, estava em contato com os antigos deuses da Terra e podia prever o futuro.

Sem dúvida, Harboor dever ter se entediado muito ao percorrer o Leste Europeu numa época sem GPS.

– Harboor viu o futuro e profetizou para seus irmãos: “Um dia virá ao mundo uma criatura com uma inacreditável sede de sangue. Sobre essa criatura recairá uma maldição: uma alma habitará em seu ser! Mas toda pessoa que, com sua mordida, for transformada em sanguessuga perderá sua alma e será incapaz de amar. E o sedento de sangue com alma estará condenado a vagar mil anos pelo mundo sem encontrar o amor...”.

Os olhos do Drácula brilhavam cheios de dor. Será que o pobrezinho viveu tanto tempo sem amar? Ninguém merecia esse destino. Realmente ninguém. Nem mesmo o príncipe dos

condenados. Nesse momento, senti muita pena dele. E não questionei se era moralmente correto sentir compaixão por tal criatura.

– Mesmo o sedento de sangue – continuou Drácula – encontrará um dia um ser semelhante em cujo peito uma alma também vive.

Temi que eu fosse a bola da vez.

– E ele amará essa criatura.

Drácula me olhou cheio de amor para dar. Será que ele tinha se apaixonado por mim? Por uma mulher casada, frustrada e com uns quilos a mais antes da transformação? Ao menos para ele, depois de mil anos sem amar, eu era uma grande esperança. No desespero podia-se confundir essa esperança com amor. Tinha visto algo parecido com minha velha amiga Taddi, que vivia sozinha havia muito tempo e que, no desespero, ficava com uns caras que me fazia pensar: “Nossa, amiga, você não sente nojo de nada mesmo!”.

Drácula pegou minha mão. O contato provocou, como antes, um agradável formigamento. Pequenos arrepios prazerosos percorreram meu corpo. E meu coração inexistente começou a bater com força. Aquela era a sensação mais excitante que eu experimentara em muitos anos.

– ... e essa criatura o amará... – continuou com a profecia, falando em voz baixa e irresistível.

Meu coração inexistente batia cada vez mais forte.

– ... e os dois viverão juntos, amando-se para sempre...

Isso era tempo demais.

No entanto, Drácula me olhava, tão cheio de esperança... de nostalgia... com um ar de desejo... e amor... Sim, havia amor no seu olhar... Isso era perturbador... realmente fascinante.

Nesse instante, para sempre não me pareceu tanto tempo assim. E perdi outra vez o juízo, depois de tantos anos.

MAX

– Podemos também fazer a garotinha girar algumas vezes antes de brigar com você...

Desde que fui fazer minhas necessidades, Jacqueline não parava de me zoar, e me sentia cada vez mais envergonhado por minha absoluta covardia. Sempre me imaginei com uma tendência para herói, se tivesse um físico apropriado. Agora que finalmente possuía um corpo forte, continuava sendo um covarde desprezível. Por isso, os comentários da Jacqueline me feriam ainda mais.

– E quando a garotinha estiver tonta, ela ainda vai ter que se equilibrar na corda bamba...

– Chega! – gritei. Não podia aguentar mais as suas provocações. Principalmente porque eram verdadeiras.

– Ah, não chega não – disse Jacqueline soltando uma gargalhada. – Talvez seja melhor você enfrentar um coelhinho...

– Eu já disse: chega!

– E estou pensando num coelho que a gente compra na seção de bichos de pelúcia...

– Pelo menos não sou tão intelectualmente atrofiado como você! – berrei. Queria revidar os golpes, feri-la. Portanto, tentei atingi-la no seu tendão de Aquiles.

– O que é que eu sou? – perguntou.

– Idiota – traduzi.

– Não sou idiota – respondeu Jacqueline, furiosa.

– Ah, não é, não? Então me explica, por exemplo, o que é uma hipotenusa – eu disse, em tom de desafio.

– Muito fácil... – replicou em tom de bravata.

– Diz aí então – continuei provocando-a.

– Bom... – refletiu – ... hipotenusa... é tipo assim uma *drag queen*.

– Realmente esperava por uma resposta parecida – disse eu, rindo com presunção, e acrescentei: – Chamar você de burra é uma ofensa à espécie dos asnos.

Para minha surpresa, meu comentário realmente a atingiu e nem tinha sido tão inteligente assim.

– Meus pais disseram algo parecido, quando fui matriculada na escola pela primeira vez.

Muito magoada, virou as costas, acendeu um cigarro e se afastou de mim. Embora tivesse parado de implicar comigo, fiquei pior do que antes. Tinha perdido uma boa amiga antes de tê-la como amiga.

Ou como algo mais.

Ai, que cretino eu era. Eu me embrenhei ainda mais no mato e meditei sobre as desastrosas circunstâncias em que nos encontrávamos: éramos monstros, mamãe tinha desaparecido, e eu era um covarde, pior, um covarde asqueroso. Sentia falta de um bom livro. Ou mesmo de um medíocre. De repente pensei que, conhecendo o covarde que eu era, provavelmente nunca mais poderia me identificar com heróis como Harry Potter, e sim com covardes asquerosos como Mundungo Fletcher. Perguntei-me angustiado se algum dia a leitura voltaria a ser um prazer para mim.

– Desse jeito está bom – ouvi Fee dizer.

Dobrei para a direita e a vi sentada em um tronco caído, deixando que um jovem lenhador massageasse seu pescoço.

– FEE! – gritei indignado. – Você... você... não pode hipnotizar o pobre homem...

– Hein... – respondeu com ar arrogante. – Claro que posso. Tanto posso que já o fiz.

– Mas não pode pedir a ele que lhe faça uma massagem no pescoço nesta situação... – Não conseguia acreditar naquilo.

– Tem razão – afirmou sorrindo. – Uma massagem no pé está mais na moda. Virou-se para o lenhador e fez um novo pedido. Ele se ajoelhou e começou a massagear os pés dela.

– Mas isso é imoral! – repreendi-a.

– Vaza, vaza, vai catar um pauzinho por aí – ela disse, enervada.

Não conseguia acreditar naquilo. Fee não queria parar. Com certeza eu era covarde e mau. Mas ela abusava dos superpoderes que acabara de adquirir! O que estava acontecendo conosco, os Wünschmann? Estávamos nos transformado em monstros agora que éramos monstros?

FEE

– Você... você se deixou seduzir pelo lado escuro da força... – balbuciou meu irmão enlouquecido e começou a cavar o chão com as patas.

– E você pelo melodrama – retruquei.

Deixar os pés serem massageados não era nada perto de construir a Estrela da Morte, no filme *Guerra nas estrelas*, para pulverizar algum planeta com sete milhões de homenzinhos verdes.

Max cavou o chão com mais força ainda e me olhou com desprezo. E quando um estúpido lobisomem te olha com nojo, acaba com toda a cortiça. Por isso, suspirei e disse ao lenhador:

– Por favor, apanhe um lindo buquê de flores do campo para mim.

– Com prazer – anunciou e desapareceu no meio do mato.

A princesinha dentro de mim sempre desejara que dessem para ela um buquê de flores do campo. Mas isso era completamente impensável com os garotos com quem eu tinha ficado até agora. Nem em sonhos chegaram a cogitar comprar ou, o que seria melhor ainda, colher flores. Por isso sempre disse para a princesinha dentro de mim: “Você precisa esquecer essa ideia”. Contudo, graças ao meu novo poder de hipnose, novas possibilidades se abriam para a princesa e para mim.

Levantei-me do tronco e tentei explicar meu comportamento para o Max:

– Essa situação toda é uma merda. Estou tentando tirar algum proveito dela, pelo menos.

– Mas isso não é “algum proveito”!

– Para de dar uma de moralista. É bom que alguém seja legal comigo, só para variar um pouquinho.

– Mesmo não sendo de verdade? – contra-atacou Max.

Max tinha razão. O negócio aqui não tinha nada a ver com amizade sincera, eu também sabia disso. Ainda assim objetei:

– Mas é melhor que nada.

Contudo, eu mesma me perguntei se realmente era melhor que nada. Com certeza não era muito melhor que nada, isso era óbvio. Mas um pouquinho melhor, talvez. Por outro lado, um pouco melhor que nada era também melhor que nada?

Vi o lenhador colhendo flores para mim e de repente senti pena. Ele estava pagando pelo estrago que Jannis tinha feito aqui dentro.

Não, aquilo não era melhor que nada. De fato, era muito pior. Senti-me culpada. Totalmente culpada.

– Mamãe foi embora – disse Max, me desviando desses pensamentos – e não sabemos onde está.

– Cheyenne acha que ela está com o Drácula – disse.

– Drácula...? – perguntou Max, assombrado. – O vampiro?

– Não, Drácula, o padeiro – respondi nervosa.
– O padeiro? – inquiriu Max estupefato.
– Não, claro que é o vampiro – eu disse com os nervos à flor da pele.

– Papai sabe disso?

Max engoliu em seco a pergunta. Pelo visto, para meu irmão, depois de tudo que tinha acontecido, era perfeitamente possível que mamãe estivesse com Drácula e que realmente existisse um vampiro chefe. E que Max acreditasse nisso fez com que, infelizmente, a ideia também se tornasse mais realista para mim.

– Não sei se a Cheyenne contou isso para o papai – respondi insegura.

– Drácula... – gaguejou Max bastante preocupado.

Ele estava a ponto de chorar. Eu não podia suportar isso e, cada vez mais, sentia medo pela minha mãe. Para que Max não chorasse, e eu também não, disse:

– Mamãe vai voltar logo para brigar comigo, como sempre! E vai te abraçar, porque você é o queridinho dela!

– Não, você é a queridinha dela – Max respondeu, bravo.

Tive que rir alto.

– Ela passa muito mais tempo com você – ele disse, amargo.

– Entre tapas e beijos.

– Ela só presta atenção em você...

– Preciso tanto dessa atenção quanto de uma espinha... – interrompi-o.

Mas Max estava tão machucado que não me ouvia e continuou falando:

– ... e já não tem mais energia para mim. Quando vocês discutem, ela simplesmente me pergunta “Como vai?”. E nem

mesmo ouve a minha resposta. – Ele me olhou, triste, e reforçou: – Você é mesmo a queridinha dela.

Fiquei perplexa. Era totalmente sem sentido o que ele tinha contado. Quem é tão perseguida quanto eu não pode ser a queridinha. Mas Max falava sério. Sua tristeza, sua raiva eram absolutamente sinceras.

– Gostaria – continuou amargo – de poder ser ruim com ela, pelo menos teria tempo para mim. – E foi embora.

– Aonde você vai? – perguntei.

– Para o carro. Esperar. Enquanto isso, você pode pedir para a sua vítima hipnotizada uma massagem com lama terapêutica.

Observei Max enquanto ele se arrastava lentamente, abanando o rabo. Eu estava muito confusa. Se Max tinha razão, e eu era a queridinha da mamãe, então... então... isso era... muito estranho.

Nesse instante, o lenhador apareceu com um lindo ramo de flores do campo. Contudo, eu e a princesa dentro de mim já não gostávamos daquelas flores. Por isso, ordenei-lhe:

– Dê o buquê para alguém que você ame de verdade.

– Obrigado – respondeu o lenhador. – Peter vai gostar muito.

Ele desapareceu no mato. Por um momento, fiquei olhando para ele, espantada, e voltei para o carro perdida em meus pensamentos. Sentia-me mal por ter hipnotizado o lenhador e fiquei admirada que Jannis não tivesse a consciência pesada por se aproveitar das garotas. Como alguém podia fazer isso sem se sentir tão mal quanto eu? Jannis era muito pior do que eu pensava. Uma pessoa tão sem consideração pelos outros não merecia que eu pensasse nela nem mais um segundo da minha vida. E quando por fim compreendi isso, parei imediatamente de pensar nele. Ele não tinha mais importância na minha vida.

A questão agora era: com quem eu seria feliz? Existiria esse alguém?

A bruxa tinha me dito que eu não tinha ideia do que ia fazer com a minha vida. Infelizmente, ela tinha razão.

Na minha sala, alguns já tinham um plano: queriam ser banqueiros, advogados ou paisagistas, como a Jenny. Mas, até agora, eu só tinha pensado em coisas idiotas, como garotos.

Não sonhava com uma profissão normal, como os outros. Para piorar, não possuía nenhum grande talento. Quais eram, então, meus planos para a vida?

Enquanto meditava a respeito, ouvi papai gritar na Kombi, furioso e tendo um ataque de ciúmes:

– DRFMULA???

EMMA

Meu consciente queria entregar outra vez meu corpo aos hormônios, para ir ao Caribe. As malas já estavam prontas. Mas eu podia me permitir uma viagem assim?! Por causa do meu casamento. Por causa da minha família. E porque “a princesa dos condenados” não era a resposta que eu queria dar à pergunta: “Como você se imagina daqui a cinco anos?”.

Por isso eu disse ao meu inconsciente: “Deixe as malas pra lá!”.

– O que disse? – perguntou Drácula, irritado, e largou minha mão.

O que eu poderia responder? Não podia lhe explicar que estava a ponto de sentir algo por ele e que queria, inclusive, que voltasse a pegar minha mão porque era tão bom! Não podia encorajá-lo.

– Nada... é só um provérbio – disse.

– E o que quer dizer? – insistiu Drácula.

– Bom... que... temos que deixar as malas pra lá? – esclareci vagamente.

Drácula me olhou um instante como se minha cabeça estivesse cheia de morcegos. Então voltou a pegar minha mão, cheio de amor para dar, e meu consciente tirou as bermudas do armário.

– Deixa as bermudas pra lá! – gritei.

Drácula riu e disse:

– O que você diz não faz sentido... Mas é fascinante.

Meus saís, ele já estava na fase “apaixonado”, em que tudo o que a pessoa amada faz é fascinante, mesmo que ela o atormente com um rap.

– Pertencemos um ao outro – afirmou Drácula –, tal como Harboor profetizou.

Reuni todas as minhas forças e afastei sua mão dizendo:

– Com certeza é... um mal-entendido... Sem dúvida, o tal Haribo se enganou ao profetizar...

– Harboor – Drácula me corrigiu.

– Tanto faz... O que ele poderia saber? Viveu há dez mil anos. Naquela época, as pessoas morriam com vinte anos, e aquelas que nessa idade ainda tinham três dentes eram consideradas reis.

– Harboor previu a invenção da roda, a queda do Império Romano, as Cruzadas...

Engoli em seco. Pelo visto, o cara acertava todas.

– Será que você não está se opondo a nosso destino juntos por causa da sua família? – perguntou Drácula.

Não respondi.

– É tão maravilhosa assim? – insistiu.

– Humm... sim, claro... de algum modo – respondi evasivamente.

– Eles te fazem feliz?

– Às vezes – respondi, hesitante.

– Só às vezes?

Então me calei, triste.

– “Às vezes” é pouco para uma mulher como você – afirmou, enquanto eu lutava comigo para não concordar com ele. Drácula se dirigiu até a mesa, sentou no trono que eu ocupara antes e disse: – Posso oferecer para você riquezas incomensuráveis, amor e paixão infinita. Durante uma vida eterna. E, mesmo assim, você prefere uma família que não te faz feliz?

Formulado dessa forma, parecia realmente uma idiotice minha.

Além disso, sua oferta parecia bastante tentadora. Tão tentadora quanto o homem. De modo muito diferente do que aconteceu com Frank em outros tempos. Frank era o tipo de homem com o qual uma mulher podia construir uma família e sentir-se protegida – o que eu mesma fizera. Mas também era o homem que, na véspera, tinha chegado ao extremo de me fazer a triste pergunta: “Fiz tudo certinho ao longo da minha vida? Ou apenas a metade das coisas?”.

Ao contrário, Drácula era, por definição, o cara tipo *bad boy*. Ao lado dele, podia-se curtir uma vida louca, cheia de paixão e, graças a seus empregados, sem nunca discutir quem vai levar o lixo para fora de casa.

Mas o melhor era que, ao contrário de outros *bad boys*, ele nunca ia me abandonar. Sabia o que significava ficar solteiro por mil anos. E não tinha alternativa, pois os outros vampiros não possuíam alma como nós. E humanas estavam fora de questão. Portanto, Drácula nunca olharia fixamente para o traseiro da Stephenie Meyer. Não, ele me ofereceria a imortalidade. Riquezas. Paixão. Amor eterno. Com ele, eu poderia dar a volta ao mundo. Apreciar países exóticos. Conquistar o universo! Viver uma vida de aventuras como aquela com a qual sonhara quando era criança. Mas que nunca tinha podido viver. Por causa da minha família.

Havia ofertas piores.

Por exemplo, Frankspeido.

Ou não, o que eu estava pensando?

Não podia pensar nisso. Era loucura!

Amava meu Frankspeido. Ele era um Frankspeido muito, mas muito legal.

– Por favor, me deixa voltar para a minha família – pedi tão decidida quanto pude.

Para minha surpresa, Drácula respondeu:

– Naturalmente. Prometi a você que poderia voltar para sua família.

– Ótimo – disse, tentando disfarçar minha surpresa diante da sua pronta rendição. Drácula se levantou de seu trono, caminhou em minha direção e sorriu amorosamente:

– Emma, logo você reconhecerá que fomos feitos um para o outro, e então abandonará a sua família.

– Não... não farei isso – respondi com coragem.

Drácula calou-se e não insistiu. E o cúmulo da coisa toda era que ainda parecia compreensivo. Mais uma vantagem em relação ao Frank. E ainda não tinha soltado nenhum pum.

Em vez de continuar falando, Drácula me deu um leve beijo na bochecha. Carinhoso. Com lábios suaves. Totalmente atordoada retrocedi alguns passos, esbarrei na mesa com força e fiquei muito grata à dor, que se sobrepôs ao feitiço do beijo.

Enquanto a dor diminuía, entendi tudo: para que a profecia do profeta desdentado nunca se realizasse, muitas coisas tinham que acontecer. Por um lado, tinha que me preocupar em encontrar a mendiga, para ela desfazer o encanto. Isso era claro. E, por outro, precisava fazer alguma coisa para resistir à imensa atração que sentia por Drácula: tinha que me engajar ativamente em ser mais feliz com minha família. Muito mais feliz!



Assim que o motorista partiu, fiquei tão aliviada quanto desolada por não estar mais do lado de Drácula. Para me distrair dos meus pensamentos confusos, olhei para a bela propriedade, da qual saímos através de um enorme portão, e me perguntei como Drácula conseguia manter tantos castelos ao redor do mundo. Incapaz de responder a mim mesma, perguntei ao motorista. O homem passou a mão pelo seu cabelo à la Joachim Löw e me explicou:

– Quando se é imortal, é preciso desenvolver um bom faro para os negócios, se não quiser dormir debaixo da ponte por séculos.

Soava lógico. Sendo assim, a imortalidade também implicava grandes desafios. Parecia que Drácula os superava com bravura. E isso não o tornava menos atraente como homem. Que pena.

– O mestre – continuou o motorista – também possui várias empresas. Entre elas, uma cujo nome é de um conhecido de sua terra natal. Um *voyeur* que se chamava Guguel.

Essa empresa era de Drácula? Isso explicava o tratamento negligente da companhia de internet na hora de lidar com os direitos dos usuários.

– Então – concluí –, Drácula soube de mim através de seus satélites?

O motorista ficou nervoso.

– Será que, por acaso, estou certa?

– Não cabe a mim responder tal pergunta – disse, e dirigiu em direção à autoestrada. Parecia que queria esconder algo importante de mim.

– Você sabe que sou uma vampira? – disse, tentando intimidá-lo um pouco para que desembuchasse.

– Trago um crucifixo comigo – ele retrucou.

Só o pensamento me fez estremecer. Mas era muito curiosa para deixar que se livrasse de mim tão facilmente. Continuei sorrindo, mas em tom ameaçador:

– Você deve saber também que seu mestre está em minhas mãos. Acho que não vai ser nada engraçado se eu contar a ele que você tentou me seduzir.

– Isso... de jeito nenhum! – protestou.

– Bem, então é a minha palavra contra a sua – disse, com ar arrogante.

Charles-Joachim começou a sentir medo. E percebi como eu sentia prazer em botar medo nas pessoas. Nesse instante compreendi por que tanta gente gostava de ser chefe.

– Foi assim – cedeu Charles-Joachim. – Eu levava o mestre a seu castelo natal na Transilvânia e, de repente, do nada apareceu uma mulher na calçada... Freei imediatamente...

– O quê? – interrompi-o. – Uma mulher, do nada?

– Se entendi bem, era uma bruxa e falava de você, madame. Infelizmente não sei mais nada. Meu mestre desceu do carro e continuou falando com a mulher na rua.

Só podia ser a Baba Yaga. Ou seja, ela conhecia Drácula. E tinha falado de mim para ele. O que significava isso? Será que a bruxa tinha me transformado de propósito só para eu ser a noiva do Drácula? Se sim, com que objetivo? E por que escolheu justamente a mim? Com certeza havia candidatas para noiva muito melhores do que eu, principalmente levando-se em consideração a opinião da minha sogra, que tinha me apelidado com a expressão nada lisonjeira de “a escolha errada”.

Mais um pensamento cruzou minha mente. Pelo visto, Baba Yaga não tinha ido direto para a Transilvânia. Imaginei que, com um simples estalar de dedos, ela tivesse aparecido magicamente ali, mas, sendo uma moribunda, talvez estivesse muito fraca para isso. Muito provavelmente poderíamos pegar a bruxa no meio do caminho, supondo que ela tenha optado pela mesma estrada que nós, coisa pouco provável. Mas como se diz por aí: a esperança é a última que morre. Uma frase que também se pronuncia depois de afirmações, como: “Nossas instalações nucleares são seguras”, “Se a orquestra está tocando, é sinal de que o barco não está afundando”, “Se ficarmos em silêncio, o rinoceronte passará longe”, ou “Com o próximo homem, tudo será diferente”.

Charles-Joachim sabia, graças aos satélites do Guguel, onde estava Cheyenne com a minha família. Enquanto avançávamos a

trancos e barrancos pela estrada de terra em direção à Kombi, afastei Baba Yaga e Drácula do meu pensamento. Pois, no fundo, só uma coisa importava: tinha que voltar a ser feliz com minha família. Para conseguir isso, precisava encontrar três chaves que perdera nos últimos anos: as chaves dos corações de Fee, Max e Frank.

Quando avistei a Kombi amarelo-cheguei, pedi ao motorista que parasse o carro. Queria caminhar os últimos metros que faltavam, para aclarar meus pensamentos. Desci do carro e, enquanto me afastava, ouvi a voz baixa de Charles-Joachim murmurar:

– Tenho que mudar de profissão urgentemente.

Fui ao encontro de minha família muito comovida. Antes mesmo de alcançar a Kombi, Max correu feliz ao meu encontro, pulou em cima de mim e só não me lambeu porque tive tempo de pedir que não fizesse isso.

Max recolheu a língua, colocou-se do meu lado, e eu o afaguei sem parar. Uma experiência totalmente nova na nossa relação de mãe e filho. Olhei para Fee, que estava apoiada numa árvore, e vislumbrei um sorriso de alívio debaixo das ataduras. De repente ouvi, atrás de mim, um profundo grunhido que fez vibrar o chão. Virei e vi Frank, bastante furioso. Aborrecido, ele berrou:

– DRFMULA?

– Sim... Drácula – admiti, tentando não ficar envergonhada.

– VFICK? – perguntou bravo.

– Vfick? – não entendi.

– Acho – disse Cheyenne, tentando explicar – que, se ele fosse um monstro inglês, estaria perguntando se vocês “fucked”.

Meu Deus, será que ele achava mesmo que eu tinha ido para a cama com o Drácula?

– VGUTIGUTI? – perguntou de outra maneira.

- Acho – interveio Cheyenne novamente – que isso quer dizer...
- ENTENDI PERFEITAMENTE! – interrompi-a.

Observei, então, Frank. Meu Deus, ele realmente estava com ciúmes. Por um lado, fiquei surpresa, claro que não houve nenhum “vgutiguti”, mas um “vmãonamão” certamente sim. Por outro, era extraordinário que Frank sentisse ciúmes. Na sua forma humana, sempre estava muito cansado para demonstrar esses sentimentos. Seu novo corpo parecia ter a vantagem de despertá-los. Isso tinha algo de bonito.

- No vgutiguti – respondi, sorrindo, ao Frank.
- O nível linguístico desta família degenera rapidamente – comentou Max.

Frank me olhou de cima a baixo, e eu continuei sorrindo. Então decidiu acreditar em mim, abriu um largo sorriso de alívio e suspirou:

- Ufa!

Eu também respirei aliviada. Então, Frank perguntou, renovado:

- Vgutiguti?

Dessa vez, perguntou apontando para mim e para ele. Meu Deus, será que ele queria dormir comigo? Momentos de amor entre monstros? De repente, duvidei se deveria achar bom que os sentimentos estivessem despertando em seu novo corpo.

Antes que pudesse contestar qualquer coisa, Fee disse:

- Acho que os pais não devem falar de sexo na presença de seus filhos. Logo, logo, os filhos vão precisar fazer terapia cara, e vão brincar com outros perturbados.

– Ou precisam de muito, mas muito álcool – completou Jacqueline. – Mas já que estamos falando desse assunto: pouco me importa se os velhos praticam sexo ou não. Estou morrendo de fome e de sede!

Não tinha pensado nisso. Os roqueiros nos atacaram antes de pedirmos o combo mais simples.

– E estou cansada – disse Fee, demonstrando que o esgotamento físico se misturava ao mental. Olhei para o céu e vi que o sol se punha. Ainda tínhamos quase dois dias e meio até que Baba Yaga morresse. Além disso, precisava ter um pouco de tranquilidade com a minha família, caso quisesse me aproximar deles novamente a fim de encontrar a chave de seus corações. Calculei que, se não dormíssemos muito, podíamos passar a noite em algum lugar e chegar a tempo à Transilvânia. Então anunciei:

– Vamos procurar algo para comer e um lugar para dormir.

Todos pareceram agradecer. Frank também me olhou com esperança.

– Vgutiguti ali?

Cheyenne deu uma gargalhada:

– Acho que está perguntando se...

– EU SEI!



Depois que Cheyenne comprou comida suficiente no McDonald's mais próximo (não estava em condições de me preocupar com uma alimentação balanceada para meus filhos), nos hospedamos em um desses hotéis baratos de beira de estrada. Esses hotéis têm a vantagem de que, à noite, uma máquina substitui o pessoal da recepção, portanto não causamos alvoroço. Enquanto nos dirigíamos pelos corredores iluminados de neon até nossos quartos, Max me empurrou com seu rabo e perguntou:

– Como, finalmente, conseguiu neutralizar sua sede de sangue?

Contei para ele sobre as pílulas de Drácula. Quando acabei, ele perguntou:

– Drácula te falou quanto tempo dura o efeito da pílula?

Ah, não! Eu me esqueci completamente de perguntar!

– Por toda uma vida imortal? – perguntou Max. – Um mês, um dia, duas horas?

Naturalmente não conhecia a resposta. Por isso disse profundamente insegura:

– Mais um conselho para a vida, meu filho: as pessoas não gostam de quem chama atenção para coisas desagradáveis.

Para escapar dos desejos sexuais de Frank e ter um tempinho com a Fee, dividi os quartos da seguinte maneira: Frank/Max, Jacqueline/ Cheyenne, Fee/esta humilde serva que vos fala. Fui com minha filha múmia para o quarto com uma privada autolimpante, dois cobertores de penitenciária e uma televisão velha.

Contudo, estava feliz por estar a sós com Fee, embora ela estivesse cansada e nervosa. Assim, podia encontrar a primeira das três chaves, das quais precisava para salvar nossa família.

– Que bom que finalmente temos um tempinho para nós duas – eu disse, encorajada.

Ela me olhou como se eu tivesse dito: “Que bom que finalmente nós duas pegamos gastroenterite juntas”.

– Quero dizer... que por fim podemos conversar um pouquinho em paz.

Quase escutei Fee pensando irritada: “Que legaaal”.

– Uma verdadeira conversa de mãe e filha... – continuei mesmo assim, animada. Eu não esperava quebrar sua resistência assim tão rápido.

– Se voltar a falar em educação, me joga pela janela – contestou. Não queria tratar desse assunto tanto quanto ela. As conversas, que impusera a Fee nos últimos anos sobre educação,

não constavam entre os melhores momentos da história da comunicação.

– Não – acalmei-a –, só ia lhe perguntar se existe alguma coisa que você queira.

– Além de não ser mais uma múmia? – respondeu.

– Quero dizer... de mim como mãe – esclareci, com doçura.

Ela me olhou desconfiada, mas, quando eu sorri, ela me perguntou cheia de esperança:

– Você tá falando sério?

– Sim. Absolutamente sério.

– Bom – titubeou no início –, para começar, gostaria que não gritasse tanto comigo.

Gostaria de ter respondido “obrigada, igualmente”, mas me contive e disse:

– Também não gosto de passar o dia todo gritando. Vou parar com isso.

– Jura? – perguntou insegura.

– Juro! – e para reforçar, levantei a mão em sinal de juramento.

Fee sorriu. Estava contente com o que eu lhe prometera. Pela primeira vez em muito tempo vi um sorriso em seu rosto, e isso me fez bem.

– Você é feliz com o seu trabalho na livraria? – perguntou assim, de repente.

– O quê?

– Você é feliz de verdade com o seu trabalho?

– Como assim... por que você está me perguntando isso?

– Bom – ela disse, abrindo-se –, estou... pensando na vida e no que fazer com ela... se algum dia sairmos deste rolo de monstros, claro.

Fiquei surpresa. Ela realmente me fazia uma verdadeira pergunta de conversa entre mãe e filha. A coisa parecia estar funcionando, estava construindo um novo e melhor canal de contato com ela. Quem sabe até conseguisse recuperar a chave do seu coração.

Mas o que eu podia lhe responder naquele momento? Decidi tentar a sinceridade.

– Não me sinto muito feliz com a livraria.

– Humm – respondeu. Aparentemente minha resposta não foi de grande ajuda.

– E você está pensando em quê? – perguntei cuidadosamente.

– Em várias coisas – retorquiu.

– Ainda um pouco indefinidas?

– Bem, gostaria de encontrar alguma coisa que me preenchesse totalmente, mas...

– ... não sabe o que é.

Fee aquiesceu.

– Você é jovem ainda. Concentre-se primeiro nos estudos, depois você vê.

Ficamos caladas por alguns instantes. Depois, Fee perguntou:

– Isso é tudo?

– O quê?

– Eu peço um conselho sobre o que fazer da minha vida, e você me diz que devo me concentrar nos estudos? Só isso?

Ela tinha razão. Fui pragmática demais.

– Bom, quando terminar a escola – continuei –, você vai encontrar alguma coisa de que goste.

Via-se no seu rosto de múmia que isso também não a ajudava muito. Ela queria respostas. Agora. Já. Mas eu não podia dá-las.

– Tenha paciência – eu disse, sorrindo levemente.

– Já sabia – suspirou, decepcionada.

– O que você já sabia? – perguntei

– Tanto faz.

– Fala logo – insisti.

– Já sabia que alguém que não encontrou nada de bom para fazer na vida não ia conseguir me ajudar.

Não deveria ter insistido.

Seu comentário me magoou. Sobretudo porque cheguei a conseguir o trabalho dos meus sonhos, mas fiquei grávida dela e o larguei.

– Não fale assim comigo – revidei.

– Falo como quiser – replicou Fee tranquilamente.

– NÃO FAÇA ISSO!

– Você disse que não ia mais gritar comigo – ela disse, amarga.

Fee tinha razão de novo.

– Sabia que não ia cumprir sua promessa nem por um minuto.

– Sinto muito – eu disse, tentando amenizar a situação.

– Tudo bem – retorquiu, me olhando com aquele olhar de desprezo que tanto me magoava e, ao mesmo tempo, me enlouquecia de raiva. Ela sempre fazia com que eu me sentisse uma péssima mãe.

– Não tem nada em mim que te pareça bom? – perguntei magoada.

Ficou quieta.

– Bom, talvez quatro ou cinco coisas.

Nenhuma resposta.

– Duas e meia? – disse eu tentando fazer graça.

– Você sabe levar as pessoas à merda.

Isso me doeu, pois era verdade no caso dos monstros. Mas não quis reagir com raiva e pensei: “Ela não vai me tirar do sério”.

– E você sabe muito bem irritar as pessoas.

“Ela não vai me tirar do sério”, repeti como se fosse um mantra.

– Inclusive, a sua especialidade é estragar a minha vida, como você estragou a sua.

Ok, ela me tirou do sério.

– Também gostaria de ter outra filha! – contra-ataquei gritando. – Uma filha que não fosse reprovada, que não gritasse, que colaborasse com as tarefas da casa e que não me fizesse sentir um verdadeiro monstro.

– Se você quer uma filha modelo, inventa uma para você – respondeu, profundamente magoada.

Observei os olhos negros por trás das ataduras e vi que brotavam lágrimas deles. Que idiota eu era! Numa situação crítica como aquela, magoara ainda mais minha filha. E ela também a mim, mas eu era a adulta e deveria ter me controlado. Se pudesse, teria me esbofeteado ali mesmo, se possível com uma máquina de esbofetear criada pelo Professor Pardal, funcionando na potência máxima.

– Sinto muito, coelhinha – murmurei.

Fee calou-se, triste e ferida. Em seguida ligou a televisão velha e adotou sua postura de costume: “vou ficar calada olhando para a TV até que você desapareça”.

Eu me levantei da cama e saí do quarto. Triste. Nem mesmo agora, quando se tratava da sobrevivência da nossa família, encontrava a chave do coração da minha filha.



Saí de mansinho do quarto, me sentindo uma total fracassada em matéria de educação dos filhos e, de repente, topei com Max.

– Por que você não está no seu quarto? – perguntei, surpresa. Embora fosse um lobisomem, eu me preocupava que ele andasse por aí num hotel tão sinistro quanto aquele. Sabe-se lá o que podia encontrar pela frente.

– Tive que sair para fazer pipi – explicou.

– Mas no seu quarto não tem banheiro? – perguntei espantada.

– Sou um lobisomem – replicou Max. – Para mim, os banheiros são um complicado problema logístico.

Não tinha me dado conta disso.

– Até tentei usar o banheiro do quarto – continuou explicando –, mas escorreguei da privada e bati no porta-papel higiênico de metal.

Ele então me mostrou um pequeno arranhão que sangrava um pouco acima de sua sobrancelha de lobisomem. Não fiquei nem um pouco atraída pelo sangue. Pelo visto, a pílula continuava fazendo efeito. Isso me aliviou, e também me alegrei ao encontrar Max logo após a discussão com a Fee. Certamente seria mais fácil achar a chave de seu coração. Afinal, nunca tinha discutido com ele. Max era uma pessoa mais calma, muito tranquila.

– E por que você está no corredor? – perguntou.

– Briguei com a Fee – admiti.

– Eu sabia! – disse irritado, ofendido de verdade, como se eu tivesse brigado com ele e não com a irmã. Seu comportamento era um tanto estranho.

– Tudo bem com você? – tentei desviar a conversa para ele.

– Para que quer saber? Isso não lhe interessa mesmo, você só tem olhos para a Fee – disse para me atingir. Fiquei completamente espantada.

– De onde você tirou isso? – perguntei.

– Você adora discutir com ela! – retrucou.

– Claro, claro – disse, rindo –, isso é tão bom quanto tratamento de canal.

– Eu também consigo – disse –, posso?

– Não, obrigada – respondi um pouco confusa. Que mosquito o mordera?

– Você é... um protozoário – disse tentando me ofender, totalmente sem jeito, pois sua inteligência não o permitia. Enquanto Fee sabia xingar como um marinheiro com gonorreia, Max parecia, de algum modo, fofo, quando fingia discutir. Tive que me controlar para não rir, pois, se desconfiasse que eu não o levava a sério, ficaria verdadeiramente magoado comigo.

– Você é... uma mulher das cavernas! – continuou tentando. Era realmente difícil não rir de tudo aquilo.

– Você... você... é uma degenerada... uma degenerada... – gaguejou.

– O quê? – perguntei, me divertindo, pois ele já não sabia mais o que dizer e respirava ofegante.

– degenerada!

Não resisti e desatei a rir.

– Não vejo graça nenhuma – esbravejou furioso, e sua voz de lobisomem quase latiu.

– Eu te amo tanto – disse –, que você simplesmente não consegue me aborrecer.

– Ah, consigo sim! – replicou.

Cinco segundos depois, minha calça estava ensopada com um líquido quente.

A última vez que Max fizera xixi em mim havia dez anos, enquanto trocava suas fraldas. Naquela época, achei graça e ameacei brincando: “Quando você me apresentar sua primeira namorada, vou contar tudo para ela”.

Mas meu filho agora era um lobisomem, e aquilo não tivera tanta graça assim. Max me olhou triunfante e saiu correndo. Evidentemente eu também não encontrara a chave do seu coração.

O que foi que eu fiz de errado para meus filhos me odiarem tanto? Talvez fosse mesmo uma péssima mãe. Talvez, pensei com tristeza, talvez eu estivesse melhor se tivesse permanecido com Drácula.

Em meio a tristes pensamentos, escutei:

– Efma?

Eu me virei, e lá estava Frank na porta do seu quarto. Sorria amavelmente. Bom, tão amável quanto um Frankenstein pode sorrir. Acariciou minha bochecha com carinho. Bem, tão carinhoso quanto um Frankenstein consegue acariciar (parecia quase uma leve bofetada). Depois fez um gesto desajeitado com a mão, pedindo para eu entrar no quarto. Hesitei um pouco, mas repeti minhas palavras de antes, com voz rouca:

– No vgutiguti.

Sorri furtivamente e entrei com ele. Talvez ainda fosse possível pelo menos encontrar a terceira chave, a do coração de meu marido. Nós nos sentamos sobre a cama, que afundou tanto por causa do peso do Frank, que mais um pouco estaríamos sentados no chão. Depois de algum silêncio, perguntei a ele se lembrava-se da nossa vida antes da transformação.

Frank se concentrou em busca de uma resposta. Quase se podia ver como a engrenagem mal lubrificada do seu cérebro se movia lentamente. Ao final de um processo mental realmente longo, respondeu:

– Pfoco.

Bom, era melhor que nada.

Ficamos quietos por alguns instantes, enquanto eu tomava coragem para perguntar:

– Você ainda sente alguma coisa por mim?

Em vez de grunhir alguma coisa, Frank pegou o caderno de desenho e esboçou alguma coisa. Quando terminou o desenho, ele me mostrou.



Fiquei tocada. Era doce. E Frank também, nesse momento.

– O que – continuei perguntando – teria feito se Drácula e eu realmente... –, não completei a pergunta, mas estava claro a que me referia.

Frank pegou o bloco outra vez e, nervoso, rabiscou o papel:



Quando vi o desenho, soltei uma gargalhada. Fez bem. Era a primeira vez desde a transformação que eu conseguia rir.

– E o que faria comigo? – perguntei.
A resposta foi rápida:



Ri de novo. Foi ótimo rir tanto. Libertador. E o melhor era saber que quem provocara o riso fora meu marido.

Agradecida, beijei os parafusos na testa dele, que cheiravam a metal oxidado. Seu rosto cinza ficou vermelho com o beijo, o que significava que não tinha que encontrar a chave de seu coração, eu já a possuía. Pelo visto, não perdera completamente a minha família.

FEE

Como a televisão do quarto tinha muito chuveiro, fui para o terraço do hotel, para arejar a cabeça. Estava exausta. Existe coisa mais interessante do que ouvir a sua própria mãe dizer que queria ter tido outro tipo de filha. Não era a filha preferida, como o louco do meu irmão pensava, e sim o alvo favorito. Além do mais, eu não tinha

dado um único passo adiante na questão de “o que fazer da minha vida”, algo que, até ontem, me parecia totalmente desimportante.

Ao chegar ao terraço, vi algo que me tirou de meus tristes pensamentos. A velha bruxa estava no extremo mais afastado do terraço e parecia doente: pálida, trêmula e molhada de suor. Normal, se ela ia mesmo morrer em 48 horas.

– O que você fazer aqui? – perguntou tão surpresa quanto eu. Aparentemente, a velha não tinha a menor noção de que também estávamos neste hotel.

– Desfaça o feitiço agora mesmo! – gritei sem pensar.

– Eu não pensar em fazer isso – respondeu, e se levantou com dificuldade.

– Pois eu fazer picadinho de você com a vassoura – ameacei.

– Eu não ter vassoura – respondeu, irritada, a bruxa.

– Mas do picadinho não abro mão.

– Você falar engraçado – comentou, já de pé e cambaleando.

A bruxa tinha razão. Tinha que parar de falar à la Baba Yaga.

Corri bem rápido na direção dela e, quando estava perto, me lembrei de meus poderes de hipnose. Parei diante da velha, olhando bem no fundo de seus olhos verdes, que brilhavam como um lago onde havia todo tipo de lixo radioativo.

– Quero que desfaça o feitiço – disse.

A velha soltou uma gargalhada alta e horrenda, como um berro. A bruxa também era imune aos meus poderes hipnóticos, os quais, pelo visto, só funcionavam com as pessoas normais.

– Eu ser maga – declarou com ar superior.

– Não, você logo logo ser lixo hospitalar! – gritei.

– Você falar engraçado de novo! – disse, rindo largamente e deixando à mostra os dentes podres.

– ARGGGH! – gritei, levantando a mão.

– Você gritar engraçado também! – disse, rindo mais alto ainda. Ela sentia prazer em zombar de mim. Tanto quanto eu sentiria ao quebrar os últimos dentes de sua boca. Quando estava a ponto de lhe dar uma surra, ela sacou o amuleto de prata com a mão trêmula e começou a resmungar:

– *Re invoc a terici...*

O amuleto brilhava tanto que fiquei morta de medo: será que a velha queria me matar com outro feitiço?

– NÃO! – gritei em pânico e segurei o punho dela para afastar o amuleto de mim.

Mas ela continuou resmungando suas palavras incompreensíveis:

– *Enver ti terici...*

O amuleto tinha um brilho tão intenso que me cegou. Não podia ver mais nada, mas continuei dando murros na direção da bruxa, pois sabia onde ela estava... contudo, meus socos não a atingiram. E não porque eu tivesse mirado errado, não. A bruxa tinha desaparecido. Virou fumaça! Como dava socos no ar sem parar, fui derrubada pelo meu próprio impulso, perdi o equilíbrio e tropecei. Meu pé direito se chocou contra a borda do telhado. Depois o esquerdo. E me precipitei no vazio.



Caía com a cabeça voltada para baixo, a toda velocidade e com o vento zumbindo nos meus ouvidos. Para minha surpresa, não sentia medo. Estava apenas infinitamente triste: minha vida ainda não tinha começado de verdade.

Teria chorado com prazer, mas as lágrimas não vinham. Por isso, tive mais vontade ainda de chorar, justamente porque não podia.

De repente, me passou pela cabeça que talvez meu corpo quisesse me dizer alguma coisa, do tipo: “Não choraminga, sua idiota! Passou a vida toda sentindo pena de si mesma e, por isso, não fez nada. Deixa de choramingar, pelo menos no último instante”.

Se essa era a mensagem, meu corpo tinha razão! Passei a vida toda reclamando. Poderia levantar a bunda da cadeira e mudar o rumo da minha vida. Largar os estudos, viajar pelo mundo como a Cheyenne, que, diga-se de passagem, era muito mais feliz com a sua vida do que a minha mãe.

Exatamente, isso era um plano! Fazer a mesma coisa que Cheyenne: sair de casa, ver o mundo e descobrir o que me dá prazer e me faz feliz! “Não há nada bom até que alguém o faça”, dizia um autor que estudamos na aula de literatura alemã. Quem era mesmo? Goethe? Schiller? Um mané qualquer.

Que merda que a gente só chegue a sábias conclusões quando restam apenas sete segundos de vida. Em tais situações, “antes tarde do que nunca” não era de muita serventia.

Mas não queria mais reclamar nem ser chorona nos últimos momentos de minha vida. Queria enfrentar a morte com coragem. De repente, alguma coisa me agarrava pelo tornozelo e impedia abruptamente minha queda. Abri os olhos e vi que meu rosto se aproximava da fachada do hotel. Gritei, mas não adiantou nada, pois bati a cabeça na parede. Doeu pra cacete.

Logo em seguida, ouvi a Jacqueline dizer lá em cima:

– Ainda bem que ela não é uma pessoa de verdade ou agora teria cara de pizza marguerita sem queijo.

Olhei para cima e percebi que balançava de cabeça para baixo com o papai me segurando pelo tornozelo. Ele estava debruçado sobre uma janela aberta, com o resto do grupo atrás dele. Pelo visto, todos tinham escutado minha briga com a bruxa, e o papai me agarrara em plena queda livre e salvara a minha vida!

Depois de me içar pela janela, me joguei em seus braços muito agradecida. Papai soltou uma estrondosa gargalhada e me abraçou com tanta força que quase me sufocou. Mamãe então disse:

– Acho que é melhor soltá-la.

Compartilhei da opinião dela.

Papai me soltou. Antes que conseguisse examinar meu peito em busca de contusões, mamãe me abraçou e chorou, inclusive, de alívio.

– Minha coelhinha... minha pobre coelhinha.

Por pouco não chorei com ela, mas me lembrei da decisão que tinha tomado durante a queda: meus dias de chorona tinham que acabar de uma vez por todas! Eu me desvencilhei do abraço e me afastei um pouco da mamãe, o que a irritou. Olhei para ela e me lembrei da discussão que tivéramos antes. Ainda me magoava muito pensar que ela gostaria de ter outra filha. Graças à queda, arejei a cabeça e percebi com mais clareza como poderíamos nos dar melhor, como ter as rédeas da minha vida em minhas mãos: precisava me afastar dela. Ir para muito longe. Ficar distante de tudo e de todos. Descobrir o mundo como a Cheyenne.

– Onde está Baba Yaga? – perguntou Max, interrompendo meus pensamentos.

– Fez um numerozinho de magia e desapareceu – respondi, contando-lhes rapidamente nosso encontro.

– O que será que a bruxa estava fazendo aqui? Será que sabia que estávamos no hotel? – inquiriu mamãe, secando as lágrimas com a manga da roupa.

– Ela deve estar perdendo seus poderes mágicos – deduziu Max. – Com sua magia, consegue viajar apenas alguns quilômetros a caminho da Transilvânia.

– Então precisamos saber para onde foi – opinou mamãe –, para espia-la.

– Infelizmente, Baba Yaga não me disse para onde pretendia ir – respondi chateada.

– Se encontrarmos seu quarto, podemos descobrir alguma pista – propôs Max e começou a correr pelos corredores do hotel com o focinho grudado ao chão. Um pouco depois, gritou: – Seu cheiro está cada vez mais intenso.

Enquanto corríamos atrás dele tão depressa quanto podíamos, fiquei feliz de não ser um lobisomem. Se para um olfato normal, a bruxa já fedia mais que um vestiário de meninos, imagine para o Max!

De repente, Max gritou, contente:

– É este quarto aqui!

Corremos até lá e exclamei desapontada:

– Não tem roupa, não tem nada.

– Pelo visto, as bruxas viajam com pouca bagagem – constatou mamãe.

– Olha, tem um panfleto aqui! – disse Jacqueline apontando uma propaganda de viagem em cima da cama.

Mamãe o pegou.

– É do Madame Tussauds. Em Viena? Tem um museu de cera lá?

– Como o nosso em Berlim – explicou Max –, são franquias.

– Que merda é essa de franquia? – perguntou Jacqueline.

– Franquia é...

– ... tanto faz isso agora – disse Max, interrompendo. Então perguntei:

– Por que a bruxa quer ir ao museu? Quer dar uma de turista nas suas últimas horas de vida?

– Se acreditarmos na cabala judaica – Max voltou a se conectar ao modo conjecturas –, saberemos que existem lugares no mundo

onde a magia fica mais forte e onde as linhas de forças mágicas se cruzam formando nós...

– E também são nós de trânsito para aqueles que se teletransportam? – perguntou mamãe, interrompendo Max.

– Que piração! – disse Jacqueline e, excepcionalmente, tive que concordar com ela.

– Os cabalistas, que criaram o Golem, acreditavam nesses nós mágicos – reforçou Max.

– O Golem é um personagem mitológico inventado – afirmou mamãe, contradizendo Max.

– A gente pensava a mesma coisa do Drácula e da Baba Yaga.

– Um a zero para você – assentiu mamãe.

– O museu de cera da Madame Tussauds é um desses nós mágicos? – perguntei meio que duvidando.

– Tal como este hotel – respondeu Max.

– Mas a gente não pode se teletransportar – ressaltou mamãe. – Temos apenas uma Kombi e vamos demorar horas até chegar a Viena. E quando chegarmos, Baba Yaga já estará atravessando os Cárpatos.

– Não acho – retruquei cheia de esperança. – A velha estava muito fraca e precisou reunir suas últimas forças para desaparecer. Talvez esteja tão esgotada que vai ter que descansar em Viena. E então poderemos apanhá-la.

Mamãe refletiu um pouco e logo disse, decidida:

– Vamos partir agora mesmo! Obrigaremos a bruxa a desfazer o feitiço e nos teletransportar de volta a Berlim.

“Ou para qualquer outro lugar”, pensei. De repente, tudo ficou claro para mim: se apanhássemos a bruxa, não a obrigaria a apenas desfazer o feitiço, mas também a forçaria a me levar para um lugar muito distante, um lugar onde pudesse encontrar a minha felicidade.

EMMA

Pegamos a estrada à noite em direção a Viena. Estava sentada do lado da Cheyenne e, cada vez que ela tirava o pé do acelerador, nem que fosse só um pouquinho, eu a obrigava a pisar fundo de novo. Na parte de trás da Kombi, Frank roncava no chão, e Jacqueline brincava com seu iPhone sem dignar-se a olhar para o Max. Fee, por sua vez, parecia animada, mudada. Será que a adrenalina da queda a tinha estimulado de alguma maneira? Ou talvez a perspectiva de que, com um pouco de sorte, logo deixaria de ser múmia? Não quis perguntar. Sentia que ainda não me perdoara pela discussão e eu me envergonhava de tê-la atacado tão duramente.

Desviei o olhar de Fee para Cheyenne. Ela não tivera filhos com quem brigar. Porém, nunca sentira a felicidade de tê-los.

– Você nunca se arrependeu de não ter tido filhos? – perguntei-lhe.

Cheyenne ficou surpresa por um momento e logo respondeu:

– Bom, um dia li que as pessoas que têm filhos vivem mais.

– Sério? – perguntei.

– Sim, mas também envelhecem mais rápido.

Tive que rir, e ela riu comigo. Contudo, senti que ela queria apenas dissimular a sua melancolia.

– Nunca quis tê-los? – insisti.

– Só com um homem. Mas não rolou – contou, esforçando-se para parecer o mais neutra possível.

– Com o Drácula? – perguntei, espantada.

Cheyenne negou, balançando a cabeça com veemência, porém não revelou quem era esse homem, já que não se tratava do

príncipe dos condenados. Ficamos caladas por alguns instantes, e depois ela disse:

– Gostaria de ser você.

Isso me desconcertou:

– Porque tenho uma família?

Cheyenne deu uma gargalhada:

– Por causa da... Você não deve fazer rir uma velha com problemas de incontinência!

– Por causa do que então? – perguntei confusa.

– Você é uma vampira. É imortal... – Parecia muito melancólica. Não era de se admirar, pois Cheyenne era velha e não tinha mais tantos anos de vida pela frente. Será que, na velhice, eu vou me amaldiçoar por ter recusado a oferta de eterna juventude do Drácula? Quando estiver sentada numa cadeira de rodas, respirando com dificuldade, com reumatismo e verrugas, discutindo com o plano de saúde sobre o financiamento da minha dentadura?

– E você pode fazer sexo com o Drácula. – Seus olhos brilharam com a lembrança dos momentos que tiveram juntos.

– Ele é mesmo bom de cama? – perguntei, logo em seguida me arrependendo de ser tão curiosa. Não se devem fazer certas perguntas, quando se está em busca das chaves dos corações da sua família.

– Antes de conhecer o Vlad – respondeu Cheyenne –, nunca tinha ouvido falar em “múltiplos”.

Eu só conhecia o termo das revistas femininas. Não pude evitar: por um momento me imaginei na cama com o Drácula. Se um simples toque de mão podia me excitar tanto, o que será que aconteceria se transássemos? Na minha cabeça, apareceu um filme com explosões vulcânicas, fogos de artifício e enguias elétricas.

– O pingolim dele é enorme – continuou Cheyenne –, como uma criatura do fundo do mar.

- Uma criatura do fundo do mar?
- De um livro do Júlio Verne.
- Eca! – foi minha primeira reação diante de tal metáfora.
- Não, não é eca – disse Cheyenne, rindo –, mas eba!
- Eba? – perguntei.
- Ou uhu!
- Prefiro eba.
- Drácula disse a mesma coisa.

Para expulsar da minha cama imaginária Drácula pelado e sua criatura do fundo do mar, olhei de soslaio para Frank. Roncava e, infelizmente, não era nenhuma visão sedutora. Em sua forma atual, seu toque era grosseiro, mas, mesmo na sua forma original, nunca me tocara como o príncipe dos condenados fizera.

Meu Deus, eu só possuía a chave do coração do Frank, e uma parte de mim queria jogá-la fora por causa do Drácula? Era inadmissível! Tinha que me controlar. Certamente me sentirei orgulhosa quando, velha decrépita, explicar ao plano de saúde que renunciei à imortalidade e a todo “múltiplo” em nome do meu casamento. E com certeza não vou me importar se o plano achar que não estou batendo bem.

Com certeza. Tão certo quanto encontrar a chave do coração dos meus filhos. E tão certo quanto vencer a bruxa, e tão certo quanto... o Sol gira ao redor da Terra.

Suspirei.

Cheyenne suspirou comigo.

E entramos em Viena suspirando juntas.



O Museu Madame Tussauds ficava no Prater, do lado da rodagigante, cujas cabines balançavam de um lado para o outro com a

brisa matinal. Ao contrário da roda-gigante, o museu de cera ainda estava fechado. Na frente do edifício, um segurança grandalhão fazia a ronda. Ele usava uniforme preto, era careca, tinha um cavanhaque e um cassete; em resumo, era do tipo “não existe problema no mundo que não se resolva com violência”.

Ao nos aproximarmos dele, gritou de forma agressiva:

– Ei, o que vocês querem aqui, aberrações? Vazem, vazem!

– Somos aberrações? – perguntou Fee. – Mas quem é que tem cavanhaque?

O segurança pegou instintivamente o cassete, mas, antes que pudesse representar um perigo para nós, Fee olhou bem no fundo dos olhos dele e disse:

– Desejo que você nos deixe entrar no museu de cera.

Contentíssimo, o guarda pegou a chave e disse:

– Mas é claro – e abriu a porta maciça. Tais poderes hipnóticos, pensei comigo mesma, poderiam ser extremamente úteis na vida cotidiana: nos serviços de atendimento ao consumidor, nas batidas policiais e, sobretudo, na educação dos filhos.

– Desejo ainda que você se dedique a salvar filhotes de foca pelo resto de sua vida – ordenou Fee ao guarda.

O segurança assentiu com entusiasmo e saiu correndo. Fiquei imaginando como, no futuro, ele daria porrada nos caçadores de filhotes de foca no Ártico.

Entramos. Dentro, havia a típica exposição de bonecos de cera: Madonna, Michael Jackson, George Bush, o menos esperto dos presidentes homônimos... E também austríacos famosos: Sigmund Freud, Niki Lauda, Arnold Schwarzenegger, vestido de Exterminador do Futuro, e Adolf Hitler.

Passamos por Brad Pitt e Angelina Jolie. Observei aquela mulher forte. Como ela conseguia fazer tudo aquilo? Tinha uns dezessete filhos, muitas casas, fazia milhares de filmes e, ainda por cima,

segundo as revistas de fofoca, tinha encontrado tempo para trair seu marido com Bill Clinton no Fórum Econômico Mundial em Davos. Mesmo que tivesse tantas babás e assistentes trabalhando para ela, depois de uma semana ficaria acabada com uma vida como essa e, certamente, teria caído de sono ao lado do Bill Clinton.

– Nenhum sinal da nossa bruxa desdentada – afirmou Fee.

– Max, talvez você tenha se enganado com os nós mágicos – suspeitei.

– Não, tenho certeza de que Baba Yaga está aqui – retrucou Max com a voz trêmula.

– Como é que você sabe disso? – perguntei

– Porque o Michael Jackson está se mexendo.

Eu me virei e realmente vi o boneco de cera do Michael Jackson vir lentamente na nossa direção.

– Ok... Esse pode ser um argumento – eu disse, engolindo em seco.

Contudo, Michael Jackson não era o único que caminhava na nossa direção, havia também Sigmund Freud, Arnold Schwarzenegger, Angelinaolie e Mozart. Ou melhor, não era Mozart, era Falco, aquele cantor austríaco de rock dos anos 1980, em trajes de Mozart, como no videoclipe de “Rock me Amadeus”.

Os bonecos de cera avançavam de modo bizarro, com movimentos desajeitados, tal qual Michael Jackson em “Thriller”, sendo que a coreografia era bem pior agora. Eles não eram especialmente rápidos, mas bloqueavam a saída e davam a impressão de que nunca mais nos deixariam sair do museu.

– Droga – gemeu Fee –, sabia que ainda encontraríamos zumbis.

– Zumbis contra monstros – disse Jacqueline, tentando esconder seu medo –, seria um título de filme bem legal.

Os bonecos de cera estavam prontos para nos atacar, e seus rostos sem expressão me deram medo. Com certeza aquelas criaturas não pensariam duas vezes antes de nos matar, simplesmente porque eram incapazes de pensar.

Ainda bem que Frank estava com a gente. Determinado, foi em direção a Sigmund Freud, gritou “Ufta” e arrancou sua cabeça de cera com um único golpe. A cabeça voou, e Max comemorou dizendo:

– Analisa isso, Freud!

Infelizmente, Freud continuou avançando com os braços esticados e sem cabeça, como se nada tivesse acontecido.

– Fmefda – resmungou Frank.

– Fmefda total – apoiou Fee, vendo aproximar-se dela o Exterminador-Schwarzenegger. Cada boneco de cera escolheu um de nós. O que me ameaçava era a Angelina Jolie. Antes que eu pudesse esboçar alguma reação, Angelina me deu um soco tão forte no meio da cara que eu cambaleei para trás. O golpe foi tão brutal que, se tivesse sido no meu corpo normal, eu iria direto para o hospital. Enquanto minha cabeça ainda retumbava por causa do primeiro soco, Angelina se preparava para o próximo golpe. Em pânico, olhei a minha volta e vi um boneco ainda sem vida do príncipe Charles em uniforme de gala. Corri até ele e peguei sua espada. Angelina me seguiu, cambaleando no estilo zumbi de andar. Empunhei a espada, corri até ela e disse:

– Tome esta, supermulher!

Cravei a espada na barriga dela. No entanto, a esperança de acabar com ela durou pouco. A espada atravessou a cera como... bem, como se atravessa a cera. A estocada não apenas não deteve Angelina, como não causou o menor arranhão nela.

– Ah, não – murmurei.

– Me junto a você no “Ah, não” – suspirou Cheyenne, encurralada na parede pelo Falco-Mozart. Em poucos segundos, o Amadeus ia fazer picadinho dela.

– Já sei por que os museus são uma porcaria – reclamou Jacqueline, ameaçada pelo Michael Jackson. Ele tentou derrubá-la, mas ela conseguiu se safar rapidamente. Demonstrando um fantástico espírito de luta, ela deu uma rasteira no rei do pop. Mas a rasteira não surtiu efeito, nem sequer escutamos o célebre gritinho estridente de Michael Jackson.

– Detesto caras que não têm saco – disse Jacqueline encarando Max, o único a quem os bonecos de cera deixaram em paz, ou porque só atacavam pessoas, ou porque não o consideravam uma ameaça, pois Max ficou agachado no meio de toda a confusão, assustadíssimo.

– E como esses caras não têm saco – gritou Jacqueline –, um pouco de ajuda seria ótimo, seu nerd de araque.

Mas em vez de ir ajudá-la, Max saiu correndo. Em pânico. Apavorado. Ganindo.

Como mãe, não se pode ficar orgulhosa de ter um filho covarde, seja cão ou lobisomem, mas, por outro lado, senti alívio porque pelo menos ele sobreviveria. Provavelmente, sem a gente por perto, acabaria por ser recolhido pela carrocinha, mas esse destino era melhor do que a morte no museu de cera de Madame Tussauds. Eu mesma não podia ajudar a Jacqueline, pois Angelina se aproximava cada vez mais de mim, empurrando centímetro por centímetro seu corpo de cera intacto após o golpe de espada. Enquanto isso, Frank tentava agarrar Freud, que caminhava como uma galinha decapitada; Falco estrangulava Cheyenne, e o Exterminador-Schwarzenegger tinha jogado Fee no chão. Minha filha se ergueu depressa, mas ele voltou a derrubá-la, de maneira que Fee não se atreveu a levantar-se de novo e fugiu dele arrastando-se de costas. Aterrorizada gritou:

– Seria ótimo se alguém tivesse uma ideia bem rapidinho, senão logo, logo vou dizer: “Hasta la vista, baby.”

Mas eu não tinha ideia nenhuma. Percebi que zumbis contra monstros era uma história muito parcial. Essas bestas mágicas eram simplesmente invencíveis. Não tínhamos a menor chance de sair dali com vida.

MAX

Assim que saí do museu, a primeira coisa que fiz foi mijar no poste mais próximo. Estava terrivelmente aflito: não era um herói, era uma pessoa sem coragem nenhuma, indigna do amor de Jacqueline.

Ai, ai, ai, o que minha mente estava processando? Queria ser amado pela Jacqueline? Uma garota que me menosprezava e que metia minha cabeça dentro da privada? Melhor não saber como Sigmund Freud analisaria o caso.

Isso pouco importava: nunca teria uma chance com ela, mesmo na remota possibilidade de que Jacqueline sobrevivesse ao massacre, para ela eu seria sempre um nerd covarde, e com razão.

Espera aí! Ao me lembrar de como ela tinha me chamado, tive uma ideia. A coragem não era minha especialidade, mas, em matéria de inteligência, tinha alguma coisa a oferecer. E quem disse que um herói só pode lutar empregando a força física? Existe também a força de espírito!

Raciocinei depressa. Como podia deter os zumbis? O que podia destruir o componente básico da sua existência: a cera? Após alguns segundos, cheguei a uma conclusão bem simples.

Corri até a Kombi, peguei o desodorante barato da Jacqueline e retornei o mais rápido possível para o museu. Ao ver o pandemônio

que ali se instalou, ou melhor, o panzumbi, o terror voltou a me dominar. Por um momento, fiquei paralisado. Mas logo vi o rosto de Jacqueline. E notei que sentia medo. Muito medo. Meu grande amor – não podia continuar negando, eu gostava da Jacqueline – estava prestes a ser assassinado pelo Michael Jackson. Não podia permitir aquilo. Minha preocupação por ela foi maior do que meu medo. Corri para seu lado, joguei o desodorante para ela e gritei:

– Pegue!

– Desodorante? Enlouqueceu de vez? No meio da briga, você quer me dizer que eu cheiro a mofo...?

– Pega o seu isqueiro – gritei.

Nesse momento ela entendeu. Quando se tratava de fazer uma maldade com alguém, seu cérebro era extremamente rápido para processar os dados.

Para ganhar tempo para ela, mordi a perna do Michael Jackson. Foi como roer uma vela, mas funcionou. O boneco de cera soltou a Jacqueline para tentar me agarrar. Jacqueline pegou o desodorante do chão, tirou o isqueiro do bolso e se colocou diante do boneco. Jogou um jato de desodorante no ar e acendeu o isqueiro justamente diante do bico pulverizador. Uma chama poderosa surgiu e flambou a cara do Michael Jackson, que derreteu totalmente. Em chamas, o boneco de cera retrocedeu, cambaleou pela sala como uma tocha viva e, finalmente, se desfez.

– Que legal! – exclamou Jacqueline, usando nos outros bonecos o lança-chamas improvisado. Ateou fogo em todos eles até que nós estivéssemos a salvo. A sala inteira cheirava a cera queimada e a desodorante. No fim, parou ofegante no meio dos bonecos derretidos e me disse:

– Pelo visto, você não é tão covarde assim.

Fiquei eufórico ao ouvir isso da boca dela. A meu modo, talvez tivesse jeito para ser herói.

– E idiota você também não é – completou Jacqueline, rindo.

Foi maravilhoso ela ter dito isso. Mais maravilhoso ainda foi o modo como ela sorriu para mim. Pensei que seria realmente fantástico, apesar da nossa grande diferença de idade – mais de dois anos e meio – e de eu ser um lobisomem, se algum dia chegássemos a ser um casal, porque isso era definitivamente o que eu queria!

EMMA

Max e Jacqueline nos salvaram, formavam uma ótima equipe. E do jeito que a Jacqueline olhava para meu filho, talvez pudessem chegar a ser mais do que uma equipe. Ela estava visivelmente impressionada com a atitude de meu filho.

Agora precisávamos encontrar a bruxa. Contudo, antes que pudéssemos começar a busca, Fee gemeu de repente:

– Que merda!

– Que merda, o quê? – perguntei.

– Que merda, Adolf Hitler!

Nós nos viramos e vimos que o boneco de Adolf Hitler vinha em nossa direção.

– Que merda! – xinguei.

– Justamente o que eu disse!

Os problemas ainda não tinham acabado. Não só não tinham acabado, como acabavam de começar! Pois atrás de Hitler caminhavam todos os bonecos do museu: do príncipe Charles ao Homem-Aranha, dos Rolling Stones a Franz Beckenbauer, de Muhammad Ali ao Dalai Lama, aquilo era uma verdadeira invasão de zumbis de cera.

– Fmefda, Fritler! – resmungou Frank.

Ele queria sair correndo e arrancar a cabeça do Hitler. Embora o compreendesse, detive-o segurando o braço dele. Não tinha nenhuma chance contra milhares de zumbis de cera.

– Ainda temos desodorante? – perguntei a Jacqueline.

– Gastei quase tudo.

– Foi o que pensei.

Gostaria muito de flambar a cara do Hitler com o resto do desodorante, mas tive uma ideia muito melhor:

– Quem é a favor de fugirmos?

O resultado da votação foi claro.

Pedi para o Frank carregar a Cheyenne, que começava a recuperar os sentidos, e corremos todos até a saída. Os zumbis nos seguiram, e de repente ouvimos Baba Yaga gritar atrás da gente:

– Vocês não escapar de mim!

Quando saímos do museu, espantamos os poucos turistas matutinos do Prater, que fugiram apavorados para todos os lados quando viram os zumbis de cera que nos perseguiram.

– Precisamos ir para algum lugar onde essas bestas não possam nos pegar – gritei.

– Não poderia ser um pouco mais específica? – disse Max, ofegante.

Olhei ao redor, vi a roda-gigante e esclareci:

– A roda-gigante! Quando estivermos no ar, eles não vão nos seguir.

Corremos até a roda-gigante. Quando chegamos lá, pedi a Fee que hipnotizasse o funcionário antes que ele quisesse fugir. Olhou bem fundo nos olhos dele e ordenou, como lhe tinha proposto, que fizesse subir nossa cabine o mais rápido possível. Nós nos

sentamos na cabine, subimos velozmente e ficamos a salvo da horda por um momento.

De cima, pudemos ver Baba Yaga sair do museu com suas criaturas enfeitiçadas. Como Fee já havia nos contado, a bruxa parecia bastante doente e fraca. Tinha apenas um dia e meio de vida. Mas, infelizmente, não estava fraca o suficiente para dar-se por vencida. Ergueu seu amuleto brilhante, resmungou alguma coisa e os bonecos de cera interromperam a perseguição. Em vez disso, cambalearam para se reunir.

– O que será que estão fazendo? – perguntou Fee, insegura, com o nariz colado na janela da cabine. – Será que estão se reunindo para um bailinho?

O boneco de Hitler tocou o do Dalai Lama, e ambos se fundiram em um monte de cera. Então, Franz Beckenbauer tocou o monte e se fundiu com ele também. Assim um boneco após o outro, até que uma enorme bola de cera de mais de um metro de diâmetro se formou diante de Baba Yaga. Com suas invocações, a bola cresceu ainda mais e, quando já estava quase tão alta quanto a rodagigante, a cera começou a formar uma nova criatura, um monstro parecido com um lagarto, um...

– Godfilla – disse Frank, engolindo em seco.

O monstro lagarto se aproximou lentamente da roda. Como é que a bruxa teve a ideia do Godzilla? Ele combinava mais com Tóquio do que com Viena. Por outro lado, um monstro crepe de chocolate com certeza não seria tão amedrontador.

– Essa velha já está me enchendo o saco – queixou-se Fee.

– E Ghidorah nunca aparece quando mais precisamos dele – disse Max, apavorado.

– Quem é ele? – perguntou Jacqueline.

– O monstro de três cabeças que enfrenta o Godzilla.

– Que droga, você sabe tudo – disse, impressionada –, os inimigos de Godzilla, aquela coisa do cavalo e os nós mágicos...

– Cabala – corrigiu Max.

– Será que isso agora não aparece na categoria “que se dane”? – comentou Fee.

– Ela tem razão – ponderou Cheyenne, que continuava nos braços do Frank, mas totalmente consciente –, esse monstro parece que vai transformar a roda-gigante numa montanha-russa particular.

– Gostava mais dos zumbis – declarou Max, e tratou de se esconder embaixo do banco da cabine. Jacqueline ficou chateada porque Max ainda sentia medo.

Godzilla não veio direto na nossa direção, mas primeiro demonstrou o que pretendia: lançou fogo pela boca e reduziu a cinzas um dos quiosques do Prater.

– Nossa – gemeu Fee de medo –, não quero nem saber o que foi que ele comeu para arrotar assim.

Nossa cabine já estava quase no alto da roda-gigante, e podíamos olhar diretamente nos olhos amarelos do lagarto, cada um deles quase tão grandes quanto nosso banco. Nossa hora chegaria em breve. Olhei para baixo, para Baba Yaga, que ria feito louca. Frank seguiu meu olhar, viu a bruxa e disse em voz baixa:

– Fmalfita.

Assenti e me curvei para falar com Max:

– Será que você não consegue ter outra ideia tão boa quanto a do desodorante? Se sim, é o momento ideal para isso.

Mas Max estava tremendo de medo e não era capaz de pensar com clareza. Eu me virei para Fee e disse:

– Hipnotize o Max e faça o medo dele desaparecer.

– Não funciona com monstros. Não deu certo nem com você nem com a Baba Yaga – replicou Fee.

Nesse instante, Godzilla destruía a bilheteria da roda-gigante com um jorro de fogo ensurdecedor.

– Pelo menos tenta – gritei em pânico.

Fee se agachou depressa para hipnotizar Max, que não parava de choramingar, e ordenou:

– Desejo que você perca o medo e pense num plano para vencer Godzilla.

Max parou imediatamente de ganir. A hipnose da Fee tinha funcionado, ou seja, seus fracassos com Baba Yaga e comigo não se deviam à imunidade dos monstros, mas a uma outra causa. Mas, é claro, não tínhamos tempo para pensar em qual podia ser.

Max saiu de debaixo do banco, raciocinou um pouco e disse:

– Papai tem que quebrar a janela da cabine!

– Por quê? – perguntou Fee. – Para a gente poder sentir melhor o bafo do Godzilla?

– Faz logo isso!

Frank me olhou em dúvida. Não tinha a menor ideia do que Max estava tramando, mas pedi a meu marido:

– Faça o que ele disse.

Frank colocou Cheyenne no chão, se levantou, cerrou seu potente punho e espatifou a janela com uma pancada só. O vidro se rompeu, os cacos caíram de uma altura de trinta metros, e Godzilla ficou confuso por um momento.

– Agora levanta a mamãe bem alto... – disse Max para o pai.

– O quê? – perguntei surpresa.

– ... e a jogue pela janela.

– O QUÊ? – perguntei mais alto.

– Olha, às vezes eu gostaria de jogar a mamãe pela janela – comentou Fee insegura –, mas é mais no sentido metafórico.

– Que gracinha – revidei em tom amargo.

– Depois do papai, a mamãe é a que tem o corpo mais resistente
– explicou Max. – Ela vai aguentar a queda, se a queda for amortecida.

– E quem vai amortecer a minha queda? – inquiri sem entender mais nada.

– A bruxa! Se ela ficar fora de ação, o feitiço vai desaparecer, Godzilla vai parar de nos atacar e nós estaremos salvos.

– Merda, bem pensado, Totó! – opinou Jacqueline.

Nesse exato momento, Godzilla tocou ligeiramente, com sua poderosa pata de lagarto, a roda-gigante; e ela começou a oscilar de forma ameaçadora. Além disso, ela chiava e rangia de modo infernal.

– DEPRESSA! – exclamou Max.

Hesitei. Cair de uma altura de mais de trinta metros não era nada engraçado. Mas me lembrei da queda do telhado em Berlim. Teria uma possibilidade de sobreviver, supondo que eu realmente aterrissasse em cima da Baba Yaga.

Godzilla tocou a roda-gigante de novo. Dessa vez com mais força, o que a fez oscilar e ranger ainda mais.

– Não sei o que vocês estão esperando! – insistiu Fee.

– Você consegue mirar na bruxa? – perguntei ao Frank, que assentiu devagar.

– Então manda ver! – eu disse, tentando animá-lo.

Frank me ergueu bem alto e me levou até a janela quebrada, por onde entrava o bafo quente que os jorros de fogo do Godzilla tinham provocado.

Baba Yaga se encontrava a uns dez metros dos enormes pés do monstro, que tinha começado a golpear a roda-gigante com ambas as patas. Era evidente que a roda-gigante não resistiria por muito tempo.

Frank me beijou na bochecha, o que teria sido romântico diante de uma possível morte iminente, mas seus lábios eram duros como dois para-choques.

Logo em seguida, Frank me lançou com toda a força para fora da cabine. Voei pelos ares como o homem-bala do circo. Passei junto da cabeça do lagarto Godzilla. O monstro se virou irritado e soltou um dos seus jorros de fogo ensurdecedores, que passou raspando por mim e atingiu um dos brinquedos do parque.

Meu voo me levava direto para Baba Yaga. Quando ela me viu, já era tarde demais para sair da frente.

– Mãe da filha! – gritou.

– É filha da mãe, sua dislética... – eu disse, batendo com estrondo em cima dela. Foi incrivelmente doloroso, tanto para mim quanto para a bruxa. Ela ficou realmente fora de ação, e no instante seguinte começou a chover boneco de cera sem vida por todo lado. O feitiço se desfez, e Godzilla se desintegrou, tal como Max previra. Que garoto esperto eu tinha gerado.

No entanto, a chuva de bonecos de cera também era perigosa, sobretudo porque Helmut Kohl quase caiu sobre mim. Só respirei tranquila quando a tempestade acabou. Não só tínhamos vencido o perigo e apanhado Baba Yaga, como tínhamos feito tudo isso juntos. Os Wünschmann trabalharam como uma verdadeira equipe: Fee hipnotizara Max, que tivera a ideia do lançamento, Frank tinha me lançado da cabine e eu derrubara a bruxa. Aquela vitória era de toda a família monstro!



Quando Baba Yaga acordou no chão, cercada de cabeças de cera diante da roda-gigante, nós monstros a rodeávamos. Com exceção de Frank, que com suas mãos fortes empurrava os ombros

dela contra o chão, para que ela não pudesse fugir. Ninguém podia contra a gente, a família monstro!

Nervosa, a bruxa procurava algo com o olhar.

– Tá procurando isto aqui? – perguntei triunfante, balançando o amuleto diante dela, do qual, segundo eu supunha, ela necessitava para seus feitiços. Os olhos de Baba Yaga brilharam de raiva. Pelo visto, minha suposição estava correta.

– Me dar isto aqui! – gritou furiosa.

– Até parece.

A bruxa tentou se soltar de Frank, mas sem o amuleto mágico, ela não tinha a menor chance diante de tamanha força. Comentei arrogante:

– Tá vendo só o que dá sair criando monstros por aí, depois não é tão fácil assim se desfazer deles.

De repente, a expressão do seu rosto se tornou dócil, quase amigável, e ela sussurrou:

– Eu não ser inimiga sua. Eu ser amiga sua.

– Claro que sim. Primeiro transformou minha família em monstros, depois quis nos matar. É isso que os amigos costumam fazer uns com os outros?

– Nós ter inimigos em comum – continuou impassível.

– É mesmo? – retruquei. – E quem seria?

– Drácula!

Por um momento fiquei perplexa. Até então, vira Drácula como a tentação mais delicada desde que o homem é homem, mas não como um inimigo. Se até me dera uma pílula vermelha para evitar que eu cometesse uma matança.

– Ele me banir de pátria nossa, Transilvânia.

– Como assim? – perguntou Max, que mantinha certa distância dela por segurança. – Você é uma bruxa poderosa.

– Mas nem mesmo bruxa poderosa poder lutar contra seus guarda-costas vampiros – explicou, agitada, e acrescentou: – Eu fazer você para Drácula. Uma vampira com alma ser o grande desejo dele. Como contrapartida, ele deixar eu morrer na pátria.

– Mas agora você vai desfazer o feitiço, senão eu destruo o amuleto! – revidei.

A bruxa realmente ficou com medo. Sem o amuleto, não haveria magia; sem magia, não haveria viagem de volta à pátria; sem pátria, haveria uma morte nas ruas de Viena. Talvez fosse melhor do que morrer nas ruas de Bagdá, Cabul ou Wuppertal, mas não era o que ela desejava.

– Solte a Baba Yaga – pedi a Frank.

Ele assim o fez, e a bruxa se levantou com dificuldade dizendo:

– Me devolver o amuleto, para desfazer feitiço.

Eu estava a ponto de entregá-lo para ela, quando Max gritou:

– Não faça isso. Não confie nela!

Hesitei, e Baba Yaga falou, esboçando um sorriso sacana:

– Ou confiar em mim ou ficar monstro para sempre.

Opa! Dilema.

– Jura que vai nos transformar no que éramos – exige.

– Jurar pela vida do filho meu – disse, e suas palavras soaram sinceras.

Ela tinha um filho? Que surpresa! Com uma mãe assim, não conseguia nem imaginar como seria esse filho. De qualquer forma, certamente os professores não insistiriam que ela participasse das reuniões de pais e mestres. Contudo, uma coisa era clara: nenhuma mãe no mundo, seja ela bruxa ou não, juraria nada pela vida do filho sem ser sério.

– Tudo bem – disse.

– Você tomar decisão certa – achou Baba Yaga, sorrindo tranquilamente. Dava a impressão de não ser mais um perigo para nós, até mesmo Max começava a confiar nela. Quando eu estava entregando o amuleto para ela, Fee subitamente o pegou da minha mão.

– O que significa isso? – perguntei.

– Tenho um pedido a fazer.

Ela se aproximou de Baba Yaga e sussurrou alguma coisa no ouvido da velha, que lhe respondeu carinhosamente:

– Você vai ter nova vida que deseja.

– Que nova vida é essa? – perguntei para Fee, irritada.

– Uma vida melhor para nós duas – respondeu sorrindo –, uma vida sem discussão entre nós.

Será que isso significava que minha filha desejava mais harmonia entre nós duas? Se a magia da bruxa pudesse tornar isso possível, por que não? Pouco importava como eu encontrasse a chave do coração da Fee, a questão era que eu a achasse.

Fee entregou o amuleto para Baba Yaga, que começou a resmungar:

– *Envir nici, bar nici...*

Raios se formaram no céu do mesmo jeito que no dia em que fomos transformados em monstros em Berlim.

– *Bar mort, bar nici mort...*

A cada frase que pronunciava, os olhos da bruxa adquiriam um brilho verde-esmeralda mais intenso, enquanto os raios se juntavam no céu, formando uma bola de fogo. Dessa vez tive uma sensação bem diferente da de Berlim. Em vez de sentir pânico, estava cheia de esperança. O pesadelo acabaria em breve, e nós, os Wünschmann, voltaríamos a ser seres humanos.

– *Bargaci, veni, vidi...*

– Mesmo quando se acredita que já se viu de tudo na vida... – disse Cheyenne, assustada.

– ... sempre tem alguma coisa que faz a gente molhar as calças – completou Jacqueline. Cheyenne instintivamente pegou a garota pelo braço e correu com ela dali para trás das ruínas da bilheteria da roda-gigante, a fim de se protegerem.

Max, ao contrário, olhava o céu com esperança, aparentemente não queria mais ser um lobisomem. Frank também esperava contente pelos raios. Mas Fee parecia ser a mais feliz. Realmente se alegrava com a perspectiva de nós duas vivermos em harmonia. Ao menos tanto quanto eu desejava.

– VIC!! – gritou a bruxa, e de seus olhos saíram raios verde-esmeralda em direção ao céu, até a bola de fogo.

Estávamos lado a lado.

Sem nos abraçar.

Nem nos tocar.

Todos esperando pela transformação.

Ansiosos e sozinhos.

Então os raios caíram sobre nós, os Wünschmann.



Quando acordei, senti um calor infernal. Todo o meu corpo fervia. Será que era por causa dos raios? Da primeira vez não fora assim, tinha me sentido de outra maneira.

Abri os olhos e olhei para cima: o ar estava abafado, e um sol ardente brilhava implacavelmente. Notei que estava em cima de areia, e do meu lado, o resto dos Wünschmann. Do mesmo jeito: monstros. Max continuava sendo um lobisomem, Frank, o Frankenstein, e Fee, uma múmia. Nem sinal da Jacqueline e da Cheyenne. Eu me levantei como pude, mas com dificuldade. O calor

do sol era insuportável, literalmente me ardia o corpo. Era certo que permanecia uma vampira. Em pânico, olhei ao redor e reconheci, no meio do ar abafado, lá longe... pirâmides.

Fee, que também já tinha se levantado, disse:

– Acho que a bruxa nos sacaneou.

– E olha só como – murmurei e quase comecei a chorar, porque o juramento da bruxa não valera de nada.

Frank, incrédulo, deixava cair a areia egípcia por entre seus dedos. Olhava os grãos de areia tal como uma vaca encararia um acelerador de partículas.

– Não tenho palavras – gaguejou Max.

– Eu, nem letras – comentou Fee.

– Fletras?

– Fais ou fenos – respondeu Fee.

– Feu fambém.

Contemplei a expressão de abatimento dos meus filhos. Olhei para o Frank, que continuava deixando a areia escorrer por entre os dedos, sem entender o que tinha acontecido, e compreendi que tinha que ser forte. Quem, se não eu? Tinha colocado todo mundo nessa situação, tinha me deixado enganar pela bruxa e agora cabia a mim nos salvar. Tinha que ser a mãe e a esposa combativa que nunca fora na vida cotidiana. Esqueci a dor ardente que o implacável sol do deserto me causava. Sabia que podia ferir-me, mas não me aniquilar. Com fervor anunciei:

– Não tenham medo, vou tirá-los deste deserto!

– Ah, é! E como vai fazer isso, Moisés? – perguntou Fee.

Max também me olhava cheio de dúvida, enquanto Frank continuava brincando com a areia. Esperava que reagissem com mais entusiasmo ao meu anúncio. Por outro lado, como podia esperar que de cara confiassem em mim como mãe e esposa forte? E, ainda por cima, numa situação tão desesperadora?

– Vou nos salvar – afirmei, dessa vez com uma voz mais firme, com uma força que surpreendeu a mim mesma. Frank parou de brincar com a areia. Todos me olharam pouco convencidos, mas também com um fiapo de esperança.

– Se vocês confiarem em mim – prossegui –, podemos conseguir qualquer coisa. Somos monstros com imensos poderes!

A esperança aumentou.

– Bem, o que vocês dizem: desistimos ou lutamos?

– Ufta! – respondeu Frank com determinação.

– Qualquer coisa é melhor do que chorar – disse Fee.

– Ou do que molhar as calças, principalmente quando não se tem uma – completou Max, com valentia.

E foi assim que nós, os Wünschmann, começamos nossa caminhada pelo deserto.

DRÁCULA

Minha adorável Emma tinha ido parar no imponente Egito, segundo as imagens de satélite da minha empresa, projetadas na tela em meu palácio na Transilvânia. A pérfida Baba Yaga não quisera arriscar anular nosso trato: salvo-conduto para a Transilvânia, para que pudesse morrer ao lado do seu abominável filho, em troca de uma vampira com alma.

Toquei a campainha para chamar meu criado Renfield ou, como se diz atualmente, meu assistente pessoal. Evidentemente, Renfield não se chamava Renfield. Mas eu chamava todos os meus criados assim porque, ao longo dos séculos, iam e vinham tão depressa que teria sido uma perda de tempo aprender seus nomes verdadeiros. Renfield era um jovem ambicioso, vestido de terno preto e camisa branca. Eu ainda não o tinha transformado, com uma simples mordida, em uma criatura condenada. Nos cargos mais elevados das minhas empresas, como em qualquer firma do planeta, trabalham muitos não vampiros desalmados.

Oh, como eu desprezava os seres humanos!

Um mundo sem eles seria maravilhoso!

Um verdadeiro paraíso!

– Seu banho de Lázaro está pronto – disse Renfield com devoção.

Esse banho diário era vital para mim, mas o recusei naquele momento. Logo o tomara. Olhei para a tela e observei a família de Emma. Eu subestimara a força dos laços de sangue e esperara que Emma viesse correndo imediatamente para mim, graças ao meu

charme irresistível. Mas ela não reagira assim. Isso significava que, se eu quisesse conquistá-la, tinha que agir.

– Renfield, temos que liquidar a família de Emma Wünschmann – disse para meu criado.

– Devo enviar nosso pessoal da CIA? – perguntou.

– Não, estou pensando numa solução mais eficiente.

– As milícias chechenas?

– Não, elas não são cruéis o suficiente.

– A sua guarda pessoal? – perguntou, espantado. Mesmo as pessoas desalmadas tinham um medo enorme da minha guarda de vampiros.

– Não, isso também não – esclareci. – Vamos falar com nosso amigo, o faraó Imhotep. Diga a ele que alguns monstros chegaram ao seu país. E que um deles adotou a forma da múmia Anck-Su-Namum, seu grande amor já falecido.

Renfield começou a sentir calafrios pelo corpo. Sabia de que terrível vingança Imhotep era capaz.

– Só poupe a mulher vampiro – ordenei por último. – Todos os demais ele pode torturar até a morte, de acordo com seu renomado estilo.

EMMA

Calor, calor, calor! E mais qualquer coisa que rime com isso. Sempre desejara conhecer o mundo, mas não necessariamente o deserto egípcio a 273 °C de sensação térmica. Minha pele ardia, por isso compreendi por que os vampiros tinham uma queda por caixões cheios da terra natal. Se pudesse, teria me metido em um agora, no escuro e com um frio úmido.

Max pulava do meu lado, embora não fossem pulos de alegria. Dava saltos sobre a areia tórrida do deserto como um gato em cima de um teto de zinco quente. Para Frank, era muito difícil caminhar, porque, com seu peso, afundava na areia a cada passo que dava. Não parava de xingar baixinho:

– Fmefda faleia!

A única que não tinha muitos problemas era Fee. Sendo uma múmia egípcia, estava mais preparada para essas temperaturas do que a gente, digamos que era quase como se estivesse em casa. No entanto, seu estado de ânimo não era nem de longe sensacional, claro, e pensei em como podia animar minha família, apesar do meu próprio tormento. Então me lembrei do que o meu professor da oitava série fazia quando saíamos em excursão, e as crianças mais gordinhas estavam à beira de um colapso, depois de andarem sete quilômetros: cantava alto com elas. Mas que música podia cantar com a minha família naquela situação? Com certeza “*Vamos a la playa*” não. Nem “*It never rains in California*”. Nem aquela que dizia “suas pegadas na areia”. E se Frank cantasse esta última, seria alguma coisa como: “fofadas faleia”.

De repente, naquele calor infernal, me lembrei de uma canção e, embora a ideia fosse um pouco louca, anunciei:

– Vamos cantar!

– O quê? – perguntou Max.

– Ufta? – perguntou Frank.

– Seu cérebro derreteu de vez – opinou Fee.

– Vamos cantar “*Walk like an egyptian*”, que aquele grupo punk alemão dos anos 1980, Die Ärzte, gravou. Conhecem?

A ideia era tão tola que meus filhos começaram a rir. Frank, que não entendeu por que nossos filhos riam, ficou contente em vê-los de bom humor e se deixou contagiar por eles. Assim, durante um momento, caminhamos de bom humor pelo deserto em direção às

pirâmides, e as crianças cantaram comigo: “estive em Gizé onde estão as três pirâmides pontiagudas. Vi a esfinge e achei-a maravilhosa. Mas uma coisa me pareceu complicada: caminhar como um egípcio...”.

Frank marcava o ritmo com seu “Ufta”. Isso nos deu nova disposição e cantamos outras músicas. Frank gostava, particularmente, de “Anton Aus Tirol”, coisa que fez Fee comentar:

– Papai é provavelmente a única pessoa do mundo que gosta desse tipo de música sem estar bêbado.

Mas, claro, depois de quatro canções debaixo daquele sol escaldante, perdemos o ânimo. Continuei tentando manter o alto astral da minha família e, lá pelas tantas, fui a única que cantou em voz alta “*Life is Life*”, enquanto meus filhos resmungavam baixinho, irritados, e as pausas de Frank entre os “Uftas”, que marcavam o ritmo, aumentaram.

No meio da música, avistei um oásis com palmeiras e sombra, um lago e muitas frutas e flores. No início não quis acreditar nos meus olhos. Aquilo era um milagre. De repente, a salvação estava próxima. Se tivesse coração, ele teria saltado de alegria.

– Não precisamos mais cantar – gritei para os outros, que ainda não tinham percebido o oásis.

– Uf – suspiraram as crianças aliviadas.

– Ta – completou Frank, que, pelo visto, nesse instante, era incapaz de pronunciar um “uf” com a boca seca.

Sorrindo em silêncio, apontei o oásis. Max e Frank pularam de alegria ao vê-lo e saíram correndo. Max se esqueceu das suas patas sensíveis e Frank não se importou em afundar seus pés na areia, os dois só queriam chegar o mais rápido possível à tão almejada água. E eu, até a tão almejada sombra. Mas justamente quando ia sair correndo, Fee me deteve, me puxou para trás e balbuciou nervosa:

– Aí... não tem nada.

– Tem sim! Um oásis!

– Não, é só areia – replicou bastante séria. Ela realmente não o via. Por que ela não podia vê-lo? Será que, como uma múmia velha, ela tinha problema de vista? Pouco importava, naquele momento não tinha vontade de pensar se ela precisava ou não de lentes de contato, nem se podia comprá-las sem receita nas farmácias do Egito. Só pensava em sair do sol infernal. Então me soltei da Fee e corri em direção ao oásis. Bem rápido. Cada vez mais rápido. Então, um pouco à minha frente, Frank e Max pararam abruptamente de correr. Alcancei-os e, quando ia perguntar “O que aconteceu?”, vi por mim mesma: o oásis começou a cintilar e, ao me aproximar dele alguns passos, desapareceu por completo. Tinha sido uma maldita miragem!

Vi a expressão de decepção dos outros dois e se tivesse um espelho no qual pudesse me ver, mesmo sendo uma vampira, certamente teria vislumbrado uma expressão tão deprimida quanto a deles.

Contudo, lembrei que queria ser uma nova mãe e esposa, forte e capaz de dar esperança. Dei um sorriso radiante, retomei a travessia pelo deserto e cantei “*Life is Life*” ainda mais alto: “*when we all give the power, we all give the best...*”.¹⁴

Os outros me seguiram com menos entusiasmo. Não era de se estranhar, afinal existem coisas melhores para elevar o moral do que uma esperança vã.

No começo, ainda caímos em outras miragens: uma caravana, um resort e uma sorveteria. Depois de algum tempo, nos acostumamos com o fato de as miragens pregarem peças na gente e passamos a ignorar piscinas, oásis com spa e manadas de ursos polares. Os outros já não cantavam mais comigo, e eu estava tão exausta que só me lembrava de músicas como “*This is the end, my friend*”.

– Estou ficando desidratado – reclamou Max, que estava ensopado de suor e já não tinha mais forças para saltar, embora a areia continuasse queimando suas patas.

– Vamos sair desta – afirmou Fee com a voz entrecortada. De todos nós, era ela quem mais tinha forças, mas nem mesmo uma múmia conseguiria sobreviver aqui por muito tempo. Minha pele parecia papel de pergaminho, meus olhos ardiam apesar dos óculos de sol e já não conseguia mais pensar com clareza. Mesmo assim, tentei imitar Barack Obama e o personagem principal do desenho animado *Bob, o construtor* e exclamei:

– Sim, podemos!

– Dê pelo menos um argumento para sustentar a sua tese – ponderou Max com um triste olhar de cachorro. Ao vê-lo, compreendi que palavras de incentivo já não serviriam mais. Olhei desesperada ao meu redor e não tínhamos chegado nem perto das pirâmides, e estas nem sequer faziam o favor de se aproximar da gente. Descobri, no entanto, algo capaz de levantar o meu quase extinto ânimo. Dessa vez, não era nenhuma miragem no horizonte, mas algo concreto, a poucos metros de nós e no chão.

– Olhem! – exclamei.

– Pegadas! – Fee gritou de alegria.

– Só precisamos segui-las e então estaremos a salvo! – deduzi, alegre.

Mas antes que Fee e eu pudéssemos nos abraçar aliviadas, Max, dessa vez, tinha algo a objetar:

– São as pegadas de duas mulheres, um homem muito grande e umas patas. Captaram?

– Oh, não! – gritou Fee, desesperada.

– Estamos andando em círculos – constatei e desmoronei por completo.

– Pelo visto captaram – confirmou Max, com tristeza. – Isso quer dizer que vou continuar me desidratando.

– Eu também – acrescentou Fee.

Eu simplesmente me sentei na areia desolada. Não tinha mais nada a fazer. Entretanto, não podia deixar minha família morrer no deserto. Eu me levantei, então, com dificuldade e disse:

– E aí...

– Se você continuar cantando – me interrompeu Fee –, enterro você aqui mesmo.

– E eu vou ajudar a Fee com minhas quatro patas – completou Max.

– Não acho nada engraçado que vocês se unam contra mim – respondi sem convicção.

Então me virei para o Frank, em busca de ajuda, e meu marido desenhava sobre a areia o que pensava fazer comigo caso eu continuasse cantando:



- Para variar, podemos contar histórias... – sugeri timidamente.
 - Não queremos cantar – disse Fee baixinho, mas determinada
 - , nem contar histórias, nem jogar, nem fazer ginástica...
 - ... queremos apenas nos desidratar – completou Max.
- Como disse: não era nada engraçado quando todos estavam unidos contra mim.
- Podemos ficar calados – sugeri outra vez, timidamente.
- A proposta foi bem aceita.

Continuamos caminhando, cada vez mais devagar, mais cansados, mais acabados. Eu sofria uma crise de fraqueza atrás da outra. Na quarta queda sobre a areia, percebi que não resistiria àquela caminhada nem mais meia hora.

Após alguns passos, vi outra miragem. Dessa vez era uma caravana de turistas em pleno tour fotográfico. Ignorei essa ilusão de óptica até ouvir alguém da caravana dizer:

– *Do you need help?*¹⁵

– Será que não basta – gritei desesperada – ter miragens, agora vou ter que aguentar que elas me atormentem falando também?

– Mãe, as miragens não têm som – explicou Max.

E Fee respondeu imediatamente:

– *Yes, we need help!*¹⁶

Precisei de um tempo para entender, mas, quando vi a caravana se aproximar da gente, comecei a compreender o que acontecera. Estava extremamente fraca para me alegrar, mas fiquei de pé e fiz um esforço enorme para sorrir: minha família estava salva! Graças a um golpe de sorte e ao destino. Mas também porque eu não deixara de exortá-los, porque fora a mãe e a esposa que precisava ser naquela situação. Dessa forma, ao meu ilimitado alívio se misturou também uma porção correspondente de orgulho.

A caravana era formada por turistas alemães que pareciam todos se chamar Klaus e Bärbel e serem de Böblingen, uma cidadezinha no sul da Alemanha. Quando vi suas panturrilhas queimadas de sol, compreendi por que alguns muçulmanos gostariam de proibir os turistas de andarem com pouca roupa. (Vai ver que o argumento religioso era apenas um pretexto para não ter que dizer sinceramente: não queremos ver as suas panturrilhas vermelhas.) Apesar de tudo, aqueles Klaus e aquelas Bärbel eram a imagem mais bonita que podia existir naquele momento. Mais bonita ainda era a imagem da guia, uma beleza árabe que parecia ter

saído direto das *Mil e uma noites*. Normalmente, uma mulher como aquela teria me feito sentir complexo de inferioridade, mas naquele momento, me pareceu uma santa. Pelo menos até Frank fitá-la enfeitado e perguntar:

– Fzuleika?

Parecia que ele a conhecia de algum lugar e, por isso, perguntei a mim mesma, irritada: “Fzuleika? Como assim, Fzuleika?”.



A caravana seguiu em frente rumo à civilização, com a gente na bagagem. No início, viajei como se estivesse em transe. Estava montada em um camelo, sofrendo com aquele calor infernal, atrás de um turista gordo chamado Klaus. A higiene corporal não estava entre as suas prioridades. Para ser mais exata: seu fedor podia afugentar javalis. Mas, pelo menos, não cheirava a alho.

Parecíamos estranhos aos turistas alemães. No começo, alguns não quiseram nos levar junto, mas não se atreveram a dizer isso claramente e usaram desculpas como: “Se os levarmos até o hospital, chegaremos tarde ao bufê”.

Mas Fzuleika, que na verdade se chamava Suleika, lhes esclarecera que não deixaria ninguém no deserto. Enquanto fazia seu discurso, parecia ter a autoridade de uma rainha árabe. Por isso, nenhum turista ousou contradizê-la.

Max ficou sozinho em cima de um camelo. Como estava calado, os turistas não perceberam que ele era capaz de falar, portanto, não sentiram tanto medo dele quanto do resto dos Wünschmann. (“Nosso cachorro mataria este bando com a maior facilidade.”)

Para liberar um camelo para o Max, tiveram que juntar um Klaus com uma Bärbel. O tal Klaus não gostou nada. “Paguei por um camelo só para mim. Vou reclamar com o gerente!”

Fee foi com Suleika, e Frank teve que mudar de camelo constantemente, porque os pobres animais quase desabaram depois de andar uns poucos metros com ele no lombo. Diante disso, uma Bärbel comentou nervosa:

- Devíamos chamar a “Animal International”.
- Querida, é “Anistia Internacional”
- Klaus a corrigiu, astuto.
- Não quis dizer isso – disse Bärbel impertinente.
- Então o que você quis dizer?
- “Animal International”.
- Mas não existe “Animal International”, e sim “Anistia Internacional”.
- Klaus, você podia se inscrever nos “sabichões internacionais” – replicou Bärbel, amarga.
- E você nos “ignorantes internacionais” – revidou Klaus, agora também furioso.
- E você nos “metidos internacionais”.
- E você nas “celulites internacionais”.
- E você vai “à merda internacional”!

De certo modo, foi tranquilizador escutar um casal que vivia um casamento pior do que o meu. A propósito, percebi que, no vaivém do passo do camelo, Frank não tirava os olhos de Suleika. Os Klaus também agiam assim, o que não é de se espantar, considerando aquelas Bärbels. E isso deixava as Bärbels ainda mais azedas. Elas encaravam seus Klaus com cara de quem vai ligar para o advogado, que, com certeza, também se chama Klaus, e pedir ajuda para armar uma guerra dos Roses¹⁷ bem sangrenta contra eles. Uma delas disse, sibilando de raiva:

- Se continuar olhando para essazinha aí, acabo com a sua raça agora mesmo.

Mas Frank conhecia Suleika de algum lugar, isso era certo, embora ela não o tivesse reconhecido em seu aspecto atual. Provavelmente da sua viagem ao Egito com seus amigos. A pergunta que passou pela minha cabeça em chamas foi a seguinte: será que houve alguma coisa entre eles ou ela foi apenas a guia turística do seu grupo? Enquanto ele estava no Egito, passei aquelas noites em Berlim em claro, com uma dor de barriga horrível e um pressentimento de que talvez Frank estivesse me traindo.

Não, isso era absurdo! Não porque Frank fosse incapaz de fazê-lo – disso eu não estava tão segura –, mas porque Suleika tinha uma beleza muito graciosa, enquanto Frank... bom, Frank era só o Frank. Ao menos ainda o era quando estive de férias no Egito.

Assim, decidi não me preocupar, me agarrei ao Klaus fedorento e rezei para sairmos logo daquele deserto e não morrer com o fedor do Klaus no meu nariz. O camelo do Max se aproximou do meu e andamos juntos. Ficamos calados por um momento, até que Max disse com tristeza:

– Tenho medo que a gente fique assim para sempre.

Meu instinto maternal respondeu rápido:

– Não há nada a temer.

Mas os fatos mostravam que aquela era uma afirmação absurda.

Era evidente que as respostas rotineiras de mãe não ajudariam em nada. Se eu queria encontrar a chave do coração de Max, tinha que ajudá-lo a superar o medo.

– Eu também sinto muito medo... – comecei.

– Isso não me acalma nem um pouco – revidou.

– Só quero dizer que é normal sentir medo...

– Nos livros, os heróis sempre vencem o medo, como eu com os zumbis de cera, mas não têm recaídas depois.

– Isso porque os heróis dos livros não vivem coisas novas quando termina a história – repliquei. – Mas você sim continua

vivendo. Você sempre terá novos medos, como todo mundo, e vai superá-los!

– Como você chegou a essa conclusão?

– Você vai superar os seus medos porque agora sabe que pode superá-los.

Max me olhou meio na dúvida e disse:

– Você tá falando sério?

– Quem já venceu uma vez os zumbis de cera, vai vencê-los sempre.

– Nesse caso, os zumbis de cera são uma metáfora para medo? – perguntou.

– Exatamente – eu disse, sorrindo. – E as garotas acham sensacionais os garotos que enfrentam zumbis – completei.

Max ficou vermelho.

– Eu não sou a única garota que acha você maravilhoso – disse.

– Você está falando da Jacqueline...? – perguntou.

Assenti.

– Você acha que ela e eu...? – continuou perguntando.

Assenti outra vez.

– Uhuuu! – disse.

Assenti de novo.

Max estava irradiando otimismo. Pelo visto, eu encontrara a chave de seu coração.



Quando estávamos perto das pirâmides, Suleika, que falava fluentemente tanto o alemão quanto o inglês, disse:

– Logo vocês estarão a salvo.

Por um instante, pareceu que tudo tinha melhorado um pouquinho para nós, os Wünschmann. Mas só por um breve instante, pois o céu escureceu de repente e uma tempestade de areia começou. E não era uma tempestade de areia qualquer.

A areia, que formava um redemoinho no ar como um furacão e escurecia o céu, não era clara, mas escura, negra. O barulho das rajadas de vento era ensurdecedor. A areia negra nos açoitava o rosto e corroía nossas entranhas quando respirávamos. Mas isso não era o mais aterrorizante. Nem de longe.

A tempestade com redemoinho de areia negra formou no céu um rosto escuro, assustador, com cavidades negras profundas onde deveriam estar a boca, o nariz e os olhos. E gritou com uma voz terrível, ameaçadora e pouco natural:

– Sou Imhotep!

Os Klaus e as Bärbels ficaram tremendo de medo, e um deles murmurou:

– Este é um caso para o “estou cagando de medo internacional”.

Até eu teria me inscrito nessa organização internacional.

O rosto formado com a tempestade de areia continuou gritando:

– Imhotep é o senhor do Egito!

– O nome dele soa como “impotente” – disse Fee em voz baixa.

– Gozando de Imhotep? – gritou o próprio.

– Acho que ele a ouviu – gaguejou Max.

– Também acho – disse Fee engolindo em seco.

– A vingança de Imhotep será terrível! – gritou o rosto assustador no céu. Então uma parte da tempestade se transformou em uma enorme mão negra, que desceu velozmente em direção à caravana, pegou Fee e a envolveu no punho. Vi minha filha gritando, mas o vento do furacão era muito forte para que eu conseguisse ouvi-la. Por um momento, tive medo de que aquele punho esmagasse Fee. Mas a mão negra subiu pelos ares envolvendo minha filha com

firmeza! Em seguida, lançou-a no abismo negro que a boca de Imhotep formava. E a boca se fechou. Fee desapareceu nas nuvens negras. E não a vimos mais.

O rosto também se dissipou na enorme nuvem de areia negra, e a tempestade foi levada para longe pelo furacão.

Ao fim de menos de meio minuto, a calma voltou a reinar. O sol brilhava mais claro do que antes. O pesadelo tinha acabado. No entanto, um pesadelo ainda pior começou: minha filha tinha desaparecido.

Desesperada, gritei:

– FEEEEEE!!!

Mas a única resposta que obtive foi de uma Bärbel:

– No ano que vem, vou ficar em casa.

CHEYENNE

Depois do feitiço da velha no Prater, os Wünschmann desapareceram da face da Terra. A bruxa também. Então decidi desaparecer também com a Jacqueline. Não queria que os tiras me pedissem documentos, pois, se procurassem meus dados nos computadores da polícia, verificariam que uma ou outra ordem de detenção estavam pendentes. Por exemplo, uma por eu me ter algemado ao ministro do Meio Ambiente alemão em Gorleben e logo depois ter me acorrentado, com ele, nos trilhos de trem para parar o transporte de lixo nuclear. Fiquei todo o tempo em cima do ministro e, segundo suas próprias palavras, aquelas tinham sido as quatro horas mais demoradas de sua vida. Ok, ele não deveria ter bebido tanta cerveja antes.

Parei a Kombi, que se chamava Charly (por causa do Charles de Gaulle, que se escondera comigo dentro dela em maio de 68), na periferia de Viena. Junto com Jacqueline, que ainda estava bastante abalada com os eventos do dia, me sentei no chão na parte de trás de Charly e acendi um narguilé. Este tinha sido um presente de Yasser Arafat, depois de eu tê-lo aconselhado a cobrir a careca com um elegante lenço palestino sempre que estivesse em público.

– Tem droga aí dentro? – perguntou Jacqueline, apontando para o narguilé.

– Não, só couve.

Jacqueline se surpreendeu.

– É claro que tem maconha aí dentro – eu disse, rindo.

– Mas você, como adulta, não acha um crime me oferecer droga? – perguntou desconfiada.

– Tenho cara de que isso me importa?

– Não, não tem – disse Jacqueline, também rindo.

– Merecemos uma boa tragada – afirmei. Dei a primeira tragada, depois passei o narguilé para a Jacqueline. Ela também fumou e me perguntou preocupada:

– Acha que a bruxa matou os Wünschmann?

– Não; caso contrário, a gente teria visto os restos deles – respondi quase convencida.

Jacqueline deu outra tragada e disse:

– Gosto dos Wünschmann.

– Você tem um gosto estranho.

– Principalmente do Max.

– Como disse, você tem um gosto estranho.

– Você acha que vou voltar a vê-lo? – perguntou Jacqueline, com uma mistura de esperança e medo.

Eu mesma estava incerta disso. Não tínhamos ideia de para onde a bruxa tinha enviado os Wünschmann. Talvez tivesse transformado a família em formiga, e por isso não os vimos. Quem sabe? Mas se tinha uma coisa que aprendera na vida, era que uma boa mentira costuma ser melhor do que uma verdade ruim. Sendo assim, respondi:

– É claro que você vai voltar a vê-lo!

Olhei para a garota, e esbocei o sorriso mais descontraído possível, sob o efeito do narguilé. Jacqueline também sorriu mais descontraída. A maconha também começava a fazer efeito nela. Depois de um momento em silêncio, e de dar uma boa tragada, suspirou e disse:

– Gostaria de ter uma avó como você.

– Avó? – respondi, me fingindo de ofendida.

– Tia – corrigiu-se.

– Soa bem melhor.

Deu outra tragada, esticou-se relaxadíssima sobre as almofadas de pelúcia e sorriu:

– Mãe também seria legal.

Isso tocou fundo o meu coração. Por mais que tivesse dito a Emma que não, eu me arrependia de duas coisas na vida: de não ter ficado ao lado do Jim Morrison na noite de sua morte e de não ter tido um filho com ele. Jim queria, mas eu sempre lhe dizia: “Temos a vida toda pela frente”.

Agora tudo que me restava era visitar uma vez por ano o cemitério Père Lachaise, em Paris, e fazer grafites em seu túmulo, como outros fãs do The Doors. Todos os anos, eu escrevia as mesmas palavras: “Te amarei para sempre”.

Lágrimas começaram a escorrer dos meus olhos.

O arrependimento é pior do que a velhice.

Perto disso, a incontinência é uma verdadeira festa.

Olhei para a Jacqueline, que se aconchegara nas almofadas. Tinha a vida toda pela frente. Tomara que sem arrependimentos.

– Tá chorando? – perguntou.

– Não – menti. – Entrou fumaça nos meus olhos.

Sequei as lágrimas e disse:

– Seria uma honra para mim ser sua mãe.

– Tá tirando onda da minha cara? – perguntou, em dúvida.

Neguei com a cabeça.

– Você é a primeira pessoa que gostaria de ser minha mãe – disse timidamente e parecendo frágil.

Era a coisa mais triste que já tinha ouvido na vida.

E olha que já tinha ouvido muitas coisas tristes na vida.

Peguei sua mão, acariciei-a e sorri:

– Se quiser, pode me chamar de mamãe.

Começamos a nos contorcer de rir, totalmente chapadas.

EMMA

Fee.

Desaparecera.

Tragada pelo nada. Com certeza morta.

Não, eu não podia pensar assim!

Quem pensar dessa forma, pode desistir! E eu não posso desistir! Nem pensar!

Era pouco provável que Fee estivesse morta. Imhotep prometera que sua vingança seria terrível. E uma morte rápida não é uma vingança terrível. Pelo menos não aos olhos desses monstros. Uma vingança terrível que se preza requer tempo.

Não que esse pensamento fosse tranquilizador. Muito pelo contrário.

– O que você sabe sobre Imhotep? – perguntei para Suleika. O gordo fedorento do Klaus, que perdera a fala, claro, e eu seguíamos no mesmo camelo, ao lado do dela.

– Eu... pensava que era só uma lenda – respondeu, voltando-se para mim.

– Pelo visto, não é mesmo uma lenda! – retruquei duramente, por causa de minha apreensão por Fee. – Onde se encontra Imhotep, segundo a sua lenda?

– Na pirâmide do faraó Seti.

– É longe daqui?

Antes que Suleika pudesse responder, uma das Bärbels reclamou:

– Ei, preciso tomar banho, tenho areia até na bunda.

Suleika olhou para mim decidida e disse:

– Vamos levar os turistas ao hotel. Esta noite vão todos ao circo que se instalou perto do resort. Então terei tempo para conduzi-los até a pirâmide.

Aquela mulher não era apenas encantadora, era também corajosa. Queria ajudar a nós, monstros. Em seu lugar, a maioria teria procurado livrar-se da gente quanto antes, nem que fosse cruzando o mar Egeu em um bote lotado de refugiados. Mas ela não.

Hesitei em aceitar sua proposta, porque queria salvar Fee imediatamente. Suleika percebeu e argumentou:

– No hotel temos uma enfermaria, e lá poderei cuidar das feridas de vocês.

Olhei para os pés machucados do Max e para o sol. Este iria se pôr logo, ou seja, quando a noite chegasse, eu recuperaria minhas forças, caso fossem necessárias em um possível confronto com

Imhotep. Isso se fosse possível vencer uma tempestade de areia sem ter com um aspirador de pó gigante. Dessa forma, aceitei a proposta de Suleika e continuamos cavalgando em direção ao resort. Frank se aproximou de mim no lombo de um camelo ofegante e perguntou com um olhar de cortar o coração:

– Ffmee...?

– Vamos reencontrá-la! – anunciei com coragem. E minha coragem o contagiou, pois ele assentiu determinado.

Suleika o observou com atenção e, finalmente, comentou hesitante:

– Eu... te conheço... de algum lugar...

– Fou feu, Ffrank! – respondeu.

– O quê?

Quase perguntei a mesma coisa que ela. Lembrava-se, por fim, do seu próprio nome?

– Ffrank! – repetiu, esforçando-se em vão para pronunciar seu nome com mais clareza.

Suleika olhou bem no fundo dos olhos de meu marido e viu algo neles, certamente sua alma. Então exclamou surpresa:

– Frank Wünschmann?

Frank assentiu com firmeza. Aparentemente, ele sabia o próprio sobrenome. Isso deveria ter me alegrado muito, mas não gostei que ele tivesse se recordado por causa da Suleika. Por mais que minha angústia pela Fee se sobrepusesse aos demais sentimentos, percebi algo semelhante a uma chama de ciúmes.

– O que... aconteceu com você? – perguntou Suleika.

E ele respondeu:

– Fbrufa, fmafia, fraifos...

Suleika não entendeu “fnafa”.

Contei para ela o que nos acontecera, e isso desviou um pouco minha preocupação com relação à Fee. Quando terminei, Suleika estava espantada. Mas em vez de perguntar: “Como é possível que algo tão fantástico tenha acontecido?”, “Vocês são perigosos?”, ou simplesmente “O lobisomem é adestrado?”, ela só se interessou por uma única coisa:

– Então... então você é a esposa do Frank?

Assenti.

Ela respondeu:

– Você deve ser uma mulher muito, mas muito feliz.

Olhei para ela não muito feliz.

– Frank é um homem corajoso, nobre – continuou.

Estamos falando do mesmo Frank?

– Evitou a prisão do meu irmão Mohamed.

Suleika contou então que seu irmão caçula, que era menor de idade e trabalhava como mensageiro no resort Pirâmide, fora acusado de roubo. Acabara preso sem provas e só foi libertado porque Frank, em vez de tirar férias, empregara seus conhecimentos jurídicos incansavelmente para ajudá-lo e não se deixara intimidar pela brutal polícia egípcia.

– Lutou como um leão! – afirmou Suleika, cheia de admiração.

Frank sempre desejara ajudar os pobres e realizara esse sonho por uns dias, justamente durante suas férias. Além disso, ganhara a admiração de uma mulher como Suleika. Mas por que não me contara nada disso? Talvez porque eu não o admirasse tanto no dia a dia? Ou será porque ganhara mais do que simples admiração por parte da Suleika?

Chegamos ao resort, que provavelmente não tinha passado por uma reforma desde a década de 1980, época da sua construção. A uns cinquenta metros de distância, um circo mambembe havia instalado sua lona. Para os turistas, representava uma boa

alternativa de diversão às tradicionais apresentações de terceira classe de *O Rei Leão*.

Os alemães de Böblingen desapareceram em seus quartos. Mas ainda escutei um dos Klaus dizer:

– Da próxima vez, vou passar férias em Böblingen.

Fomos à enfermaria do hotel, e Suleika cuidou de nossas feridas. Enfaixou os pés do Max e passou pomada nas minhas queimaduras de pele. No entanto, não parou de lançar olhares furtivos para Frank. Apesar de seu aspecto monstruoso, ela parecia continuar vendo algo nele que eu não enxergava havia muito tempo: um homem admirável. Um herói formidável.

Se Frank cedesse aos olhares de uma mulher tão bonita, corajosa e jovem... eu o teria compreendido. Perdoado, não. Mas compreendido, sim.

Estive a ponto de perguntar aos dois se houvera alguma coisa entre eles. Mas tive medo da resposta. E precisava de todas as minhas forças mentais para salvar a vida de Fee.

FEE

Eu nunca tinha sido devorada antes. E posso garantir que foi mais nojento do que parece. No mínimo tão nojento quanto toda a areia que entrou na minha boca, nos meus olhos e no meu nariz. Voei pelo céu para dentro do redemoinho negro, girando ao redor do meu próprio eixo. Às vezes de cabeça para baixo. Às vezes de lado. E todo o tempo voando para cima e para baixo. Meu último pensamento antes de apagar foi: “Ainda bem que não tomei café da manhã”.

Quando acordei, estava deitada sobre um frio chão de pedra, numa grande sala com paredes de pedra decoradas com um monte de hieróglifos egípcios. Diante das paredes havia estátuas de homens com cabeça de animal: chacais, falcões, gatos, ratos, e até mesmo uma vaca. Estavam seminus, mas ainda bem que tinham uma saia na frente. Não precisava ser uma egiptóloga para saber que me encontrava no interior de uma pirâmide e que esse devia ser o cantinho do bom e velho Imhotep.

De certa forma, eu estava viajando pelo mundo, como Cheyenne fizera, do modo que eu desejava desde a minha queda do telhado do hotel. Mas, de repente, esse plano de vida não me pareceu tão atraente assim.

– Agora você conhecerá a vingança de Imhotep! – declarou uma voz atrás de mim.

Não era tão ameaçadora como na tempestade de areia e soava muito mais humana. Mesmo assim, me voltei temerosa e vi um egípcio alto, meio calvo e com músculos incríveis, o que uma pessoa normal só conseguiria depois de muitas horas de malhação e de muito anabolizante.

Era muito velho, com certeza passava dos trinta. Andava seminu como as estátuas, mas também usava uma sainha. Gostaria de saber se não ventava muito debaixo da sainha, mas com certeza não era uma boa ideia tocar no assunto, caso eu quisesse sair viva daquela pirâmide.

– Sou Imhotep! – anunciou.

Não consegui evitar o riso.

– Está rindo do quê? – perguntou.

Dessa vez, achei melhor não responder: “É que seu nome soa como ‘impotente’”.

– Sou Imhotep – repetiu.

Quase respondi: “Dizem que Viagra faz milagres”.

Aproximou-se enfurecido:

– Há três mil anos vago pelo mundo!

– Não é de se espantar que com essa idade você só possa ser Imhotep – eu disse, sem conseguir conter o riso.

– Você está me gozando! – afirmou enraivecido.

Não podia negar. Com certeza deveria sentir mais medo diante de um velho de três mil anos, com sainha e capaz de se transformar em tempestade de areia, mas não conseguia acreditar que ele quisesse me fazer mal, talvez porque, apesar de sua raiva, todo o tempo me olhava fascinado.

– Você se parece tanto com ela – disse meio melancólico e meio furioso.

– Seja lá quem for, não deve ser muito bonita – respondi.

– Não fale mal dela! – gritou Imhotep, e sua cara se transformou de novo em um enorme rosto de areia deformado.

– Ok, ok, como quiser... – retruquei, tentando acalmá-lo. O rosto de areia deformado intimidava bastante. Além disso, de repente tive a impressão de que me machucaria.

Seu rosto voltou ao normal e, tremendo de raiva, perguntou:

– Por que você macula o semblante dela?

– Não sei nem de quem se trata.

– Não minta! – gritou, me ergueu pelo queixo e me fitou com olhos assassinos. Aquele cara parecia tão equilibrado quanto a maioria dos professores depois de dez anos de sala de aula.

– Não estou mentindo – esclareci em pânico.

– Então você nunca ouviu falar do meu grande amor, Anck-Su Namun?

– Não, nunca. Palavra de honra de múmia! – respondi.

Immo examinou meu olhar por quase uma eternidade e logo me soltou, confuso. Fez um minuto de silêncio. Finalmente, começou a contar com voz triste, melancólica. Embora olhasse em minha direção, parecia não me ver, apenas os acontecimentos passados.

– Anck-Su Namun era a esposa do faraó Seti, e eu, o mago da corte. Mas Anck-Su Namun me amava, e eu, a ela. Nosso amor era maior do que o de Ísis e Osíris.

Na realidade, também não conhecia esses dois, mas, da maneira como ele disse, deve ter sido um grande amor mesmo.

– Pensávamos em fugir da corte do faraó na noite em que Seti desejava gerar um filho com Anck-Su Namun. Anck tinha um coração tão puro e tanto entusiasmo que queria tramar uma revolução para derrubar o faraó e dar ao povo uma vida justa e pacífica. Já tinha até convocado, clandestinamente, alguns aliados e homens justos.

Pelo visto, era realmente uma mulher corajosa. Uma que sabia o que queria da vida e que estava disposta a tudo. Por que éramos incomodados na escola com os celenterados, os logaritmos e a construção de castelos medievais em vez de aprendermos sobre as mulheres extraordinárias que existiram no mundo? Assim, talvez eu

tivesse tido alguma verdadeira inspiração e, para variar, aprendido algo útil na vida.

– Mas naquela noite – continuou Imhotep –, a serva de Anck nos traiu. Os guardas nos prenderam quando ainda estávamos nos aposentos da minha amada. O faraó deu sua terrível sentença ali mesmo. Ordenou que nos arrastassem para esta câmara mortuária, que nos mumificassem e nos enterrassem vivos nestes sarcófagos.

Apontou para dois sarcófagos. Um estava aberto e vazio. O outro, fechado. Certamente, Anck ainda jazia dentro dele. Era fantasmagórico.

Engoli em seco e soltei:

– Esse faraó não era flor que se cheirasse...

Imhotep sorriu com amargura:

– Nem queira saber.

Seu riso após meu comentário era cheio de dor. Pelo visto, não era nada divertido ser o herói de uma história de amor tão dramática.

– Pouco antes de os guardas de Seti fecharem os sarcófagos, protegi-nos com um feitiço que faria que vivêssemos até que alguém nos libertasse. Ficamos aqui durante três mil anos até que há algumas décadas uns ladrões de túmulo abriram o sepulcro...

Não continuou. Ficou com os olhos cheios de lágrimas, e não me esforcei muito para imaginar que o feitiço só tinha funcionado com ele. E que se sentia culpado pela morte de Anck.

– Matei os ladrões imediatamente. – Apontou para um monte de ossos em um canto da câmara mortuária, e senti um calafrio na espinha. – Desde então – continuou –, guardo o sarcófago de Anck.

Cheio de tristeza e amor, acariciou a tampa do sarcófago. Aquilo era sinal de que não regulava bem.

Ao notar meu olhar cético, controlou-se. Voltou a me erguer pelo queixo e ameaçou:

– Você macula o semblante dela, por isso deve morrer!

Olhou profundamente dentro dos meus olhos e sussurrou:

– Quero que se mate!

Era evidente que Imhotep queria me hipnotizar. Mas resisti firme ao seu olhar e o devolvi, dizendo:

– E eu quero que você dance *break*!

– Não tenho a menor ideia do que isso significa – retrucou, sem medo da minha hipnose, mas muito impressionado que eu fosse imune à sua.

– Isso significa que não podemos hipnotizar um ao outro – esclareci.

Ele me soltou e perguntou:

– Você... você tem os mesmos poderes que eu?

– Bom, não posso me transformar em uma tempestade de areia.

Imhotep me olhou com curiosidade, sua ira começou a claramente se transformar em um grande interesse:

– Já tentou?

– Não – respondi, insegura.

De repente, riu cordialmente e propôs:

– Então você tem que experimentar!

Olhei para ele, depois desviei o olhar para o sarcófago de Anck-Su Namun e logo senti algo instintivamente: podia ser mais, mas muito mais do que uma simples mochileira como Cheyenne.

MAX

Minha irmã tinha sido sequestrada, eu tinha queimaduras de graus infinitos nas minhas patas e, mesmo assim, só conseguia pensar em

uma coisa: Jacqueline. Sentia tantas saudades dela. Um sentimento que antes, na época em que ela metia minha cabeça na privada e dava descarga, jamais poderia ter imaginado que me invadiria.

Queria saber de qualquer jeito como Jacqueline estava, se continuava em Viena. Mas, acima de tudo, queria estar com ela e sofria de modo desmesurado porque não estava. Se isso era amor, quem precisava de algo insuperável em termos de absurdo? O que a evolução pretendia? Tudo isso com o propósito único da procriação? Com certeza seria menos estressante para os envolvidos, se a procriação ocorresse por meio da divisão de células.

Queria ouvir a voz de Jacqueline de qualquer maneira, com seu tom rouco que tinha algo de lobo-marinho, contudo não de um tão pacífico quanto aquele lobo-marinho sonâmbulo dos livros de Petzi.¹⁸ (Minha história favorita da série, até os meus quatro anos de idade, era *Petzi e a Mãe Peixe*, quando Fee me sugeriu trocar “peixe” por “peito”. Como na época eu já lia e escrevia, nunca mais consegui ver a afável mamãe peixe com a mesma inocência.)

– Você tem um telefone? – perguntei a Suleika, que estava besuntando minhas patas com pomada.

– Sim, mas você tem dedos para usá-lo?

– Excelente observação – suspirei.

– Posso discar os números para você – disse, sorrindo.

Havia muitas vantagens em ter um QI alto, assim pude me lembrar do número do iPhone roubado pela Jacqueline, embora apenas tivesse dado uma olhada de relance na tela inicial do aparelho, quando ajudei Jacqueline a reconfigurá-lo. Ditei para Suleika os números. Ela discou. E senti o coração na boca.

Enquanto a ligação se completava, me passou pela cabeça confessar meu amor por Jacqueline. Isso é o que um herói de verdade faz. Ele não tem medo de nada! Ou melhor, ele supera seu

medo em nome do amor. E meu amor era maior do que qualquer outro amor que um rapaz ou um lobo, incluindo os ridículos lobisomens de romances, tivesse sentido.

Suleika me conduziu até uma salinha na enfermaria, para que pudesse falar sem ser perturbado, e deixou o celular no chão, com a função viva voz ativada, uma vez que eu não conseguia segurar o telefone junto da minha orelha. Então saiu da salinha, a ligação telefônica se completou e ouvi o som da chamada. Queria muito que Jacqueline atendesse ao telefone e, ao mesmo tempo, temia que ela não o atendesse.

Continuou chamando. Até então, nunca tinha prestado atenção em como os intervalos entre duas chamadas eram tão longos. Finalmente, ouvi sua voz entre risinhos:

– Alô...

Nesse momento, talvez devesse ter ficado irritado com as risadinhas dela, mas estava excitado demais para isso.

– Sou eu! – gritei. – Max!

– Você está vivo! – gritou de alegria.

– Sim, o que está fazendo? Tudo bem?

– Tô fumando um baseado com a Cheyenne! – respondeu, rindo ainda mais. Isso talvez tenha me irritado também. Talvez devesse ter explicado para ela que estava no Egito, que o resto da família continuava viva, mas senti que tinha que confessar meu amor por ela. Tive um medo enorme, mas como mamãe disse: eu era capaz de superar todos os meus medos!

Consciente disso, deixei o êxtase dos heróis fluir em mim e exclamei:

– Te amo!

Jacqueline parou de rir imediatamente.

– O quê? – perguntou.

– Te amo! – declarei mais uma vez. Minha coragem de herói não podia ser arranhada por um “o quê”.

– O quê? – perguntou de novo.

Um “o quê” já era muito. Dois então, eram demais.

– Te amo! – repeti, dessa vez com um leve tremor na voz, a qual já não soava tão heroica assim.

– O que ele quer? – ouvi Cheyenne perguntar do outro lado da linha.

Jacqueline esclareceu confusa:

– Ele me ama.

Cheyenne começou a gargalhar alto. Isso era tudo que eu podia aguentar. Aquele era meu limite.

– Para – pediu Jacqueline.

Mas Cheyenne não parou e, ainda por cima, contagiou Jacqueline, que começou a rir alto também. Suas gargalhadas tornaram-se insuportáveis. Partiram meu coração.

Apertei com força a pata sobre a tecla “finalizar chamada”. Várias vezes até que a chamada foi encerrada, e as gargalhadas da Jacqueline sumiram.

Contudo, elas continuaram na minha cabeça.

Altas.

Retumbantes.

Olhei para a mamãe cheio de raiva. Em vez de me dizer que deveria superar meus medos, deveria ter me dito outra coisa. O medo tem também um sentido biológico: proteger-nos para não sermos feridos.

EMMA

As estrelas e a lua brilhavam no céu acima da pirâmide do faraó Seti. Mesmo numa noite como esta, em que ninguém passava por ali, exceto alguns monstros e uma tal de Suleika, as autoridades de turismo egípcias ligaram os refletores para iluminar ainda mais a pirâmide. Cavalgamos pelo deserto com o agradável frescor da noite. Frank montava um camelo muito forte chamado Hulk, e Max corria do nosso lado com as patas enfaixadas e de mau humor. Mas, considerando a situação, quem podia estar de bom humor ou desfrutar da paisagem de tirar o fôlego das pirâmides iluminadas?

Durante a cavalgada, permanecemos calados. De repente, Suleika perguntou:

– O que planejam fazer, caso Imhotep esteja realmente dentro dessa pirâmide?

Ao perguntar, sua voz não revelou nenhum traço de medo, o que fez com que a jovem me parecesse ainda mais impressionante. Mas, na realidade, a cada minuto que passava, gostava dela cada vez menos, pois conseguia entender cada vez melhor por que Frank poderia ter desejado fazer “ufta” com aquela mulher sensacional.

– Entremos na pirâmide – disse respondendo à sua pergunta –, e vamos mostrar para esse tal de Imhotep com quantos paus se faz uma canoa.

– Um plano altamente complexo – alfinetou Max.

Ao dizer essa frase, me olhou com uma mistura de dor e raiva, como se eu tivesse feito algo de ruim para ele. Pelo visto, Max tinha escolhido precisamente essa noite para entrar na puberdade. Que maravilha!

– E já nem falamos mais em desfazer o feitiço – disse, marcando cada sílaba da frase.

Infelizmente, ele tinha razão. Quarenta e oito horas tinham se passado desde que Baba Yaga nos transformara em atrações de Halloween, e nos restavam apenas vinte e quatro horas para salvar Fee e chegar de algum modo à Transilvânia. Uma terra não apenas

muito distante, mas, como acabava de me lembrar, era também, segundo as lendas, a pátria de um homem que acelerava as batidas do meu coração inexistente.

- Drácula – sussurrei baixinho.
- O quê? – perguntou Suleika, desconcertada.
- Grr? – perguntou Frank, com ciúmes.
- Nada, nada – desviei.

Um pensamento ruim atravessou minha mente, mas estava chateada com o Frank. Que direito ele tinha de sentir ciúmes? Se alguém podia sentir ciúmes, esse alguém provavelmente era eu, por culpa de Suleika. Mas, agora, mesmo esse ciúme estava fora de lugar, levando-se em conta o monte de gigantescos problemas que tínhamos para resolver. Meu Deus, o que será que Imhotep fez com Fee durante esse tempo todo?

– Como vamos para a Transilvânia sem um teletransporte? – perguntou Max, antes que eu pudesse imaginar um monte de coisas terríveis.

- Uma coisa de cada vez – retruquei.
- Seus planos ficam cada vez mais complexos – alfinetou outra vez.

Sim, definitivamente ele tinha entrado na puberdade. Uhu!

– Chegamos – disse Suleika, quando paramos diante da pirâmide.

- É mesmo? Não tinha reparado – respondeu Max.

Suleika ficou chateada com a grosseria de Max, e Frank ralhou com o filho por ter sido mal-educado. Isso me irritou, porque tive a sensação de que Frank só queria defender Suleika. Então falei em tom de repreensão para Frank:

- Não ralhe com o menino assim!

Max, o mais novo adolescente do pedaço, deu uma bronca não no pai, mas em mim:

– Mamãe, posso me defender sozinho!

– Isso será de grande ajuda quando enfrentarmos Imhotep – revidei, séria, e, com isso, trouxe a conversa de volta ao ponto essencial: salvar minha filha.

– Vocês acham que têm alguma chance contra Imhotep? – perguntou Suleika enquanto descíamos de nossos camelos.

– Sobrevivemos a zumbis e ao Godzilla. Imhotep não poderá nos surpreender assim tão facilmente.

– Exceto com rãs – disse Max.

– Como assim, rãs? – perguntei, assustada.

Então caiu uma rã sobre a minha cabeça.

Da minha cabeça pulou para o chão e foi dando pulinhos e coaxando pela areia do deserto.

– Por isso – esclareceu Max.

– Mas era uma só... – retorqui boquiaberta.

De repente, apareceram voando mais bichos coaxantes. Ergui os olhos para o céu: chovia rãs! E aquela chuva, que surpreendia tanto os animais quanto a nós, machucava muito.

– Aqui – gritou Suleika, que se refugiou da chuva de rãs debaixo do telhadinho de uma pequena loja de suvenires fechada. Corremos para lá. Os camelos também. Assim, debaixo do telhadinho ficaram amontoados três monstros, três camelos e uma Suleika. Contemplamos aquele espetáculo de rãs, que teria feito os pesquisadores climáticos colocarem todos os seus modelos em xeque.

– Pelo visto, Imhotep pode nos infligir pragas bíblicas – comentou Max, mexendo o rabinho de medo (uma imagem com a qual não conseguia me acostumar, nem mesmo naquela situação).

Dado que eu conhecia a Bíblia tanto quanto a maioria dos alemães, ou seja, nada, perguntei ao Max:

– E que outras pragas bíblicas existem?

Nesse instante, um enorme enxame de mosquitos se aproximava zunindo.

– Não perguntei nada! – gritei – Não perguntei nada!

Frank arrancou com suas mãos fortes a porta fechada da loja de suvenires, então entramos correndo, passamos pelas pirâmides e pelas esfinges de plástico, cruzamos a porta do depósito e a fechamos com pressa. Os mosquitos ficaram zunindo furiosos à porta, mas não conseguiram entrar pelo buraco da fechadura, porque havia uma tela contra mosquitos atrás da porta do depósito.

Tínhamos encontrado um refúgio, ainda que bastante apertado. Os camelos nos seguiram e estavam quase em cima de nossos pés no pequeno depósito. Estávamos rodeados por bibelôs e, para nossa surpresa, inclusive por pratos do casamento de Charles e Diana. (Será que os Klaus e as Bärbels comprariam esse lixo para lembrar que existem casamentos piores do que o deles?)

Depois de alguns instantes, percebemos que o enxame de mosquitos se afastava. Frank suspirou aliviado:

– Ufta.

Max completou:

– Era isso mesmo que eu queria dizer.

Olhei através da janela fechada do depósito e vi que do lado de fora havia uma garoa de poucas rãs. Mas uma tempestade de areia voltava a se formar, uma gigantesca nuvem negra como aquela da tarde. Era mais do que evidente: Imhotep em pleno voo de aproximação!

Embora suas pragas me tenham causado um medo horrível, abri a porta do depósito, cruzei correndo a loja, saí e gritei:

– Se não devolver minha filha agora mesmo, vou meter suas rãs em um lugar onde o sol não brilha.

Max, que me seguira cauteloso, comentou minhas palavras tremendo de medo:

– Seus planos realmente alcançaram um grau máximo de complexidade.

A tempestade de areia formou outra vez um rosto. Acompanhado por um barulho aterrorizante. Logo escutaríamos a resposta à minha ameaça, e esta certamente não seria simpática.

– Talvez tivesse sido melhor uma abordagem mais diplomática – disse Max, e vi que Frank e Suleika, que também tinha saído, concordavam. Olhando por cima do ombro, acredito ter visto os camelos concordarem também.

– As picadas dos mosquitos são o pior que pode acontecer nas pragas bíblicas? – perguntei ao Max, em dúvida.

– Mais ou menos, também existem as úlceras.

– Que maravilha!

– E as doenças do gado.

– Eu deveria ter sido mais diplomática.

Nesse momento, tive certeza de ver os camelos concordarem lá no depósito.

– Temo que seja muito tarde para a diplomacia – comentou Max.

Os mosquitos tinham desaparecido, e a chuva de rãs tinha acabado, mas o rosto de areia negra tinha se formado por completo no céu e escurecia as estrelas. Não tinha o mesmo aspecto de antes, agora parecia ter cabelos de areia negra, como se Imhotep tivesse comprado uma peruca.

O buraco no lugar da boca começou a falar. E as palavras que escutamos foram muito mais surpreendentes do que a chuva de rãs. Porque o rosto disse:

– E aí, tudo bem?

A voz soou aterrorizadora, mas mais terna do que em nosso encontro anterior. Com certeza não era a mesma. Parecia de longe a... a...

– Fee... é você? – perguntei totalmente espantada.

– Sim! Olha só que barato posso fazer – respondeu o rosto no céu que era minha filha.

– O barato seria muito maior se nos explicasse o que significa tudo isso. O que ele fez com você?

– Ele não fez nada comigo.

O “eu” que estava vendo no céu estava muito longe de ser “nada”.

– Immo foi muito legal comigo – disse Fee.

– Você o chama de... “Immo”?

– É que ele não gostava de “Impotente”.

– Compreensível – comentou Max.

– O que ele fez com você? – repeti a pergunta muito preocupada.

– Ele me mostrou tudo o que posso ser! – exclamou Fee com alegria.

– Uma tempestade de areia...? – perguntei.

– E muito mais!

– Uma tempestade de areia que faz chover rãs e chama mosquitos? Definitivamente queriam dar mais poderes à filha.

– Sim! – respondeu Fee, contente. – Também posso infligir outras pragas bíblicas!

– Quero ver! – gritou Max em direção ao céu.

– Calma – disse rindo –, não tenho nada a ver com essa história de morte dos primogênitos.

– Ainda bem – retorqui temerosa e não estava nada entusiasmada com o fato de a minha filha se ocupar com esses temas. Cautelosa, perguntei a ela:

– Você pode se transformar? Esse sim seria um baita poder.

– Claro que ela pode – respondeu em seu lugar uma profunda voz masculina.

De repente, apareceu do meu lado um careca musculoso com sainha. Sem querer, pensei: “Se me vestisse assim, teria cistite”.

– Sou Imhotep! – anunciou teatralmente o homem de sainha.

Fee deixou escapar uma risadinha no céu.

– Você nunca se cansa de rir do meu nome? – ele gritou para o alto, nem um pouquinho zangado, na verdade amigável e divertido.

– Até agora, não. – O rosto de areia da Fee esboçou um sorriso na noite escura, e o careca o devolveu carinhosamente olhando para o céu.

Que diabos está acontecendo aqui?

– Você hipnotizou minha filha? – perguntei enfurecida ao senhor sabe-tudo.

Em vez de responder, ele sorriu.

– Fala, ou vou pegar essa sua sainha e enfiar naquele lugar!

– Igualzinha à filha – disse Imhotep, gargalhando.

– De jeito nenhum! – exclamou Fee irritada. Nem como monstro de areia, ela gostava de ser comparada comigo.

– Volta a ser você mesma de uma vez por todas! – gritei para ela. Não conseguia continuar falando com Fee daquela maneira.

– O que significa isso? – gritou Fee.

– Obedeça ou você vai ver só uma coisa!

– “Por favor” era a resposta correta – disse Fee, rindo.

Seu rosto de areia se desfez, e a areia começou a escorrer pelo chão. Quando caiu o último grão, a areia se transformou, diante de meus olhos, em Fee. Ou melhor, na versão múmia da minha filha.

– Ela não é maravilhosa? – observou Imhotep, contemplando-a apaixonado.

Já é horrível quando os rapazes mais velhos olham babando a sua filha. Mas é ainda pior quando os velhos fazem isso. Contudo,

esse indivíduo tinha três mil anos de idade e dava um novo sentido à descrição “velho babão”.

– Você a hipnotizou? – perguntei de novo ao cara de sainha.

– Não, não se consegue hipnotizar pessoas com personalidade forte – esclareceu Imhotep.

Esse era o segredo então. Isso significava que Fee não tinha conseguido hipnotizar nem a Baba Yaga, nem a mim por causa da nossa personalidade forte. E, pelo visto, minha filha também tinha uma força de vontade inabalável. Poderia ter me sentido realmente orgulhosa, se sua força de vontade não estivesse sempre a serviço de sua teimosia.

– Isso quer dizer que tenho uma personalidade fraca – comentou Max com tristeza, ao deduzir que Fee o tinha hipnotizado na rodagigante.

Nesse instante, fiquei com pena dele e tentei animá-lo, dizendo:

– Você também vai ter uma personalidade forte...

– Ah, pare com as suas mentiras retóricas – disse Max rosnando para mim. – Por culpa da sua conversa fiada, minha vida está muito mais atrapalhada do que antes!

Por culpa da minha conversa fiada? O que foi que eu disse? E quando? Não tinha a menor ideia do que se tratava aquilo, nem sabia por que agora a vida de meu filho era pior do que uma hora antes. Por um breve momento pensei se não deveria perguntar. Mas decidi que primeiro tinha que trazer Fee de volta à realidade. Puxei-a pelo braço e disse:

– Você vem conosco!

– Aonde você pretende levá-la? – perguntou Imhotep, visivelmente incomodado com a minha atitude.

– Para a Transilvânia.

– E como pretende chegar lá, sua louca? – perguntou, sarcástico.

– Era só o que me faltava! – gritei com ele. – Um velho sabichão de três mil anos que gosta de usar sainha!

O riso desapareceu imediatamente de seu rosto.

– Vamos! – ordenei a Fee e a puxei com força. Mas ela não se moveu.

– Vou ficar com Immo – retrucou tranquila.

– O quê?

– Vou ficar com Immo.

– Só consigo ouvir “Vou ficar com Immo!” – eu disse perplexa.

– Então você está ouvindo muito bem.

– Mas não estou entendendo você!

– O que você não está entendendo? – perguntou Fee.

– Tudo!

– Por que não quero deixar de ser monstro?

– Pensei que você odiasse seu corpo de múmia.

– Antes, não sabia tudo o que podia fazer com ele. Posso hipnotizar pessoas. Posso me transformar em tempestade, posso inclusive infligir pragas bíblicas...

– Sem esquecer que você domina a terrível maldição da múmia – completou o cara da sainha.

– Um último recurso – acrescentou Fee –, pois esta arma pode ser letal.

– Não quero saber no que consiste essa maldição – interrompi-a.

– Você não pode ficar e ponto final.

– Por que não? Não quero voltar para a escola. Pense em tudo o que posso realizar com meus poderes. Desencadear revoluções. Acabar com as ditaduras. Ajudar as pessoas. Os pobres. Os oprimidos.

Estava desconcertada com as ideias de Fee. Mas também porque ela as expôs de modo radiante. A adolescente até então

letárgica por fim tinha um plano. Um plano que significava inclusive renunciar a seu corpo adolescente e continuar sendo uma múmia para sempre.

Isso poderia parecer fascinante, porque era idealista, corajoso e altruísta. E com certeza teria me impressionado em qualquer outra pessoa. Se essa pessoa não fosse a minha filha. Mas não podia permitir que ela jogasse fora sua vida humana e continuasse sendo uma múmia para sempre.

– Por que está com essa cara? – perguntou. – Você sempre quis que eu pensasse no meu futuro. E agora encontrei alguma coisa. Alguma coisa que me permite fazer a diferença no mundo.

– Ela não é maravilhosa? – disse Imhotep, esfuziante. – Igual a minha Anck. Quer salvar o mundo.

Aquele cara começava a me tirar do sério.

– Fee, você não pode ser múmia para sempre... – eu disse, tentando trazê-la de volta à razão.

– Claro que posso.

– Talvez – interveio Max a favor da irmã, dando asas à sua imaginação – seja uma espécie de eleita, como nas grandes histórias, como Luke Skywalker ou Frodo Bolseiro... Talvez tenha que salvar pessoas...

– Max? – disse.

– Sim.

– Senta!

Ele se sentou e se calou.

Observei de novo o olhar decidido da Fee e não soube mais o que dizer. Por isso, me virei indefesa na direção do Frank e pedi:

– Diga alguma coisa, por favor!

– Ufta! – gritou com força e determinação.

– Ai, ai – suspirei –, isso não foi de grande ajuda.

– UFTA, UFTA, UFTA!

Isso tampouco serve para alguma coisa.

Voltei-me de novo para a Fee e pedi:

– Por favor... volte com a gente... seja sensata.

– Estou mais sensata do que nunca.

– Deixa eu falar...

– Você não pode me dizer mais nada – respondeu Fee. – Você sempre quis ter outra filha, agora você tem.

– Não foi isso o que eu quis dizer.

– Ah, foi sim, com todas as letras – revidou, e seus olhos brilharam de tristeza e raiva.

Isso me doeu muito, porque era bastante injusto. E me enfureceu.

– Pare de falar assim ou... – ameacei-a, desorientada.

– Pare agora de me dar ordens só porque se sente frustrada – retorquiu.

– O que eu sou?

– Totalmente frustrada, porque não conseguiu nada na vida.

Quando ela pronunciou essas palavras, ergui instintivamente a mão. Não queria bater. Claro que não. Só ameaçar. Fee tinha que parar de falar daquele jeito.

– Vai me bater? – perguntou, abalada.

– Não... só quero trazê-la de volta à razão – murmurei.

– Desaparece da minha vida – disse baixinho.

– Mas...

– Não quero te ver nunca mais – sussurrou, e o desprezo em seus olhos foi insuportável para mim. Eu me afastei. Faltavam-me forças para contra-argumentar. E fiquei envergonhada por ter levantado a mão contra ela.

Triste e desesperada, olhei para os outros. Para Max, que, confuso, fitava o chão. Para os camelos, que não se atreviam a sair do depósito. Para Frank e Suleika – eu suspeitava que tinha havido algo entre eles. Uma suspeita que me doía tanto quanto o desprezo de Fee. Não podia continuar vivendo com aquela suspeita, ela me corroía. Precisava ter certezas: em um sentido ou no outro!

Perturbada e sem pensar, me dirigi a Frank e perguntei:

– Vocês dois, alguma vez...

– Ufta? – Não tinha entendido minha pergunta insinuante.

Suleika, ao contrário, tinha. Tanto que desviou o olhar e disse:

– Vou... vou dar uma olhada nos camelos.

Esse gesto valeu por uma resposta.

Suleika desapareceu na loja, e voltei a interrogar Frank, dessa vez com mais clareza:

– Vocês dormiram juntos alguma vez?

Frank negou com a cabeça.

Respirei profundamente aliviada. Minha suspeita nada mais era do que uma bobagem de mulher ciumenta. Graças a Deus!

Quis abraçar Frank imediatamente, mas ele se abaixou e escreveu algo na areia com seu enorme e maciço dedo indicador:



No início, não entendi nada. Depois, me senti muito mal:

– Oito?

Frank assentiu, envergonhado.

– OITO?!?

Frank assentiu, ainda mais envergonhado.

– Vocês não dormiram juntos apenas uma vez, mas oito???

Frank parou de aquiescer, de tão envergonhado que estava.

Oh, meu Deus, era pior, mas muito pior do que imaginara.

Ele não tinha me traído apenas uma vez por impulso, mas o fizera contínua e prazerosamente. Isso não se faz quando se ama alguém.

Ele não me amava mais.

Talvez já havia muito tempo.

Eu me senti ainda pior. Era como se alguém arrancasse as minhas entranhas. Olhei ao redor. Tinha sido totalmente absurdo buscar a chave do coração da minha família. O coração de cada um deles estava totalmente trancado.

Com voz embargada, eu disse:

– Sei que não sou perfeita. Não sou nem uma mãe nem uma esposa fantástica...

Parei por um momento, então continuei:

– Sou como sou... nem mais, nem menos do que isso...

Todos se calaram desconcertados.

Inclusive Imhotep.

E os camelos.

– E se isso não basta para ficar comigo...

Olhei para Fee.

– ... e se isso não basta para fazer da vida de vocês algo melhor...

Olhei para Max.

– ... e, principalmente, se isso não basta para ser fiel comigo...

Olhei para Frank.

– ... então... então é melhor eu ir embora.

Profundamente triste, me dirigi à loja e peguei da mão de Suleika as rédeas de um camelo. Conduzi o animal para fora da loja, passei diante da minha família e montei. Logo dei a ordem ao camelo para partir.

E enquanto abandonava minha família, constatei que os vampiros também choram.

FEE

– Você não se envergonha de ter traído a mamãe? – gritei com o papai depois de ela ter partido.

– Uff – respondeu realmente envergonhado.

Mas naquele momento pouco me importava. Por isso, continuei gritando com ele:

– E ainda por cima com uma pobre coelhinha do Terceiro Mundo.

– Espera aí! – protestou a coelhinha do Terceiro Mundo.

– Não espero coisa nenhuma. Você foi para a cama com um homem casado. Se você quer um *green card* para a Alemanha, procure um turista solteiro.

– Não existem *green cards* na Alemanha... – ela respondeu, me corrigindo.

– Estou pouco me lixando para o processo de imigração na Alemanha! Suleika fechou o bico.

– Ir para cama com um velho decrepito por algo assim – disse eu com desprezo. – Com essa carne.

– Ufta! – papai protestou.

– Ah, para de repetir “ufta” toda hora!

– Iffta? – retorquiu confuso.

– Não melhorou nada, seu velho atrevido!

– Ufta! – protestou no estilo de sempre.

– Eu... eu amo seu pai – confessou Suleika. E da maneira como ela o encarava, podia-se realmente acreditar nela. Embora não se conseguisse compreendê-la.

– Se isso for verdade – perguntei –, será que não precisa ser muito idiota para se apaixonar por um cara tão baixo que trai a própria esposa?

Suleika olhou para o chão.

– E você, hein? – perguntei ao papai. – Tem que ser muito burro mesmo para trair a mulher que é a mãe dos seus filhos, não é verdade?

Ele também olhou para o chão.

– Vocês não vão encontrar nenhuma resposta no chão!

Eles olharam para o lado.

– Aí também não.

Os dois continuaram calados. E, sinceramente, não conseguia olhar para a cara deles por mais tempo. Por isso, disse:

– Venha, Immo, vamos embora.

– Ninguém diz a Imhotep o que ele deve ou não fazer! – protestou Immo.

– Não fique nervoso – respondi e comecei a me transformar em tempestade de areia. Primeiro, meu braço esquerdo virou um redemoinho de areia. Isso pinicava muito. Como quando um braço adormecido começa a despertar lentamente e dá a impressão de que mil formigas andam em cima dele.

– O que você tá fazendo? – perguntou Max, incerto.

– O que você acha? – respondi enquanto o outro braço também virava um redemoinho de areia.

– Que você tá fugindo – constatou Max, com tristeza.

Por um instante, isso me atingiu. Mas, em seguida, me deixou com mais raiva ainda. Se havia alguma situação da qual era recomendado escapar, certamente era esta. Além disso, finalmente eu tinha um plano, sabia o que queria fazer da vida e desejava colocar logo esse plano em prática.

O resto do meu corpo virou um redemoinho de areia, que me pinicava em todo lugar. Deixei apenas que a minha boca conservasse sua forma de sempre. Ela flutuava no ar como única parte de meu corpo, suspensa pelo movimento ascendente do redemoinho de areia. Perguntei:

– O que foi, Immo? Você vem ou não vem?

– Ninguém dá ordens a Immo...

– Ah, não resmungue, tá?! – disse, cortando-lhe a frase.

Então também minha boca se transformou em areia e subi aos céus como um redemoinho. Que barato! Virar redemoinho assim. Voar desse jeito. Subir aos céus. Ser uma força da natureza!

Olhei para baixo: todos ficaram pequeninhos, exceto Immo, que finalmente se apressou e também se transformou em uma tempestade de areia. Ok, ok: ninguém diz a Imhotep o que ele deve ou não fazer.

Através do vento que eu mesma formava, ouvi papai gritar lá embaixo:

– Ffmee!!!

Formei uma enorme boca de areia (o que, diga-se de passagem, parecia um bocejo, só que pinicava mais) e gritei para ele com minha voz de redemoinho:

– Nada de Ffmee! Já não sou mais a pequena Fee de vocês, agora sou para sempre Felicitas!

Saí de lá como um sopro de vento, pensando a que ditador idiota a nova Felicitas ia demonstrar sua força.

MAX

A situação era ruim. E “ruim” era um eufemismo para descrever nossos problemas. Era tão ruim quanto as habilidades náuticas do capitão do *Titanic*. Ou quanto a situação dos soldados alemães em Stalingrado. Ou quanto a questão da ética de Silvio Berlusconi. Ou quanto a minha compreensão das garotas.

Mamãe tinha ido embora. Fee também, e ela estava a ponto de se tornar uma versão militante do Nelson Mandela. E para piorar, papai tinha traído a mamãe. E agora eu odiava os três.

Queria muito estar com Jacqueline. Pelo menos com uma Jacqueline que não risse de mim quando lhe confessasse meu amor. Mas, infelizmente, essa Jacqueline não existia. Portanto, não queria estar com a Jacqueline.

Antes de tudo, queria não ter dito que gostava dela. O que foi que eu pensei? Que ela ia gostar de um lobisomem? De um tal de Max?

No entanto, era irrelevante se ela podia gostar de um tal Max ou não, pois eu nunca voltaria a vê-lo. Os Wunschmann não tinham mais nenhuma possibilidade de voltar a se transformar em pessoas normais e, menos ainda, em uma família normal, o que, pensando bem, nunca tínhamos sido.

O que devia fazer da minha vida agora? Ficar com o papai? Com um homem que tinha dificuldades de fazer contas de somar e que eu agora desprezava profundamente? Com um homem do qual queria me aproximar para mijar em sua perna e depois mordê-la? (Embora, do ponto de vista do sabor, a sequência inversa das ações certamente seria melhor.)

Não, não podia ficar com um homem desses! Portanto, tinha de descobrir o que podia fazer da minha vida sozinho, como lobisomem. Mas como realizar isso? ganhando a vida em programas de entrevistas na televisão? Durante quanto tempo isso daria certo? Quanto tempo duraria minha fama como sensação dos meios de comunicação, antes de me detonarem?

Nesse momento voltei a me lembrar dos perigos a que me exporia, caso me apresentasse como lobisomem falante. Com certeza, eu seria alvo dos cientistas, que me classificariam, diante da Justiça, como animal e não como *homo sapiens*. Então eu desapareceria em um laboratório nos próximos cinquenta anos. Isso se conseguisse sobreviver tanto tempo num lugar assim.

Isso não podia acontecer! Tudo estava claro: precisava continuar incógnito. Mas como? Juntar-me a uma alcateia de lobos? Na fauna egípcia não havia lobos. E as raposas do deserto não acreditariam se eu tentasse me fazer passar por uma delas. E se elas não descobrissem que estavam sendo enganadas, então estariam abaixo do meu nível intelectual, ou seja, não poderia nunca me juntar a elas.

Sendo um lobisomem, tinha apenas uma chance de ganhar dinheiro, para comer e dormir e, ao mesmo tempo, permanecer fora do alcance dos cientistas: tinha que me juntar a um pequeno circo. Por exemplo, aquele que estava perto do resort. Finalmente, eu tinha uma estratégia! Não tão maravilhosa assim. Mas factível.

Eu me aproximei do papai e mijeí na sua perna. Depois o mordi. E me chateeí em seguida, pois na minha raiva eu tinha esquecido a ordem correta. Saí de lá correndo, com um gosto ruim na boca. Rumo ao circo!

EMMA

Quando você vê nos grandes filmes épicos algum personagem chorando numa paisagem maravilhosa – no Tibete, na selva ou, como eu, no deserto –, você se sente muito emocionado e pensa: “Oh, que sentimentos nobres e profundos!”.

Mas, nesse exato momento, percebi uma coisa: os sentimentos nobres e profundos são uma merda.

O que eu não daria para estar me entediando diante da televisão, vendo algum programa enfadonho, como um debate político sobre o aumento do preço do pedágio, enquanto comia batata frita.

E o que eu não daria para conseguir aplacar minha fome com um saco de batata frita. É que meu estômago tinha começado a fazer barulho durante minha emocionante cavalgada épica pelo deserto. A princípio, eu o ignorei, pois estava muito ocupada chorando. Mas logo ele começou a se manifestar cada vez mais alto, até que eu já não podia mais ignorar seu apelo, que dizia: “Ei, estou morrendo de fome! E com ‘fome’ quero dizer de sangue!”.

O efeito da pílula do Drácula estava acabando. E depressa. Mas tão depressa que durante o resto da cavalgada deixei de pensar se Frank tinha transado com Suleika oito vezes na cama ou dezessete no trapézio.

Eu não fazia ideia por onde estava cavalgando, mas com a fome que eu tinha, não ligava nem um pouco para isso. Pelo visto, o camelo queria voltar para o resort, o que era compreensível, considerando o rumo que a noite tinha tomado desde então. Mas antes que eu pudesse refletir se queria ir para o hotel, passamos pelo circo, cujo espetáculo terminara havia algum tempo, e fomos até a entrada principal do resort. Lá vi um Klaus e uma Bärbel discutindo:

– Klaus, você podia se inscrever na “mau hálito internacional” – reclamou Bärbel.

– E você na “ovos supostamente cozidos internacional” – retrucou Klaus.

Esses dois eram perfeitos para mim. Eu já não os considerava turistas, mas comida.

Desci do camelo, que entrou no resort sozinho. As duas refeições não perceberam minha presença e continuaram discutindo.

– E você na “animais com chulé internacional”! – provocou Bärbel.

– Oi – cumprimentei-os, tentando me introduzir na conversa.

– E você na “mulheres com pelos no rosto igual a homens internacional” – revidou Klaus, sem prestar atenção em mim.

– Oi! – disse mais alto.

– Você não vê que estamos conversando? – reclamou Klaus.

– E você não vê que estou pouco me lixando? – respondi.

Klaus olhou para mim, percebeu minha sede de sangue e começou a tremer:

– Sim... sim... claro que vejo...

– Ótimo – retruquei.

– Por que... você tem esses caninos tão grandes? – Bärbel me perguntou assustada.

– Você não está achando realmente que vou responder: “Para te comer melhor”.

Bärbel, amedrontada, negou com a cabeça.

Meu desejo de cravar os caninos em seu pescoço era enorme.

– Bem... – disse Klaus – já está na hora de me inscrever na “cagar nas calças internacional”.

– Klaus! – exclamou Bärbel apavorada. Quando notou que ele ia embora, também quis fugir, mas a agarrei antes que pudesse escapar.

– Vou buscar ajuda – Klaus gritou antes de desaparecer no resort, sem que se pudesse acreditar em suas palavras.

– Um verdadeiro herói – gozei dela.

– KLAUUUSSS!!! – gritou Bärbel em pânico.

O cara a tinha abandonado. Mas eu não tinha pena dela. Quem sente pena do que vai comer?

– Me ajuda, Klaus... Retiro aquilo que disse sobre o chulé – choramingou.

– Bärbel... – eu disse.

– Sim? – perguntou assustada.

– Prefiro que a minha refeição fique de boca fechada.

Ela se calou e choramingou baixinho. Abri a boca e aproximei os caninos do seu pescoço. Seu choro não me incomodava. Nada me incomodava. Só pensava no sangue dela. Queria seu sangue doce, aromático, tentador!

Totalmente fora de mim, arranhei a pele do pescoço dela com meus caninos. Em seguida beberia seu sangue e aplacaria minha fome incomensurável. No entanto, antes que pudesse me entregar a isso, ouvi meu nome:

– Emma!

Definitivamente não era a voz de Klaus.

Afastei meus caninos do pescoço da Bärbel, mas continuei segurando-a. E então eu o vi: Drácula.

A paisagem noturna do deserto lhe caía muito bem. Parecia ainda mais bonito e aristocrático do que antes. Incrivelmente sedutor. Mas, nesse momento, nem de longe tão sedutor quanto a jugular da Bärbel.

– Você não vai beber o sangue dela, vai? – Drácula me perguntou, com uma voz suave.

– Claro que vou!

– Isso vai fazê-la infeliz!
– Pode ser, mas primeiro vai me fazer feliz – respondi.
– Esquece isso – insistiu.
– Escute esse homem! – disse Bärbel.
– Pensei que tivesse dito que refeição não fala! – rosnei, e ela voltou a ficar quieta.

– Toma essa pílula aqui! – pediu Drácula, dando-me outra de suas pílulas vermelhas, que serviam de suplemento alimentar para os vampiros. Contudo, no pescoço de Bärbel já brotavam as primeiras gotas de sangue nos dois pontos onde eu tinha arranhado sua pele com meus caninos.

– Prefiro o original ao suplemento! – exclamei, disposta a sugar o sangue dela.

Em vez de responder, Drácula lançou a pílula na minha direção. Com uma força enorme. E certa. Caiu em cheio dentro da minha boca que estava aberta. Engasguei e tossei, mas a pílula já estava no meu corpo. E surtiu efeito imediatamente: meu desejo incontável se dissipou e soltei Bärbel.

– Vai embora – disse-lhe, atordoada.

Ela não sabia o que responder.

– Você não é mais nenhuma refeição – esclareci –, voltou a ser Bärbel.

– Não me chamo Bärbel, mas Astrid – comentou.

– Sabe o que isso significa para mim?

– Merda nenhuma?

– Garota esperta, Astrid. E agora desaparece ou Astrid vai receber...

– ... um pé na bunda? – perguntou.

– Garota esperta, Astrid, muito esperta!

A mulher saiu correndo em direção ao resort, e eu a ouvi gritar:

– Agora mesmo ligo para um advogado especializado em divórcios.

– Humanos são tão desnecessários – disse Drácula, suspirando.

Minha sede por sangue passara. Drácula tinha impedido que me convertesse em uma assassina. Isso, talvez, tenha sido a coisa mais importante que alguém já fizera por mim. Estava profundamente agradecida a ele por isso.

No entanto, o fato de eu já estar satisfeita não foi uma bênção total, porque os velhos sentimentos ressurgiram de uma vez só. E voltei a chorar ali mesmo pela minha família.

– Tem planos para hoje à noite? – perguntou Drácula. – Se não, voe comigo.

– Os vampiros conseguem voar? – perguntei. Essa ideia me distraiu um pouco do choro.

– Sim, se nos transformarmos em morcegos.

– Brr... – eu disse. O pensamento era desagradável para mim.

– Mas ia propor voar no meu jato particular – disse Drácula sorrindo e apontou para um jato aterrissado a menos de cem metros dali.

Refleti por um momento.

Logo respondi:

– Uma proposta realmente boa.

MAX

Um jato passava voando sobre mim, enquanto eu deslizava junto à lona do circo, que se chamava Maximus. Nas jaulas perto da lona, dois tigres decrepitos e um gorila enorme, gordo, provavelmente obeso, roncavam. No meio da pequena área de deserto que o circo

ocupava havia um furgão que devia pertencer ao diretor. Para reforçar essa hipótese, contava o fato de que nesse veículo estava escrito, em letras garrafais, “O grande Maximus”. A partir desse nome podia-se deduzir que Maximus era um diretor de circo que falava alemão. Além disso, era de se supor que um homem que se autodenominava o grande Maximus não sofria exatamente de falta de ego. Provavelmente falava de si mesmo em terceira pessoa.

Entretanto, pouco importava que perfil psicológico o tal de Maximus representava dentro do gênero humano. Precisava conversar com ele, pois, se uma criatura como eu podia encontrar refúgio em algum lugar, esse lugar era o circo. Ali viviam algumas criaturas estranhas: através da janela iluminada de um furgão, vi uma mulher, que parecia ter pele de serpente, tirar a roupa. Os seios da mulher-serpente foram os primeiros que vi ao vivo em minha vida, e não tive certeza do que deveria achar daquela visão.

Em outro furgão, havia um cartaz no qual se anunciava: “Jo e Bob, as irmãs siamesas do trapézio”. E diante da lona vazia do circo, apoiada em um poste, dormia uma mulher gorda, bêbada e barbuda. Sim, em tal ambiente, eu certamente não chamaria a atenção.

Subi os pequenos e frágeis degraus de madeira e ouvi um ronco forte através da porta. Maximus tinha, com certeza, uma voz potente.

Ao chegar à porta de madeira, bati nela com a pata. Maximus roncava ainda mais alto. Sendo assim, continuei martelando na porta até que, em vez de roncoss, ouvi:

– Merda, quem ousa perturbar Maximus tão tarde da noite?

O que imaginara: Maximus falava de si mesmo na terceira pessoa.

– Se são vocês outra vez, siamesas idiotas – rugiu –, vou dar um pé na bunda das duas tão grande que nunca mais vão saber de quem é essa porcaria de traseiro!

Esse homem não parecia ser um empregador muito simpático.

– Venho à procura de trabalho! – gritei com valentia através da porta fechada.

– Não preciso de garotos para viajar comigo! – respondeu bravo.

– Quero trabalhar como atração de circo!

– O que tem a oferecer?

– Tem que ver você mesmo.

Ao final de alguns instantes meditando, o grande Maximus respondeu:

– Ok, mas se você não me convencer, pedirei às irmãs siamesas que lhe deem uma lição. As duas têm um esquerdo sensacional!

Engoli em seco. E esperei. Pelo visto, o diretor do circo tinha que se vestir. Depois do que me pareceu uma eternidade, a porta finalmente se abriu, e o grande Maximus apareceu em roupão e era... baixinho. Para ser exato: era liliputiano. Um desses antipáticos que nas brigas puxam os cabelos ou mordem a orelha do opositor.

– Vejo que o nome “o grande Maximus” é uma autorreferência irônica – disse com valentia.

– Como assim irônica? – questionou agressivamente. Aparentemente, não achava seu nome nada irônico. – E o que diabos significa autorreferência?

– É quando... – quis explicar.

– Cala a boca! – disse Maximus me interrompendo. Em seguida me observou e não se surpreendeu nem um pouco em ter diante de si um lobisomem falante. Pelo visto, estava acostumado com criaturas como eu.

– Como se chama? – perguntou.

– Max.

– Se quiser trabalhar no circo Maximus, não pode se chamar assim!

– Isso significa... que posso ficar aqui?

– Vai ter comida de graça, um teto para sob o qual dormir e 25 dólares por mês.

– Só 25 dólares?

– Onde você vai gastar tanto dinheiro, sendo um lobo?

Era um argumento irrefutável. Contudo, eu não queria concordar com ele. Se ia ser um vagabundo, pelo menos não seria daqueles que se contentam com pouco.

– Quero 50 dólares! – disse com a coragem que pude encontrar dentro de mim.

– Sou Maximus, o grande – respondeu o liliputiano de roupão, remexendo nos bolsos e sacando um charuto –, e não Maximus, o tampinha!

– Cinquenta dólares ou vou embora – insisti.

– Nem sou Maximus, o cara que precisa de você – respondeu, acendendo o charuto com prazer.

Hesitei. Devia mesmo ir embora agora? Mas, para onde?

– Você não parece ter muita escolha – constatou. Com certeza era o único liliputiano do mundo que podia falar com alguém olhando de cima para baixo.

– Tá, tudo bem, 25 dólares – consenti entredentes.

– Vinte – disse, corrigindo-me com frieza.

– Até alguns minutos atrás eram 25! – protestei.

– Por ter se atrevido a me desafiar – respondeu Maximus, soltando a fumaça do charuto na minha cara.

– Mas... – disse, tossindo.

– Me desafiou outra vez. Agora são 15.

– Ei!

– Treze.

– Isso...

– Dez.

– Não devo continuar falando – me resignei.

– Até que enfim entendeu como funcionam as coisas com Maximus – disse, me gozando e dando um tapinha pesado na minha cabeça. – Agora vou lhe mostrar onde você vai dormir!

– Vou ter meu próprio furgão? – perguntei esperançoso, enquanto descíamos as escadas do seu furgão. Gostaria muito de ter um reino só meu.

Maximus começou a rir:

– Um furgão próprio... Você é engraçado... Talvez possa se apresentar como palhaço! As crianças choram com os nossos...

Observei o liliputiano, que rolava de rir, e estremeci pensando que a partir de então veria aquele homem todos os dias. De repente, me senti como um daqueles órfãos infelizes das histórias infantis, que acabam ficando com o personagem malvado porque sofrem de uma dramática falta de alternativas.

Finalmente, Maximus parou de rir e, enquanto caminhávamos pelo circo, perguntou:

– Como você quer se chamar?

Refleti. Por que não podia começar uma nova vida com um novo nome? Talvez Harry ou Oliver ou outro nome qualquer de órfão que tenha se tornado um grande herói, embora, a essa altura, eu estivesse bastante convencido de que não era feito da mesma matéria que os heróis.

Depois de alguma reflexão, me lembrei do nome de outro órfão famoso, que se tornou herói, o capitão Kirk. Por isso, respondi ao Maximus:

– Quero me chamar James Tiberius!

Maximus ficou me olhando.

– Tiberius combina um pouco com Maximus – afirmei, tentando convencê-lo de que a ideia era boa.

Ele deu uma estrondosa risada. Pelo menos, eu poderia começar minha nova vida com um nome heroico: James Tiberius Wünschmann.

Bem, talvez devesse renunciar ao Wünschmann.

– O que você acha? – perguntei esperançoso.

– Nada – retorquiu. – A partir de agora, você vai se chamar Rex!

– REX?!? – perguntei espantado.

– Combina mais com você – respondeu Maximus, e acrescentou:
– Você vai dormir aqui, Rex.

De repente, esqueci meu espanto com meu novo nome, porque este cedeu lugar ao espanto com meu novo dormitório.

– Na jaula do gorila? – exclamei. – Tenho que dormir na jaula do gorila?!?

– Isso é um circo e não um hotel de luxo, REXY-boy.

– REXY-BOY?!?

Meus olhos ficaram marejados. A única coisa que me impediu de chorar foi o temor de que Maximus tivesse outro ataque de riso.

Ele abriu a porta da jaula, e, como rangia, o gorila acordou. O bicho soltou um grunhido mais profundo que os do meu pai Frankenstein.

– Vocês dois vão se entender muito bem! – disse Maximus, soltando uma risada.

Eu duvidava.

– Vocês têm muitas coisas em comum – acrescentou.

Duvidei ainda mais.

– Vai, entra logo na jaula, quero voltar a dormir, REXY-boy – ordenou meu novo diretor.

Deprimido, fiz o que me dizia. Maximus fechou a porta da jaula e desapareceu, fumando contente o resto do charuto.

Fui me afastando discretamente para o canto da jaula onde não estava o gorila, o qual me observava com muito interesse. Pensava em começar a chorar quando alcançasse meu canto. Mas mal escapara a primeira lágrima, o gorila começou a falar:

– Meu nome é Gorr!

– Você... você fala? – perguntei totalmente surpreso.

– Você também, Rexy-boy – revidou o gorila falante.

Fiquei tão surpreso que não sabia o que responder. Mas o animal continuou falando:

– Parece que o verme liliputiano estava certo: temos algo em comum. Você é uma pessoa enfeitiçada como eu? Ou um lobo enfeitiçado?

– Pessoa. Uma bruxa me enfeitiçou... – esclareci.

– E eu fui enfeitiçado por um sacerdote vodu no Congo!

Gorr era realmente uma pessoa com um destino semelhante ao meu. Meu coração voltou a ter um pouco de esperança. Talvez o gorila pudesse ser meu bondoso mentor. Ensinar-me tudo o que eu precisava saber para enfrentar esse mundo desconhecido. Ser o Obi-Wan Kenobi que me transformaria em um cavaleiro Jedi!

– O sacerdote vodu ficou furioso comigo, porque eu arrasei seu povoado com meus soldados – continuou falando o gorila.

Estava claro que eu tinha que desistir da história do “bondoso mentor”.

Gorr se levantou e foi se aproximando de mim devagar. Quando ficou em pé na minha frente, sorriu com malícia, mostrando seus dentes amarelos de gorila e disse:

– Posso imaginar quem dos dois será o criado do outro a partir de agora!

– Ah, sim? – perguntei apavorado.

– Vou lhe dar uma pista: de nós dois, não vai ser o gorila.

Ele falou isso mostrando os dentes amarelos, e eu não consegui evitar, comecei a chorar e gritei bem alto:

– MAMÃÃÃÃE!

EMMA

Voar em um jato particular é uma coisa muito chique. Principalmente para alguém como eu, acostumada a voos econômicos em que se cobra por tudo, até pelo ar que se respira.

O jato particular do Drácula era espaçoso e supersilencioso, um sonho de madeiras nobres, assentos de couro e mordomos. Eu me sentei em uma cadeira superconfortável, e um mordomo me serviu uma taça de vinho tinto, que fez meu paladar estalar de alegria.

– É um Château Farfernac, safra 1978 – esclareceu Drácula.

– Nunca ouvi falar dele antes – respondi, coisa que não era de estranhar, pois eu tinha tanto conhecimento de vinhos bons quanto um rinoceronte tinha de dança moderna.

– Ele é produzido em meus vinhedos particulares.

Drácula tinha vinhedos? Isso é que é ter estilo! Muito estilo.

– Quer comer algo, estimada Emma?

– Não, obrigada. Você me fez engolir a pílula, lembra? – respondi e tomei outro gole do tal Château. Era fácil acostumar-se a essa bebida.

– Falo de apetite, não de fome – disse ele, sorrindo. – Nós, vampiros, queremos sangue, mas isso não significa que tenhamos que abrir mão dos prazeres gastronômicos. Já comentei com você que tenho a bordo um *chef* três estrelas?

– Não, ainda não.

– Tenho a bordo um *chef* três estrelas.

Enquanto ele dizia isso, sorriu de tal modo que meus joelhos tremeram.

Esse vampiro sabia conquistar uma mulher, especialmente as vampiras com alma.

Pouco depois, degustamos o cardápio mais fantástico de todos os tempos: carne de búfalo moçambicano, queijo de cabra tibetana e um *tiramisù* andaluz tão saboroso que me fez esquecer os *tiramisù* italianos. Eram delícias que teriam deixado sem palavras até mesmo os mais insensíveis críticos gastronômicos.

Enquanto comíamos, Drácula me falou de lugares escondidos, cheios de beleza, que ele queria me mostrar: a cidade oculta africana de B'wana, cujas ruínas se encontravam escondidas na selva congoleza, ou o misterioso templo das flores de lótus na Birmânia. Drácula comentava a beleza desses lugares com tanta vivacidade que suas descrições me excitavam ainda mais do que o vinho e os pratos maravilhosos. Eu não podia imaginar que no nosso mundo moderno, onde tudo é previsível, ainda existissem lugares escondidos, cheios de mistério, encanto e beleza. Devia ser mágico viajar até eles com Drácula. Ao contrário, uma viagem às ilhas Maurício com Hugh Grant, como aquela que minha ex-colega de trabalho Lena fizera, certamente parecia mais uma visita ao zoológico de uma cidade pequena.

Em pensamento, eu já não estava no jato particular, comendo e bebendo, mas me via viajando com Drácula ao templo cheio de lótus e cheirando as flores.

– No que está pensando? – perguntou Drácula, interrompendo meu passeio mental.

Em vez de responder, coloquei o garfo de lado e o observei. Tinha olhos nos quais a gente podia mergulhar, combinando com seus lábios sensuais, com o rosto aristocrático e pálido e com o corpo musculoso. Certamente, ele tinha uma barriga tanquinho

debaixo da camisa elegante e um corpo totalmente sem gordura. Como seria fazer amor com Drácula no templo das flores de lótus? Cheyenne tinha me contado que ele era um virtuose na cama.

Calma, espera aí! Eu não podia pensar nisso!

Por outro lado, por que não podia imaginar? Por que sentiria remorso se dormisse com Drácula? Por causa de Fzuleika-Frank? Claro que não!

Desejava aquele homem... vampiro... dono do jato particular... E ele me desejava. Isso transparecia em seus olhos. Ele não era lascivo, mas apaixonado. Incrível, um homem como esse estava apaixonado justamente por mim, Emma Wünschmann!

Mas, calma, espera aí! Talvez tudo isso não passasse de um truque para me persuadir. Provavelmente tinham colocado alguma coisa na minha comida para me convencer. Como era possível explicar que eu o desejasse tanto e não pensasse mais na minha família? Drácula não era flor que se cheirasse, mesmo quando não se tratava de Drácula, mas apenas do chefe das empresas Guguel.

– No que está pensando? – perguntou Drácula de novo.

– Você colocou alguma coisa na minha comida? – perguntei, indo direto ao ponto.

– Por que faria isso?

– Para me excitar.

– Isso significa que você me deseja? – respondeu, contente.

Epa.

Eu tinha que sair logo daquela confusão e retorqui:

– Bem... não... não... por que perguntou isso?

– Porque você suspeita que coloquei secretamente umas gotas de afrodisíaco na sua comida.

– Bem, sim, é possível achar isso... – admiti.

– Mas se eu tivesse colocado...

– ... não teriam surtido nenhum efeito! – me apressei em completar a frase.

Drácula me observou. Divertido. Não acreditou em mim. Em seguida, sorriu cordialmente e disse:

– Se algum dia você me desejar, estimada Emma, terá que ser por sua própria vontade e não por causa de alguma magia minha. Um verdadeiro amor tem que ser construído com base na sinceridade e na verdade.

– B... bom – respondi.

Mas não estava bom. Drácula não me excitava porque tinha colocado algo na comida, mas me excitava porque me excitava. E se eu não pensava na minha família, não era porque ele tentara me enganar. Não pensava na minha família porque não pensava na minha família. E, naquele momento, isso não me causava remorso simplesmente porque não sentia remorso.

A não ser que... Drácula tivesse mentido para mim e tivesse colocado alguma coisa na comida.

– Você está mentindo para mim? – perguntei-lhe de supetão.

– Não – retrucou, alto, claro e sem pestanejar.

Refleti sobre a resposta e perguntei:

– Isso agora foi uma mentira?

– Não.

– E isso?

– Assim não saberá nunca – disse ele, sorrindo cordialmente. – Você tem que perguntar a si mesma se o seu desejo por mim é verdadeiro ou não.

Perguntei a mim mesma e percebi: meu desejo era verdadeiro. E não apenas isso, a sensação era muito boa também. Drácula me amava, eu o desejava e estava sozinha. Separada do meu marido infiel e dos meus filhos ingratos. Podia viver minha própria vida.

Merecia viver minha própria vida! E merecia aproveitá-la. Ninguém podia me proibir!

Queria aproveitar imediatamente minha liberdade. Por isso perguntei ao Drácula:

– Se importa que eu o beije agora?

Não esperei pela resposta. Eu me curvei por cima do *tiramisù* andaluz e da mesa e coloquei meus lábios suavemente sobre os dele. Eram frios como os meus. Mas – espero que me perdoem a expressão brega, às vezes o brega é absolutamente verdadeiro – quando nossos lábios frios se tocaram, a paixão ardeu como fogo. Drácula beijava muito bem. Pelo visto, ele tinha aproveitado a vida imortal para aperfeiçoar sua técnica do beijo. Passaram-se minutos sem que nos afastássemos um do outro. Por sorte, os vampiros não precisam respirar.

Quando, finalmente, ele afastou seus lábios dos meus, eu não queria permiti-lo. Drácula falou um momento pelo interfone e deu à tripulação uma ordem simpática:

– Até aterrissarmos, não queremos ser incomodados.

Logo depois voltou a beijar-me e começou a tirar a minha roupa lentamente. E como meu corpo de vampira era muito mais atraente do que o anterior, não me preocupei com a luz acesa, pois não havia mais nenhuma parte do meu corpo que eu preferisse despir à meia-luz. Então pensei: “Aterrissar? Para quê?”.

FEE

Eu avançava como um redemoinho sobre o deserto, onde o sol começava a nascer. Immo voava atrás de mim a uma distância

segura. Já tinha avisado a ele para não se atrever a misturar a areia dele com a minha.

Voei ruidosamente sobre um mar, que não sabia se era o mar Vermelho ou o mar Morto, ou qualquer outro. Devia ter prestado mais atenção às aulas de geografia. Em seguida, voltei para a terra. Mas para onde quer que eu voasse, sobre qualquer cidade árabe em que eu pairasse, não via, a partir da minha perspectiva do Google Earth, nenhum exército oprimindo o povo, nem a polícia espancando manifestantes. Não mostrava a ninguém com quantos paus se fazia uma canoa, nem o que era a peste.

Finalmente sobrevoei uma pequena cidade portuária árabe. Ali, em uma viela suja com casinhas tortas, avistei dois caras dando uma surra em um homem bem-vestido e com um grande bigode. Isso era melhor que nada.

De uma grande altura, desci como um redemoinho e vi que os dois caras tentavam se esconder da minha tempestade de areia atrás de algumas lixeiras. Sua vítima bigoduda não tinha mais forças para se levantar e ficou estendida no chão. Escorri em forma de areia na viela e me transformei em múmia. Os dois caras não eram tão idiotas assim e se enfiaram ainda mais atrás das lixeiras.

– Acordar hoje não foi uma boa ideia – gritei para eles e primeiro os bombardeei com a peste. Em segundos, apareceram verrugas no rosto dos dois. Pareciam aquelas criaturas contra as quais Frodo lutava em *O senhor dos anéis*. Em seguida, mandei uma nuvem de mosquitos e, para coroar o final, uma pequena chuva de rãs. Quando acabei, os dois estavam desmaiados no chão, com verrugas por todo o corpo.

No entanto, por uma razão qualquer, aquilo não me fez feliz. De certo modo, esperava ser libertador fazer alguém experimentar o próprio mal que causou. Mas, em vez disso, me senti mal pelo mal que causei aos caras.

O bigodudo recobrou a consciência, se levantou com dificuldade e disse respeitosamente:

– Não importa que tipo de criatura maravilhosa você é, o fato é que você fez o bem.

Uma vantagem de ser múmia egípcia era que entendia e podia falar perfeitamente o árabe.

– Que bom – respondi em árabe, um pouco triste porque o bem que tinha feito não me fizera bem.

– Você me salvou desses porcos revolucionários.

– Porcos revolucionários? – perguntei desconcertada. – Como assim, porcos revolucionários?

– Sou um agente do serviço secreto, e eles me descobriram. Agora eu vou levá-los para a tortura.

Ops.

– Quem... governa este país?

– O presidente!

– Foi eleito? – perguntei esperançosa.

– Não diretamente.

– Indiretamente?

– Também não.

Aquilo não parecia muito democrático.

– Alguém pode assumir seu posto?

– Quando morrer, seu filho assumirá seu lugar.

Não, a democracia era outra coisa.

Eu tinha infligido a peste a quem não merecia. Olhei o bigodudo no fundo de seus olhos e o hipnotizei:

– Quero que esqueça que esses dois rapazes são revolucionários.

– Já esqueci! – respondeu com fervor.

Immo escorreu em forma de areia do meu lado e se transformou na sua versão com saíha.

– Não é fácil distinguir o bem do mal – comentou.

– É verdade – retorqui, suspirando.

– Nem mesmo no próprio coração – completou Immo.

Aquilo soou como uma incômoda lição de sabedoria.

Olhei para os dois pobres caras que eu tinha desfigurado. Infelizmente, não tinha poderes para curá-los. Com certeza, demoraria semanas até eles se recuperarem. Que idiota vazia eu era! Tinha me jogado de cabeça em uma situação sem avaliá-la antes. Eu não era a Anck que sabia exatamente o que estava fazendo. Nem em sonhos.

Talvez esse tivesse sido o erro precisamente: eu queria ser como ela.

E antes queria ser como a Cheyenne.

Mas tinha que encontrar meu próprio caminho.

Tinha que ser eu mesma.

Do jeito que eu era.



De volta ao túmulo de Immo, eu só conseguia pensar nos dois revolucionários que não pudera ajudar. Meu único consolo era que o bigodudo não os entregaria e não faria mal a mais ninguém (também, pudera, eu o hipnotizara para que, no futuro, ganhasse a vida trabalhando como palhaço de rua).

Minha consciência estava muito pesada. Seria tão bom contar agora com alguém que me encorajasse! Mas quem? Não meu pai infiel, com certeza. Immo? Não, ele só me via como a reencarnação da sua Anck. Mamãe? Talvez ela pudesse me dar um bom conselho sobre o que eu deveria fazer agora. E talvez ela tivesse aproveitado

para esfregar na minha cara que havia dito, desde o início, para ficar com ela.

Talvez.

Mas não necessariamente.

Onde ela estaria agora?

Com certeza, ela se sentia só, abandonada e triste.

EMMA

Cheyenne tinha razão: fazer sexo com Drácula é uma LOUCURA!!!!!!!!!!!!

FEE

Immo interrompeu meus pensamentos com uma frase que eu sempre quis ouvir de um rapaz:

– Eu te amo!

Típico de mim. Pela primeira vez alguém me amava. De verdade. Sem que eu o tivesse hipnotizado. E tinha que ser precisamente uma múmia egípcia de três mil anos que usava sainha.

– Depois de todo o sofrimento, finalmente superei a perda de Anck – explicou.

– Bom para você... – respondi e, infelizmente, não achei nada bom para mim, pois não conseguia, nem na melhor das hipóteses, imaginar que formássemos um casal. Ele, ao contrário, sim. Ajoelhou-se diante de mim, no chão de pedra do túmulo, e pegou a minha mão. Oh, meu Deus, ele não ia...?

– Quer se casar comigo?

Era isso que Immo queria!

Mas eu certamente não.

Ele me olhava cheio de esperança. Eu tinha que reagir. De alguma maneira.

– Bem... Immo, você é um cara muito legal e tudo mais... – gaguejei – ... mas não acho que seja uma boa ideia...

– Como assim?

Mas o que ele estava perguntando? Quando alguém responde a um pedido de casamento dizendo “não acho que seja uma boa ideia”, você começa a chorar sobre o travesseiro e não pergunta mais.

– Então – continuei tentando explicar com cuidado –, temos uma diferença de idade muito grande. Você tem três mil anos e eu quinze...

– Mas você já é sexualmente madura – revidou.

Ai, ai, não tinha a menor vontade de conversar com ele sobre meu amadurecimento sexual.

– Podemos ter filhos – continuou.

Por um lado, não estava tão segura de que meu corpo de múmia tivesse condições de fazer essas coisas. Por outro, não queria nem pensar nisso.

– Sou muito impulsiva – disse tentando desmotivá-lo.

– Posso conviver com isso.

– Se me acordam muito cedo, fico insuportável...

– Então só vou acordá-la ao meio-dia – retrucou com alegria.

– E quando estou menstruada, quero matar todo mundo.

– O amor suporta tudo.

Ao que parecia, eu não chegaria a lugar nenhum com verdades. Assim, só as mentiras me ajudariam. Vamos ver se ele aguentava esta com tanta naturalidade:

– Eu... gosto de mulheres!

– Eu vou convencer você do contrário – respondeu calmamente.

– Gosto de desafios.

Ele me puxou para si, me abraçou e quis me beijar. Contra a minha vontade. Foi nojento. E como tinha acabado de falar de amadurecimento sexual, entendi realmente o que ele queria, e senti mais nojo ainda. Eu o afastei com todas as minhas forças.

– Meu Deus, sei que está necessitado – disse, irritada com ele –, mas eu não te amo. Jamais poderia amar alguém como você.

– O quê...? – perguntou perplexo.

– O que você acha? Um cara que passou três mil anos num túmulo, grudado em uma mulher... Ninguém jamais vai dizer: “Nossa, que cara sensacional!”.

Em seu rosto, rugas de ira se formaram.

– Além do mais, você anda com uma sainha ridícula e seus pés cheiram a mofo!

– Meus pés não cheiram a nada!

– Certo, cheirar não é bem a palavra.

– Você... me despreza? – perguntou, enquanto começava a ficar vermelho.

– Bingo!

– O que significa “bingo”?

– Que eu o desprezo! Acho, inclusive, que só mesmo um chato de galocha usaria o verbo “desprezar”!

Agora, todo o seu rosto tinha ficado definitivamente vermelho de raiva. Immo tremia de fúria. Talvez eu tivesse ido um pouquinho longe demais.

– Pois farei o que Drácula me pediu! – disse trêmulo.

– Drácula...? – perguntei. O que ele tinha a ver com tudo isso?

– Drácula queria que eu matasse seu irmão, seu pai e você!

Nada gentil.

– E farei isso agora mesmo!

Nada, nada gentil mesmo.

Por um instante, pensei que Immo fosse utilizar a “maldição da múmia”, mesmo que ele, de acordo com as regras da maldição, colocasse a própria vida em jogo. Mas, em vez de me amaldiçoar, ele se transformou em um gigantesco besouro azul. Escaravejo... escaravelo... escaravelho ou como quer que essa coisa se chamasse. De qualquer forma, ele não era especialmente assustador. Comparado com os zumbis e com Godzilla, ele era até

mesmo ridículo. Mas então, de repente, ele cuspiu um líquido preto contra a parede, bem do meu lado, e as pedras desmoronaram imediatamente.

EMMA

Carinhoso. Sensual. Excitante.

Eu tinha traído meu marido, aproveitado cada minuto e não pensara nele nem um segundo. Só enquanto cruzávamos as montanhas da Transilvânia na limusine de Drácula, em direção ao seu castelo, pensei no que tinha feito. O sol brilhava no céu, mas, graças aos vidros escuros do carro, eu não sentia minha pele de vampiro arder e me perguntei se devia sentir remorso por causa do Frank. Senti. Um pouco. Oh, não, um pouco.

Mas devia realmente sentir isso? Estávamos empatados 1 a 1 em matéria de traição conjugal. Ou melhor, o placar era 1 a 8, porque Frank tinha ido para a cama oito vezes com sua guia turística erótica, uma mulher mais jovem e mais bonita. Portanto, era mais do que justo que eu tivesse dormido com um cara mais velho e mais bonito, no *futon* do seu jato particular (os edredons eram uma loucura!). Eu poderia ter feito sexo sete vezes mais, e só então haveria um empate entre mim e Frank.

Meu Deus, ainda estava muito enfurecida com ele. Como podia ter me machucado tanto?

– Gostaria de lhe mostrar algo fantástico – disse Drácula, interrompendo meus pensamentos furiosos. Ele segurou minha mão durante todo o caminho, como um adolescente apaixonado.

– O quê? – perguntei.

– Meu lar!

Apontou para um castelo que acabara de aparecer na estrada. Erguiase sobre uma colina e, por causa de suas muitas torres, tinha um aspecto majestoso, maravilhoso, de tirar o fôlego. Em comparação, a casa de campo inglesa para onde Lena se mudara com seu namorado inglês era realmente insignificante.

– Uau... – exclamei.

– Espere para ver o spa – disse Drácula, sorrindo.

– Você tem um spa? – Isso me pareceu mais espetacular do que ter um vinhedo particular.

– Com banho romano, termas gregas e sauna ayurvédica. E o melhor de tudo: a luz do sol é filtrada através de um teto de vidro especial e não faz nossa pele arder, se quisermos ficar junto da minha piscina de água salgada. Podemos aproveitar o sol sem que ele nos machuque.

– Parece maravilhoso – eu disse, suspirando impaciente.

– E é. Mas você também vai aproveitar algo ainda mais gostoso.

– O quê?

– As minhas massagens.



Aproveitar foi pouco!

Drácula fez massagens sensuais em mim no jardim de orquídeas de seu castelo (eu não me perguntei como ele conseguia cultivá-las nas montanhas da Transilvânia). Suas mãos muito carinhosas conseguiram transformar até meu joelho em zona erótica. Depois da massagem, fizemos amor em um banho romano, aromatizado com fragrâncias maravilhosas. Em seguida, na banheira de hidromassagem, aromatizada também com fragrâncias maravilhosas. Que bom que meu novo corpo fosse tão resistente!

Se continuássemos assim, Frank e eu empataríamos logo, logo. Então, talvez, eu sentiria algum remorso. Até lá, eu tinha me proposto a não pensar no assunto.

Lá pela uma da tarde, quando saímos da banheira, Drácula me cobriu com um roupão suave como a seda, ordenou que me servissem um chá aromático excelente e disse:

– Desculpe, eu tenho que tratar de negócios.

– Mas volte logo, hein?! – exclamei, fingindo que o ameaçava com o dedo e sorrindo tolamente como uma colegial.

Fiquei sozinha na piscina coberta com o teto de vidro que filtrava o sol de maneira agradável, aproveitando os raios que tocavam meu rosto.

Sim, sol, piscina e spa. Cardápios três estrelas e viagens a países exóticos. Nada de celulite, nem nas coxas nem no bumbum, e sexo fantástico com um homem encantador e atraente... e a cereja do bolo: eu também era imortal. A vida como vampira era maravilhosa!

FRANK



EMMA

Drácula me fez esperar por ele. Mas isso não foi tão ruim, porque seu criado Renfield passou metade da tarde providenciando revistas, massagens na cabeça e bombons deliciosos (tomara que as vampiras não tenham tendência a ganhar pneuzinhos).

Quando Renfield terminou a massagem e foi embora, eu me levantei e contemplei a piscina, de água tão clara e azul, que certamente teria animado David Hockney a pintar novos quadros. Aproveitei a vista e não me incomodei em não poder me ver refletida na água.

De repente, o vidro transparente, que filtrava os raios de sol, se espatifou, fazendo um grande barulho. Uma coisa muito grande passou raspando sobre mim. Graças aos meus bons reflexos, consegui saltar para o lado. A coisa, que parecia um corpo humano, bateu com estrondo contra a borda da piscina, escorregou para dentro e foi afundando sem vida pouco a pouco até o fundo. Levei um susto enorme com tudo aquilo. E como o vidro ficara em pedacinhos, o sol me queimava impiedosamente. Não tão grave quanto no Egito, mas decidi saltar na água para me proteger da irradiação.

Antes de mergulhar, tirei o roupão e, enquanto nadava devagar de roupa de baixo (como vampiro eu não precisava respirar, portanto não tinha que me apressar), reconheci a pessoa que estava a ponto de se afogar: Baba Yaga!

Meu Deus, nós a tínhamos perseguido por meia Europa, e agora ela estava ali, inconsciente diante de mim, com bolhas de ar saindo da sua boca. Não tive pena dela. Meu estado de ânimo era similar a quando você vê na televisão uma reportagem sobre crianças em países em guerra e se pergunta se em outro canal não estará passando *House*. Será que, como vampira, eu tinha me tornado um monstro insensível? Ou será que eu era como tanta gente normal por aí?

As bolhas acabaram. Baba não tinha mais muito tempo de vida. E realmente não era nenhum problema para mim deixá-la se afogar. Mas minha família, sim, teria problemas. Fee, assim como eu, não queria voltar a ser ela mesma, mas Frank e Max com certeza queriam recuperar seu antigo corpo.

Eu pouco me importava com o que Frank pensava. Continuava tão chateada com ele que, por mim, a bruxa podia transformá-lo no saco de pancadas da academia dos irmãos Klitschko.¹⁹ Mas eu me importava com Max. Sentia saudades dele. E me perguntei se fizera

bem em deixá-lo com Frank e Suleika. Uma pergunta que eu mesma respondi com um “Não, idiota, claro que você não fez bem”.

Puxei a bruxa do fundo, a envolvi nos meus braços e nadei com ela até a superfície, deixando-a na borda enquanto eu saía primeiro. Devido às gotas de água sobre a minha pele, o sol me queimava mais implacavelmente. Vesti o roupão sobre o corpo molhado e arrastei a bruxa inconsciente para debaixo de um grande coqueiro, onde ela recobrou a consciência. Cuspiu um pouco de água, como se fosse uma fonte com defeito e, finalmente, perguntou:

– Você... me salvar?

– Espero não me arrepender – respondi.

– Uma criatura estúpida me salvar – comentou fora de si.

– Ok, já me arrependi – disse ofendida.

Baba se levantou tremendo e, cambaleando, olhou ao redor:

– Eu estar no castelo de Drácula. Finalmente chegar ao destino.

– Observou que eu estava de roupa de baixo e me perguntou sem rodeios: – Você amar Drácula?

Essa era uma pergunta interessante, que eu ainda não tinha formulado para mim mesma. Amar? Era uma palavra importante. Drácula me fascinava, e a excitante vida que ele me prometia era mais do que sedutora. Mas amar? Com certeza, seria mais correto dizer que eu estava apaixonada por ele. E já se sabe que da paixão pode surgir o amor. E se isso acontecesse, nós poderíamos formar, com Max, a família mais estranha da história mundial.

– Isso não lhe interessa – respondi para a bruxa.

– Ele não te amar.

– Como... como assim? – perguntei, perturbada.

– Bom, você ser você – disse, dando uma risada.

– Obrigada – respondi, amarga.

– Como ele poder amar mulher tão estúpida?

– Obrigada de novo.

Ela deu outra risada, e eu quis me defender:

– Pois segundo a profecia do tal Haribo...

– Harboor – ela me corrigiu.

– Pouco importa... ele disse que o vampiro com alma vai amar a vampira com alma...

– Drácula contar isso para você?

– Sim.

– Você ser a mais estúpida de todas as estúpidas. Drácula não ter alma. Eu não quis acreditar nisso. Alguém que tinha sido tão bom comigo tinha que ter uma alma. E, além do mais, alguém por quem eu estava apaixonada e com quem eu queria, inclusive, formar uma nova família tinha que ter uma alma.

– Eu mostrar para você.

A bruxa foi cambaleando até a borda da piscina, pegou seu amuleto, levantou os braços trêmulos por cima da cabeça e gritou: “*Irbraci tempi passamus!*”. E dos dez dedos da sua mão surgiram raios negros dentro da piscina. A superfície da água começou a ferver.

Curiosa, me aproximei e o que vi conseguiu me fazer esquecer que minha pele ardia. Na superfície borbulhante da água viam-se os neandertais sentados ao redor de uma fogueira dentro de uma caverna. Em pé, diante deles, um homem velho e magro de barba branca. Excitado, ele contava algo ao grupo, gesticulando muito. Aparentemente, tratava-se de uma conexão direta com o passado, e o velho era o sábio Haribo. Parecia um pouco louco, como esses que passeiam pelas calçadas com cartazes do tipo “O fim está próximo, arrependam-se!”, ou como esses que escrevem *best-sellers* sobre a ameaça alienígena à nossa sociedade. Os neandertais tremiam de medo das explicações de Haribo. Eu não,

porque não entendi uma só palavra daquele seu dialeto pré-histórico.

– Você ouvir que ele dizer coisa terrível? – perguntou Baba, sorrindo.

– Ouvir sim, mas entender nada.

– Você me perdoar – retrucou Baba, disparando outro raio negro com o dedo indicador e gritando: – *Translat!*

Com isso, ela deve ter ligado o sistema de tradução automática da sua televisão mágica. Independente do que fosse, o fato é que finalmente conseguia entender aquele velho nervoso:

– ... Drácula vai se casar com uma vampira com alma.

Isso não parecia tão terrível assim.

– E Drácula vai ter filhos com ela – continuou Haribo, excitado.

Filhos? Não sabia se gostaria disso. Meus pensamentos não tinham chegado tão longe.

– Mil filhos! – gritou o sábio.

Mil?

– Milhares e milhares!

Meu útero ficou assustado.

– E com esses filhos, o vampiro sem alma vai criar um exército de criaturas terríveis, com as quais vai dominar o mundo e exterminar a humanidade.

Nesse instante, eu poderia ter começado a me inquietar em saber que Drácula não tinha alma.

Ou que ele queria reunir um exército para conquistar o mundo.

Mas meu cérebro chocado se fixara apenas nas palavras “milhares e milhares de filhos”.

O lunático Haribo continuou profetizando coisas horríveis aos seus neandertais. Alertou-os das armas de destruição em massa, da

gripe suína e da televisão em casa. Não é de se espantar que os neandertais tenham optado por desaparecer da face da Terra.

Quando as imagens, finalmente, desapareceram, a bruxa me perguntou:

– Você ver o que Drácula planejar para você?

– Não é verdade! – retruquei. – Quer dizer, Haribo não parece regular bem...

Eu não queria acreditar! Primeiro Frank me traía, e agora o amor de Drácula por mim não passava de uma mentira? Como é que poderia aguentar tudo isso? Primeiro, perder minha família e, agora, essa era a maravilhosa alternativa?

– Você precisar de mais provas? – perguntou a bruxa.

– Não tenho muita certeza... – respondi, sentindo um peso no meu coração.

– Você precisar de uma! – declarou a bruxa.

Ela voltou a pegar o amuleto, balbuciou algo, e, nesse momento, uma fumaça, que fedia a enxofre, saiu de suas mãos, fazendo uma névoa nos cercar. Antes que a névoa nos envolvesse completamente, já estávamos longe da piscina...

... e de repente nos encontrávamos em uma masmorra das mais clássicas. Ela tinha galerias escuras, iluminadas apenas por tochas com cheiro de coisa podre. Nesses corredores havia cavernas escavadas na terra, fechadas com pesadas grades de ferro. Atrás dessas grades vegetavam prisioneiros nada clássicos. Eram pequenas criaturas exauridas, algumas não mediam nem dez centímetros de altura, que gemiam lá dentro.

– Que... criaturas são essas? – perguntei, quando finalmente recuperei a fala.

– Elfos, fadas, anjos da guarda... Drácula capturar todos – explicou Baba. – Todos seres que ajudar humanos ser inimigos dele.

Observei com mais cuidado aquelas pobres criaturas atormentadas. Efetivamente eram pequenos anjos da guarda famintos, cujas asas tinham sido cortadas; elfos com as orelhas pontiagudas mutiladas; e fadas, antes encantadoras, com sinais de queimadura por todo o corpo. Todos nos olhavam como se não nos vissem. Havia muito tempo, sua força de vontade tinha sido destruída. Aquela masmorra era uma casa do espanto que teria tirado o sono até mesmo de Stephen King. Mas o maior horror era este: eu tinha ido para a cama com o homem que criara aquilo.

Meu Deus, quanto ansiava por uma ducha.

MAX

Durante toda a manhã tive que catar pulgas, vermes e outros bichos parasitas na pele do gorila Gorr. Mas em comparação com o que mais tarde precisei aguentar no circo dos anormais, essa limpeza foi uma experiência realmente eufórica. O liliputiano, vestido com chapéu e sobretudo pouco adequados para aquele calor, me conduziu ao picadeiro, que estava cheio de remendos precários e disse:

– Bem, Remy, agora vamos tratar do seu número.

A essa altura, eu poderia ter me preocupado com as gêmeas siamesas, que faziam piruetas lá em cima no trapézio, sorrindo maliciosas. Mas eu ainda acreditava que pelo menos os espetáculos do circo em que eu atuaria como lobo falante seriam o ponto alto da minha futura carreira artística.

– Hopalong Cassidy, venha cá! – gritou Maximus ao grupo, e um velho em trajes do Velho Oeste saiu das filas superiores.

– Quem é? – perguntei ao diretor do circo.

- Seu novo parceiro.
- E... o que faz o meu novo parceiro? – perguntei, inseguro.
- É atirador de facas.
- ATIRADOR DE FACAS?
- Isso mesmo que você ouviu, Remy.
- Não vai atirá-las em mim, vai? – perguntei em pânico.
- Em mim com certeza não – respondeu Maximus, sorrindo.
- Nem em nós – exclamaram contentes, em coro, as gêmeas siamesas, que, nesse momento, estavam de cabeça para baixo no trapézio.

Olhei para Cassidy, que descia as escadas lentamente, apalpando o caminho. Não era necessário ter vivido na Baker Street, 221B, nem chamar-se Holmes para chegar à conclusão de que era cego.

- Mas... se não vê nada... – protestei.
- Não se preocupe, atira de ouvido.
- DE OUVIDO?
- É muito difícil para ele atirar usando o olfato.

As irmãs siamesas deram uma gargalhada igual à do gorila Gorr e da mulher barbuda, que também tinham entrado no picadeiro.

- Mas... mas... – gaguejei – ... eu pensei que faríamos um número no qual eualaria.

- Um verdadeiro número de circo tem que ter drama! – explicou Maximus, com uma ênfase que permitia deduzir que ele acreditava piamente nesse tipo de drama. Depois ele se voltou para o caubói e anunciou: – Bem, Cassidy, encontramos um substituto para o índio Tanitou.

- Desde a nossa última apresentação, Tanitou já não se chama assim – respondeu o atirador de facas, e sua voz parecia triste, muito triste.

– Como ele se chama agora? – perguntei, relativamente seguro de que a resposta não me agradaria.

– Tanitou, o eunuco.

Esse foi o momento em que decidi fugir.

E ele foi rapidamente seguido por outro em que Gorr me segurou pelo pescoço.

Ele me arrastou, sorrindo, até uma grande roda de madeira e me amarrou com a ajuda da gorda mulher barbuda, que era quase tão forte quanto o gorila. Tive os punhos e os tornozelos amarrados com nós bem firmes, ficando com os quatro membros estendidos.

– Agora, Cassidy, atira! – ordenou Maximus.

– Sou muito velho para essa merda – respondeu o atirador, mas pegou uma faca e atirou. Passou voando perto da minha orelha e se cravou na madeira do alvo.

– AHHHH! – gritei.

– Não grita agora – comentou Maximus.

– Q... q... quando então? – perguntei, com os dentes batendo num compasso três por quatro.

– Quando girarmos a roda! – disse Maximus dando gargalhadas e girando o alvo.

Ele deu voltas comigo, e eu realmente gritei:

– AHHHHHHHHHHH!

Cassidy pegou a segunda faca e atirou, esta passou raspando por cima dos meus pelos. Estava tão assustado que parei de gritar.

– Tá vendo só, Cassidy, você ainda consegue! – disse Maximus, elogiando o seu atirador e ordenando em seguida: – Agora pega o arco e a flecha em chamas.

Graças ao giro rápido da roda, só vi vagamente como o liliputiano colocava na mão do caubói uma flecha em chamas. Cassidy a posicionou no arco, puxando-o com suas mãos trêmulas,

e a apontou para mim. Logo em seguida, ele atiraria a flecha e, com um pouco de má sorte, eu me transformaria em “Rexy, o eunuco” ou, com muita má sorte, eu seria “Rexy, aquele que descansa em paz”. E na lápide, debaixo dessas linhas, haveria ainda um epílogo: “... sem ter beijado Jacqueline”.

Fechei os olhos, esperando a flecha, e então ouvi um “URGHHH!”.

Era a voz do papai!

Abri os olhos e, rodando, vi como ele pegou o braço do Cassidy, fazendo a flecha voar na direção do teto do picadeiro. Que a lona do circo começasse a pegar fogo teve uma importância secundária para mim. Meu pai tinha vindo me salvar!

– Segura ele! – ordenou Maximus.

– Vou mostrar para ele o que aprendi como soldado – gritou o gorila Gorr.

– E eu, o que aprendi como membro da equipe feminina de luta livre da ex-URSS – gritou, com sotaque russo, a mulher barbuda.

Os dois se jogaram em cima do papai, enquanto a roda à qual eu estava amarrado perdia lentamente a velocidade. O pessoal do circo tinha dificuldades para segurar o papai. Pelo menos até o momento em que as gêmeas siamesas caíram em cima dele. Elas se sentaram sobre os seus ombros, apertando seu tronco com as pernas e tapando seus olhos com as quatro mãos, enquanto o gorila Gorr e a mulher barbuda batiam nele.

Minha roda finalmente parou na horizontal, de modo que eu fiquei preso em um ângulo de noventa graus em relação ao chão e tive que acompanhar a briga a partir dessa perspectiva.

– Merda – gritou Cassidy de repente.

– O que foi? – perguntou Maximus.

– A lona está pegando fogo!

Olhei para cima a partir da minha posição horizontal e, embora meus olhos ainda não enxergassem com muita clareza, vi que o cara tinha razão: a lona estava em chamas!

As aberrações do circo soltaram o papai e fugiram do picadeiro em chamas. Papai correu até mim, despedaçou enfurecido a roda, e consegui me libertar das cordas. Corremos juntos em direção à saída do picadeiro, enquanto a lona em chamas começava a cair por cima da gente, de ambos os lados. Mesmo tendo escapado daquele inferno, ainda não estávamos a salvo. Diante da gente estava o bando do circo, com Maximus gritando, furioso, para o papai:

– Você destruiu meu circo!

– Fô fouco fe fifando! – revidou papai, que pegou Maximus pelo pescoço e o atirou na direção do deserto. O liliputiano descreveu um grande arco de, pelo menos, cem metros de distância e aterrissou de cabeça para baixo em uma duna de areia.

O pessoal do circo ficou boquiaberto. A mulher barbuda murmurou:

– Como uma lançadora de martelo chinesa.

Mas, antes que ela percebesse, papai segurou-a pelo pescoço junto com Gorr e bateu a testa deles uma contra a outra com tanta força que os dois patifes caíram imediatamente inconscientes no chão. Hopalong Cassidy e as siamesas olhavam para o papai aterrorizados. Ele se agachou ameaçador diante deles e sussurrou:

– Buh!

As siamesas fugiram assustadas, gesticulando com seus quatro braços, enquanto Hopalong correu o mais depressa que suas velhas pernas permitiram.

– Deveria ter voltado para casa com Tanitou – praguejou.

Era sensacional! Todos os meus torturadores estavam fora de combate. Meu pai me salvara!

Nesse instante me pareceu totalmente irrelevante que ele tivesse traído a mamãe. Eu me aproximei de suas pernas, cheirei a perna em que tinha mijado e abracei a outra. Era visível que papai estava feliz porque eu voltara a amá-lo, e me disse:

– Fe afmo!

Quando foi a última vez que ele me dissera isso?

Devo admitir que ele nunca tinha dito “fe afmo”, mas também fazia tempo que eu não ouvia um “te amo”. Com certeza, eu ainda era um menino.

Ele acariciou minha cabeça. Também não me lembrava da última vez que ele tinha feito isso com tanta ternura.

Engraçado, às vezes só notamos quanto sentimos falta de algo quando tornamos a experimentá-lo de modo renovado.

Me deu um nó na garganta: nunca me senti tão próximo do papai quanto agora. Para mim, aquele foi o momento mais feliz da nossa viagem maluca. Por isso sussurrei:

– Também fe afmo.

Meu pai, alto e forte, engoliu em seco, comovido. Em seguida se curvou na minha direção e me abraçou. Com muita ternura e carinho.

Mas nosso formidável momento pai e filho foi interrompido bruscamente por uma tempestade de areia. Claro que não era uma tempestade de areia comum. Era Fee soprando em cima de nossa cabeça. Voltamos a ver seu rosto de areia gritando:

– Papai... Max... socorro!

Ela escorreu no chão em forma de areia, se transformou diante de nossos olhos na múmia Fee e caiu enfraquecida. Quando papai e eu pensamos em correr na direção dela, surgiu outra tempestade de areia, que naturalmente se tratava de Imhotep. Ele também escorreu no chão, mas em vez de se transformar na sua figura humana, virou um escaravelho gigantesco. E com certeza ele foi o

primeiro besouro da história do nosso planeta a anunciar com pompa e circunstância:

– Preparem-se para morrer, seus cães miseráveis!

Enquanto eu, inconscientemente, escondia o rabo entre as pernas, papai continuava ligado no modo “salvamento de filhos”. Caminhando furioso sobre a areia, aproximou-se do escaravelho e gritou:

– Fai fomar no fu!

– O quê? – perguntou, confuso, Imhotep, o escaravelho, e ficou quieto por um momento.

Um erro grave, porque papai aproveitou esse breve instante de confusão para erguê-lo do chão. Mesmo assim, Imhotep conseguiu disparar um ácido de suas patas no papai, mas não o atingiu, pois ele tinha virado o besouro de patas para cima. Então, o ácido negro se esparramou no ar. Nesse momento, sorrindo para Imhotep, eu traduzi o que papai tinha grunhido antes:

– Meu pai quis dizer que o besouro vai levar uma boa surra para aprender o que é bom para a tosse.

EMMA

Com uma tocha na mão, Baba Yaga me conduziu por uma escada caracol, que descia para o porão da masmorra. Quanto mais descia, menos escutava o lamento dos prisioneiros, mas me angustiava ainda mais. Comecei a congelar. E não apenas porque estava só de roupão, mas pelo sofrimento que pairava no ar e que se tornava mais palpável a cada passo, me estrangulando como uma jiboia.

– Aonde vamos? – perguntei angustiada.

– Ver meu filho – respondeu Baba.

– Ele está aqui? – perguntei assustada.

– Drácula capturar ele, eu poder ver ele agora porque ter criado você. Sua guarda pessoal não mim deter. Esse ser trato com ele.

Nesse momento pude, inclusive, compreender por que Baba tinha feito aquilo com a gente, os Wünschmann. Ela tinha nos sacrificado por amor de bruxa-mãe.

Quando finalmente chegamos ao porão da masmorra, Baba iluminou uma caverna com a tocha e vimos... seu filho.

E era uma criança de verdade!

Um menino de cerca de sete anos, acorrentado nos pés e nas mãos e com feridas supurantes abertas por todo o corpo. Por isso o sofrimento ali embaixo era tão grande: era o sofrimento de uma criança.

– Golem! – gritou Baba. Ela correu para o menino, jogou a tocha no chão e abraçou a criança ensanguentada, que gemia.

O fedor de Golem era insuportável, ele tinha sido abandonado. Peguei a tocha e iluminei a caverna.

– Ahhh! – reclamou o menino, cobrindo o rosto com o braço, para se proteger. Depois de tantos anos na escuridão, o fogo da tocha era muita luz para ele. Dei alguns passos para trás, e Golem parou de gritar, mas começou a chorar baixinho.

– É seu filho? – perguntei. – Como pode ser... tão jovem?

– Eu criar ele a partir do barro – explicou Baba Yaga enquanto acariciava com ternura o filho.

– Você pode criar vida? – perguntei perplexa.

– Não poder toda mulher?

– Não com magia.

– Todo nascimento ser mágico – retrucou.

Eu não podia contestar isso.

– Eu o criar – continuou Baba –, porque eu compreender que só amor fazer feliz. Infelizmente, eu perceber isso muito tarde na vida. Mas não tarde demais.

Isso me atingiu em cheio, pois eu tinha acabado de abandonar minha família.

Baba se voltou de novo para Golem e tentou acalmar a criança, que choramingava:

– Tudo ficar bem!

Tanto eu como ela sabíamos que ela mentia. Mas o que ia dizer ao menino? “Filhinho, que bom que voltamos a nos ver... a propósito vou morrer daqui a algumas horas”?

Baba beijou as feridas do filho. Fez isso com lágrimas nos olhos. Pouco a pouco, os gemidos dele foram desaparecendo. O garoto se acalmava graças ao amor de sua mãe. Aliviado porque acreditava que ela ficaria com ele e poderia salvá-lo. Mas Baba Yaga não podia salvar ninguém.

E era impossível eu voltar para Drácula depois de tudo o que vira. Não queria ajudá-lo a transformar a Terra numa masmorra como essa. Contudo, não tinha sentido fugir. Drácula me encontraria em qualquer lugar do planeta e, se fosse necessário, me obrigaria a ser sua noiva e a conceber os vampirinhos que destruiriam o mundo.

Não parecia haver saída, mas de repente tive uma ideia fantástica. Drácula precisava da vampira Emma para executar seu plano, mas não poderia começar nada com a Emma humana.

– Desfaça o feitiço! – pedi a Baba. – Assim o mundo será poupado.

– Eu não poder fazer isso.

– Hein... como assim? – perguntei surpresa.

– Eu não poder fazer isso. Um feitiço não poder se desfazer com outro feitiço.

– Então, como? – perguntei confusa. Pelo visto, a bruxa não podia nos ajudar. E se isso fosse verdade, nós a perseguimos em vão.

– Feitiço se desfazer só com felicidade.

– Felicidade no sentido de acaso? – perguntei.

– Não. Felicidade no sentido de felicidade – foi a resposta. – Apenas verdadeira felicidade interior poder desfazer feitiço. Só quando sentir momento de felicidade absoluta, você ser outra vez humana.

– Continuo sem entender... Como assim? – retorqui.

– Eu conseguir enfeitiçar você porque você vulnerável. E você vulnerável porque ser momento de infelicidade...

– ... e apenas um instante de felicidade pode desfazer o feitiço – completei.

Finalmente compreendera a lógica da magia. Mas estava muito distante de me sentir feliz. E naquelas masmorras, mais distante do que nunca.

– Mas – objetei – desde que fui enfeitiçada, tive alguns momentos de felicidade absoluta, ou seja, já era para eu ter me transformado há muito tempo. Preferi guardar para mim o que acabara de pensar: a refeição no avião com Drácula, as suas massagens e, claro, o sexo fenomenal com ele.

– Típico de vocês, humanos – disse Baba, sorrindo –, confundir êxtase com felicidade.

Isso era verdade, no meu caso.

– E não apenas você ter que sentir felicidade absoluta – continuou Baba –, mas também família sua. Vocês enfeitiçados ao mesmo tempo com mesmo feitiço. Eles também ser infelizes. Todos normais só quando...

– ... quando nos sentirmos felizes ao mesmo tempo – completei. Triste. Porque minha família não estava comigo. E mesmo que

estivesse, os Wünschmann não conseguiriam viver juntos um momento assim.

Então o que eu poderia fazer para frustrar os planos de Drácula? Cometer suicídio com comprimidos de alho da marca Ilja Rogoff? Sacrificar minha vida pela humanidade, para que Drácula não formasse um exército? Faltava-me a coragem para isso. Por mais que tentasse, não encontrava em mim um Jesus que estivesse disposto a morrer pelos outros. No entanto, em minha busca interior, encontrei um Spartacus que não sabia que existia dentro de mim.

– Então só existe uma alternativa – anunciei, no melhor estilo Spartacus –, vou ter que lutar contra Drácula.

– Você querer lutar contra ele? – perguntou Baba, espantada. – Você ainda mais estúpida do que estúpida da estúpida...

– Eu sei – eu disse, suspirando. – Eu sei. Mas tenho que tentar.

– Você não conseguir sozinha – disse. – Você precisar aliados.

– Você tem alguma ideia?

– Sim...

– Quem? – perguntei, curiosa. Quem poderia me ajudar na minha luta impossível?

– Família sua.

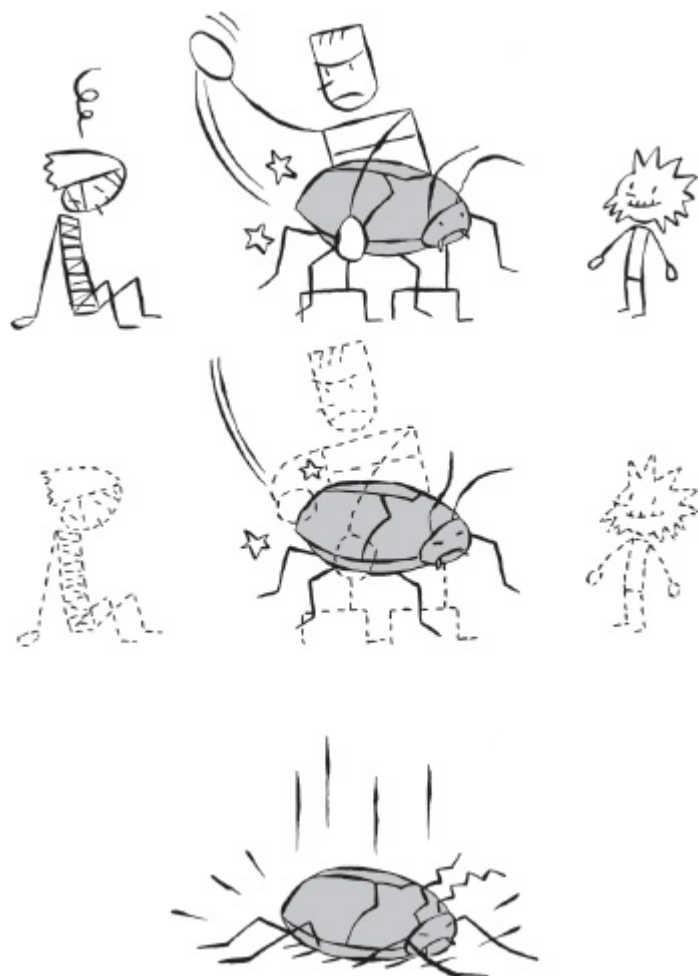
A bruxa me pegou desprevenida.

– Eu enfeitiçar eles e trazer para aqui.

– Mas eles vão correr perigo aqui... – protestei.

– Enquanto Drácula viver, vocês todos estar em perigo – retrucou, levantando o amuleto e balbuciando de novo: – *Brajanci transportci...*

FRANK



EMMA

Todos emergiram na masmorra em meio a um grande estrondo e muito enxofre: Frank, Fee, Max... e até mesmo Cheyenne e Jacqueline. Enquanto eles tossiam no meio da nuvem de fumaça do enxofre, olhei Baba Yaga, interrogativa, e ela respondeu:

– Família não ser só próprio sangue.

A bruxa tinha razão. Cheyenne e Jacqueline nos acompanharam por um bom pedaço da nossa viagem e, portanto, de certo modo,

faziam realmente parte da nossa família destroçada. Pior para elas, porque agora elas também se encontravam em grande perigo.

Enquanto a fumaça se dissipava pouco a pouco, tentei não encarar Frank, pois sentia um nó na garganta por tê-lo traído. Ele também desviava o olhar de mim, tal como Max de Jacqueline, e ela do Max. Aparentemente, algo tinha acontecido entre eles também. Mas descobrir do que se tratava ocupava, aproximadamente, o número 4.238 na minha lista de prioridades.

Cheyenne perguntou justamente pelo número um da lista:

– Ei, é realmente maravilhoso nos reencontrarmos, embora esta masmorra me lembre um pouco a caverna onde fiz amor com Che Guevara na Bolívia. Por que estamos aqui?

– E onde estamos exatamente? – acrescentou Fee. – E por que você está usando um roupão de piscina e roupa íntima?

Eu não ia responder à última pergunta.

– E quem é a criança acorrentada? – perguntou Max.

– Ser meu filho – respondeu Baba Yaga, que caiu pálida junto do menino. Usar a magia para trazer minha família de volta tinha lhe custado as últimas forças.

– Bem, na minha turma tem alguns colegas com mães mais velhas – comentou Fee –, mas isso é um exagero.

– Você tem que desfazer o feitiço! – disse Max, apontando para Baba Yaga.

Eu refleti se devia contar para minha família que a bruxa não podia desfazer o feitiço. Que só recuperaríamos nossos antigos corpos se todos nós sentíssemos, ao mesmo tempo, um momento de felicidade absoluta. Mas decidi não fazê-lo. Por que ia atormentá-los com um cenário tão pouco realista quanto o das curas espirituais do Charlie Sheen? Além do mais, tínhamos que discutir um assunto. Por isso disse:

– Estamos na masmorra do Drácula e temos que salvar a humanidade das garras dele. E isso só é possível como monstros.

– Quando você acha que as coisas não podem piorar – disse Fee, suspirando –, alguma merda acontece para provar o contrário, que sim, é possível piorar.

Com isso, ela trouxe à tona uma das mais básicas leis da natureza.

Frank, no entanto, me encarando com olhos brilhantes e ciumentos, perguntou:

– Drfmula? Vgutiguti?

– Nada de vgutiguti! – apressei-me em mentir, igual a um político diante de uma Comissão Parlamentar de Inquérito. – E se tem alguém aqui que não deveria falar em vgutiguti, esse alguém é você, senhor oito vezes vgutiguti!

O brilho desapareceu dos olhos de Frank, que desviou o olhar, consciente de sua culpa. Em matéria de infidelidade, o ataque é sempre melhor do que a defesa.

– Ele mandou Suleika passear lá no deserto – disse Max, defendendo-o.

Isso me desconcertou e arrefeceu a minha agressividade.

– Aceita o papai de volta, por favor – implorou Max, me olhando com seus olhos de lobisomem abandonado. Sem querer, desviei o olhar para Frank. Ele voltou a cabeça com cuidado para mim e parecia realmente ter a esperança de que eu o perdoasse.

Será?

Podia?

Eu vi em pensamento Frank, o Frank humano, rolando na cama com Suleika. Ato contínuo, me vi rolando na cama com Drácula e xinguei meu pensamento por não ser capaz de me oferecer imagens mais agradáveis.

Fee respondeu por mim:

– Mas o cara de bosta a traiu!

Que loucura. Justamente minha filha rebelde me defendia.

– Não xinga o papai. Ele não é um cara de bosta! Ele salvou a nossa vida! – disse Max em defesa do pai e, com isso, fez Fee deixar Frank em paz.

A fúria dela virou fumaça, e disse ao irmão:

– Ok, ok... talvez você tenha razão.

Pelo visto, Frank tinha salvado a vida das crianças enquanto eu não estava com eles. Nas últimas horas, ele tinha feito muito mais por nossa família do que eu. Horas durante as quais eu me entregava totalmente à paixão com Drácula.

Meu Deus, como eu me envergonhava!

E, com a vergonha, voltei a pensar em mim rolando na cama com Drácula. Pensamentos diante dos quais perguntei a mim mesma se, no caso improvável de um dia eu perdoar Frank, será que ele me perdoaria também?

– Não é que eu queira interromper o drama particular de vocês – disse Jacqueline, já se intrometendo –, mas alguém não disse alguma coisa sobre salvar a humanidade? Não é que eu ache a humanidade legal, mas, se deixar de existir, a cerveja vai desaparecer também. Assim como o cigarro. E isso seria uma merda.

Eu lhes expliquei rapidamente sobre a profecia de Haribo e os sinistros planos de Drácula. Quando acabei, todos estavam muito surpresos. Jacqueline foi a primeira a recuperar a fala:

– Acho que não ouvi bem. Será que continuo chapada?

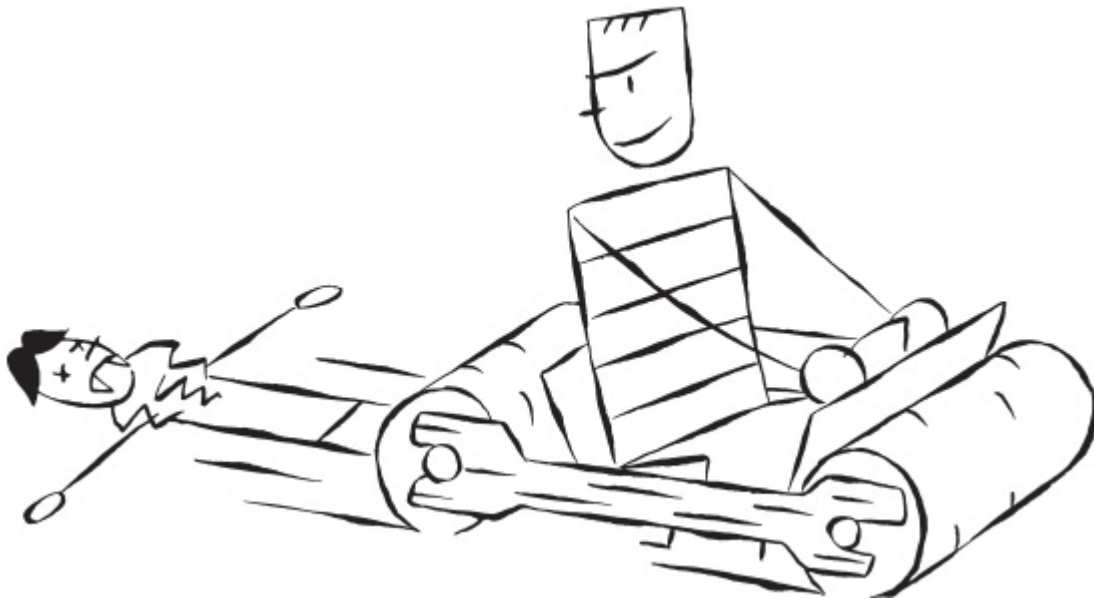
– Você estava chapada? – perguntou Max, olhando-a inseguro.

Ela o olhou não menos insegura e respondeu:

– Por isso eu ri tanto ontem.

Max sorriu timidamente. Jacqueline também. E eu continuei sem ter a menor ideia do que estava acontecendo entre eles.

Frank, que demorou um pouco a processar tudo, se enfureceu diante da ideia de que Drácula queria me engravidar milhares de vezes. Ele se agachou na masmorra e desenhou com um dos seus dedos enormes na terra:



Frank queria me defender do Drácula, me salvar dele. Assim como salvara as crianças. Como monstro Frankenstein, ele ardia muito mais intensamente por dentro do que como ser humano. Ele mostrava um lado que escondera durante muito tempo.

Ou que eu nunca vira.

Então compreendi. Suleika vira esse lado. Apenas eu, sua esposa, nunca tinha visto. Havia muito tempo, eu não observava Frank com cuidado, havia quanto tempo não lhe perguntava o que se passava em seu íntimo, por trás da fachada de homem estressado com o trabalho. Sim, havia muito tempo eu não conhecia Frank.

– Alguém tem alguma ideia de como vamos enfrentar Drácula? – disse Fee indo ao ponto e me tirando de meus pensamentos. – Temos um mundo para salvar.

Ali estava ela de novo: a Fee idealista e determinada. Ao contrário do nosso último encontro diante da pirâmide, dessa vez me alegrei de verdade ao ver minha filha tão cheia de energia.

– Não ser fácil vencer Drácula – disse Baba, que continuava abraçada ao pequeno Golem –, mas vocês ter uma possibilidade.

– Qual? – perguntou Max.

– Drácula precisar tomar todo dia seu banho de Lázaro. Com lama e ervas mágicas. Agora estar fazendo isso.

Ora, ora, então ele não estava trabalhando, como me dissera na piscina, mas curtindo um banho de lama, hein?

– E por que ele precisa de um banho de lama mágico? – perguntou Fee.

– Ele ser imortal, mas precisar do banho para não ficar velho.

– Ou seja, sem o banho, seria um imortal com Alzheimer, incontinência urinária e limpadores de dentadura Corega – concluiu Max.

– E do que adianta a gente saber disso? – disse Fee, começando a perder a paciência.

– Drácula, dentro do banho, não poder sair e se tornar alvo fácil – explicou Baba.

– E até quando dura o banho do cara?

– Até o sol se pôr.

Jacqueline pegou seu iPhone, procurou no Google e anunciou:

– Isso será em quinze minutos.

Dois pensamentos me passaram pela cabeça. Primeiro que eu gostaria de ter uma operadora de telefone celular que oferecesse uma cobertura tão boa. Segundo que, nos próximos quinze minutos, justamente a família de monstros Wünschmann decidiria o destino do mundo.

MAX

O medo invadiu meu corpo, porque eu fui o único a pensar que com certeza Drácula tinha a seu serviço criaturas terríveis, que o protegiam durante seu banho recreativo. Se qualquer bandido de terceira categoria tinha soldados sinistros, o que dizer de um vilão de primeira, como o príncipe dos condenados. Mas nem meu medo nem os mercenários de Drácula eram o maior problema. Antes, tínhamos que nos preocupar em saber como podíamos aniquilar o Drácula.

– Com certeza não tem alho neste castelo – deduzi em voz alta.
– Não seria tão tolo. Um vampiro não chega à velhice sendo um parvo.

– Um o quê? – perguntou Jacqueline.

– Burro – traduziu Fee.

– Nem um monte de estacas de madeira – acrescentou Cheyenne. E mamãe concordou:

– Acabo de perceber que não vi nenhum pedacinho de madeira em todo o castelo.

– Então Drácula não é burro – constatou Jacqueline.

– Nem água benta para a gente jogar dentro do banho dele – disse Fee, suspirando.

Todos ficaram deprimidos. Tínhamos apenas quatorze minutos até o pôr do sol e nenhuma ideia do que fazer. Olhei para a Jacqueline. Se quando falamos por telefone ontem, ela só tinha dado risada porque estava chapada... então não estava rindo de mim. Isso seria maravilhoso. Claro que não queria dizer que ela correspondesse a meus sentimentos, mas pelo menos não tinha zombado deles.

Ora, se a humanidade fosse eliminada, Jacqueline deixaria de existir. Eu não sei o que aconteceria com nós, monstros. Mas eu não queria um futuro sem a Jacqueline, mesmo que ela não me amasse.

As sinapses nervosas do meu cérebro trabalharam feito loucas para salvar Jacqueline, enviaram sinais umas para as outras e se conectaram aqui e ali para encontrar uma saída. E as sinapses deram resultado:

– Mas com certeza tem sal e azeite no castelo! – exclamei.

Os outros me olharam como se eu não soubesse mais todos os números atômicos da tabela periódica.

– Não sabia que o sal podia destruir os vampiros – disse mamãe.

– Eles não têm pressão alta – acrescentou Cheyenne.

– Com certeza, o azeite não faz os vampiros fugirem – opinou Fee.

– Ufta – arrematou papai.

– Sim – eu disse, sorrindo –, mas com sal, azeite, água e um pouco de bálsamo pode-se fabricar água benta. E temos bálsamo. As ataduras de múmia da Fee foram embalsamadas. Só temos que rasgá-las um pouco.

Todos ficaram surpresos, e Fee me deu um sorriso de aprovação:

– Mandou bem, hein, maninho?! – disse, me dando um tapinha no peito.

Eu não conseguia me lembrar de quando fora a última vez que a minha irmã tinha sorrido para mim com carinho. Provavelmente quando eu era pequeno e encontrei o seu ratinho Diddl debaixo do armário da sala de jantar. O sorriso de Fee provava que realmente só sentimos falta de algo quando o experimentamos de modo renovado.

Papai libertou o filho de Baba Yaga. Nós o deixamos com a bruxa debilitada na caverna e subimos as escadas correndo. Depois de uns cem degraus, Jacqueline me pediu para eu parar um pouco. Nos esprememos contra a parede e deixamos os outros passarem, prometendo segui-los logo. Quando todos estavam a uma distância que não permitia nos escutar, Jacqueline me disse com uma doçura que nunca vira antes nela:

– Você não só manda bem, como é muito corajoso.

– Não, eu não sou – disse, balançando aflito a cabeça. – A adrenalina invadiu meu corpo só de saber que enfrentaremos Drácula daqui a pouco.

– Não quis dizer isso – ela disse, sorrindo. – Você fez uma coisa muito mais corajosa do que lutar contra um vampiro.

Eu não entendi de primeira o que ela queria dizer.

– Você me disse que me amava. Eu nunca teria me atrevido a fazer uma coisa assim – disse em voz baixa.

E ao fazer essa confissão, ela parecia realmente feminina. Mas não mencionei isso, pois queria evitar a colisão dos pés dela contra as minhas partes íntimas.

– Seu amor me expira – confessou docemente.

– Você quis dizer “inspira” – corrigi-a.

– Você quer mesmo destruir este momento com seu jeito de nerd? – disse Jacqueline, sorrindo.

– Que momento? – perguntei, inseguro. Meu coração de lobisomem começou a bater o mais depressa que conseguiu, ou seja, 7,83 vezes mais rápido, pois sabe-se que o coração de lobos é mais rápido do que o dos humanos.

– Este momento – respondeu Jacqueline.

Então ela se curvou na minha direção e deu um beijo terno e carinhoso no meu focinho.

Às vezes não se sabe o que se perde na vida até experimentá-lo pela primeira vez.

FEE

Eu não tinha subido tantas escadas assim desde que a idiota da minha professora levara a turma toda em excursão à catedral de Colônia, para a alegria dos maconheiros da classe.

– Se tivesse dez anos a menos... – gemeu Cheyenne.

– ... você teria 68... – disse mamãe, brincando carinhosamente com a amiga.

– ... e estaria acabada do mesmo jeito – disse Cheyenne, dando-lhe razão.

Ela se sentou em um degrau, esgotada, e nos pediu:

– Deixem-me aqui. Estou atrapalhando vocês.

– Mas você não está segura aqui – contestou mamãe.

– Também não estou com vocês, se eu os acompanhar.

– Gostaria de poder dizer o contrário... – disse mamãe, suspirando e abraçando Cheyenne como só se faz com alguém que você não sabe se voltará a ver. Mamãe acrescentou: – Fico feliz em não tê-la demitido.

– Eu também. Ainda que tenha aterrissado aqui por conta disso – ponderou Cheyenne, sorrindo.

Jacqueline, que voltara a se reunir conosco, assim como Max, correu para a velha hippie e deu-lhe um beijo de despedida. Engraçado, sempre pensara que o gesto mais carinhoso de que Jacqueline fosse capaz era jogar uma lata de cerveja na cabeça de alguém.

– Voltaremos para buscar você – prometeu à Cheyenne. – E vamos dar umas boas tragadas, mamãe.

– Você a chamou de mamãe? – eu e minha mãe perguntamos ao mesmo tempo, absolutamente passadas.

– Nunca disseram a vocês que são iguaizinhas? – disse Jacqueline, sorrindo.

Papai levantou a mão:

– Eu facho.

– Nós não somos iguaizinhas! – mamãe e eu protestamos em coro.

– Ah, não? – disse Jacqueline, nos gozando.

– A semelhança ou não de vocês é secundária agora – nos instou Max. – Temos que nos apressar!

Ele tinha razão, claro. Deixamos Cheyenne para trás, como um soldado ferido em um filme americano, continuamos subindo a passos largos e corremos por galerias cheias de celas. Ver o sofrimento das fadas, dos anjos da guarda e dos elfos, presos ali, foi um verdadeiro horror. A imagem deles me inundou com uma raiva inacreditável. Eu pessoalmente queria jogar água benta no banho de lama do Drácula e, logo em seguida, misturar suas cinzas no comedouro dos porcos.

– Onde estão as chaves das celas? – perguntei.

– Não temos tempo para libertá-los! – retrucou mamãe.

Olhei para ela furiosa. Não queria ver o sofrimento daquelas criaturas por nem mais um segundo.

– Primeiro temos que nos ocupar do Drácula – insistiu mamãe.

Ela tinha razão, claro. Embora eu não quisesse admiti-lo. Não tinha sentido libertá-los agora que o mundo estava prestes a acabar. E nas condições em que essas criaturas estavam, elas não podiam nos ajudar a enfrentar o Drácula.

No entanto, eu não conseguia me desvencilhar delas. Era a primeira vez na vida que via, com meus próprios olhos, alguém sofrer tanto. Era muito diferente do que ver pela televisão. E de

repente ficou claro para mim o que eu queria fazer da vida se saíssemos vivos dali: ajudar os necessitados. Não se tratava de promover revoluções ou derrotar ditadores, mas de diminuir o sofrimento. Para isso, não havia necessidade de múmias com superpoderes, mas de pessoas comprometidas com os outros.

Nossa, se alguém tivesse me dito isso dois dias antes, eu teria lhe perguntado se ele tinha cheirado muito incenso.

– Vem logo – insistiu mamãe. Eu concordei e saímos correndo da masmorra em direção ao verdadeiro edifício do castelo. Enquanto corríamos, mamãe nos explicou:

– Drácula tem um *chef* três estrelas.

– Quem trabalha para um cara assim é um merda quatro estrelas – respondi.

– A maioria dos *chefs* com estrelas cozinha para pessoas não muito legais, porque elas são as únicas que podem bancá-los – comentou mamãe, fazendo crítica social.

– De qualquer forma, um imbecil que faz malabarismos com colheres não conseguirá nos deter – retorqui enquanto abria com um empurrão a porta vaivém da cozinha.

– A tese contrária também poderia ser verdadeira – disse Max, engolindo em seco e apontando para o *chef*, que estava no centro da cozinha junto ao elegante fogão de aço inox. Era um autêntico demônio do inferno, com mais de dois metros de altura, chifres na testa e um rabo com pontas afiadas, igual àquela arma medieval chamada estrela da manhã. Se você se encontra cara a cara com uma coisa assim, nunca mais vai precisar se preocupar com as espinhas. Infelizmente, o fato de que o demônio usava um chapéu de *chef* não o tornava mais inofensivo. Olhou para a gente e gritou, bravo:

– Saiam da minha cozinha. Aqui existem normas de higiene muito rigorosas!

Papai se dirigiu imediatamente para ele. Com certeza, ele logo esfregaria a cara do demônio no chão, tal como tinha feito com o besouro “Impotente”.

Com um estrondoso “Ufta”, papai deu um soco no queixo vermelho do demônio. Mas logo gritou e segurou sua mão. Pelo visto, a pele do demônio era mais dura do que aço. Sorrindo, o demônio bateu com a sua frigideira no papai, que cruzou a cozinha voando e se chocou contra a estante cheia de panelas. Lá, ele caiu inconsciente no chão, e as panelas choveram em cima da sua cabeça dura, parecendo uma melodia de sino desafinado.

– O demônio tem uma força enorme – gemeu Max.

– Nossa, eu não tinha me dado conta – disse, engolindo em seco.

O *chef* demoníaco tinha outras preocupações:

– O molho *béarnaise* está transbordando!

“Grande problema!”, pensei comigo.

– Olha – disse mamãe, tentando se comunicar –, só queremos um pouco de sal e azeite...

Ela não continuou. O demônio deu uma panelada nela, que cruzou a cozinha voando e foi aterrisar do lado do papai. Ninguém ia derrotar aquela criatura infernal na base da força bruta. Portanto, eu tinha que tentar de outra maneira. Com as pernas bambas de tanto medo, eu me aproximei do demônio no momento em que ele tirava do fogo a panela de molho. Ou eu conseguia hipnotizá-lo ou ele me daria uma panelada igual fizera com papai e mamãe. Só que eu não ficaria tonta em um canto como eles. Um golpe desses arrancaria a minha cabeça de múmia.

Cheguei perto do fogão e disse:

– Ei, Tim Mälzer²⁰...

O demônio olhou para mim, e eu olhei bem no fundo de seus olhos vermelhos, que brilhavam diabolicamente, então pedi:

- Quero um pouco de sal e azeite.
- Com prazer! – foi a resposta dele.

Respirei aliviada. Meu plano tinha funcionado. O demônio se deixava hipnotizar. O *chef* demoníaco pegou o sal e o azeite, mas não os deu para mim.

- O que foi? – perguntei confusa.
- Pegadinha! – respondeu, dando uma gargalhada literalmente diabólica.

Atrás de mim, ouvi Max murmurar:

- O humor desse demônio é mesmo deplorável.

O *chef* infernal pegou um facão de cozinha descomunal. E no mau sentido, disse.

- Vou fazer pano de prato com você – disse o demônio, com um sorriso de orelha a orelha.

Olhei para o facão e senti mais medo do que todas as coisas sobrenaturais que tinha vivido nos últimos dias. Muito mais.

Antes eu não entendia por que, nos filmes de terror, as adolescentes de minissaia sempre gritam em vez de sair correndo, quando o assassino psicopata se coloca diante delas armado com uma faca. Então compreendi, eu mesma só conseguia gritar.

O demônio levantou a faca. Nunca senti tanto medo em toda a minha vida, mas não fui capaz de dar nenhum passo. Estava completamente paralisada de medo e ouvia meus próprios gritos como se fossem um eco distante.

O demônio apontou a faca...

... e, nesse exato instante, mamãe pulou e se colocou entre nós.

A faca atingiu em cheio seu coração.

Mamãe levou as mãos ao peito e desmaiou diante de mim.

- Mamãe! – gritei.

A paralisia passou e me joguei em cima dela. Tinha um corte profundo no peito e não se movia... Meu Deus, ela não se movia!

Max também correu na direção da mamãe e farejou, inquieto, a seu redor, gemendo em pânico.

– Pelo supurante Belzebu! – exclamou o demônio, suspirando ao perceber o que tinha feito. – Matei a vampira! Drácula se vingará impiedosamente quando souber. É melhor fugir logo!

Tirou o chapéu de *chef*, enquanto resmungava:

– Prefiro voltar a fritar hambúrgueres humanos no inferno do que contar tudo para Drácula!

Ao dizer isso, desapareceu feito fumaça no ar, com uma mistura de “ais”, “eis”, “uis”, e não voltamos a vê-lo.

Eu abracei a mamãe, olhando fixamente a ferida aberta na sua carne, e comecei a chorar:

– Mamãe... Mamãe...

Max uivava como um cachorro abandonado:

– Auuuuuuuu!!!

Não conseguia pensar em mais nada, nem que a mamãe tinha se sacrificado por mim, nem que eu era a culpada por sua morte, nem no que aconteceria com a humanidade... Pela minha cabeça só passavam imagens de quando eu, de pijama, me sentava em seu colo e ela lia livros para mim... E de como ela me cobria na cama e me beijava três vezes... uma na testa, outra no nariz e uma terceira nos lábios... E enquanto essas imagens passavam rapidamente pela minha cabeça, todo o meu corpo se contorcia, chorando. Chorei... e chorei... e chorei...

De repente ouvi baixinho:

– Coelhinha...

Era mamãe!

Eu a segurava em meus braços, e ela falava. Baixinho, mas falava!

Max parou de uivar.

– Não precisa chorar – sussurrou mamãe. – Os vampiros não têm coração.

Ela estava viva. Viva. Meu Deus, viva!

Max mijou de alegria.

E eu chorei de alívio.

E de vergonha.

Porque, idiota que sou, tinha jogado na cara de minha mãe que ela não me queria como filha.

Mas mamãe tinha arriscado a própria vida por mim.

E à medida que compreendi quanto eu era importante para ela, outro sentimento se misturou à vergonha: agora chorava de felicidade.

EMMA

A facada doeu à beça, mas minutos depois eu já estava curada e apenas se notava uma leve cicatriz, que também desapareceu depois de alguns segundos. Nós, os vampiros, possuímos uma impressionante capacidade de cicatrização. Não era de se estranhar que só podíamos ser destruídos com coisas absurdas, como o alho ou a água benta.

Contudo, eu não tinha previsto essa cura milagrosa. No momento em que o demônio tentou esfaquear Fee, apenas segui meu instinto materno. Pouco importava minha própria vida, queria salvar minha filha. E fiquei aliviada por tê-lo conseguido.

Eu me levantei. Fee me abraçou e me beijou com força na bochecha. Por pouco não caí para trás. Minha filha me beijava? Minha filha adolescente? Beijava? A mim?

Talvez eu estivesse morta, e esta era a vida burlesca após a morte.

– Será que as duas podem acabar com essa babação? – nos interrompeu Jacqueline. – Ainda há um pequeno problema para resolver com a água benta. E não temos muito tempo para isso.

Ela apontou para a janela da cozinha, e vimos que o sol estava se pondo entre as montanhas da Transilvânia.

– Além do mais, vocês estão em cima de xixi de cachorro – acrescentou.

Olhei para meus pés descalços, e, de fato, eles estavam bem no meio de uma pocinha quente.

– Eu... – disse Max, sorrindo envergonhado – ... vou acordar o papai!

Ele saiu correndo e latiu ruidosamente na cara de Frank.

Enquanto Frank se levantava atordoado, eu preparava, seguindo as instruções de Max, uma jarra de água benta com água, azeite, sal e o bálsamo que conseguimos arrancar das ataduras de múmia da Fee. Saímos correndo da cozinha e passamos por vários corredores do castelo até chegarmos a um velho elevador de porta pantográfica, com o interior forrado de veludo vermelho escuro. Entramos e nos apertamos naquela gaiola cheirando a mofo. Frank quase bateu a cabeça no teto, e todos observamos o quadro dos botões com os diferentes andares, numerados de um a treze.

Apertei o treze, porque estava certa de que um indivíduo como Drácula viveria ali, e o elevador se pôs em movimento, rangendo, o que confirmava a sua idade avançada. Max se aninhou nas pernas de Jacqueline, e ela o acariciou. Definitivamente, eu perdera alguma coisa no desenrolar do relacionamento deles.

No nono andar, o olhar de Frank e o meu se cruzaram sem querer, nós dois os desviamos rapidamente. Procurei desesperadamente um ponto para onde olhar e fixei os olhos no

indicador dos andares: ... 10, 11, 12... O que nos esperava?... 13! Ouvi “ping!”.

Tínhamos chegado. As portas se abriram ruidosamente. Tensos e em silêncio entramos em um antigo corredor onde havia muitos quadros pendurados. A cada passo que eu dava, segurava com mais força a jarra de água benta.

– Rembrandt, Renoir, Van Gogh... – listava Max, impressionado com os velhos mestres.

– Van Gogh? Esse cara já não treinou o Bayern de Munique? – perguntou Jacqueline.

Max ia corrigi-la, como era seu costume, mas pensou duas vezes e se limitou a sorrir. Só se protege alguém dessa maneira, quando se ama de verdade.

Apesar da situação, estava curiosa para saber exatamente o que tinha acontecido entre os dois. Afinal, eu era mãe, e ele era meu filho. Assim, lhe perguntei baixinho:

– Vocês estão juntos?

– Acho... acho que sim – respondeu, constrangido.

Fiquei contente por ele, eu também gostava da Jacqueline, por causa da sua coragem e sua sinceridade. Melhor uma garota assim para meu filho do que uma bonequinha que entende mais de maquiagem do que da vida. Então, Max me disse algo surpreendente:

– E devo isso a você.

– A mim? – perguntei, surpresa.

– Você me disse que eu podia superar meus medos, e isso me deu coragem.

Ele me fitou com o olhar cheio de gratidão. E isso porque na noite de ontem ele me amaldiçoara. Sim, era oficialmente um adolescente, com as mudanças de humor que isso implicava. Se

sobrevivêssemos a essa aventura no castelo, eu teria pela frente outra puberdade para aguentar.

– Esperem – disse Fee, após ter parado de repente –, alguma coisa caiu sobre a minha cabeça.

Nós também paramos. Fee tirou uma bolinha marrom da cabeça. Ela a examinou e disse:

– Tenho uma sensação... de merda.

Ela nos mostrou a bolinha, segurando-a com os dedos e acrescentou:

– No sentido literal da palavra.

Levantamos a vista lentamente na direção do teto. Os morcegos estavam pendurados lá.

FEE

Dúzias de morcegos balançavam de cabeça para baixo no teto. Logo começaram a voar e a dar voltas zumbindo ao nosso redor. Ameaçadores. Sinistros. Passavam raspando por nossa cabeça.

– Gosto mais deles quando só cagam – comentou Jacqueline.

Eu também. Mas mesmo essa revoada toda foi mais legal comparada com o que veio depois: os morcegos aberrantes se transformaram em vampiros de dois metros e meio de altura, com roupas pretas e óculos de sol. Pareciam capazes de matar seus inimigos de 1.234 maneiras diferentes, e sem que os inimigos soubessem que tinham inimigos.

– Devem ser os guarda-costas do Drácula – comentou mamãe, engolindo em seco.

O mais alto de todos se aproximou da gente. Tirou os óculos de sol e, com seus olhos vermelhos, nos lançou um olhar assassino

que dizia: não estou a fim de comer cerejas, nem bananas, nem um combo do McDonald's. Só gosto de comer sangue humano.

Em voz baixa, mas profunda, ameaçadora e penetrante, ele falou para a mamãe:

– Em circunstâncias normais, mataríamos de imediato qualquer um que se atrevesse a se aproximar de Drácula, mas você é a noiva do príncipe. Por isso, só mataremos os que não são vampiros.

– Só? – perguntou Max assustado. – Como assim “só”?

Os vampiros uivaram com desejo assassino. Foi tão desagradável que quase senti saudades da faca do *chef* demônio.

– Vou jogar água benta neles! – disse mamãe em voz baixa.

Ela não podia fazer aquilo! Tinha que guardar a água para o Drácula. Não podia desperdiçá-la para nos salvar. Mas, por outro lado, isso significava que eu nunca dormiria com um garoto, porque uma coisa chata como morrer tinha acontecido comigo.

Mamãe estava a ponto de jogar a água benta sobre os guarda-costas, quando a detive, segurando seu braço.

Ai, ai, eu não conseguia me aguentar, quando ficava altruísta!

Enfrentá-los era puro suicídio. Não conseguiria olhar ao mesmo tempo nos olhos de todos eles para hipnotizá-los, e com certeza esses caras não se deixariam impressionar com uma chuva de rãs ou uma nuvem de mosquitos. Nem sequer a peste podia atingi-los. Portanto, eu só tinha uma escolha: a terrível maldição da múmia!

O pior era que a maldição provavelmente seria igual a um suicídio. Immo me havia explicado que a maldição causava a morte imediata das vítimas, mas, infelizmente, e muito provavelmente, da múmia também. Com certeza, isso se devia a algum tipo de reação mística.

Soltar a maldição era simples. Eu só precisava dizer: “Eu os amaldiçoo”. Mas acabei dando um toque pessoal e gritei:

– Eu os amaldiçoo, seus merdas!

Os vampiros sucumbiram imediatamente no chão.

E eu com eles.

– A mãe e a filha são realmente iguaizinhas. Estão sempre se sacrificando uma pela outra! – murmurou Jacqueline, elogiosamente.

Jacqueline tinha razão. Pelo visto, mamãe e eu nos parecíamos de verdade, não só nas maluquices, mas também nos seios pequenos ou quando nos deixávamos irritar até explodir. Eu também tinha o altruísmo da mamãe. Talvez não tanto quanto ela. Mas claro que eu nunca iria admitir tudo isso diante dela, seria muito puxa-saquismo. Além do mais, eu estava muito ocupada morrendo.

EMMA

Os esqueletos dos vampiros jaziam pelo chão, saía fumaça de seus ossos. A maldição da múmia não deixava pedra sobre pedra.

Fee jazia desmaiada junto deles, mas ainda respirava. Lentamente. Superficialmente. Ela tinha sobrevivido. Daquela maneira. Mas será que voltaria a acordar?

Eu fiquei olhando para ela, morrendo de preocupação, sem saber como ajudá-la, até que Jacqueline disse algo muito desagradável:

– Ainda temos um minuto.

Logo em seguida, ela disse algo mais desagradável ainda:

– 59 segundos...

Eu sabia que tinha que me separar da Fee, se não quisesse que o seu sacrifício fosse em vão. Mas não conseguia.

– 58...

– Tudo bem! – vociferei, mas não me afastei de Fee.

– 57!

– Eu disse: TUDO BEM!

– Nossa, que estresse!

Pedi a Frank que pegasse nossa filha do chão e a levasse conosco. Ele a pegou carinhosamente em seus braços enormes. Quase como antigamente, quando Fee ainda era uma menininha. No fundo, Frank sempre fora um bom pai. Maldito trabalho. Com tantas horas extras, seu emprego tinha sido para ele tão prejudicial quanto Drácula para a humanidade.

Corremos até o final do corredor, onde havia uma alta porta de carvalho. Atrás dela deviam ficar os aposentos de Drácula. Abri a pesada porta e, de fato, o príncipe dos condenados estava imerso em seu banho de Lázaro, em uma sala praticamente vazia. Era muito diferente do que eu imaginara. Drácula flutuava subindo e descendo lentamente dentro de um enorme cilindro de acrílico que parecia uma transparente coluna giratória de anúncios. O líquido onde ele nadava soltava raios de luz de um azul transparente, e ele mesmo parecia imerso em um sono profundo. Além dele, dentro do tanque havia uma caixa de prata no fundo. Eu não tinha a menor ideia do que havia lá dentro, nem por que ela estava lá. Um patinho de borracha? Ou será que alguém como Drácula tinha uma piranha de borracha? Uma hiena de borracha? Um Gadaffi de borracha?

O fato de Drácula estar nu me causou calor e arrepios ao mesmo tempo, porque me lembrei do sexo com ele, que primeiro me pareceu fantástico e, depois, repugnante. Estremeci. Frank notou, e eu olhei para ele envergonhada, pois embora ele fosse lento de raciocínio, não era de sentimentos. Ele percebeu nitidamente que eu o traíra com Drácula. Muito perturbado, deixou Fee no chão, mas não disse nada.

– Uau, que pingolim tem o príncipe! – exclamou Jacqueline.

– Jacqueline! – uivou Max, indignado.

Frank deu uma olhada no corpo do Drácula e ficou ainda mais ciumento.

Inveja de pênis entre monstros.

Freud teria se surpreendido.

– Vou saltar sobre o cilindro e jogarei a água benta dentro – anunciei.

Mas Max me impediu, dizendo:

– Isso tudo parece fácil demais.

– Fácil demais? – eu não conseguia acreditar. Tínhamos enfrentado a guarda pessoal de Drácula e a versão demoníaca do Jamie Oliver.²¹ Tínhamos deixado para trás Cheyenne, e Fee estava inconsciente. Se isso era fácil, então não queria saber o que era difícil, e nem o que era muito difícil.

– Ele é o príncipe dos condenados, seria muito simples que o vencêssemos assim – insistiu Max.

Antes que pudesse retorquir qualquer coisa, através de uns alto-falantes supermodernos que estavam instalados no tanque, ouvi Drácula dizer:

–Vejam que lobo esperto.

Assustada, olhei para o Drácula, que continuava flutuando para cima e para baixo dentro do cilindro, com os olhos fechados. Será que ainda estava dormindo? Se sim, como é que podia falar? De repente, ele abriu os olhos. Meu coração inexistente parou. Em seguida, Drácula sorriu. E o sangue congelou nas minhas veias.

– Vejo que trouxe algo – disse sorrindo, apontando para a jarra através do cristal. – Suponho que seja água benta improvisada.

– Você tem que jogá-la dentro do banho já – me instou Jacqueline. – Só faltam trinta segundos!

– Você realmente achou que eu não me prepararia para uma traição da sua parte? – me perguntou Drácula, sorrindo.

– Eu sabia – gemeu Max.

– Pouco me importa! – respondi decidida. – Vou fazer o que tem que ser feito agora mesmo.

Graças às minhas pernas fortes, saltei com a jarra em cima do cilindro e fiquei de pé na borda, que devia medir uns vinte centímetros. Drácula nadou rápido e com elegância até o fundo e abriu a caixinha. Mas o que podia tirar lá de dentro? Seu Gadaffi de borracha? Tudo o que pudesse me matar também o mataria.

– Acabaram-se as massagens! – exclamei furiosa e me posicionei para jogar a água dentro do tanque. Drácula tirou, então, uma pequena pílula azul do cofre, a lançou, e ela atravessou o líquido como uma bala de arma de fogo, saindo do tanque e indo parar direto dentro da minha boca. Ela desceu rápido pela garganta e atingiu meu estômago. E no mesmo instante, a mais terrível sede de sangue que eu jamais sentira me assaltou como nunca antes.

Dentro do tanque, o príncipe dos condenados sorria:

– Para todo antídoto, há um antídoto.

Esqueci completamente o que tinha que fazer. Só queria sangue. Maldito sangue precioso!

Pulei do cilindro e atirei a jarra de água benta longe, contra uma parede, onde se partiu em pedacinhos. Os caquinhos se espalharam pelo chão, a água encharcou o tapete, e o horror se estampou em todos os rostos.

– Merda! – exclamou Jacqueline.

– Merda é uma maneira delicada de formular o problema – disse Max, tremendo. – Era... nossa única chance...

– Você realmente é um lobo esperto – confirmou Drácula.

– Preferiria ser um pinguim – respondeu Max, ainda tremendo. – Na Antártida.

Para mim, ao contrário, pouco importava ter destruído a única opção de eliminar Drácula. Queria sangue... Não o de um lobo nem de o uma múmia inconsciente, nem de uma adolescente cheirando a cerveja. Queria o sangue da criatura que tinha a maior quantidade daquela bebida vital maravilhosa.

Pulei em cima do Frank, que caiu no chão. Estava disposta a cravar meus caninos no seu pescoço. E se, em pleno delírio, eu esperava algo dele, era que se defendesse usando sua força sobre-humana. Mas ele não fez isso. Pelo contrário. Ficou imóvel e não lutou. Apenas sussurrou:

– Eu te amo.

Ele não disse “te afmo” ou “fe amo”, nem nada parecido. Não. Após ter feito um enorme, até mesmo sobre-humano, esforço de concentração, pela primeira vez ele conseguiu pronunciar uma frase corretamente. A mais correta de todas: “eu te amo”.

O desejo incontrolável de sangue ainda permanecia violento dentro de mim, mas afastei os caninos do seu pescoço. Continuei em cima dele e, portanto, podia morder sua jugular a qualquer momento.

Frank continuou falando. Tinha que se esforçar para pronunciar as palavras corretamente. E não conseguia juntar mais de três palavras seguidas. Mas tudo bem. Com três palavras pode-se dizer muita coisa. E ele disse:

– Trabalho muito importante... agora não mais... importante só nós... Suleika foi erro...

Ao me lembrar daquela mulher, estive outra vez a ponto de cravar meus caninos.

– Mas isso acabou... temos futuro juntos...

Esse pensamento fez com que eu esquecesse minha sede de sangue por um momento.

– Futuro bonito – reforçou Frank.

Foram apenas duas palavras, mas maravilhosas.

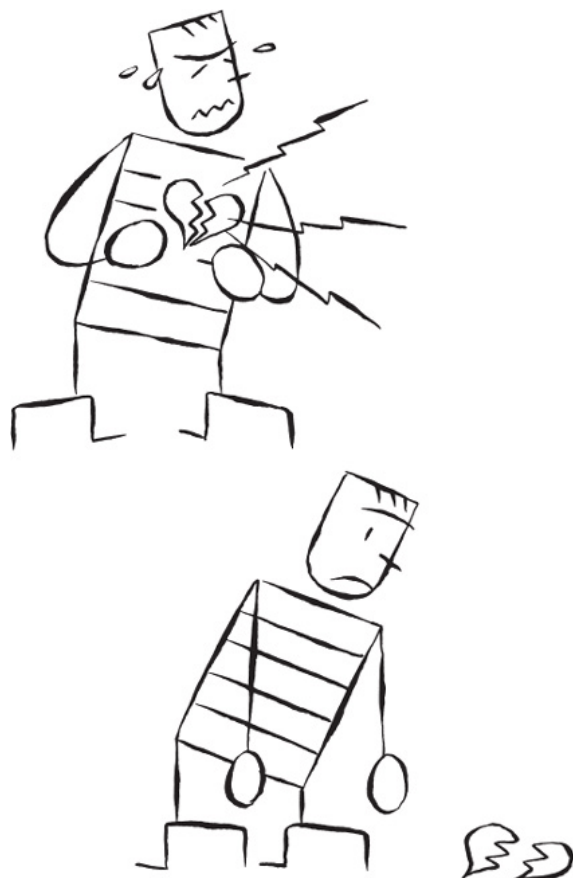
Drácula percebeu dentro do cilindro que eu hesitava e que Frank talvez conseguiria despertar nosso amor até eu me esquecer da sede de sangue. Por isso gritou:

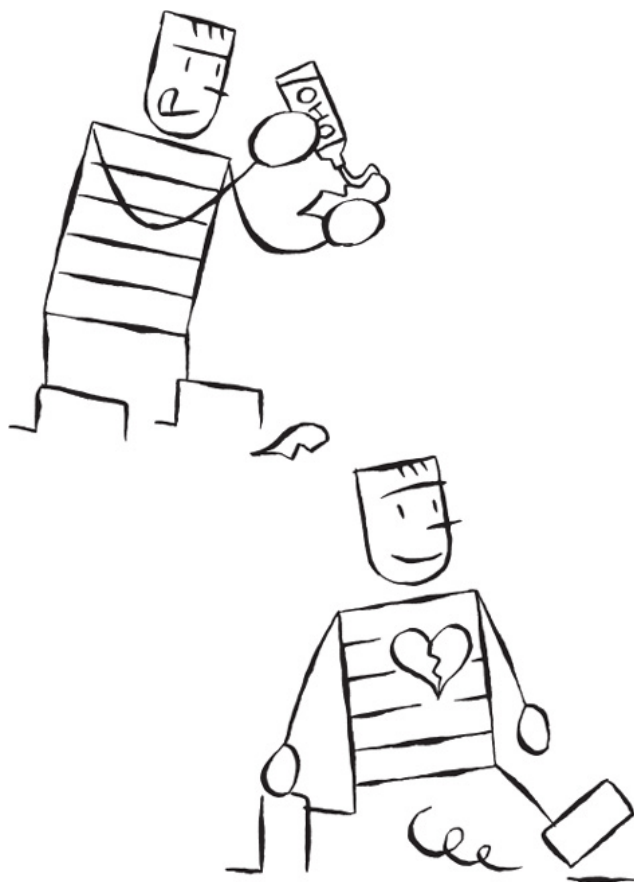
– Eu dormi com a sua mulher!

Frank ficou chocado. Embora ele tivesse suspeitado, a confirmação foi um duro golpe para ele. Com certeza, ele se enfureceria, grunhiria e me empurraria. Então eu voltaria a sentir sede por sangue e, como um animal selvagem, acabaria com ele.

– E é ótima na cama! – acrescentou Drácula.

Era de se esperar que Frank descarregasse sua raiva, mas não fez nada disso. Nem sequer grunhiu. Eu o olhei nos olhos e vi isto:





Frank sorriu para mim carinhosamente.

– Foi culpa minha... te perdoo...

Seu amor era tão grande que conseguia me perdoar. E esse grande amor atravessou meu delírio e chegou até a minha alma.

– Morda-o de uma vez! – gritou Drácula.

Eu ainda sentia sede, mas não ouvi Drácula. E Frank conseguiu então pronunciar mais de três palavras seguidas:

– Eu vou te amar para sempre.

Depois do que ele disse, não apenas esqueci a minha sede, como a superei. A sede de sangue tinha desaparecido. Definitivamente vencida pelo amor de Frank por mim.

O amor é maior do que o delírio.

O amor transforma monstros em pessoas.



Tudo estava claro na minha cabeça agora. E no meu coração também. Frank perdoou minha traição e, graças a isso, eu, a sua com Suleika. Seu exemplo me mostrara que amar é perdoar.

Continuava em cima dele, numa posição ideal: eu beijei sua boca metálica, e ele beijou meus lábios frios de vampira. Apesar de tudo, esse beijo aqueceu meu coração, organicamente inexistente. Foi o beijo mais bonito que demos. Mais bonito até que o primeiro. E, à sua maneira, esse também foi um primeiro beijo. O primeiro de um novo amor apaixonado.

– Humanos... – ouvimos Drácula suspirar. – Vocês são tão desagradáveis.

A voz já não vinha do alto-falante. Olhamos assustados para o tanque, e o príncipe das trevas estava na borda do cilindro.

Com certeza, o sol já tinha se posto.

– Outra vez uau! – exclamou Jacqueline surpresa. – Achava que o pingolim encolhia na água, mas se esse está encolhido... como é quando está normal?

– Jacqueline! – exclamou Max, indignado.

– Emma sabe como é – disse sorrindo o príncipe pelado.

Frank e eu nos levantamos depressa. Mas já não tínhamos água benta para aniquilar Drácula. Será que nós, os Wünschmann, conseguiríamos vencê-lo mesmo assim? Sem alho, água benta ou estacas de madeira, Drácula era imortal. E tinha milhares de anos de experiência em como matar. Nós só tínhamos três dias como monstros. Nosso fim definitivo estava próximo.

Mas ele não podia me matar, segundo a profecia de Haribo. Talvez eu ainda tivesse alguma chance de salvar minha família, embora, com isso, me visse obrigada a suportar uma vida imortal de tormento infernal ao lado de Drácula.

– Poupe a minha família e ficarei com você por vontade própria – disse.

– Emma!

– Sei o que estou fazendo – disse, com coragem.

– Não! – gritou meu marido. Graças a seu amor por mim, ele tinha recuperado a fala.

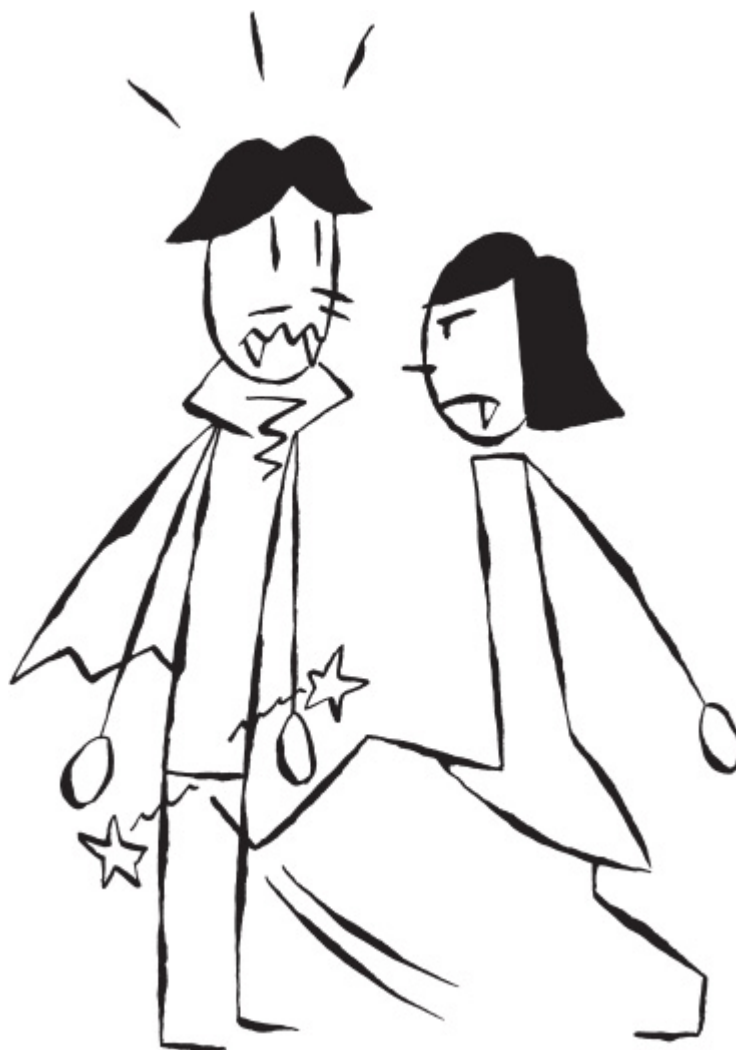
– Calma – brincou Drácula –, já não quero mais a Emma.

Ele não me queria mais? Isso não foi muito lisonjeiro.

Definitivamente nada lisonjeiro.

– Tive incontáveis mulheres ao longo da minha vida imortal e devo dizer que você está abaixo da média.

Se eu desenhasse como Frank, naquele momento teria rabiscado isto:



– Ao tentar com você – disse Drácula em voz baixa –, eu realmente tinha a esperança de que podia sentir algo parecido com amor... Mas isso não aconteceu.

Por um instante, ele pareceu decepcionado, ou seja, Drácula não tinha mentido quando me falara da sua nostalgia de amor. Mas, pelo visto, era incapaz de amar.

– E o que acontece com a profecia? – perguntei, alimentando a esperança de que, ao menos, a humanidade fosse salva, caso não pudéssemos gerar uma horda de vampiros.

– Existem outros meios de exterminar a humanidade.

– Por exemplo? – perguntou Jacqueline.

– Acho melhor não sabermos – disse Max, engolindo em seco.

– Vou contar sem rodeios – retorquiu Drácula, cujo charmoso sorriso desaparecera por completo do seu rosto. – Na minha empresa de informática, desenvolvemos um vírus interessante e, com a ajuda dele, esta noite conquistarei o controle do arsenal atômico russo.

– Você vai começar a Terceira Guerra Mundial? – perguntei, apavorada.

– Eu a denomino a “Última Guerra Mundial” – respondeu, rindo e saltando para o chão.

– Esse homem viu muitos filmes de James Bond – comentou Max, engolindo em seco outra vez.

– Se você contaminar o planeta com radioatividade – tentei argumentar –, todo mundo vai morrer, inclusive a sua fonte de alimentação.

– Tenho pílulas vermelhas o suficiente para uma vida eterna. E por fim, ficarei livre dos humanos insuportáveis.

Os olhos dele brilharam com essa ideia. Em algum momento, todos nós temos o desejo de ficar sozinhos, por exemplo, em reuniões de trabalho, festas familiares ou lanches com os pais, mas isso... isso era a versão mais perversa do desejo de ficar sozinho.

Drácula se dirigiu a uma cômoda de carvalho maciça e tirou de uma das gavetas uma máscara de gás.

– Para que serve isso? – perguntou Jacqueline.

– É melhor não saber – respondi.

– É melhor começar a correr – ponderou Max.

– Tarde demais – ouvimos a voz do Drácula através da máscara.

– E ainda por cima com efeitos sonoros tipo Darth Vader – disse Max, suspirando.

Então soubemos por que era tarde demais para correr. O príncipe apertou um botão imperceptível na parede. Do chão surgiu

um centro de comando ultramoderno, com telas, computadores e CPUs. Enquanto olhávamos boquiabertos, Drácula acionou outro botão em uma das CPUs. Das paredes da sala saíram bocais de todos os lados, e esses bocais pulverizaram gás. Frank, Max e Jacqueline começaram a tossir, contorcendo-se e desmaiando um após o outro.

– Mamãe... você é a nossa única chance... – disse Max, ofegante, pouco antes de perder a consciência. Com certeza, pensava que eu era imune ao gás por ser vampira. Mas eu também me sentia muito mal. O gás estava misturado com alho.



Ao acordar, eu cheirava como se tivesse sido mergulhada em *tsatsiki*.²² Eu me sentia muito fraca e estava deitada sobre um frio chão de cimento. Do meu lado, em uma grande sala vazia que parecia um *bunker*, estavam Frank, Max e Fee.

Minha filha tinha recobrado a consciência! A maldição da múmia não a matara. Mas minha alegria não foi completa. Primeiro, porque ela ainda estava debilitada, e segundo, e que era muito pior, porque tinha as mãos atadas às costas com correntes prateadas, tal como os outros. As correntes iam até o chão, onde se fixavam em ganchos presos em cimento. Frank puxava furiosamente as suas, mas não conseguia arrancá-las. O material prateado de que eram feitas parecia muito mais resistente do que ferro normal. Mas tinha algo ainda mais estranho: por que eu não estava acorrentada?

– Finalmente você acordou – ouvi Drácula dizer. Ele estava apoiado, indiferente, junto da porta da sala, sem máscara e com uma roupa elegante, agitando uma taça de champanhe. Gozando da nossa cara, ele disse: – É sempre melhor que as pessoas morram acordadas. Bem... melhor para mim.

– Onde está a Jacqueline? – perguntou Max, preocupado.

– Com a velha Cheyenne na masmorra. Achei que seus últimos dez minutos de vida deviam ser uma festa puramente familiar. Mande construir esta sala para execuções especiais, inspirando-me em um dos meus escritores favoritos...

– Com certeza não é a Jane Austen – murmurei.

– Meu escritor favorito é Edgar Allan Poe.

Horror à moda antiga de um louco sazonal. Claro!

– Você devia experimentar Alan Alexander Milne. *O ursinho Pooh* é encantador... – revidei com um sorriso atormentado.

– Talvez eu o leia depois de ter exterminado todos os humanos, então estarei só. E, finalmente, terei tempo. E principalmente: paz.

Com um olhar saudosista continuou:

– Sabem, Poe escreveu um conto maravilhoso sobre a Inquisição espanhola...

– *O poço e o pêndulo* – disse Max, engolindo em seco.

– O que eu mais gosto no conto é a parte em que a sala fica pequena. Apertou o botão de comando que estava na parede perto da porta, em um painel com dois outros botões. Do teto surgiram estacas de madeira. Dúzias. Todas sólidas, pontudas, letais. Especialmente para vampiros.

Drácula apertou o botão mais uma vez, e o teto se moveu lentamente em nossa direção.

– Nunca gostei de Edgar Allan Poe – gemeu Max.

– Muito melhor Schiller, na aula de alemão – concordou Fee.

– Aproveitem – disse Drácula, bebendo seu champanhe, enquanto se dirigia para a porta. – Ah, me esqueci de dizer que as correntes são de titânio indestrutível.

Frank as sacudiu com mais força ainda. Em vão. Mas eu não estava acorrentada. Corri como uma louca até Drácula. E ele me mostrou com muita calma um colar com um crucifixo. Embora eu estivesse a um metro de distância dele, o crucifixo fez arder minhas

entranhas. Um passo a mais e eu me derreteria por dentro. Retrocedi instintivamente e me surpreendi bufando como um animal selvagem. Tal era a força com que a cruz atingia minha substância vampira.

Mas não atingia Drácula. Pendurou o colar no painel de controle com os botões, aproximou-se sorrindo da porta e a fechou depois de sair, enquanto o teto descia sem parar sobre nós. Tentei me aproximar do painel, mas a cruz me impediu. Sucumbi diante dela com uma dor infernal e, antes de me despedaçar definitivamente, me afastei da cruz e me arrastei até a minha família.

– Vampiros judeus e muçulmanos se saem melhor em situações como esta – comentou Max.

– Se tivesse forças para lançar outra maldição – disse Fee, sem medo nem desespero.

Meu Deus, ela tinha acabado de sobreviver a uma maldição e estava disposta a arriscar a vida de novo!

Eu realmente fora injusta com a minha filha. Sempre pensara que ela só se interessava por si mesma, que era uma garota difícil e sem iniciativa. E não é que agora eu conseguia sentir orgulho dela? Ela era desapegada, tinha iniciativa. Sim, agora eu conseguia me sentir honrada quando alguém dizia que éramos parecidas.

Fee era uma jovem forte.

Com certeza, ela sempre fora forte. Só eu não via.

Tal como eu não tinha percebido como Frank era corajoso.

Nem que, por trás da fachada de rato de biblioteca, Max escondia um garoto romântico, capaz de convencer alguém como a Jacqueline a amar.

Nesse instante, eu compreendi claramente que idiota eu fora todos esses anos, sempre muito ocupada comigo mesma para ver minha família a partir da perspectiva correta.

Se eu tivesse feito isso em vez de ficar pensando naquilo que me incomodava na vida, como tudo poderia ter sido melhor, eu teria julgado a todos de outra maneira.

Não teria tido tantos aborrecimentos inúteis e tudo teria sido melhor!

Com certeza, eu teria discutido menos com a minha família, a briga relacionada à Stephenie Meyer não teria existido, Frank e eu não teríamos traído um ao outro e agora não estaríamos no *bunker*-monumento de Drácula a Edgar Allan Poe.

Mas, principalmente, se eu os tivesse visto com outros olhos, teríamos sido mais felizes como família.

Essa conclusão chegou tarde. Muito tarde.

Ou não, talvez não fosse tão tarde assim. Ainda estávamos vivos!

Embora a situação fosse desesperadora, não podíamos nos salvar e logo morreríamos, não era muito tarde para olhar para minha família corretamente. Não à luz da vida cotidiana, da frustração e do excesso de demandas. Mas à luz das suas possibilidades.

Observei a todos. Pela primeira vez com outros olhos:

A forte Fee.

O corajoso Frank.

O amoroso Max.

Consegui vê-los como eram: especiais.

Eu me senti orgulhosa deles.

Por isso, disse do fundo do meu coração:

– Eu amo vocês.

Fee me olhou surpresa por um momento. Logo sorriu e disse:

– Vocês todos arriscaram a vida por mim. Quem tem uma família assim?

– Nenhum herói da literatura – respondeu Max rindo.

– Não é assim tão ruim ser um Wunschmann – comentou Fee, sorrindo feliz.

– Nunca nossa opinião foi tão parecida – disse Max, com um largo sorriso.

Em seguida, Fee pronunciou palavras maravilhosas. As mais bonitas que existem:

– Eu também amo muito vocês.

Max ficou com o rosto iluminado e disse:

– De novo, nunca nossa opinião foi tão parecida.

Olhamos para Frank. Embora as estacas do teto já estivessem a cinco centímetros da cabeça dele, Frank se ergueu e sorriu para nós. E em seus olhos vimos isto:



Todos nós nos levantamos, os outros acorrentados e eu não, e nos abraçamos.

Forte.

Apertado.

E com muito amor.

Sim, com certeza não éramos uma família feliz. Éramos uma família um pouco estressada que discutia. Mas mesmo assim éramos uma família que se amava. E, no fim das contas, isso é a única coisa que importa na vida.

Fiquei muito feliz em ter uma família assim.

Profundamente feliz.

E, aparentemente, não era a única.

Porque, nesse instante, diante de meus olhos, Fee, Frank e Max se transformaram de novo em pessoas.

Isso só tinha uma explicação: eles também tinham compartilhado comigo um momento de felicidade. E como nós o sentíamos ao mesmo tempo, o feitiço de Baba Yaga se desfizera.

Eu também me transformei na boa e velha Emma. Ou melhor: na nova Emma. Uma Emma mais feliz que a de três dias atrás.

Como Frank recuperou seu corpo normal, ele ficou mais baixo e magro e pôde soltar-se das correntes. Eu o abracei, ele me beijou, e o contato com seus lábios normais foi muito melhor do que com sua boca de monstro. E o beijo também foi muito melhor com meus lábios normais do que com meus lábios de vampiro.

– Não tenho nada contra os beijos e os abraços de vocês – nos avisou Fee –, MAS ESTAMOS PRESTES A MORRER EMPALADOS, MERDA!

Ela tinha razão, as crianças tinham mudado de aspecto, mas não de tamanho e continuavam acorrentadas. E o teto baixava sem parar.

Frank e eu corremos na direção dos botões. Para mim não foi fácil, pois meus olhos humanos não enxergavam muito bem sem óculos. Mas como disse Antoine de Saint-Exupéry: “Só se enxerga bem com o coração”. E o meu finalmente tinha recuperado a visão.

O teto baixara tanto que as crianças tiveram que se sentar. Frank e eu tivemos que correr agachados, e pensei: “Só espero que eu não sinta dor nas costas agora”.

Finalmente alcançamos o painel, apertamos o botão que acionava o mecanismo do teto, e este voltou a subir.

– Graças a Deus – afirmou Frank, aliviado. Foi maravilhoso voltar a ouvir sua voz normal.

As crianças também respiraram aliviadas. Apertei outro botão, e a porta se abriu. Então me perguntei para que servia o terceiro botão e desejei que servisse para soltar as correntes. De alguma maneira, elas deviam se soltar, pois Drácula tinha que se desfazer dos cadáveres das vítimas. E funcionou. Assim que apertei o botão, as correntes se soltaram. As crianças correram em nossa direção e, por fim, nos abraçamos de verdade, sem amarras. Como pessoas.

Depois de alguns instantes, Frank comentou:

– Está na hora de irmos embora deste castelo.

– Vamos buscar Jacqueline e Cheyenne e vazamos! – afirmou Max.

– Mas antes temos que libertar os prisioneiros – disse Fee, determinada.

– Não, nós vamos ficar – declarei.

– Por que aqui é muito legal? – perguntou Fee, de cara amarrada.

– Porque temos que salvar o mundo. Se formos embora, Drácula vai desencadear uma guerra mundial.

– Podemos avisar a polícia ou o exército ou o serviço secreto...
– argumentou Max.

– Por acaso eles vão acreditar na gente? – disse, fazendo uma pergunta retórica.

– Com certeza não – admitiu Max, sem graça.

– Mas não temos mais nossos poderes de monstros – refletiu Fee.

Era verdade. Nós já não tínhamos os poderes com que vencemos os zumbis, o Godzilla, as múmias e os vampiros. Pelo visto, estávamos indefesos.

Mas não foram os poderes de monstro que nos permitiram superar todos os perigos, agora eu sabia disso. Era outra a força que tínhamos descoberto durante a viagem.

– Calma – anunciei –, Drácula não tem nenhuma chance contra nós.

– Como assim? – perguntou Fee.

– Bem... – disse, sorrindo satisfeita – somos os Wünschmann!

FRANK

Enquanto corríamos para o elevador, eu me senti muito feliz: já não era um monstro. Eu podia falar de novo e finalmente era capaz de voltar a contar além do número oito (se conseguisse quando era monstro, deveria ter que confessar a Emma que tinha transado com a Suleika doze vezes). Nem batia a cabeça contra as lâmpadas ou os tetos baixos. Mas o melhor de tudo era que já não estava mais cansado. Já não queria mais cantar canções do tipo “Não posso mais”, “Não quero mais” ou “Batendo minha cabeça na mesa”.

Em vez disso, queria cantar a plenos pulmões outro tipo de música: “Me mostre a árvore, e eu a cortarei”, “Quem precisa de Red Bull?” ou “Oi, senhora Endorfina”.

Queria salvar o mundo, abraçar meus filhos e dormir com a minha mulher.

Quando subimos no elevador, observei a bunda de Emma. Maravilhosa! Comparada com ela, Stephenie Meyer tinha realmente a bunda mole.

Havia muito tempo que não observava a bunda da Emma desse jeito. Pior. Fazia tempo que não contemplava seu lindo rosto. Era tão bonito ver como ele se iluminava quando ela se entusiasmava com alguma coisa. Com essa mulher extraordinária, tive dois filhos dos quais podia me orgulhar. Que louco! Só quando me tornei um monstro sem cérebro compreendi que família maravilhosa eu tinha.

Agora que eu recuperara meu cérebro, não podia cair na velha rotina. Esse negócio idiota de ser o provedor quase me custou a minha família. E eu, estúpido, só ficaria com o banco no fim das contas. Que pensamento arrepiante! Tinha colegas que só tinham seu trabalho no mercado financeiro. Coitados! Eles poderiam ser a nova versão do filme clássico *Carnaval das Almas*.²³

Isso não aconteceria comigo. Finalmente eu compreendera que o sentido da vida consistia em salvar gente e, principalmente, minha família, não os bancos.

MAX

Enquanto subíamos de elevador, percebi duas coisas que tinham mudado para melhor: primeiro, eu caminhava sobre duas pernas. Como *homo sapiens*. Segundo, o melhor: eu não sentia mais medo.

Não tinha mais nenhum pingo de adrenalina agitando meu organismo.

Por que ia sentir medo de alguém como Drácula? Ele era muito mais covarde, muito mais medroso que um garoto de doze anos. Ao contrário dele, eu não tinha medo do amor!

Sim, eu realmente fui muito corajoso ao confessar meu amor para a Jacqueline. No fim, acabei ganhando mais do que outros grandes heróis. No final da sua história, Frodo Bolseiro acaba sozinho nas terras dos elfos, e mesmo Luke Skywalker termina solteiro. Talvez esses heróis fossem mais corajosos do que eu nas batalhas. Mas não no amor! Comparados a mim, eram uns fracotes!

Esperava o confronto com o moral elevado. Se o bem vencesse hoje, então os quatro Wünschmann se transformariam em heróis. Se não, quem ia querer viver em um mundo onde o bem não triunfa? Exceto talvez Drácula, Darth Vader ou então algum administrador de usina nuclear.

Quando chegamos ao décimo terceiro andar, saímos correndo pelo corredor e abrimos a porta dos aposentos do Drácula, que estava sentado diante do seu gigantesco painel de horror, com o qual ele pretendia lançar os mísseis russos. Nas telas via-se como se abriam as escotilhas dos silos nucleares. Ai, ai, nesses momentos, eu não gostaria de fazer parte da guarda de um desses silos e ter que dizer ao telefone: “Ei, senhor presidente... acabamos de ter um pequeno contratempo...”.

O príncipe das trevas ficou desconcertado quando nos viu, e ainda por cima na forma humana. Quando recuperou a fala, perguntou irritado:

- Vocês são os Wünschmann?
- Não, três chineses com um contrabaixo – respondeu Fee.
- Sua hora chegou, seu canalha! – gritei cheio de valentia.

Sorri contente e disse para os outros:

– Eu sempre quis dizer isso.

FEE

O conde deu gargalhadas:

– Vocês, humanos... realmente são muito divertidos.

Deixamos ele rir. Sua alegria não duraria muito tempo. Os Wunsch-mann tinham tramado um plano no *bunker*. E era muito bom.

De tanto gargalhar, Drácula se esqueceu por um momento de seus mísseis nucleares, e, enquanto isso, nós fazíamos o que tínhamos combinado. Papai correu até o psicopata e o agarrou. Sabíamos que isso duraria mais ou menos um segundo e meio antes que Drácula o jogasse contra a parede. Mas não precisávamos mais do que isso! Só precisávamos distraí-lo enquanto eu corria até a cômoda onde a máscara de gás estava guardada, e Max, ao mesmo tempo, corria feito um raio até a CPU.

Papai se chocou contra a parede, e caiu no chão resmungando:

– Poucas vezes senti uma dor tão boa.

Drácula então se voltou para Max, mas era tarde demais.

– Não faça isso! – gritou o príncipe.

– Agora, Jacqueline diria alguma coisa do tipo: “vai se ferrar!”.

Max logo apertou o botão, e os bocais nas paredes surgiram. Drácula sabia que em alguns segundos o gás começaria a ser pulverizado, e ele não resistiria. Correu em pânico até mim, para pegar a máscara, sua última salvação.

Mas, ei, não teria sido um plano bom, se não tivéssemos calculado tudo, não é mesmo?

EMMA

Durante todo esse tempo, fiquei parada, apenas olhando minha família. Com bons olhos. Foi fantástico vê-los em ação.

Como tínhamos combinado, Fee me jogou a máscara de gás. Com isso, ganhamos os segundos decisivos que nos faltavam para que o gás misturado com alho saísse dos bocais. Coloquei a máscara, enquanto os outros, para variar, respiravam com dificuldade e desmaiavam. Mas, dessa vez, Frank, Fee e Max o fizeram com um sorriso nos lábios. Ao contrário de Drácula, que, ofegante, disse:

– Você me paga!

Caminhei até ele, me agachei e sussurrei com uma linda voz de máscara de gás no ouvido dele:

– Acho que não!

O resto foi bastante fácil. Corri até a CPU e detive os mísseis, coisa que o presidente russo com certeza comemoraria com um brinde de vodka. Depois procurei os interruptores que controlavam as grades das celas na masmorra. Encontrei-os, apertei-os e vi nas telas que as celas se abriam. Elfos, anjos da guarda e fadas deixaram seu cárcere. Gritaram de alegria, voaram dançando pelo ar e cantaram lindas canções de liberdade. Depois me ajudaram, com Cheyenne e Jacqueline, a acabar com o castelo de Drácula, a prender nas masmorras todos os empregados do vampiro que tentavam fugir em debandada, inclusive Renfield, e a reanimar minha família. Mas, principalmente, eles me ajudaram a realizar o maior desejo de Drácula.

DRÁCULA

Ao acordar, eu estava sozinho no meu *bunker*. Com milhares de caixas de pílulas vermelhas. Elas seriam suficientes para muito, mas muito tempo. Os elfos, as fadas e os anjos da guarda tinham inclusive instalado meu banho de Lázaro. Mas os botões do *bunker* estavam destruídos, e a porta, fechada com uma trava: ficaria ali dentro para sempre. O único alívio naquele momento foi saber que os vampiros não fazem digestão.

Olhei ao redor: por fim estava sozinho, sem ser incomodado por humanos. Com certeza para sempre. De repente, eu já não estava tão certo de que isso realmente me traria tanta alegria.

EMMA

Nós, os Wünschmann, tínhamos acabado com o Drácula! Beije Frank de novo. Ao mesmo tempo, Jacqueline beijou pela primeira vez o Max humano. Afastou-o um pouco, riu e disse:

– Vou ficar feliz quando a barba crescer. – E voltou a beijá-lo.

Fee olhou os dois e disse, sorrindo:

– Se até o sem-sal do Max conseguiu encontrar o amor, com certeza eu também vou ter minha chance um dia.

Cheyenne disse, rindo:

– Uma só? Não, pelo menos 427!

– Isso tá parecendo um plano – brincou Fee.

No entanto, nem tudo era paz, alegria e doçura.

Eu me afastei um momento de todos, desci até a masmorra e fui ver Baba Yaga. A pobre estava nos seus últimos momentos. Do seu lado, seu filho permanecia encolhido, quietinho.

Baba ainda conseguiu me reconhecer e perguntou com voz fraca e trêmula:

– Você dar um chute na bunda do Drácula?

– E como! – confirmei.

– Então você não ser mulher ridícula.

Sorri de leve.

– Eu morrer agora...

– Sinto muito – disse. Sinceramente. Sem Baba, os Wünschmann teriam continuado a ser o que eram antes e, cedo ou tarde, teríamos nos dissolvido como família. Provavelmente em pouco tempo.

– Você não ter que sentir... – murmurou Baba. – Eu querer pedir uma coisa para você...

– O quê?

Ela acenou para que eu me curvasse e sussurrou em meu ouvido:

– Por favor... por favor, cuidar do Golem...

Não hesitei nem por um segundo e prometi com voz firme:

– Vou cuidar dele como se fosse meu filho.

– Então... vai ser um bom menino.

Fiquei com um nó na garganta.

Mas Baba sorriu e, antes de dar seu último suspiro, sussurrou:

– Eu agora poder morrer feliz.

Ela fechou os olhos. Para sempre.

Golem começou a chorar baixinho. Eu me aproximei dele e o abracei. Olhei para Baba morta e vi que ela tinha um sorriso de paz nos lábios. Eu era infinitamente agradecida a ela. Graças a ela, eu tinha compreendido algo muito importante: não precisamos estar sempre felizes para sermos felizes.

Quando o pequeno ficou muito cansado para continuar chorando, eu enxuguei suas lágrimas. Tirei-o da masmorra, para levá-lo lá para cima, e anunciei que tínhamos um novo membro na

família. Todos acolheram Golem com carinho. Fee inclusive disse, gozando:

– Puxa, sempre quis ter outro irmão!

Max deu um empurrão de brincadeira nas costas do novo irmão. E os dois sorriram um para o outro. Até mesmo Golem esboçou algo parecido a um pequeno sorriso.

– Agora já está na hora de irmos para casa! – anunciei.

– Acho que não – respondeu Fee. – Eu pelo menos não.

Fiquei surpresa, e ela, então, explicou:

– E não apenas porque, depois de tudo o que passamos, tenho ainda menos vontade de me entediar com meu professor de biologia chato falando sobre os celenterados...

– Então por quê?

– Enquanto você estava lá embaixo, uma das fadas me pediu ajuda. Essa criatura mágica se chama Sininho...

– Ah – disse Jacqueline –, pensei que se chamasse Sineta...

– O caso é que ela vem da Terra do Nunca e precisa de ajuda para libertar o reino da tirania de um malvado capitão... – Fee continuou contando.

Tive que rir:

– Três dias atrás, eu teria te internado em uma clínica psiquiátrica, se você me contasse uma história assim.

– Eu vou ajudá-los.

– E não vai fazê-lo porque foi escolhida pelo destino, como Harry Potter ou Luke Skywalker, mas porque ela escolhe seu próprio destino – disse Max, defendendo-a animado.

– E isso é muito, muito melhor – completei, sorrindo orgulhosa.

Fee sorriu de volta agradecida e, de repente, perguntou sem rodeios:

– Vocês vêm comigo?

Sem hesitar, Max respondeu:

– Não vamos deixar você sozinha nessa parada.

E Frank respondeu alto, brincando:

– Ufta!

Os três me olharam esperançosos, e eu percebi que estavam absolutamente determinados a viver novas aventuras.

Nos últimos dias, eu tinha aprendido uma coisa: nunca faz mal fazer coisas em família.

E nós éramos agora uma família mais numerosa do que antes.

Por isso exclamei:

– Rumo à Terra do Nunca!



Uma família feliz

- ¹ Sigla para Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade. (N. E.)
- ² O que essa garota simpática disse sobre mim? (N. T.)
- ³ Ah, você pode me contar. (N. T.)
- ⁴ Ela disse que quer ser deflorada por você (N. T.)
- ⁵ Ela disse que quer te dar flores. (N. T.)
- ⁶ *Os sofrimentos do Jovem Werther* é um romance de Johann Wolfgang von Goethe. (N. E.)
- ⁷ O que ela disse? (N. T.)
- ⁸ O que é exatamente um “bunda mole”? (N. T.)
- ⁹ Só falo espanhol. (N. T.)
- ¹⁰ Será que fala polonês? (N. T.)
- ¹¹ Eu atirei na diretoria, mas não atirei no chefe da cantina. – Referência à música “I shot the sheriff”, de Bob Marley. (N. E.)
- ¹² Empresa sueca especializada na venda de móveis de baixo custo. (N. E.)
- ¹³ Criatura da noite. (N. T.)
- ¹⁴ Quando todos damos o poder, todos damos o nosso melhor. (N. T.)
- ¹⁵ Vocês precisam de ajuda? (N. T.)
- ¹⁶ Sim, nós precisamos de ajuda! (N. T.)
- ¹⁷ *A guerra dos Roses* é uma comédia cinematográfica americana baseada no romance de mesmo nome, escrito por Warren Adler. (N. E.)
- ¹⁸ Filhote de urso protagonista de uma série de histórias em quadrinhos infantis criada na Dinamarca, na década de 1950. (N. E.)
- ¹⁹ Vitali e Wladimir Klitschko são pugilistas ucranianos da categoria peso-pesado. (N. E.)
- ²⁰ *Chef* de cozinha alemão, autor de vários livros e apresentador de programas culinários. (N. E.)
- ²¹ *Chef* de cozinha britânico. (N. E.)
- ²² Prato típico da culinária grega; semelhante a um patê, é consumido como acompanhamento de carnes ou com pão. (N. E.)
- ²³ *Carnival of Souls*, filme americano de horror lançado em 1962. (N. E.)

Querido leitor,

No meu primeiro livro, *Maldito Karma*, a heroína reencarnou em uma formiga porque acumulara um monte de carma ruim. Para que tanto você como eu não tenhamos o mesmo destino, criei em vida a *Gutes Karma Stiftung* [Fundação do Bom Carma].

Brincadeiras à parte, acreditar na reencarnação ou no céu não é assim tão relevante para mudar alguma coisa nesta vida. Não se trata de ser recompensado ou castigado por suas ações após a morte, mas de que agora, neste exato instante, é importante ajudar as pessoas que não vivem tão bem como nós. Isso não só faz bem a elas, como também – mesmo quando não se é assim tão desapegado – fará bem a você.

A *Gutes Karma Stiftung*, que só se tornou possível graças ao sucesso do meu livro, pretende ajudar crianças no mundo todo. Por isso, a questão central é a educação. São executados grandes e pequenos projetos educativos em todo o mundo, inclusive na Alemanha. No momento, a fundação financia a construção de uma escola no Nepal que oferecerá a mais de setecentas crianças a possibilidade de estudar em boas condições até o ensino médio.

Os projetos se realizam em colaboração com distintos sócios, com os quais garantimos que suas doações serão bem empregadas. Por isso, se você não quiser reencarnar em uma formiga ou se simplesmente quiser fazer o bem, aqui poderá ajudar de uma maneira concreta.

Mais informações no site: www.gutes-karma-stiftung.de.

Cordialmente,

David Safier

Conheça os Wünschmann!

Emma, a mamãe sedenta por sangue. Além de estar estressada com o trabalho, o casamento e as crianças – uma confusão que já deixou mulheres mais fortes do que ela desesperadas –, Emma se vê em uma situação nada comum: agora é uma vampira. Será que finalmente ela será feliz na vida? Como vampira?! Com a família? Ou com o conde Drácula?

Frank, o papai emotivo. Exausto por trabalhar tanto e não poder dar atenção à sua família, na pele de Frankenstein ele precisará reencontrar seu coração para salvar a todos do feitiço lançado pela bruxa.

Fee, o monstro da puberdade. Fee ama Jannis, mas ele ama garotas que tenham mais seios do que ela... Tudo bem, de qualquer forma, ele não amaria uma múmia. Fee tem apenas uma chance de encontrar o amor verdadeiro: finalmente crescer.

Max, a fera inteligente. Ele é o único da família que acha o feitiço muito legal. Afinal, é melhor ser um lobisomem falante do que um zero à esquerda. Seria melhor ainda se ele não precisasse “sair para passear” toda vez que tivesse de usar o banheiro...



© Hergen Schimpf

David Safier nasceu em 1966 e é considerado um dos escritores alemães de maior sucesso nos últimos anos. Seus livros *Maldito Karma* e *Jesus me ama*, ambos lançados no Brasil pela Planeta, já venderam milhares de exemplares no exterior. Como roteirista, recebeu os prêmios Grimme e Emmy por sua série de TV *Berlin, Berlin*. David Safier mora e trabalha em Bremen, na Alemanha, é casado, tem dois filhos e um cachorro.

A família Wünschmann não é feliz. A livraria da mãe, Emma, está à beira da falência; o pai, Frank, trabalha muito mais do que deveria; a filha adolescente, Fee, foi reprovada no colégio, e o caçula, Max, está apaixonado por uma garota que mergulha sua cabeça na privada da escola.

Para completar, depois de uma festa à fantasia, uma bruxa resolve enfeitiçar todos eles e transforma Emma em uma vampira, Frank em Frankenstein, Fee em uma múmia, e Max em um lobisomem.

Eles precisarão percorrer meio mundo para descobrir como desfazer o feitiço. No caminho, vão se ver frente a frente com monstros, vampiros, lagartos gigantes, motoqueiros encenqueiros e até o Drácula em pessoa, que vai tentar jogar seu charme irresistível para cima da mamãe Emma.

Quem disse que é fácil ser uma família feliz?